

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MIDIÁTICA**

Isadora Severo Teixeira

**DISTOPIA E REALIDADE NAS REDES: PERCEPÇÕES DO GRUPO
"*HANDMAID'S TALE BR*" SOBRE O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO E
FEMINISTA NO BRASIL**

Santa Maria, RS

2022

ISADORA SEVERO TEIXEIRA

**DISTOPIA E REALIDADE NAS REDES: PERCEPÇÕES DO GRUPO
"HANDMAID'S TALE BR" SOBRE O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO E
FEMINISTA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, área de concentração Comunicação Midiática, linha de pesquisa Mídias e Identidades Contemporâneas, como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação.**

Orientação: Profa. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

SANTA MARIA, RS, Brasil

2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Severo Teixeira, Isadora

DISTOPIA E REALIDADE NAS REDES: PERCEPÇÕES DO GRUPO
"HANDMAID'S TALE BR" SOBRE O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO E
FEMINISTA NO BRASIL / Isadora Severo Teixeira.- 2022.
204 p.; 30 cm

Orientadora: Milena Carvalho Bezerra Freire de
Oliveira-Cruz

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2022

1. Contexto Sociopolítico 2. Facebook 3. Feminismo 4.
Mediações 5. The Handmaid's Tale I. Carvalho Bezerra
Freire de Oliveira-Cruz, Milena II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ISADORA SEVERO TEIXEIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

ISADORA SEVERO TEIXEIRA

**DISTOPIA E REALIDADE NAS REDES: PERCEPÇÕES DO GRUPO
"HANDMAID'S TALE BR" SOBRE O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO E
FEMINISTA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, área de concentração Comunicação Midiática, linha de pesquisa Mídias e Identidades Contemporâneas, como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Aprovada em 06 de abril de 2022:

Profa. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, (UFSM)
Presidente/Orientadora (Participação à distância)

Profa. Dra. Liliane Dutra Brignol, (UFSM)
(Participação à distância)

Profa. Dra. Laura Hastenpflug Wottrich Cougo, (UFRGS)
(Participação à distância)

Santa Maria, RS, Brasil
2022

NUP: 23081.037531/2022-14

Prioridade: Normal

Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de Aprovação	FOLHA ASSINATURAS Isadora Severo (1).pdf

Assinaturas

12/04/2022 09:02:13

LILIANE DUTRA BRIGNOL (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.10.35.00.0.0 - CURSO-PROGRAMA PG EM COMUNICAÇÃO - CPPCom

12/04/2022 14:31:17

MILENA CARVALHO BEZERRA FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.10.01.00.0.0 - CURSO PG-E EM ESTUDOS DE GÊNERO - EEG

13/04/2022 14:30:13

LAURA HASTENPFLUG WOTTRICH (Pessoa Física)

Usuário Externo (017.***.***.**) 1960



Código Verificador: 1322356

Código CRC: cec61b0c

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



AGRADECIMENTOS

Em março de 2020 dois acontecimentos, que à primeira vista não se relacionam, afetaram minha vida profundamente: a OMS declarou a Pandemia da Covid-19 - que já se estende por 2 anos - e eu realizei o sonho de começar a formação como Mestre em comunicação. Esses acontecimentos se cruzam, principalmente, ao empreender a produção de um trabalho complexo como uma dissertação, diante de um cenário incerto, preocupante e limitador. Durante 2020 e 2021 abri(mos) mão de vivências que jamais imaginei carecer, superei barreiras gigantes que de longe pareciam pequenas, enfrentei noites de insônia e preocupação, e contei com o apoio de uma rede limitada de pessoas, dadas às imposições do período. Encontramos novas formas de realizar atividades cotidianas. Aulas, orientações, congressos, encontros familiares, momentos entre amigos, e muito mais. A companhia (por vezes virtual) de algumas pessoas foi o que me permitiu chegar até aqui.

A orientação da professora Milena Freire, e a presença virtual das demais membros do grupo Comunicação, Gênero e Desigualdades, me trouxe sentimento de pertencimento, mesmo que por telas de computadores e celulares. As trocas empreendidas nas disciplinas oferecidas pelo POSCOM, e o suporte das amigadas construídas e mantidas nesse período, foram também importantes para essa fase. Agradeço a todos os colegas de PPG, professores e servidores. Em especial ao Bernardo que, muito mais do que um colega de longa data, foi mão amiga nesse período.

Além disso, a presença incondicional, firme e amorosa do Lucas (e dos nossos filhos felinos) foi o pilar da conquista da minha formação como Mestre, e da pessoa que sou hoje. Enfrentamos juntos, física e emocionalmente, os últimos dois anos.

Agradeço aos meus familiares, em especial meus avós Marilene e Fernando, por serem amparo, amor e presença, e minha mãe, Renata, que mesmo diante das imposições físicas referentes a esse complicado período pandêmico, me permitiram ir em busca dos meus sonhos. E, também, a todos amigos, ex-colegas de faculdade e seguidores virtuais que se tornaram, de certa forma, uma extensão familiar: gratidão. Sem o amor deles essa conquista não aconteceria da forma que aconteceu.

Sou grata também pela colaboração dos membros e moderadores da *Handmaid's* Brasil que permitiram que essa pesquisa fosse construída. Ainda, reconheço a importância do financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para a realização da minha formação como Mestre. E, por fim, agradeço às professoras Laura Wottrich e Liliane Brignol que, desde a etapa de qualificação, colaboraram com valiosas proposições, e auxiliaram na estruturação desta pesquisa de forma gentil e precisa.

*"Nolite te bastardes carborundorum: não deixe
esses bastardos te derrubarem"*

Margaret Atwood

RESUMO

DISTOPIA E REALIDADE NAS REDES: PERCEPÇÕES DO GRUPO "HANDMAID'S TALE BR" SOBRE O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO E FEMINISTA NO BRASIL

AUTORA: Isadora Severo Teixeira

ORIENTADORA: Prof. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Este trabalho visa compreender percepções sobre a relação entre problemáticas feministas de gênero e a realidade sociopolítica brasileira observadas por participantes de um grupo de *Facebook* vinculado ao universo *The Handmaid's Tale*. Para isso, no problema de pesquisa questiona-se como as trocas e interações estabelecidas no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil reverberam nas percepções dos(as) seus(as) integrantes sobre tensões relacionadas à conjuntura sociopolítica brasileira e à temática feminista de gênero? O objetivo geral se direciona a perceber como/se as questões tensionadas no grupo de *Facebook "The Handmaid's Tale* Brasil" colaboram para a construção das percepções que os(as) participantes fazem a respeito da situação sociopolítica e de gênero sob a perspectiva feminista contemporânea brasileira. E os objetivos específicos a identificar e categorizar as temáticas apresentadas pelos/as membros do grupo a respeito do universo *The Handmaid's Tale*, em especial as relacionadas com as problemáticas sociopolíticas e de gênero experienciadas pela sociedade brasileira contemporaneamente; compreender como se dá a percepção dos/as membros do grupo a respeito de suas vivências sociopolíticas e de gênero relacionadas à temática feminista; averiguar como/se as trocas e apropriações estabelecidas no grupo THT BR possibilitam, para seus membros, reflexões sobre as questões sociopolíticas e de gênero experienciadas em suas vivências no âmbito público e privado. Como aporte teórico de pesquisa nos baseamos, principalmente, nos mapas noturnos das mediações de Jesús Martín-Barbero (1987; 1990; 2010), mais especificamente na mediação das redes (2010). Além disso, Fernando Balieiro (2018), Flávia Biroli, Juan Marco Vaggione, Maria das Dores Campos Machado (2020), Richard Miskolci, Pedro Paulo Gomes Pereira (2018; 2019), dentre outros, servirão de guias para o debate empreendido em relação à situação sociopolítica de gênero no Brasil. Do ponto de vista metodológico, seguimos a perspectiva etnográfica a partir da Etnografia para Internet de Christine Hine (2000) e da Netnografia de Robert Kozinets (2014), que incluiu no percurso a observação exploratória, a observação participante, a aplicação de um questionário semi-estruturado no grupo de *Facebook* e a realização de entrevistas semi-estruturadas em profundidade com sete membros do grupo respondentes do questionário. Observou-se, com isso, que o grupo de *Handmaid's* Brasil é visto como um espaço dialógico, colaborativo, que permite associações entre o que se tem na trama de *The Handmaid's Tale* e a realidade sociopolítica de gênero brasileira contemporânea. A análise se dividiu, com base na perspectiva dos membros do grupo, entre questões de gênero, abordando duplo padrão sexual, violência de gênero, desigualdade salarial, etc, e tensões sociopolíticas, a partir da associação da religião como motivação para a propagação de opressões, falta de políticas públicas sobre direitos de grupos minorizados, etc.

Palavras-chave: Contexto Sociopolítico; *Facebook*; Feminismo; Mediações; *The Handmaid's Tale*;

ABSTRACT

DYSTOPIA AND REALITY ON THE NETWORKS: PERCEPTIONS OF THE "HANDMAID'S TALE BR" GROUP ON THE SOCIOPOLITICAL AND FEMINIST CONTEXT IN BRAZIL

AUTHOR: Isadora Severo Teixeira

ADVISOR: Prof. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

This work aims to understand perceptions about the connection between feminist gender issues and the Brazilian socio-political reality observed by members of a Facebook group linked to The Handmaid's Tale universe. For this, the research problem asks how the exchanges and interactions established in the Facebook group The Handmaid's Tale Brasil reverberate in the perceptions of its members about tensions related to the Brazilian sociopolitical conjuncture and the feminist gender theme? The general objective is to understand how the issues raised in the Facebook group "The Handmaid's Tale Brasil" contribute to the construction of the perceptions that the members of the group make about the socio-political and gender situation under the contemporary feminist Brazilian perspective. And the specific objectives are: to identify and categorize the themes presented by the members of the group regarding The Handmaid's Tale universe, especially those related to socio-political and gender issues experienced by Brazilian society; understand how the group members perceive their socio-political and gender experiences related to the feminist theme; find out how/if the exchanges and appropriations established in the THT BR group enable its members to reflect on socio-political and gender issues experienced in their experiences in the public and private spheres. As a theoretical research contribution, we are mainly based on the nocturnal maps of the mediations of Jesús Martín-Barbero (1987; 1990; 2010), more specifically on the mediation of networks (2010). In addition, Fernando Balieiro (2018), Flávia Biroli, Juan Marco Vaggione, Maria das Dores Campos Machado (2020), Richard Miskolci, Pedro Paulo Gomes Pereira (2018; 2019), among others, will serve as guides for the debate undertaken in relation to the sociopolitical situation of gender in Brazil. From a methodological point of view, we followed the ethnographic perspective from Christine Hine's Internet Ethnography (2000) and Robert Kozinets' Netnography (2014), which included exploratory observation, participant observation, the application of a semi-structured questionnaire in the Facebook group, and conducting seven in-depth semi-structured interviews with the respondents to the questionnaire. Finally, it was observed that the Handmaid's Brasil group is seen as a dialogic, collaborative space that allows associations between what is in the plot of The Handmaid's Tale and the sociopolitical reality of contemporary Brazilian genre. The analysis was divided, based on the perspective of the group members, between gender issues, addressing sexual double standards, gender violence, wage inequality, etc, and sociopolitical tensions, based on the association of religion as a motivation for the propagation of oppressions, lack of public policies on the rights of minority groups, etc.

Keywords: Sociopolitical Context; Facebook; Feminism; mediations; The Handmaid's Tale;

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - As Aias de Gilead em suas vestimentas tradicionais na Série.	28
Figura 2.2 - Rita, a Martha da casa Waterford com suas vestimentas padrão na série.	29
Figura 2.3 - Esposas e Aias reunidas em momento que antecede o parto de uma Aia na série.	29
Figura 2.4 - Tia Lydia (à direita) ao lado de Offred (à esquerda) na série.	30
Figura 2.5 - Esquemática das castas da sociedade do Universo The Handmaid's Tale.	32
Figura 3.1 - Primeiro Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1987)	47
Figura 3.2 - Segundo Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1998)	49
Figura 3.3 – Terceiro Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2010)	51
Figura 3.4 - Quarto Mapa das Mediações.	55
Figura 5.1 - Fluxograma das etapas de uma pesquisa netnográfica.	92
Figura 5.2 - Fluxograma das etapas metodológicas desta pesquisa.	93
Figura 5.3 - Regras do Grupo de Facebook da Comunidade The Handmaid's Tale Brasil.	96
Figura 5.4 - Imagem coletada no dia 21 de Agosto de 2020 no grupo The Handmaid's Tale Brasil.	98
Figura 5.5 - Postagem de uma membro do grupo a respeito de sua Dissertação que tem foco no universo The Handmaid's Tale.	99
Figura 5.6 - Postagem sobre a posição do governo brasileiro na ONU.	100
Figura 5.7 - Postagem feita no grupo THT Brasil no dia 23 de março de 2021.	103
Figura 5.8 - Quantidade e tipo de reações produzidas na postagem.	103
Figuras 6.1 e 6.2 - Título e foto das reportagens publicadas por BBC Brasil e Uol Notícias	114
Figuras 6.3 e 6.4 - Título, subtítulo e foto das reportagens publicadas por Gazeta do Povo e Brasil de Fato.	115
Figura 6.5 - Título, subtítulo e breve trecho da reportagem publicada pelo Estadão.	115
Figura 6.6 - Manifestantes argentinas protestando em Buenos Aires.	116
Figuras 6.7 e 6.8 - Reportagens veiculadas pelos portais G1 e UOL a respeito de manifestação inspirada em The Handmaid's Tale.	117
Figura 6.9 - Postagem no Instagram de Manuela Dávila	118
Figura 6.10 - Postagem no Instagram de Guilherme Boulos	119
Figura 6.11 - Thumbnail do vídeo do canal Porta dos Fundos no YouTube	119
Figura 6.12 - Retweet de Distopia Brasil sobre a crise de Covid-19 na Índia	119
Figuras 6.13 e 6.14 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	122

Figuras 6.15 e 6.16 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	123
Figuras 6.17 e 6.18 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	124
Figuras 6.19 e 6.20 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	125
Figuras 6.21 e 6.22 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	126
Figuras 6.23 e 6.24 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	127
Figuras 6.25 e 6.26 - Postagens coletadas ao longo da observação participante	128
Figura 6.27 - Gráfico sobre as razões que levaram os membros respondentes do questionário a solicitar participação no grupo	131
Figura 6.28 - Gráfico sobre o papel que a participação no grupo tem para os membros respondentes do questionário	132
Figura 6.29 - Gráfico sobre o papel que a participação no grupo tem para os membros respondentes do questionário	133
Figura 6.30 - Nuvem de palavras proveniente dos resultados do questionário.	134
Figura 6.31 - Postagem que questiona o duplo padrão sexual.	146
Figura 6.32 - Postagem que questiona o fim de Éden na trama e o tratamento que a personagem recebeu por parte do governo.	149
Figura 6.33 - Postagem que questiona o trabalho laboral não remunerado.	152
Figura 6.34 - Postagem feita pela página feminista Todas Fridas compartilhada no grupo Handmaid's Brasil. A proposta, em ambos os casos, é criticar a PL em questão.	156
Figura 6.35 - Postagem Realizada no dia 24 de março de 2021	159
Figura 6.36 - Post que retrata videoclipe de música gospel infantil	161
Figuras 6.37 e 6.38 - Postagens que relacionam problemáticas ambientais contemporâneas com a realidade ficcional de The Handmaid's Tale	164
Figura 6.39 e 6.40 - Dois protestos diferentes, ficção e realidade se encontram em cenas bastante semelhantes.	165
Figura 6.41 - Interação realizada ao longo da observação participante na Handmaid's Brasil	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.2 - Relação dos membros do grupo THT BR a serem entrevistados nesta pesquisa	114
Tabela 6.1 - Categorização das temáticas debatidas pelos(as) membros do grupo de Facebook The Handmaid's Tale Brasil.	130
Tabela 6.2 - Os cinco tipos de violência contra a mulher	149

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. DISTOPIAS, FICÇÃO E OPRESSÃO DE GÊNERO	20
2.1 Produções Ficcionalis Distópicas	20
2.2 O Universo THT	26
2.2.1 As Castas de Gilead	28
2.3 As Obras do Universo The Handmaid's Tale	35
2.3.1 Livro "O Conto da Aia"	35
2.3.2 Filme "The Handmaid's Tale: A Decadência de uma Espécie"	37
2.3.3 Série The Handmaid's Tale	38
2.3.4 Livro "Os Testamentos"	43
3. REDES, COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÕES	46
3.1 Comunicação, Cultura e Redes	47
4. FEMINISMO DAS REDES E A CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA BRASILEIRA	63
4.1 O Feminismo nas Redes: Uma Primavera Feminista	64
4.2 Os desdobramentos contemporâneos do movimento feminista no Brasil	72
4.3 O Neoconservadorismo Contemporâneo no Brasil	79
5. CAMINHOS METODOLÓGICOS	90
5.1 As Redes Sociais e a (N)Etnografia	91
5.2 Etnografia Como Percurso Metodológico em Pesquisas na Internet	92
5.2.1 Planejamento e Entrada	96
5.2.2 Coleta de Dados	103
5.2.2.1 Observação Participante	104
5.2.2.2 Questionário	106
5.2.2.3 Entrevistas	109
6. ANÁLISE DE DADOS	112
6.1 Ficção Encontra Realidade	113
6.2 Os Dados Netnográficos	122
6.3 Mapeamento do Grupo: Os Dados do Questionário	132
6.4 Análise Qualitativa: Observações e Entrevistas	136
6.4.1 O Grupo Handmaid's Brasil como espaço dialógico	145
6.4.2 Problemáticas Sociopolíticas Feministas e de Gênero	147
6.4.3 Problemáticas Sociopolíticas no Brasil	159
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
9. APÊNDICES	185

INTRODUÇÃO

Vivemos globalmente, e mais especificamente no Brasil, um momento de grandes instabilidades sociopolíticas. Ao início do ano de 2020, vimos a chegada da Pandemia de COVID-19 alterar os âmbitos mais minuciosos de nossas vidas e, conseqüentemente, intensificar diversas instabilidades que já vínhamos enfrentando enquanto sociedade. Com o surto de uma doença viral desconhecida, de ampla transmissão e infecção, mortal, para a qual não possuíamos uma vacina eficaz ainda, em um primeiro momento a única saída que tivemos foi a realização de isolamento social preventivo. Portanto, em março de 2020 a Universidade Federal de Santa Maria, bem como as demais instituições do país (e do mundo), iniciou uma experiência que, hoje sabemos, mudaria a forma como vivemos em sociedade de maneira que, ao que parece, pode ser permanente. É impossível iniciar este trabalho sem pontuar minimamente a forma como ele foi afetado por esse cenário.

Peço licença, neste momento, para falar em primeira pessoa. Ao iniciar um curso de Mestrado Acadêmico em uma Universidade Federal, são muitos os pensamentos e sentimentos que enfrentamos. Felicidade, angústia, medo, descoberta, e muito mais. Ao ser aprovada no Processo Seletivo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, enfrentei tudo isso com um desejo muito grande de realizar uma pesquisa colaborativa, que fosse capaz de contribuir positivamente para meu Programa de Pós-Graduação, para o campo de Comunicação, e para a sociedade de modo geral. Esse desafio se intensificou quando, em abril de 2020, percebemos, eu e minha orientadora, Professora Milena Freire, que tínhamos a necessidade de realizar, pelo menos parte dessa pesquisa, à distância.

Isso se intensificou, e graças (também) ao mal enfrentamento da Pandemia por parte do Governo Brasileiro, o resultado foram 25 meses em que trabalhamos através de uma tela de computador. A pesquisa de recepção, nos moldes em que pretendíamos realizar, se mostrou, dada a situação da Pandemia, inviável. Foi necessário um recálculo de rota bastante significativo e, nesse momento, um possível objeto se apresentou para mim, no meio de um isolamento social estrito que durou 8 meses: a série ficcional distópica *The Handmaid's Tale*. Os desdobramentos dessa incursão, e da forma como chegamos até o objeto real dessa pesquisa, serão relatadas no trabalho que segue.

Portanto, para além deste cenário, mas considerando os seus impactos em uma determinada temporalidade em que esta pesquisa foi realizada, neste trabalho pretendemos apontar nossas discussões no que compreende duas diferentes organizações sociais que, de certa forma, se interligam. Movimentos como o feminista, as organizações LGBTQIA+, os

grupos anti-racistas e outras pautas que defendem os direitos humanos, de modo geral, têm conquistado e mantido direitos a partir de suas lutas ao longo dos anos. Contemporaneamente, as redes sociais digitais se tornaram espaço de articulação e de mobilização social, o que complexificou o debate sobre as interações entre comunicação, cultura e política. Por outro lado, vemos, cada vez mais, o avançar de um movimento neoconservador que também vem, principalmente nos últimos anos, utilizando as plataformas virtuais como ferramentas de propagação de suas pautas. Neste contexto, temos, nos cargos mais altos dos poderes executivo, legislativo e judiciário, membros de religiões como a católica e a evangélica. São grupos que, sabidamente, defendem pensamentos e posições contrários aos propostos por movimentos progressistas, como é o caso do feminismo e do movimento LGBTQIA+, por exemplo.

São muitas as abordagens possíveis para analisar este cenário. Nesta investigação direcionamos o foco para as questões que rondam a temática de gênero - entendido aqui enquanto uma opressão social construída historicamente - a partir de uma perspectiva feminista. Isso motivado por diversos fatores, e levando em conta que hoje vivemos um aumento gradativo da violência de gênero contra as mulheres, os direitos reprodutivos são constantemente colocados em jogo e a desigualdade salarial é uma realidade. Segundo pesquisa do IBGE (2021), no Brasil, em 2019, as mulheres receberam 77,7% do rendimento total dos homens. No mesmo período, de acordo com a pesquisa "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil" (NEME, *et al*, 2019), no mesmo ano, quase 60% da população relatou ter presenciado ou vivido situações de violência e assédio contra mulheres em seu bairro ou comunidade.

Em uma outra perspectiva, sabemos que as formas de produção e consumo de conteúdos midiáticos se transformam cada vez mais, e nesse cenário, a utilização das redes sociais digitais entre os sujeitos, ganhou um espaço significativo. Milhões de usuários às incorporaram em suas vidas de formas distintas e os mais diversos usos provocaram mudanças nas noções de apropriação de tempo, do espaço, das formas de ser e habitar o mundo. No caso deste trabalho, nos voltamos para os usos das redes que podem vir a estar interligados com movimentos de resistência de questionamento, debate sobre desigualdades e relações de poder. Diante disso, partimos do princípio de que os usos empregados pelos sujeitos aos espaços de mídia virtual podem ser entendidos como lugares de construção e ressignificação de sentidos e problemas e tensões sociais das nossas realidades.

Neste contexto, há uma produção midiática que, nos últimos anos, vem ganhando destaque quando mencionadas discussões sobre opressões de grupos minoritários: o universo

ficcional distópico criado por Margaret Atwood, *The Handmaid's Tale*. A trama aborda um contexto em que os Estados Unidos da América foram tomados por um governo religioso totalitário, que segue as regras do Antigo Testamento da Bíblia da Igreja Católica. No universo *The Handmaid's Tale* vemos um cenário no qual a sociedade é dividida por castas, em uma realidade em que as mulheres (e outras minorias sociais) perderam imensa parte dos seus direitos, sendo limitadas à instância do lar e do cuidado familiar. Ele vem ganhando notoriedade na mídia e nas redes sociais, compondo a pauta de debates e conteúdos nas redes sociais, matérias jornalísticas, artigos científicos e manifestações políticas. O que se vê, de modo geral, são metáforas que, de diferentes maneiras, comparam a obra ficcional com nossa realidade atual. Além do livro que inaugura a trama, escrito em 1985 por Margaret Atwood, temos, em termos de produção audiovisual, um filme, da década de 1990, e uma série, que totaliza até agora 4 temporadas, lançada em 2017. Ambos os trabalhos são inspirados e homônimos à primeira obra. Além disso, existe um segundo livro, escrito por Atwood em 2019, que leva o nome, em tradução direta para o português, de 'Os Testamentos'. A história desta segunda produção literária se passa 15 anos depois da história inicial apresentada, em 1985.

Acreditamos que a obra esteja ganhando grandes notoriedade ao redor do mundo, e no Brasil, por permitir, em muitos momentos, opressões e violências que se repetem em nossa atual realidade em âmbito global e, principalmente, nacional. Esta reflexão é parte da proposta da autora, quando afirma "quando eu escrevi *The Handmaid's Tale* nada entrou no livro que não tivesse acontecido na vida real em algum lugar, em algum momento. [...] Eu não às inventei" (THE HANDMAID'S TALE BRASIL, 2019, 27s). Diante disso, decidiu-se por tomar o universo *The Handmaid's Tale* como ponto de partida fundante deste trabalho. A principal questão que torna a sua observação interessante se vincula ao seu caráter distópico, político, com viés de gênero que, em tantos níveis, se assemelha com a realidade atual de diversos países do mundo, e mais especificamente do Brasil.

A partir de investigações guiadas pelo percurso teórico-metodológico desta pesquisa, chegamos até o grupo de *Facebook The Handmaid's Tale Brasil* enquanto campo de investigação. Ele é vinculado à maior comunidade on-line brasileira sobre o universo ficcional de THT, composto por fãs da série vindos do país inteiro, e visa, de modo geral, debater e problematizar as questões apresentadas na trama de *The Handmaid's Tale*. Além das questões pertinentes à trama de modo geral, observou-se que nesse ambiente as pessoas debatem a respeito dos acontecimentos que perpassam a cena sociopolítica brasileira, principalmente as que tangenciam questões de gênero, feminismo e LGBTQIA+. Ou seja:

partimos da hipótese inicial que, a partir do que é representado no universo *The Handmaid's Tale*, os membros do grupo fazem associações entre o enredo ficcional e a realidade do país para construir debates e reflexões acerca da situação sociopolítica brasileira. Entretanto, a simples observação exploratória desse ambiente não é capaz de nos fornecer respostas adequadas.

Portanto, este trabalho busca compreender os sentidos produzidos a respeito da temática de gênero, a partir da realidade sociopolítica brasileira, por participantes de um grupo de *Facebook* vinculado ao universo *The Handmaid's Tale*. Como pergunta chave da investigação temos a seguinte questão: **De que maneira as trocas e interações estabelecidas no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale Brasil* reverberam nas percepções dos seus/suas integrantes a respeito das tensões relacionadas à conjuntura sociopolítica brasileira e à temática feminista de gênero?**

Por conseguinte, este trabalho tem como **Objetivo Geral** perceber como/se as questões tensionadas no grupo de *Facebook "The Handmaid's Tale Brasil"* colaboram para a construção das percepções que os/as participantes fazem a respeito da situação sociopolítica e de gênero sob a perspectiva feminista contemporânea brasileira. Como **Objetivos Específicos** elencamos: a) Identificar e categorizar as temáticas apresentadas pelos/as membros do grupo a respeito do universo *The Handmaid's Tale*, em especial as relacionadas com as problemáticas sociopolíticas e de gênero experienciadas pela sociedade brasileira contemporaneamente; b) Compreender como se dá a percepção dos/as membros do grupo a respeito de suas vivências sociopolíticas e de gênero relacionadas à temática feminista; c) Averiguar como/se as trocas e apropriações estabelecidas no grupo THT BR possibilitam, para seus membros, reflexões sobre as questões sociopolíticas e de gênero experienciadas em suas vivências no âmbito público e privado.

Tendo em vista o objeto central deste estudo, esta dissertação é estruturada a partir de seis capítulos. O **primeiro capítulo** trata da apresentação introdutória da pesquisa, a qual está sendo realizada nesta sessão. Enquanto isso, o **capítulo dois** aborda e introduz o assunto das produções ficcionais distópicas, tendo como base os conceitos de Utopia e Distopia enquanto opostos complementares, que versam a respeito de realidades imaginadas, mas possíveis. Partimos do princípio de que essas obras possuem relação não somente com futuros que não existem, mas com tensões presentes que podem servir como prenúncios de um momento próximo. Para isso são levantadas obras de autores como José Rubens Mascarenhas de Almeida e Daniel Santos Mota (2019), Vitor Vieira Ferreira (2015), Leticia Alves Graton (2018), Leomir Cardoso Hilário (2013), entre outros. Ademais, é construído um breve

contexto sobre outras produções audiovisuais e literárias, que se tratam de distopias. Esse capítulo também visa apresentar o contexto do universo ficcional distópico criado por Margaret Atwood (1985) com a obra literária *The Handmaid's Tale*, adaptada para um filme de Volker Schlöndorff (1997), uma série de Bruce Miller (2017-) e outro livro, também de Atwood (2019).

O **capítulo três** visa refletir sobre as mudanças que ocorrem no tecido social contemporâneo, sob a ótica que relaciona comunicação e cultura como elementos chave para a análise de questões de ordem social, cultural e política. Para tanto, parte da observação dos Mapas das Mediações propostos por Jesús Martín-Barbero (1987; 1998; 2010), sendo dada ênfase para a mediação das redes, tendo em vista a centralidade que a tecnologia e a nova formação do tecido social que se dá a partir da virtualidade na contemporaneidade, ganham para a vida dos sujeitos nas sociedades. Tem destaque também a proposição de Christine Hine (2016), que entende que a internet passa a compor a vida das pessoas, sendo ela incorporada, corporificada e cotidiana aos sujeitos. Tudo isso leva à demanda de assumir os usos, apropriações e experiências vividas no ambiente virtual e digital enquanto protagonistas das relações sociais.

No **capítulo quatro** abordaremos, principalmente, dois grandes movimentos sociais e políticos que acreditamos serem os protagonistas do cenário sociopolítico que temos vivenciado no Brasil nos últimos anos. Falaremos, inicialmente, sobre o feminismo no Brasil e o que hoje podemos chamar de Primavera Feminista (DUTRA, 2018; COELHO, BORTOLON, 2016). Para isso, são mencionados os principais movimentos sociopolíticos feministas que se dão a partir de 2011 e possibilitaram uma propulsão das pautas do movimento feminista no Brasil na última década. A importância desse panorama, para este trabalho, está na perspectiva de que graças a essas e outras mobilizações feministas, um número amplo de pessoas teve contato com pautas minoritárias. Por outro lado, refletimos também sobre o fortalecimento do neoconservador no país, cuja organização está ligada à inserção de pautas religiosas no governo e na política, o que coloca em risco conquistas de políticas públicas e importantes movimentos sociais contemporâneos e históricos (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020). Esse projeto articulado, acabou culminando em 2018, na eleição de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da república do Brasil. Acreditamos, dentro desse contexto amplo, que com a estruturação dessa nova organização política do país, devemos ter um olhar aguçado e atento para a forma como são tratadas as conquistas sociais e políticas que tivemos até aqui e como essas transformações repercutem na sociedade.

Na sequência, o **quinto capítulo** apresenta o percurso teórico-metodológico desta pesquisa, baseado na perspectiva de Jiani Bonin (2016) sobre a importância da execução de uma artesanaria metodológica própria, especialmente em trabalhos que abordam os sentidos construídos pelos sujeitos a partir das instâncias midiáticas, como a internet e as redes sociais digitais. Assim, este trabalho vai ao encontro da perspectiva etnográfica, considerando as diversas etapas e técnicas usualmente previstas para esta metodologia. Pretende-se, portanto, associar o sentido instrumental presente na proposta Netnográfica de Robert Kozinets (2014), com a dimensão teórica da Etnografia para Internet de Christine Hine (2000). Construímos, inicialmente, uma observação exploratória, e mais tarde, uma observação participante no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil. A última se deu ao longo do mês de março de 2021, e objetivou a coleta e categorização das principais pautas mencionadas pelos membros no espaço, de forma a estruturar as etapas seguintes deste trabalho: um questionário e a realização de entrevistas semi-estruturadas em profundidade.

Por fim, no **sexto capítulo**, apresentamos a análise de dados, articulando a construção teórica com material empírico construído através da etapa de coleta de dados (KOZINETTS, 2014). Neste capítulo, as percepções dos(as) entrevistados(as) enquanto membros do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil são relacionadas com os dados da observação participante, de modo a mapear e categorizar as suas principais considerações temática feminista de gênero e as tensões sociopolíticas enfrentadas pela sociedade brasileira. Tudo isso, com o objetivo de compreender, de modo geral, como/se essas pessoas relacionam o universo *The Handmaid's Tale* com o que experienciam enquanto cidadãos brasileiros.

Existem inúmeras formas de empreendermos investigações científicas que versem a respeito do campo da comunicação. Neste trabalho, dada a natureza dialógica observada no campo das redes sociais virtuais, e a natureza que os usos sociais das mídias vêm ganhando globalmente nos últimos anos, entendemos que a melhor forma de caminhar seria observando, ouvindo e dialogando com os sujeitos imersos no campo de investigação. Lembramos ainda que abordaremos nesta pesquisa pautas que podem ser delicadas e muito importantes, e portanto, almejamos tratar todos os assuntos mencionados aqui com respeito e seriedade. Ademais, pontuamos que é nossa expectativa que esta se mostre uma pesquisa dialógica, propositiva e colaborativa para o campo da Comunicação, bem como para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

2. DISTOPIAS, FICÇÃO E OPRESSÃO DE GÊNERO

Partindo da diferença e complementaridade entre os conceitos de Utopia e Distopia, este capítulo se dedica a esclarecer onde esta pesquisa se localiza em relação às interpretações possíveis para a existência, e as problematizações, das produções ficcionais distópicas na mídia. A hipótese central articula-se a partir do argumento de que as obras ficcionais distópicas são produzidas com a intenção de alertar a população dos males que podem vir a existir mais tarde se as formas de nos relacionarmos socialmente não mudarem. Esses avisos se vinculam às mais diversas áreas da existência humana, como problemáticas econômicas, políticas, sociais e de gênero. Para isso são levantadas obras de autores como José Rubens Mascarenhas de Almeida e Daniel Santos Mota (2019), Vitor Vieira Ferreira (2015), Leticia Alves Graton (2018), Leomir Cardoso Hilário (2013), entre outros. Ademais, é construído um breve contexto sobre outras produções que complementam essa realidade, de forma a demonstrar o que se tem atualmente em questão de obras, audiovisuais e literárias, que se tratam de distopias. Ainda, esse capítulo foi construído objetivando demonstrar o contexto onde se insere o universo ficcional distópico criado por Margaret Atwood (1985) com a obra literária *The Handmaid's Tale*, que posteriormente foi adaptada para um filme de Volker Schlöndorff (1997), uma série de Bruce Miller (2017-) e outro livro, também de Atwood (2019).

2.1 Produções Ficcionais Distópicas

José Rubens Mascarenhas de Almeida e Daniel Santos Mota (2019, p.140) afirmam que "indubitavelmente vivemos agora numa conjuntura distópica". Mas o que significa essa afirmação? De início, devemos entender do que se trata uma utopia para esclarecermos o que pode ser compreendido como seu oposto. Para os autores, a utopia possui a realidade como referência, entretanto substitui seus elementos indesejáveis por outros, positivos e ficcionais. Portanto, ela "é marcada por um pessimismo (em relação ao presente do qual se referencia) e um ceticismo que faz mover o utopista à construção de um modelo de sociedade julgado qualitativamente superior em relação àquele do qual se emana a sua criação" (ALMEIDA E MOTA, 2019, p.140).

Vitor Vieira Ferreira (2015) relata que é Thomas More, com a história *A Utopia*, publicada em 1516, o primeiro autor a fazer uso desse formato ficcional na literatura. Entretanto, é na cultura grega "que poderemos localizar aquela que pode ser considerada a primeira trama com traços utópicos de que se tem registro; trata-se do poema "Trabalhos e dias" de Hesíodo" (FERREIRA, 2015, p.67). E, por conseguinte, ainda segundo ele, A

República de Platão é a primeira produção literária que reflete sobre o que seria a cidade ideal, apontando uma proposta utópica mais direta. Além disso, o trabalho de Aristóteles também é identificado nessa mesma categoria em alguns momentos, principalmente a partir de "Ética e Política". Portanto, é possível dizer que o trabalho dos filósofos gregos corresponde ao primeiro momento do pensamento utópico vinculado ao pensamento filosófico. É ainda "a partir de Thomas Morus que a utopia se organiza em sua forma literária e passa a servir de matéria para a produção de obras narrativas" (FERREIRA, 2015, p.68).

Isso começa a se transformar à época da Revolução Industrial na Europa. O capitalismo se desenvolvia nas cidades de maneira intensa, alterando os modos de vida e a organização da sociedade em geral significativamente. Nesse processo, "o projeto utópico, com seu imperativo de transformação da sociedade, será conduzido então por aqueles que tentaram colocar em prática aquilo que a tradição marxista denominou posteriormente de socialismo utópico" focado na "crença em uma transformação do capitalismo que pusesse de lado a miséria causada por este" (FERREIRA, 2015, p.69). Ou, dito de outra forma, nesse momento a ideia de utopia passa a ser construída como uma esperança, um ideal de que as sociedades não viessem a enfrentar as dificuldades sociais e políticas que acabaram, efetivamente, experienciando anos mais tarde.

Portanto, se a utopia "limitava-se ao exercício da reflexão filosófica e literária, no transcurso da história ela assume formas concretas de ação e intervenção humana na realidade social e política" (FERREIRA, 2015, p.69). Assim, na modernidade, graças ao iluminismo, quando os sujeitos se emancipam da submissão absolutista da igreja, passa a ser possível um futuro em torno da razão, da ciência e da tecnologia. Essa nova possibilidade de futuro traz a ação humana histórica como o espaço do final dos tempos (FERREIRA, 2015). Conforme pontua Leticia Alves Graton (2018, p. 21), é após esse auge que "a utopia começa a ter seu declínio na medida em que a tecnologia e o pensamento científico [...] passam a ser questionados depois de conflitos do século XX, como a primeira e a segunda guerra mundial".

Assim, ainda conforme pontua Graton (2018), o conceito de distopia toma forma no século XX, sendo conhecido por uma visão pessimista do futuro, mais especificamente a respeito de questões relativas ao governo e aos direitos humanos. Sendo então os conceitos de utopia e distopia um entremeio entre uma realidade presente e uma realidade futura imaginada. O que as difere é a natureza dessas realidades imaginadas. Nesse momento começam a surgir, com mais frequência, governos conservadores que visam atender às necessidades do mercado e do patriarcado em primeiro lugar, por exemplo. Isso, é claro,

levanta problemas e dificuldades sociais que afetam, em grande parte dos casos, camadas minorizadas da sociedade. São processos que se intensificam com o passar dos anos e com o desenvolvimento das sociedades ao redor do mundo.

Portanto, quem escreve uma obra distópica visa muito mais do que criar uma trama ficcional. Pretende proporcionar uma reflexão sobre as problemáticas da realidade, as formas como elas podem impactar o futuro e, mais do que isso, suscitar formas de mudar e melhorar o cenário social. Além disso, a trama se constitui de modo a gerar um sentimento de identificação entre os leitores, a história e os seus contextos de vida. "Ou seja, não se trata de apenas apresentar um pessimismo nas suas histórias, mas de ter um pessimismo ativo que leve as pessoas a pensarem em como evitar que esse futuro distópico se concretize" (GRATON, 2018, p.22). Essas produções possuem um caráter que pode ser interpretado como um aviso, ou até mesmo uma comparação com as dificuldades da nossa realidade. Com isso, conforme pontuam Almeida e Mota (2019), a distopia pode ser entendida como o oposto à utopia. Segundo os autores, nela, "fundada na realidade vivida do presente, a construção de um futuro a partir dos elementos e relações vividos nesse presente só reforçam sua negatividade, inviabilizando as possibilidades de construção de um mundo melhor" (ALMEIDA E MOTA, 2019, p.141).

Existem algumas obras ficcionais bastante representativas do gênero, como o livro 1984, publicado no ano de 1949 e de autoria de George Orwell. Essa é uma das distopias mais famosas da literatura e conta a história de uma sociedade totalitária que existe no que conhecemos hoje como a Grã-Bretanha, mais especificamente na cidade de Londres, na Inglaterra. Esse lugar, chamado de Oceania, é comandado por um governo vigilante que controla as pessoas por meio da repressão e de uma observação constante que se dá através do Grande Irmão. É uma realidade com características como a censura, a limitação de direitos e a manipulação (GRATON, 2018). Erich Fromm (1961, p.580), no posfácio de 1984, afirma que o livro designa um sentimento e uma advertência. Uma sensação de "desespero acerca do futuro do homem, e a advertência é que, a menos que o curso da história se altere, os homens do mundo inteiro perderão suas qualidades mais humanas, tornar-se-ão autômatos sem alma, e nem sequer terão consciência disso." Nessa mesma lógica, Leomir Cardoso Hilário (2013, p.209) também pontua que "o problema fundamental de 1984 é o controle totalitário – pois é, concomitantemente, antidemocrático e domina a totalidade social".

Outra obra literária ficcional distópica importante mundialmente é Admirável Mundo Novo, escrita em 1932 por Aldous Huxley. A trama apresenta uma sociedade totalitária no ano de 2542, em um mundo com alta presença tecnológica, "dividido em castas, onde os

seres humanos são criados em uma linha de produção, tendo os seus comportamentos e lugares a serem ocupados já pré-estabelecidos" (GRATON, 2018, p.24). As pessoas são controladas por meio da ingestão de uma droga que garante a felicidade de quem a toma, criando assim uma sociedade sem oposição ou questionamentos ao sistema. Um ponto marcante dessa realidade é a hiperintensificação tecnológica, que passa a não só facilitar, mas a modular os laços sociais da sociedade em Admirável Mundo Novo. "Nesta obra, ao lado do alto incremento da capacidade técnica de uma civilização, a vida subjetiva de seus indivíduos é inversamente proporcional, isto é, pobre a partir do ponto de vista da experiência" (HILÁRIO, 2013, p.210).

Nesse mesmo sentido, tem-se ainda Fahrenheit 451, um livro escrito em 1953 por Ray Bradbury que conta a história de uma sociedade em que os bombeiros possuem a função de queimar livros, objetos considerados perigosos. O pensamento crítico é visto como ameaçador e, por isso, o acesso ao conhecimento é controlado pelo governo. Conforme ressalta Hilário (2013), o pensamento crítico, nesta obra, está submetido aos mecanismos de regulação e opressão sociais, tão característicos dessas obras. Portanto, a alienação é uma forma de dominação e autoritarismo nessa realidade. Segundo Letícia Graton (2018, P.25), essa "pode ser considerada uma distopia, pois a sua mensagem sobre os perigos da alienação da mídia, que foi considerada na época como um alarme para o futuro, continua presente hoje em dia". Diante do contexto, a distopia pode ser uma forma de reflexão sobre os "efeitos de barbárie" que rondam nossa sociedade contemporânea (HILÁRIO, 2013). Conforme o autor pontua, "nosso mundo é perpetrado por efeitos de barbárie civilizada, o que implica modos de sujeição inteiramente de acordo com o sistema vigente. Estes "efeitos de barbárie" [...] são comuns, cotidianos" (HILÁRIO, 2013, p.213).

Assim, conforme as tecnologias passam a fazer parte de nossas sociedades contemporâneas, percebemos que essas histórias começam extrapolar os limites da literatura e ganhar espaço significativo também na mídia audiovisual hegemônica de massa¹. A seguir pontuaremos a percepção de que, no momento em que ganham espaço no formato audiovisual em mídias hegemônicas, como, por exemplo, as plataformas de *streaming*, as obras ficcionais distópicas se popularizam e suas críticas sociais alcançam um público cada vez maior.

¹ Muitas das obras mencionadas a seguir, como Jogos Vorazes e Divergentes, são originárias de obras literárias. Percebemos, portanto, diante desse cenário, que a literatura segue tendo um importante papel para a produção de obras ficcionais distópicas, entretanto é a partir da mídia audiovisual de massa que essas histórias se popularizam, ganhando espaço mundial.

Uma importante produção audiovisual ficcional distópica contemporânea é a franquia Jogos Vorazes, criada na literatura por Suzanne Collins e, mais tarde, adaptada ao cinema por Francis Lawrence e Gary Ross, bastante famosa dentre o público infanto-juvenil. Para Graton (2018, p.27) a obra merece destaque "tanto pela sua bilheteria, quanto pelo fenômeno pop que ela criou na mídia, gerando comparações com a realidade e influenciando o surgimento de outras narrativas distópicas, literárias e cinematográficas, voltadas para o público jovem". Entre os anos de 2012 e 2013 a saga recebeu indicação de diversos prêmios, vencendo categorias como Melhor Performance Masculina (Josh Hutcherson), Melhor Performance Feminina (Jennifer Lawrence), no MTV *Movie Awards* de 2012 e também sendo indicado a categorias como Performance Revelação e Filme do Ano, no mesmo festival. Além disso, ganham destaque também as obtenções dos prêmios de Filme Favorito, Filme de Ação Favorito e Franquia Favorita no *People's Choice Awards* de 2013.

Ela é distribuída pela *Lionsgate* e é dividida em quatro filmes - inspirados em três livros. O primeiro sendo Jogos Vorazes, lançado em 2012, e o último A Esperança - O Final, lançado em 2015. É uma realidade futurística onde a América do Norte foi tomada por um novo regime, com capital na cidade de Panem, que controla 12 distritos, cada um designado a uma atividade da economia. Anualmente, eles são forçados a escolher um garoto e uma garota para enviar aos Jogos Vorazes, um evento televisionado nacionalmente em que todos devem lutar entre si e, ao final, apenas o vencedor sai com vida. Os distritos lidam com a desigualdade social também na disputa, uma vez que os lugares com mais incentivo financeiro são capazes de preparar seus lutadores ao longo de suas vidas, enquanto os mais pobres conseguem apenas tentar que a fome não os domine, chegando nos Jogos bastante despreparados. Conforme mencionam Marlon Lesnieski e Reinaldo Nunes (2020, p.210), essa desigualdade social é apresentada de forma forte e explícita, servindo de crítica ao capitalismo. Conforme afirma Graton (2018, p.28): "a saga se tornou um símbolo de resistência ao autoritarismo governamental e uma forma de criticar a sociedade midiaticizada".

Essa foi uma das primeiras vezes em que uma série de filmes distópicos se popularizou mundialmente e, a partir disso, novas sagas ganharam espaço, como é o caso de "Divergente". A história, voltada para o público juvenil, pauta a alienação da população de modo ainda mais presente do que em Jogos Vorazes, já que as pessoas são "desde a escola ensinadas a não enfrentarem o sistema, nem mesmo tentar mudá-lo" (LESNIESKI, NUNES, 2020, p.210). É composta por uma trilogia de longas-metragens baseada nos romances de Veronica Roth. O primeiro filme, "Divergente", foi lançado em 2014, seguido de suas sequências "Insurgente", lançado em 2015 e "Convergente" em 2016. Distribuída pela

Summit Entertainment e também pela *Lionsgate Films*, a saga é composta de filmes de ação e ficção científica ambientados em uma sociedade futurista distópica. Na trama, após um período turbulento, os fundadores do novo regime dividiram a população em grupos. Essa separação em Facções² objetiva a manutenção da paz e da prosperidade, por meio da determinação das formas de pensar e agir das pessoas. Divergentes são aqueles que não se reconhecem nessas opções. Esse conjunto de sujeitos divergentes se une, criando um grupo de luta contra a opressão, baseada na falta de pensamento crítico.

Além dessas e outras produções do cinema internacional, as distopias também começaram a ganhar destaque no âmbito das obras ficcionais serializadas nas plataformas de *streaming* ou TV por assinatura. Conforme relata Graton (2018, p.28), é "a cultura de séries, que hoje em dia envolve uma grande participação dos fãs [...] através das redes sociais" que nos ajuda a "compreender como o gênero distópico pode encontrar nela uma forma de engajar ainda mais o público". Neste contexto, a autora menciona a série *Black Mirror* como uma importante trama para a popularização das obras ficcionais distópicas serializadas. Segundo ela, a série britânica estreou em 2011 como uma antologia que critica o uso excessivo da tecnologia refletindo sobre os perigos que essa realidade apresenta para a sociedade.

A série, lançada inicialmente pelo *Channel 4* e criada por Charlie Brooker, fez sucesso à época de seu lançamento e logo em seguida foi comprada pela *Netflix*. São cinco temporadas (2011, 2013, 2016, 2017, 2019) que totalizam 21 episódios, um episódio especial de Natal (2014) e um filme (2018)³. Os episódios são independentes entre si e abordam problemáticas diferentes. O que todos têm em comum é o caráter distópico vinculado a tensões provenientes do uso excessivo da tecnologia no mundo. Conforme afirma Luiz Siqueira (2018, p.458), "a tecnologia é antes causadora de problemas ou intensificadora de conflitos que uma promessa de solução ou melhorias". Bastante aclamada, a série ganhou e foi indicada a algumas premiações importantes, como por exemplo, o prêmio de Melhor Filme/Minissérie da TV no *International Emmy Awards*, em 2012.

Em âmbito nacional também se destacam produções desse gênero. A série *3%* é a primeira obra serializada brasileira produzida pela *Netflix*, e é também reconhecida pelo caráter distópico. Segundo Amanda Ferreira Santos (2018, p.15), "de olho no mercado brasileiro, que só crescia, em 2013 a plataforma realizou um edital para o Brasil, e *3%* foi a

² Cada uma delas representa uma qualidade humana: Franqueza, Amizade, Audácia, Erudição e Abnegação.

³ As duas primeiras temporadas e o episódio especial de Natal foram produzidos pela *Channel 4*, enquanto o restante ficou a cargo da *Netflix*.

vencedora". Com o lançamento no ano de 2016, a produção retrata um Brasil distópico e dualizado. A sociedade é, mais uma vez, dividida em diferentes grupos. Os jovens do Continente, ao completarem 20 anos, têm a chance de passar por uma série de testes para tentar ter o direito de viver em Maralto, uma ilha distante do devastado território do continente brasileiro. Apenas 3% dos tentantes passam nessa prova e, com isso, comprovam seu valor, sendo entendidos como dignos de pertencerem a uma sociedade privilegiada (SANTOS, 2018).

Foram produzidas quatro diferentes temporadas da trama, sendo a primeira lançada em 2016, e a última em 2020, totalizando 33 episódios ao longo de 4 anos. Em 2017 a obra foi indicada ao Prêmio Ibero-Americano de Cinema Fênix como melhor Série de Drama. 3% tem inúmeras similaridades com todas as outras obras distópicas mencionadas anteriormente, corroborando a ideia de que esse tipo de história se caracteriza por uma visão pessimista do futuro e, mais do que isso, uma reflexão sobre o que podemos enfrentar. Conforme afirma Santos (2018, p.18), 3% "não foge desse modelo, observado na literatura e no cinema mundial há décadas".

As obras mencionadas neste subcapítulo possibilitam ilustrar de forma breve o cenário de produções audiovisuais ficcionais distópicas que nos trouxeram até hoje e que, naturalmente, propiciaram o sucesso que fez a série *The Handmaid's Tale* à data de seu lançamento, em abril de 2017. Desde quando as tramas ficcionais distópicas começaram a despontar na literatura, até sua adaptação e popularização através de produções audiovisuais, um longo caminho foi percorrido. Nesse contexto, está incluído o universo de *The Handmaid's Tale*, fruto da análise desta dissertação.

2.2 O Universo THT

A obra de *The Handmaid's Tale* é baseada, inicialmente, em um universo ficcional distópico criado em 1985 a partir do livro homônimo escrito por Margaret Atwood. Ela é autora de obras que se diversificam entre romances de ficção, poesias, contos, livros infantis e livros não ficcionais. Em 2017, foi homenageada com a conquista do prêmio Franz Kafka que recompensa o "trabalho de toda a sua vida" (G1, 2017). Ela escreveu em 1985 o livro "O Conto da Aia", originalmente intitulado de "*The Handmaid's Tale*". A partir deste, foram criadas outras obras ficcionais que, atualmente, formam o que chamamos nesta pesquisa de universo ficcional distópico de *The Handmaid's Tale*. Esse é composto pelo livro originário, "O Conto da Aia", pelo filme "A Decadência de uma Espécie", produzido na década de 90 e dirigido por Volker Schlöndorff, pela série audiovisual "*The Handmaid's Tale*" (ou O Conto

da Aia) criada por Bruce Miller em 2017 e, finalmente, pelo livro "Os Testamentos", escrito por Atwood em 2019. Portanto, ainda que existam outras obras que tenham sido produzidas além da originária de Atwood, e essas sejam realizadas por outros produtores, tudo o que circula esse universo parte do ponto inicial elencado pela autora no livro "O Conto da Aia" em 1985.

Embora existam algumas diferenças entre as obras que compõem o universo THT, há em comum a abordagem distópica sobre uma sociedade na qual as mulheres - e outras minorias - são subjugadas e colocadas em posições de inferioridade social. Há uma afirmação, feita por Atwood⁴, que nos leva a percepção de que há algo que pode ser relacionado entre o que se vê no universo *The Handmaid's Tale* e as realidades e opressões que vivemos atualmente: "quando eu escrevi *The Handmaid's Tale* nada entrou no livro que não tivesse acontecido na vida real em algum lugar, em algum momento. [...] Eu não às inventei"⁵ (THE HANDMAID'S TALE BRASIL, 2019, 27s). É interessante pontuar também a atualidade das desigualdades e opressões encontradas no livro de Atwood, problematizadas há 30 anos e ainda presentes em diversos contextos da sociedade.

A trama em geral se desenvolve em um cenário em que os Estados Unidos da América foram tomados por um governo religioso totalitário, que segue as regras do Antigo Testamento da Bíblia da Igreja Católica. Esse governo instaura a República de Gilead em parte do território no qual hoje se encontra os EUA. A sociedade é dividida em castas e as mulheres perdem a imensa parte dos seus direitos individuais, políticos, civis e de cidadania. Elas não têm direito de voto, não podem ler nenhuma palavra ou número, não podem ter um emprego, qualquer tipo de propriedade material ou até mesmo viajar desacompanhadas. Aos homens, são designados papéis importantes na sociedade: são eles que controlam o Governo e tudo o que compete à manutenção, segurança e gerenciamento em geral do país. Isso ocorre, supostamente, devido aos baixos índices de fertilidade e natalidade constatados nas mulheres na época⁶, causados graças a poluição, altos níveis de uso de anticoncepcionais hormonais, doenças e guerras. Por isso, elas devem voltar a se dedicar às atividades do lar e da família, para que os índices de natalidade voltem a subir.

⁴<<https://www.handmaidsbrasil.com/2019/03/margaret-atwood-diz-que-tudo-em-the-handmaids-tale-foi-baseado-no-mundo-real.html>>

⁵ O trecho está legendado em vídeo no Canal da comunidade *The Handmaid's Tale* | Margaret Atwood fala sobre inspirações da vida real. Youtube: 45 seg, 2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=4s4MMnjzUes>. Acesso em 7 jan. 2021.

⁶ Entretanto, há na série, em muitos momentos, a menção de que na verdade quem foi acometido com a infertilidade foram os homens, entretanto, ainda assim, a responsabilidade recaiu sobre as mulheres. O que corrobora a afirmação de que toda a organização da sociedade de Gilead foi feita baseada na subjugação feminina.

Este contexto, somado às instabilidades políticas que já vinham ocorrendo nos EUA há um certo tempo, justifica o golpe de estado por parte de um grupo religioso totalitário chamado "Filhos de Jacob". "Nessa nova sociedade, o Estado utiliza a violência e a religião como forma de controle social, e assim as mulheres são reduzidas à meros objetos que devem servir seus propósitos" (GRATON, 2018, p.57).

As pessoas que não são vinculadas aos grupos de elite são retiradas de suas vidas, muitas vezes capturadas por agentes do Governo, têm suas famílias desmanteladas e passam a cumprir a função única de servir à República de Gilead e seus interesses. As mães - e pais - são separadas de seus filhos e essas crianças são designadas a novas famílias que são, na percepção do governo, mais dignas de realizarem a criação de uma pessoa. Essas são, é claro, membros da elite e vinculadas ao novo regime. As castas da sociedade de Gilead são divididas a partir de preceitos religiosos, que subjugam as mulheres e minorias em geral, principalmente aquelas que cometeram algum tipo de delito/pecado aos olhos da religião (como, por exemplo, as mulheres divorciadas, mães solo, LGBTQIA+, etc). Assim, as pessoas são separadas de acordo com seus conhecimentos, classes sociais e fertilidade. Atwood conta a história de Offred, que pertence a uma classe de mulheres mantidas reféns em casas de famílias de elite na sociedade de Gilead. Essas mulheres, como Offred, são mantidas nessas residências para fins reprodutivos e são conhecidas como Aias.

2.2.1 As Castas de Gilead

A mais importante casta para o funcionamento da estruturação social de Gilead são as Aias⁷. Elas são mulheres que, de alguma forma, infringiram as leis de Gilead, mas ainda estão em idade fértil e podem gerar uma vida. Essas mulheres perdem seus antigos nomes, e recebem um novo, que é composto pelo prefixo *Of*⁸ seguido do nome do homem ao qual foram atribuídas⁹ (ARAÚJO BARROS, ARAÚJO BARROS, FARIA, 2020). A principal Aia da história se chama Offred, e foi designada para a família do comandante Fred Waterford e sua esposa, Serena Joy Waterford. Ao longo das tramas do livro "O Conto da Aia", da série "*The Handmaid's Tale*" e do filme "A Decadência de uma Espécie" passamos a conhecê-la melhor e entender um pouco do seu contexto de vida antes de Gilead. Cada obra em específico traz particularidades e perspectivas diferentes para a história de Offred, que acaba

⁷ Mais sobre Aias: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/aias.html>> Acesso em 26 de abril de 2021.

⁸ "De" em tradução direta para o português. Fazendo menção ao fato de que as Aias pertencem aos seus Comandantes.

⁹ O nome "aia", faz alusão ao episódio bíblico no qual Raquel, incapaz de dar herdeiros a Jacó, entrega a aia para que ele a fecunde.

se tornando a principal personagem da história. O que se repete nos enredos é o fato de que ela era casada com um homem que, antes de lhe conhecer, havia se divorciado. Ela e seu marido tinham uma filha de cerca de 3 anos. Esse contexto foi o que levou Offred a se tornar uma Aia, uma vez que na percepção do governo de Gilead ela vivia uma relação impura com um homem casado aos olhos da igreja católica. Sua filha foi retirada de seus braços no momento em que ela foi capturada, enquanto os três tentavam fugir para o Canadá, e a criança também permanece em Gilead.

As Aias são obrigadas a viver em casas de casais da elite, Comandantes ou profissionais altamente qualificados (como médicos, por exemplo), que desejam ter filhos mas não podem, devido à suposta infertilidade das mulheres. Mensalmente, ao longo do seu período fértil, as Aias são submetidas às Cerimônias. Esses momentos são, na verdade, uma forma de estupro que foi instituído pelo governo de forma a manter a subjugação da mulher perante o homem. Na ocasião, a Aia deve deitar-se no colo da Esposa enquanto é penetrada pelo Marido. Isso ocorre mensalmente até que a Aia engravide. Na obra, entendemos também que se a gravidez não acontece dentro de um determinado período de tempo, cerca de 2 anos, elas são redirecionadas para uma próxima casa, para que haja uma próxima tentativa de gravidez¹⁰. Cada Aia tem direito a pertencer a até três famílias e, caso não engravidem, não são mais consideradas úteis e devem servir ao governo trabalhando nas Colônias¹¹. Via de regra, após os nascimentos das crianças, as mães e filhos são mantidos juntos no período de amamentação e, posteriormente, são afastados e elas são designadas à uma nova família.

A vestimenta das Aias é composta, principalmente, por um longo vestido vermelho de mangas compridas. Vermelho é a cor do sangue e, portanto, a cor da vida. Na cabeça elas usam uma espécie de grande chapéu branco, que limita sua visão apenas para a parte frontal de seu corpo: uma metáfora para o fato de que as Aias devem esquecer de seu passado e olhar somente para a frente. A peça serve também para que essas mulheres não se enxerguem entre si, dificultando a formação de movimentos de resistência, por exemplo. Tudo para reafirmar a

¹⁰ Fato que se passa com Offred. Quando a Aia é alocada na casa dos Waterford, ela já está em sua segunda família como Aia.

¹¹ As Colônias são um deserto árido e radioativo, extremamente contaminado com materiais provenientes de conflitos e guerras. Não fica claro, a partir da história, onde se localiza geograficamente. Na trama, Aias incapazes de gerar crianças dentro do período esperado e/ou muitas das mulheres que cometem delitos desviantes das regras de Gilead são enviadas para lá, para retirar a camada superficial e radioativa da terra, para que um dia seja possível utilizar o local novamente. Elas tem uma vida miserável e insalubre, além de desenvolverem doenças devido às condições que vivem.

posição inferior¹² - ainda que crucial - que elas ocupam na sociedade (HANDMAID'S BRASIL, c2021).

Figura 2.1 - As Aias de Gilead em suas vestimentas tradicionais na Série.



Fonte: Reprodução *Handmaid's Brasil*.

Outra casta importante em Gilead é a composta pelas Marthas. Elas são, basicamente, empregadas e/ou governantas das casas das pessoas do alto escalão da sociedade e também são parte de um grupo oprimido. A diferença entre elas e as Aias é, principalmente, o fato de não serem férteis e também de serem designadas a uma única família (HANDMAID'S BRASIL, c2021). Elas são mulheres de baixo nível social, não casadas e geralmente são de minorias étnicas como, por exemplo, de ascendência afro-americana ou latino-americana. Uma questão marcante a respeito das Marthas é o fato de que uma parte delas era, antes da Gilead, profissionais altamente qualificadas. Há, em mais de um episódio da série, menção à Marthas que eram médicas, cientistas e etc. Em alguns momentos da série elas são requisitadas para ajudar em problemas de difícil solução, como em complicadas situações médicas, por exemplo, em que um(a) profissional extremamente capacitado(a) para determinado assunto específico é requerido(a). Essas mulheres não tiveram seus nomes refeitos, e a personagem de maior destaque na obra é a Martha da casa dos Waterford, que se chama Rita. Suas vestimentas são compostas por roupas verdes, com aventais e lenços de cabeça.

¹² Ainda que as Aias sejam uma casta sagrada, e estejam dentre as pessoas mais importantes para a manutenção de Gilead, elas ocupam uma das posições mais violentadas e subjugadas da sociedade.

Figura 2.2 - Rita, a Martha da casa Waterford com suas vestimentas padrão na série.



Fonte: Reprodução *Handmaid's Brasil*.

As Esposas são um grupo também oprimido, mas que ocupa um lugar importante nas elites de Gilead. Elas possuem uma posição superior entre as mulheres e são casadas com os homens do mais alto escalão da sociedade, os Comandantes. Elas também não podem ler, nem viajar sozinhas, ter propriedades materiais ou um emprego. Ou seja: ainda são subjugadas. Entretanto, são mulheres que têm direito a morar em uma casa confortável, com empregados para lhe servir, como Marthas e motoristas. Possuem privilégios econômicos e algum direito de ir e vir, pois podem visitar outras Esposas, por exemplo, sem que precisem da aprovação do marido. Seu dever é manter a casa funcionando, gerenciando o trabalho das Marthas e Aias (HANDMAID'S BRASIL, c2021). A Esposa com mais destaque na trama é Serena Joy Waterford, esposa de Fred Waterford. Elas usam uma roupa monocromática, em um azul-esverdeado, composta por um longo vestido, luvas e uma capa. Mesmo sendo uma casta com destaque na sociedade, ainda assim devem usar um uniforme, de maneira a não demarcar diferenciações identitárias e pessoais entre si. É como se todas as Esposas possuíssem as mesmas funções e objetivos, todos voltados para a constituição e/ou manutenção de suas famílias (HANDMAID'S BRASIL, c2021).

Figura 2.3 - Esposas e Aias reunidas em momento que antecede o parto de uma Aia na série.



Fonte: Reprodução *Handmaid's Brasil*.

Ainda a respeito das principais castas de mulheres na sociedade de Gilead, é importante mencionarmos as Tias: mulheres que possuem um comportamento agressivo e ocupam, junto com as Esposas, as classes femininas mais altas da sociedade. Sua função é cuidar e gerenciar a casta das Aias como um todo, definindo cada detalhe de suas vidas, as casas para onde vão, auxiliam nos partos, repassam os ensinamentos que devem receber antes de serem alocadas em um lar e etc. Todas as atividades são realizadas no Centro Vermelho, onde as Aias são treinadas para suas funções e também onde as Tias realizam parte de seus trabalhos administrativos. Outra parte importante do seu trabalho é desempenhada no "*Árdua Hall*", o que pode ser chamado de Quartel General das Tias. Elas são, geralmente, mulheres de meia idade que, por alguma razão, não tiveram filhos e não foram casadas no período anterior à Gilead. Algumas mulheres de meia idade divorciadas também são designadas ao papel de Tia, como entenderemos mais adiante neste capítulo. Após a consolidação do novo regime elas seguem dessa forma: não possuem o direito de constituir uma família (HANDMAID'S BRASIL, c2021).

As Tias concordam fortemente com o que é proposto pelo governo e seu trabalho é reproduzir esses pensamentos com afinco. Essas mulheres são as únicas da sociedade de Gilead que possuem permissão para ler palavras e números. Portanto, muitas vezes são vistas lendo a bíblia para as Aias ou Esposas como forma de passar reconhecimento e informações adiante. Isso, naturalmente, com a intenção de demonstrar o lugar que deve ser ocupado pela mulher no mundo. Suas vestimentas são compostas por um longo vestido marrom de mangas compridas e cintos com grandes fivelas, onde carregam sempre pequenos bastões que usam para dar choques em Aias que se comportam de maneira divergente à esperada. A existência das Tias permite perceber, de maneira explícita, como em Gilead as mulheres podem ser opressoras de suas iguais. A personagem desta casta que ganha mais destaque é a Tia Lydia, retratada na figura a seguir ao lado de Offred na série.

Figura 2.4 - Tia Lydia (à direita) ao lado de Offred (à esquerda) na série.



Fonte: Reprodução *Handmaid's Brasil*.

Além destas, existem outras castas que compõem a sociedade de Gilead que ocupam espaços secundários na trama. Como já mencionado, os Comandantes¹³ são a casta masculina mais importante. Eles são os maridos das Esposas e pertencem ao grupo que possibilitou o golpe de estado que originou a sociedade de Gilead, e são membros do governo ocupando cargos como, por exemplo, políticos e legisladores. Ao seu lado estão os Anjos¹⁴, militares que trabalham sob disfarces a serviço do governo em cargos mundanos como, por exemplo, motoristas. Sua função é observar e, quando necessário, denunciar sujeitos que agem fora do esperado. Além deles, outros militares que ganham destaque na obra são os Guardiões¹⁵. Estes possuem um maior espaço na série, atuam como funcionários de Gilead e se ocupam com o cumprimento das leis do país. São esses homens que circulam pelas cidades e estradas com a função de manter o controle do comportamento social. Eles se organizam em unidades diferentes e são subordinados aos Comandantes (HANDMAID'S BRASIL, c2021).

Outra casta com destaque em alguns momentos, principalmente da série, são as Econopessoas¹⁶. Este grupo é composto por sujeitos que antes de Gilead viviam conforme pressupostos hegemônicos, em um casamento heteronormativo, que seguiam os dogmas da religião católica, entretanto, não faziam parte da elite. Após a instituição do novo regime, essas pessoas passaram a viver em bairros designados especificamente para suas famílias, e os homens ocupam posições médias dentro da sociedade, trabalhando no comércio e outros setores mais baixos. As mulheres não recebem Aias ou Marthas, portanto só possuem filhos os casais que ainda são férteis (HANDMAID'S BRASIL, c2021).

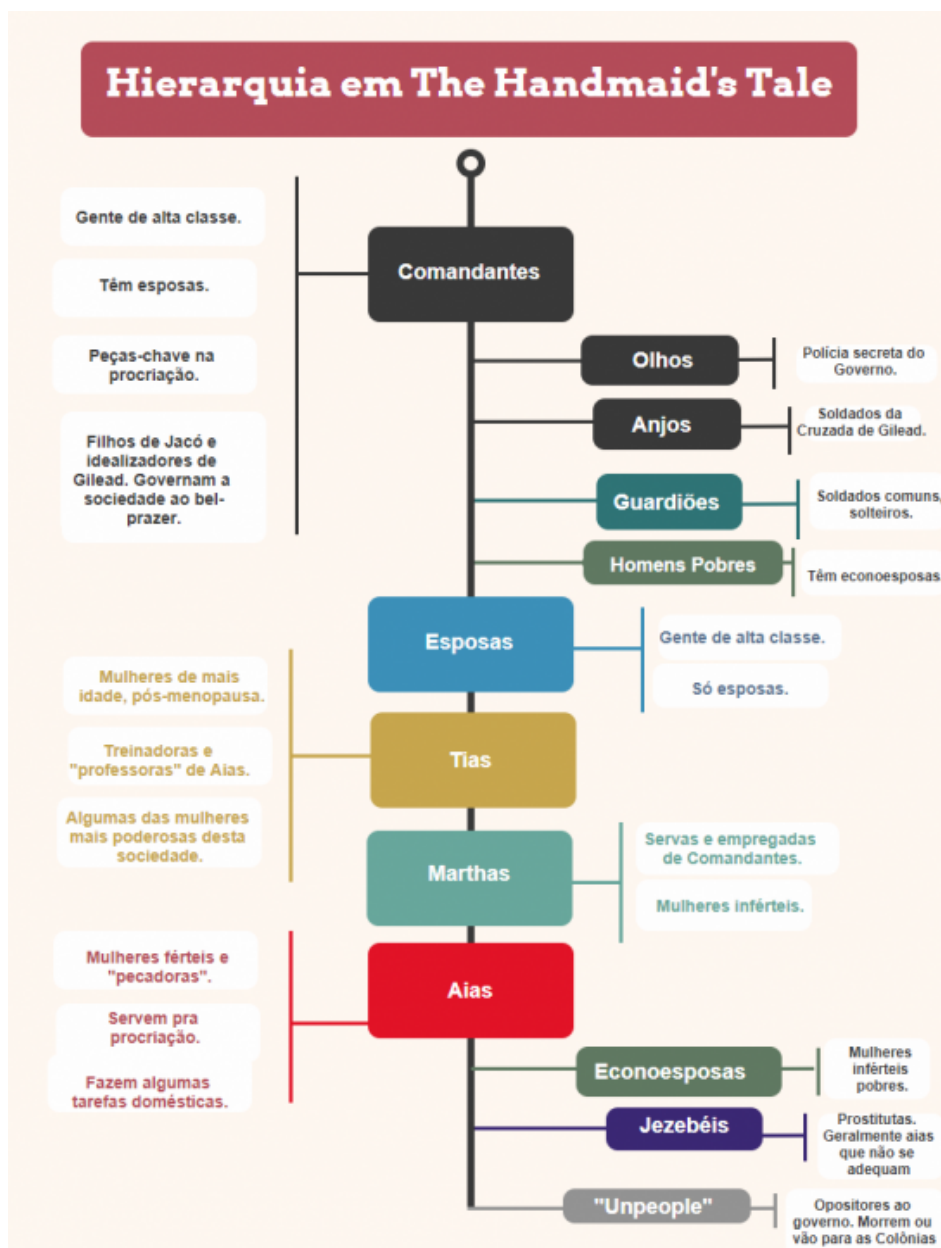
¹³ Mais informações sobre Comandantes: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/comandante.html>> Acesso em 28 de abril de 2021.

¹⁴ Mais informações sobre Anjos: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/anjo.html>> Acesso em 28 de abril de 2021.

¹⁵ Mais sobre Guardiões: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/guardiao.html>> Acesso em 28 de abril de 2021.

¹⁶ Mais sobre Econopessoas: <<https://www.handmaidsbrasil.com/p/econopeople.html>> Acesso em 28 de abril de 2021.

Figura 2.5 - Esquemática das castas da sociedade do Universo *The Handmaid's Tale*.



Fonte: Débora Liao (2019)

É interessante percebermos, a partir da constituição das castas da sociedade de Gilead, que o sistema foi projetado de tal maneira que todas as pessoas acabam servindo de vigias umas das outras. Não há uma única pessoa que não esteja sendo constantemente observada por outros sujeitos à sua volta. Inclusive os homens, que ocupam posições opressoras, estão propensos a serem observados por seus iguais. Deste modo, é possível observar no enredo uma articulação das opressões constituintes da sociedade de Gilead. Esta conexão que sustenta relações de poder, hierarquias e posições sociais são parte do modo de organização

das sociedades patriarcais e capitalistas de modo geral. As opressões se articulam de maneira a manter as posições dominantes e subordinadas entre os diferentes grupos sociais.

2.3 As Obras do Universo *The Handmaid's Tale*

Até este ponto, mencionamos questões amplas referentes às características gerais das tramas envolvidas no que chamamos de universo *The Handmaid's Tale*. Entretanto, como sabemos, estão vinculadas a esse universo quatro diferentes obras ficcionais que, embora possuam pontos de contato, também apresentam particularidades próprias. A seguir, mencionaremos algumas especificidades de cada uma das tramas envolvidas no universo THT. Sua apresentação seguirá a ordem de lançamento de cada uma das obras. Portanto, iniciaremos mencionando a trama do livro "O Conto da Aia" (1985), passando pelo filme "A Decadência de Uma Espécie" (1990), a série *The Handmaid's Tale* (2017), e o livro "Os Testamentos" (2019).

Cada uma dessas produções possui um papel diferente na constituição do que nomeamos nessa pesquisa enquanto universo THT. O livro *O Conto da Aia* (1985) foi a produção ficcional que inaugurou a realidade criada por Margaret Atwood sendo, portanto, uma obra fundante para a constituição de todas as outras que a seguem. O filme "A Decadência de Uma Espécie" (1990) é a primeira obra audiovisual que repete as informações do livro supracitado de Atwood, portanto também possui um papel importante nesse contexto. Enquanto isso, foi a série *The Handmaid's Tale* (2017) que trouxe o universo THT para conhecimento internacional, sendo também a primeira produção a criar narrativas inéditas para o enredo.

Sua primeira temporada relata, assim como o filme, o que se passa no livro "O Conto da Aia" (1985). Entretanto, as temporadas seguintes extrapolam esse limite, indo além na trama ficcional apresentada em 1985 por Atwood. Tem um ar ainda mais revolucionário e rebelde do que o livro, colocando Offred e outros personagens da história em posições de luta e resistência ao regime, passando uma mensagem de oposição às ações apresentadas ao longo da trama. Enquanto a série demonstra o que se passa logo a seguir do fim da trama do livro "O Conto da Aia", no livro "Os Testamentos" (2019) vemos acontecimentos que ocorrem 15 anos depois do fim dessa mesma trama. Sendo, portanto, essa última, a segunda e última - até o momento - obra a apresentar narrativas inéditas sobre o universo THT.

2.3.1 Livro "O Conto da Aia"

Como já mencionado, o universo *The Handmaid's Tale* é construído a partir de uma obra literária inicial, publicada em 1985 de autoria de Margaret Atwood. Gilead é uma sociedade ficcional existente no que antes eram os Estados Unidos da América. A publicação da obra no período em que o presidente dos Estados Unidos da América era Ronald Reagan diz bastante sobre seu contexto, uma vez que afirma-se que Reagan chegou ao poder graças ao apoio da direita religiosa (ARAÚJO BARRO, ARAÚJO BARROS, FARIA, 2020). Cenário que se assemelha à *The Handmaid's Tale*, em que um golpe de estado, justificado por instabilidades políticas, ambientais e sociais, permite que um grupo totalitário religioso implemente uma sociedade opressiva, violenta, que usa a religião para justificar ações contra pessoas minorizadas, como mulheres e homossexuais. A premissa da obra se justifica graças à altas taxas de poluição e alguns graves desastres químicos. Alega-se que as mulheres da América do Norte se tornaram em grande parte inférteis. As que permaneceram com a capacidade reprodutiva intacta viraram Aias, e sua função é gerar uma criança que será entregue para uma família de elite e tratada como sua descendente legítima.

O romance se passa em um futuro próximo, na década de 1990, em que foram extintas várias profissões, produtos midiáticos, instituições e etc. Não existem mais jornais, revistas, livros nem filmes. As universidades também foram fechadas. As mulheres são as vítimas preferenciais, anuladas por uma opressão massiva. Elas não podem ler, viajar, trabalhar, ou realizar qualquer atividade que não tenha relação direta com a manutenção da família, sob pena de serem gravemente punidas. Mulheres que são descobertas lendo, por exemplo, devem ter um dedo retirado e, em caso de reincidência, a mão inteira. Além disso, os cidadãos considerados criminosos, como os homossexuais e aqueles que se recusam a viver sob as normas do país, por exemplo, são fuzilados e/ou enforcados e pendurados em praça pública. Essa atitude serve de exemplo para que os outros entendam o que lhes espera caso não ajam de acordo com as regras da sociedade. Basicamente, esses sujeitos tiveram suas liberdades retiradas e devem viver de acordo com as leis impostas pelo governo (BERNARDO, 2020).

Tudo isso é justificado pela importância da manutenção da família nuclear heteronormativa institucionalizada como padrão. Segundo os grupos de elite de Gilead, é a perpetuação desse modelo de sociedade que irá lhes salvar da baixa taxa de nascimentos no continente. Esse sistema se articula a partir de opressões e violências sociais e de gênero, colocando as mulheres em posições sociais subalternas aos homens, restringindo-as aos comportamentos determinados pelo governo, que se direcionam para as atividades do lar e da

família. No livro conhecemos, então, a de Offred, uma Aia. Gravações em fitas clandestinas produzidas por ela são encontradas, anos depois de sua existência, e ouvidas em uma conferência que trata de direitos humanos e internacionalização no ano de 2195. A narrativa é contada em primeira pessoa e somos apresentados à história dessa mulher, que conta que o uso de seu nome de nascimento é estritamente proibido, como uma clara tentativa de apagar a sua identidade. Ao ser capturada, aos 33 anos, ela é separada de seu marido e filha, de 3 anos, e é enviada para a casa de uma família de elite que vive em uma cidade onde era a Nova Inglaterra.

Offred tem, como já sabemos, algumas funções específicas. Dentre elas a de performar a Cerimônia ao longo de seu período fértil na tentativa de gerar uma criança para o casal ao qual ela pertence. Com a demora e dificuldade para engravidar, a Esposa a quem ela obedece comanda que Offred e o motorista da família mantenham relações sexuais. Os dois mantêm a relação e, mais tarde, acabam se apaixonando, quando Offred de fato engravida. Ao longo do livro vemos as dificuldades e violências que a personagem sofre antes e durante a sua gravidez, as conexões que ela faz com outras Marthas e Aias da sociedade, tudo através dos relatos que ela faz em suas fitas. Entretanto, ao fim do livro, descobrimos que em determinado momento ela parou de gravar, e não sabemos exatamente o que aconteceu com ela, suas crianças e muito mais. As gravações são um relato do que se passava dentro da sociedade de Gilead, e mostram ao mundo muitos dos horrores vivenciados pelos sujeitos que foram obrigados a viver nessa sociedade.

Em matéria sobre o livro em seu blog pessoal, Bonas Historias, Ricardo Bonacorci (2020) afirma que o livro pode ser considerado um clássico da ficção científica do século XX, estando ao lado de importantes obras como “Fahrenheit 451” de Ray Bradbury e “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley. O Conto da Aia (1985) foi homenageado com a conquista de alguns importantes prêmios da literatura, como o *Governor General's Award*, prêmio canadense, o *Arthur C. Clarke Award*, conceituado prêmio de ficção científica britânico, ambos em 1985, e o Prêmio *Nebula* de 1986, a mais importante honraria da ficção científica dos Estados Unidos (BONACORCI, 2020). Foi também traduzido para 35 diferentes línguas, sendo lido internacionalmente (DE ARAÚJO BARROS, DE ARAÚJO BARROS, FARIA, 2020). Adaptado para formatos como cinema e televisão, foi base para a produção de um filme, outro livro, e da primeira temporada da série homônima produzida pelo canal de *streaming Hulu*.

2.3.2 Filme "*The Handmaid's Tale*: A Decadência de uma Espécie"

A primeira obra audiovisual produzida a partir do livro de Margaret Atwood (1985) foi uma produção cinematográfica: o filme alemão "*Die Geschichte der Dienerin*" ou "A decadência de uma espécie" no Brasil, e "A história da aia" em Portugal. A obra de ficção científica estadunidense-alemão que foi lançada em 1990, com roteiro escrito por Harold Pinter, é dirigida por Volker Schlöndorff. A trama tem Natasha Richardson como Offred, Faye Dunaway como Serena Joy, Robert Duvall como O Comandante, Aidan Quinn como Nick, Elizabeth McGovern como Moira, Victoria Tennant como Tia Lydia e Blanche Baker como Ofglen. No filme, acompanhamos a história de Kate, uma mulher que tenta atravessar a fronteira para o Canadá junto de seu marido e filha. Eles se separam, seu marido é morto e sua filha nunca mais é vista por ela (HANDMAID'S BRASIL, 2021b). O enredo retrata, assim como a primeira temporada da série de Bruce Miller, o que se passa no livro escrito por Atwood (1985). Apesar de ter sido indicado ao prêmio Urso de Ouro no Festival de Cinema de Berlim, em 1990, o filme não teve o mesmo destaque das demais produções audiovisuais serializadas. Entretanto, para que possamos falar do universo *The Handmaid's Tale*, não podemos ignorar a existência e relevância dessa que foi a primeira adaptação audiovisual do livro de Atwood (1985).

2.3.3 Série *The Handmaid's Tale*

Quase 20 anos mais tarde, foi lançada a série *The Handmaid's Tale*, ou em tradução direta para o português "O Conto da Aia". Seguindo o mesmo caminho de "A Decadência de Uma Espécie", ela traz a trama literária de Atwood (1985) para o audiovisual. Essa é a primeira produção seriada ficcional inspirada na obra literária de Margaret Atwood (1985). A temporada inaugural da série, lançada pela plataforma de *streaming* estadunidense Hulu em 2017, é contada a partir da trama relatada no livro original. Entretanto, nas temporadas seguintes a história continua sendo escrita pelos roteiristas da produção, sob supervisão de Atwood. Atualmente a produção, encabeçada por Bruce Miller, conta com quatro diferentes temporadas e uma previsão de lançamento para pelo menos uma quinta. A primeira temporada possui 10 episódios, e seu lançamento data do dia 26 de abril de 2017. Já a segunda tem 13 episódios, e foi publicada no dia 25 de abril de 2018. A terceira, datada em 5 de junho de 2019, possui também 13 episódios. Mais recentemente, no dia 28 de abril de 2021, lançou-se a quarta temporada com 10 episódios. A então república de Gilead é comandada por um governo extremamente religioso e totalitário que subjuga a população em

geral e, mais especificamente, as mulheres, obrigando-as a "servir" aos líderes desse novo regime.

Assim como no livro de Atwood (1985), a série mostra a história de um Aia pertencente à família de Fred Waterford (interpretado pelo ator Joseph Fiennes) e Serena Joy Waterford (Yvonne Strahovski). June Osborne (Elisabeth Moss) foi separada de seu marido Luke Bankole (O. T. Fagbenle) e filha Hannah (Jordana Blake) após a consolidação de um golpe de estado teocrático no que antes eram os Estados Unidos da América. Eles são obrigados a abandonar sua casa depois que June é demitida de forma arbitrária de seu emprego, pois as mulheres não podem mais exercer trabalhos remunerados. Na trama, sabemos que situações preocupantes cotidianas vinham acontecendo, como o bloqueio das contas bancárias das mulheres e até mesmo a necessidade de autorização do marido para elas comprarem anticoncepcionais. Até que um dia, sob o pretexto de evitar que os rebeldes tomassem o governo, um grupo político religioso fecha o congresso do país. Instaurando definitivamente esse regime patriarcal, machista e opressor. Assim como outros cidadãos, June, Luke e Hannah tentam fugir de carro para o Canadá, entretanto eles são pegos perto da fronteira. Luke acaba conseguindo escapar para o país vizinho, mas June e Hannah são capturadas e separadas. A mãe é designada a uma nova família, onde recebe o posto de Aia, e sua filha ganha uma nova família, mais digna de cuidá-la aos olhos do governo, e passa a ser chamada de Agnes. Nessa família, June enfrenta diversos desafios, recebendo um tratamento abusivo e violento.

A Aia recebe algumas atribuições na rotina casa em que vive, dentre elas está, por exemplo, a de fazer as compras de mercado. Nesse momento do dia, elas se direcionam ao estabelecimento sempre em duplas, o que seria, de acordo com a trama, uma forma de se observarem mutuamente. Com isso, June, que recebeu o nome de Offred¹⁷, acaba conhecendo outras Aias, dentre elas Ofglen (Alexis Bledel). Elas ficam amigas ao compartilharem as dificuldades que vivenciam e a saudade de suas famílias, que foram desmanteladas graças ao governo. Ofglen¹⁸, que na verdade se chama Emily, é casada e tem um filho com sua companheira. Ambos conseguiram fugir até o Canadá, entretanto Emily não teve a mesma possibilidade e acabou se tornando Aia. Essas alianças com outras Aias são importantes ao longo da trama pois, ainda que Gilead tente impedir, é inevitável que sentimentos tão fortes como o amor, a saudade, a raiva e a angústia não se tornem força para que essas mulheres lutem para se libertarem desse sistema.

¹⁷ O prefixo "of" em inglês significa "de" em tradução direta para o português. Portanto, June é a Aia "De Fred".

¹⁸ Da mesma forma, Ofglen pode ser traduzido como "De Glen" para o português.

Além disso, da mesma forma que acontece no livro, June acaba engravidando de Nick Blaine (Max Minghella), quando Serena Joy obriga ambos a performarem uma cerimônia clandestina. Pouco tempo depois eles acabam se envolvendo romanticamente e, por isso, não se sabe se a gravidez de Offred é fruto dessa Cerimônia ilegal, ou de sua relação afetiva com Nick. O que se sabe é que Nick, e não Fred, é o pai da criança que Offred está gestando. Na segunda temporada, após o nascimento de Holly, June decide que a bebê deve sair da família dos Waterford, a quem foi entregue recebendo o nome definitivo de Nicole. Logo depois de dar a luz, ela é submetida a uma série de violências por parte do Governo, devido ao fato de que tentou, em um ato desesperado, fugir para o Canadá pouco antes de seu parto. O plano não funciona, ela é recapturada, separada de sua filha, e isolada em uma espécie de cela onde é alimentada apenas para que fosse capaz bombear seu leite e enviá-lo para Nicole. Após o período em que deve amamentar a criança nos primeiros meses de sua vida, a Aia é direcionada a uma nova família. Seu novo Comandante, Joseph Lawrence (Bradley Whitford), no primeiro episódio da terceira temporada, consegue ajuda para organizar uma fuga para June, Nicole e sua amiga Emily para o Canadá. Entretanto, ao se dar conta de que Hannah ainda não estaria livre de Gilead, June decide ficar no país enquanto Nicole e Emily escapam.

Ao chegar no país vizinho, Emily procura sua família e começa os processos de ressocialização no país. O governo canadense lida bem com os refugiados de Gilead, e possui um setor especificamente para apoiar essas pessoas em seus recomeços. Enquanto isso, Nicole é entregue por Emily a Luke, marido de June, que acaba se tornando o guardião oficial da criança. É ele quem cuida dela, juntamente com a amiga Moira (Samira Wiley). Moira é uma antiga amiga do casal, que também foi capturada por Gilead, sendo inicialmente transformada em Aia e, mais tarde, em Jezebel¹⁹. Entretanto, ao longo da segunda temporada, ela acaba conseguindo fugir para o Canadá e passa a morar com Luke, tentando reconstruir sua vida no novo país. Com a chegada da filha de June e Nick, eles se unem para cuidar dela da melhor forma possível. A relação que eles possuem é de uma grande amizade que, naturalmente, se fortalece com o cuidado de Nicole e as tentativas de encontrar June e Hannah ao longo do tempo em que vivem no país.

Após esse momento de quase fuga, June se aproxima cada vez mais do movimento de resistência ao regime, o *Mayday*. Ele é formado principalmente por Marthas e Aias que se

¹⁹ "Jezebel's" é o nome do bordel secreto que existe nas principais cidades de Gilead. Lá, certas mulheres são enviadas para trabalhar como prostitutas. São geralmente mulheres rebeldes que tiveram que fazer uma escolha entre serem enviadas para trabalharem nas "Jezebel's" ou nas Colônias. (HANDMAID'S BRASIL, c2021c)

organizam para promover ações de oposição e resistência ao regime como, por exemplo, fugas e motins. Assim, a trama da terceira temporada se volta em direção a alguns pontos importantes: O Comandante Waterford e sua Esposa travam uma luta com o governo canadense para reverem Nicole e, em uma estratégia desesperada, Serena acaba conseguindo entrar no Canadá ilegalmente com Fred. Ambos acabam presos, capturados pelo governo do país, e mantidos presos políticos até, pelo menos, o fim da quarta temporada. Lá eles aguardam um julgamento pelos crimes que cometeram contra as mulheres de Gilead. Além disso, nessa temporada destaca-se o desejo de June de libertar crianças e Marthas de Gilead. Seu plano se consolida quando, graças a inúmeras articulações feitas por ela em parceria com a *Mayday*, um avião lotado decola de Gilead, em direção ao Canadá. Contudo, Hannah ainda não foi libertada, e June mais uma vez opta por permanecer em Gilead em busca da primogênita. Na ocasião, ela e outras Aias distraem militares para que o grupo de fuga consiga chegar até o avião. June acaba sendo baleada no confronto, mas ela e as Aias que a ajudam conseguem fugir. A temporada acaba nesse acontecimento.

Ao início da quarta temporada da série a personagem está bastante fraca após o tiro e aparece buscando apoio do *Mayday*, junto com as companheiras de luta. Ao chegar em uma isolada casa de campo elas encontram descanso, até que precisam fugir quando June é capturada pelo governo mais uma vez. Após sofrer sessões de tortura, ela é colocada diante de Hannah que não a reconhece mais. Passaram-se sete anos desde que ambas foram capturadas. Isso deixa June sensibilizada e em estado de desespero, uma vez que a única coisa que a movimentou até ali foi resgatar a filha. Após este acontecimento, ela é enviada para voltar a ser Aia juntamente com suas companheiras que também foram capturadas. Elas acabam fugindo no meio da operação de transporte até suas novas casas. Na fuga algumas acabam morrendo, mas June e Janine/Ofwaren (Madeline Brewer) conseguem escapar mais uma vez até encontrarem outro grupo de resistência, que as acolhe após alguns momentos turbulentos.

Após uma rápida convivência com esse novo grupo, elas conseguem se reorganizar para seguirem rumo ao seu destino esperado: Hannah. June e Janine pretendem resgatá-la e fugir para o país vizinho. Contudo, acabam no exato lugar onde ocorre um ataque aéreo do Governo de Gilead contra a resistência. Na ocasião, June acaba ferida, e Janine desaparece. Mais tarde, descobre-se que ela foi capturada pelo governo. June, no entanto, é encontrada por sua antiga amiga, Moira. Na ocasião, ela voltou a Gilead juntamente com uma ONG canadense onde sua namorada trabalha. A instituição é autorizada a entrar no país para ajudar os refugiados que tentam chegar ao Canadá. Moira convence June a fugir com a ajuda da

ONG e trabalhar para resgatar Hannah de dentro do território canadense. Exausta, machucada e cansada, June luta contra o medo de encontrar o marido sem a filha nos braços, mas aceita a proposta.

Uma vez lá, June é tratada de forma diplomática pelo governo. Eles têm ciência da quantidade de informações privilegiadas que ela pode fornecer sobre Gilead. June se reencontra com o marido, e ambos fazem de tudo para que sua filha seja recuperada, o que acaba não se concretizando nessa temporada. No lugar disso, em um tratado histórico com o governo de Gilead, June consegue fazer a troca do Comandante Fred Waterford, que estava sob custódia do governo canadense desde a terceira temporada, por um grupo de 20 mulheres estadunidenses que estavam presas em Gilead. Essas mulheres também são capazes de passar valiosas informações aos canadenses, e portanto parece uma troca viável para o país. Do lado de Gilead, é do interesse deles que o Comandante não seja capaz de testemunhar contra o governo, o impedindo de gerar ainda mais informações confidenciais sobre a organização de Gilead para o comando canadense.

Outro ponto importante dessa temporada é o momento em que Fred e Serena, que agora estão esperando uma criança gestada por Serena, são julgados pelos crimes que cometeram em Gilead. Na ocasião, June tem a oportunidade de testemunhar sobre alguns dos crimes cometidos contra ela em Gilead mas, ao perceber que suas palavras não serão suficientes para condenar o casal, arma o plano da troca do Comandante pelas mulheres de Gilead. Após Fred ser devolvido para seu país de origem, Serena fica sozinha no Canadá e o seu destino e de sua futura criança serão definidos na próxima temporada da série, que está confirmada e sem previsão exata de data de lançamento.

Com uma trama complexa e emocionante, que levanta debates importantes, *The Handmaid's Tale* ganhou destaque internacional já em sua primeira temporada, sendo inclusive indicada ao *Emmy*. Em 2017, a série foi indicada a 11 categorias da premiação do *Emmy*, sendo contemplada em oito delas, incluindo a de melhor série dramática, melhor atriz e melhor direção. Em seguida, em 2018, foi indicada também a outras importantes premiações como, por exemplo, Globo de Ouro, *Critics' Choice Television Awards*, *Screen Actors Guild* e *Producers Guild of America Awards*. Em sua terceira temporada, lançada em 2019, a série também recebeu diversas premiações. Foram ao total 10 indicações ao *Emmy*, incluindo as categorias de Melhor Série Dramática e Melhor Atriz Coadjuvante de Série Dramática. Para a temporada mais recente, lançada em abril de 2021, a série também recebeu diversas indicações ao *Emmy*, totalizando 21 categorias em que a obra foi citada - incluindo Melhor Série Dramática e Melhor Atriz Coadjuvante de Série Dramática. Esse foi o ano em

que a produção de Bruce Miller mais recebeu indicações para essa importante premiação do universo das produções seriadas.

O grande número de prêmios e indicações direcionados à produção seriada de Bruce Miller nos traz indícios da centralidade que a série *The Handmaid's Tale* assume em relação às obras vinculadas a esse universo ficcional. Além disso, conforme observamos, ela é uma das produções de maior vinculação com a ideia de distopia apresentada mais cedo neste capítulo. Isso se dá especialmente pelo tom revolucionário da trama, trazendo uma mensagem de oposição ao sistema de forma muito mais clara do que qualquer outra obra vinculada ao universo THT. Nesse sentido, entendemos que pode ter sido (entre outros fatores) o lançamento da produção ficcional audiovisual serializada *The Handmaid's Tale* que trouxe atenção mais forte para as demais obras do universo THT.

Em concordância a isso, pontuamos que, em 2017, ano do lançamento da série, diversos portais brasileiros indicaram o livro "O Conto da Aia" (1985) como um dos livros mais vendidos do ano. Segundo O Globo (2017), "O Conto da Aia" foi o livro mais lido durante o verão estadunidense²⁰. Nesse mesmo sentido, o livro de Atwood (1985) compõe também a lista dos 20 livros mais vendidos de ficção em 2017 do portal *PublishNews* (2017)²¹. O sucesso do livro mais de 30 anos depois de sua data de publicação pode estar relacionado não só com a veiculação da série inspirada na obra, mas também com o sucesso que a produção audiovisual fez, comprovado pelo grande número de prêmios e indicações direcionados à trama, por exemplo. Nesse sentido, pontuamos também que a série só existe em razão da trama escrita por Atwood em 1985, portanto é previsível que, com o crescimento da série, a obra literária também conquistasse espaço entre o grande público. Portanto, ainda que a série tome essa posição importante em relação às outras obras do universo THT, cada uma delas possui um papel importante dentro das narrativas apresentadas ao longo da história.

2.3.4 Livro "Os Testamentos"

De modo concomitante ao grande sucesso que *The Handmaid's Tale* alcançou mundialmente, governos conservadores subiam ao poder em países como Brasil e Estados Unidos da América, e com isso houve a oportunidade para o lançamento de mais um produto comunicacional relacionado à trama. Assim, em 2019, Atwood aproveitou o momento e

²⁰ Ainda abordaremos nesse trabalho o papel que a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América em 2016 teve no sucesso empreendido por *The Handmaid's Tale* no país e, conseqüentemente, no mundo.

²¹ O *PublishNews* realiza esse *ranking* a partir da soma das vendas de todas as principais livrarias do país.

lançou o livro *Os Testamentos*, ou *Testaments* em seu nome original, com o objetivo de demonstrar brevemente como foram alguns dos momentos da tardia decadência de Gilead. Já em suas primeiras oportunidades de comercialização a obra bateu recorde de vendas nos Estados Unidos da América, vendendo cerca de 125 mil cópias em uma semana (PUBLISHNEWS, 2019).

Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros, Marcos Paulo de Araújo Barros e Alexandre Graça Faria (2020, p.167) refletem sobre a representação da mulher em ambas as produções literárias do universo THT, e afirmam que *Os Testamentos* "revela um ambiente de opressão em cima das mulheres e reforça o que o livro anterior já mostrava: as estruturas daquela sociedade fundamentalista cristã só se mantêm de pé graças às [opressões sofridas pelas] mulheres". A história desse livro se passa 16 anos após o que conhecemos como terceira temporada da série *The Handmaid's Tale*. Ela seria, portanto, uma continuação do primeiro livro, mas que perpassa também o que está posto na série. São três narradoras femininas que contam os seus pontos de vista sobre Gilead e algumas de suas vivências no país: Tia Lydia, Agnes e Daisy.

A personagem de Daisy é, na verdade, Nicole. Anos após o que se passa entre a terceira e a quarta temporada da série, a criança é entregue a um casal membro do *Mayday* para viver, ainda no Canadá, sob o pseudônimo de Daisy. Nessa época sabe-se que Nicole virou um símbolo da resistência de Gilead e é fortemente procurada pelos canadenses e por Gilead. Daisy vive uma vida comum, sem jamais desconfiar de sua verdadeira identidade. Até que um dia o casal encarregado de criá-la é assassinado brutalmente. Na ocasião ela é resgatada por um grupo de pessoas do movimento de resistência, fica sabendo de sua história original e, após um período de treinamento sobre o que poderia vir a enfrentar em seguida, acaba se infiltrando em Gilead para tentar resgatar sua irmã mais velha que ainda vive no país: Agnes.

Agnes, ou Hannah, é na verdade a filha de Offred, que recebe o nome de June Osborne na série²². Ela é filha adotiva de um importante Comandante e cresce em Gilead. Após a precoce morte de Tabitha, sua mãe adotiva, graças a uma doença agressiva, Agnes se vê perdida. Seu pai recebe uma nova Esposa e uma Aia que, embora tenha falecido no parto, possibilitou a chegada de um bebê para a família. Para fugir do Marido ao qual estava prestes a ser submetida, Agnes decide fazer a iniciação para ser Tia. Anos mais tarde, após nove anos

²² Embora seu nome não seja mencionado em "Os Testamentos", essa informação fica implícita quando Daisy é informada que é, na verdade, Nicole, a filha de uma Aia que conseguiu escapar para Gilead, e está desaparecida há muito tempo.

trabalhando sob o nome de Tia Victoria, ela é encarregada de apresentar uma menina recém chegada, Jade, às funções de uma Tia. A menina foi resgatada no Canadá e supostamente deseja servir a Gilead. Mas, na verdade, ela é Daisy/Nicole e está em Gilead com a intenção de resgatar Agnes/Hannah, sua meia-irmã, com a ajuda da *Mayday*. Quando ambas finalmente conseguem contato para se organizarem e fugirem de Gilead, *Mayday* às entrega informações para sua rota de fuga. Após uma jornada turbulenta, ambas conseguem chegar ao Canadá e finalmente se reencontram com sua mãe biológica, que estava escondida até então. A fuga de duas Tias de Gilead é um passo importante para o início da queda do sistema de Gilead, que já vinha perdendo consistência e força política nos últimos anos.

Somada a essas duas histórias que se entrelaçam, o relato feito por Tia Lydia também é parte importante da obra e, de forma semelhante, se mistura com as vivências das outras duas personagens principais. No livro, lemos os testamentos que a personagem escreve de forma clandestina sobre sua vivência em Gilead. Essa é a sua maneira de garantir que, mesmo que ela seja descoberta e aniquilada, sua verdade estará impressa em algum lugar. Sabemos, assim, que Lydia era, antes da aplicação do novo regime, uma juíza divorciada. Ela é capturada junto com suas colegas de trabalho, que são presas junto a outras mulheres nas instalações de um estádio. Lá passam por semanas de confinamento onde vivem em condições insalubres, presas em celas solitárias. Lydia e outras mulheres são escolhidas e chantageadas, por um Comandante, para se tornarem Tias. A promessa é que, caso não aceitem a proposta de se tornarem Tias, serão executadas. As Tias, como sabemos, são um grupo de mulheres encarregadas de criar e supervisionar as leis que governam as mulheres de Gilead, especialmente as Aias. No *Árdua Hall*, elas gozam de certos privilégios, incluindo a leitura de textos "proibidos". O desfecho inesperado da história, depois de presenciarmos Tia Lydia cometendo atrocidades contra Aias no livro e na série, é que ela, em segredo, despreza Gilead e é uma espiã de alta posição que fornece informações valiosas à resistência *Mayday*. Mais uma peça importante da queda do regime de Gilead.

No livro "Os Testamentos" não vemos, de fato, a aniquilação de Gilead. Embora as vivências relatadas forneçam indícios de que o fim desse regime está próximo. No site *Handmaid's Brasil* (2019) há relatos de que a *Hulu* está planejando produções audiovisuais a partir do livro. Ainda não se sabe se isso será feito em um *spin-off*²³ da série ou se será

²³ A palavra originária do inglês "*spin-off*" é traduzida para o português como "subproduto". Ou seja: um *spin-off* é um subproduto de uma obra já existente. A possibilidade de um *spin-off* a partir de Os Testamentos se dá pois existe a chance de que se crie uma nova série (ou filme), vinculada à *The Handmaid's Tale*, baseada nessa obra literária especificamente.

integrado à trama de *The Handmaid's Tale*. No *Twitter* da editora Rocco²⁴, editora oficial de ambos os livros sobre *The Handmaid's Tale* no Brasil, consta uma afirmação de Atwood sobre o livro "Os Testamentos" ser inspirado nas dúvidas dos fãs a respeito do universo THT, mas também em acontecimentos cotidianos da sociedade atual.

²⁴ <https://twitter.com/editorarocco/status/1163853790476460033>

3. REDES, COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÕES

A proposta desta investigação se situa no âmbito dos Estudos Culturais, um campo de pesquisa interdisciplinar, que foca, de modo geral, na reflexão sobre o contexto social e problematizações vinculadas a parcelas minorizadas da sociedade e suas manifestações culturais (ESCOSTEGUY, 2001; CEVASCO, 2003; BOAVENTURA, 2009). A comunicação, neste aspecto, está indissociada da cultura, sendo um espaço privilegiado para observar as disputas de sentido, as relações de poder e as conformações identitárias. Por isso, suas colaborações se tornam interessantes para debater pautas como a realidade sociopolítica de determinado território e os atravessamentos de proposições sobre gênero, feminismo e outras temáticas minoritárias.

A perspectiva da pesquisa, portanto, tem o foco voltado para os sujeitos, suas manifestações, apropriações e interações comunicativas, o que implica em situá-los em seu contexto cultural, histórico e político. Assim, entendendo o papel que as interações sociais estimuladas pela mediação assumem para a construção de sentidos dos sujeitos contemporâneos (MARTINO, 2018; HJARVARD 2014), discutimos as apropriações de temáticas minoritárias através dos espaços da internet, com base em algumas das principais proposições teóricas dos Estudos Culturais latinoamericanos.

Nesse sentido, acionamos os mapas noturnos das mediações propostos por Jesús Martín-Barbero (1987; 1990; 2010) como aporte teórico fundante, em diálogo com estudos de pesquisadores como Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2018a; 2018b), Omar Rincón (2019), Nilda Jacks, Daniela Schmitz, Laura Wottrich (2019), dentre outros. Martín-Barbero é um dos principais teóricos vinculados aos Estudos Culturais latinoamericanos. Os quatro mapas que ele constrói, ao longo dos 30 anos em que se dedicou a estudar a relação entre a comunicação e a cultura, são abordados neste capítulo, sem a intenção de esgotamento do assunto. Nosso interesse está em debater alguns dos processos que nos trouxeram até uma realidade midiaticizada, na qual as interações sociais acontecem, de forma frequente, através - e dentro - do ciberespaço. Neste sentido, entendemos a mediação das redes enquanto um conceito central para os debates propostos ao longo desta pesquisa.

Complementarmente, para dialogar a respeito das particularidades dos usos, apropriações e interações dentro das redes sociais digitais contemporâneas, partimos das elaborações de Christine Hine (2000; 2016). Dentre muitos pontos, a autora elenca a internet, atualmente, enquanto uma esfera integrada à vida dos sujeitos. Em sua pesquisa, ela percebe que hoje, cada vez mais, vivemos em uma realidade em que o universo digital e as plataformas de redes sociais digitais fazem parte de nossas vidas de forma intrínseca. Para

complementar esse debate, autores como Bruno Campanella (2015), Suely Fragoso, Raquel Recuero, Adriana Amaral (2011), Liliane Brignol, Denise Cogo, Silvia Martínez (2019) e Jiani Bonin (2016) são acionados, de forma a identificar os pontos de partida desta pesquisa em relação à temática.

3.1 Comunicação, Cultura e Redes

Ao final dos anos 50, através da criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), foi proposto um novo campo de estudos que abarcava as relações entre cultura contemporânea e sociedade. Uma área de estudos formulada com base na "alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra" (ESCOSTEGUY, 2001, p.27), que se direciona para as formas, instituições e práticas culturais dos sujeitos, bem como para suas relações com a sociedade e com as mudanças sociais. Os intelectuais que se posicionavam dentro desse campo de pesquisa afirmavam que "todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história" (ESCOSTEGUY, 2001, p.28). Portanto, os Estudos Culturais não devem ser definidos enquanto uma "disciplina", mas sim uma área na qual há a interação entre diferentes disciplinas que, juntas, objetivam o estudo de aspectos culturais da sociedade (ESCOSTEGUY, 2001). Neste contexto, destaca-se que pesquisas que tratam do campo da recepção estão, de modo geral, inseridas dentro da perspectiva dos Estudos Culturais.

Katrine Boaventura (2009) pontua que nos Estudos Culturais devemos considerar a cultura em seu sentido mais amplo e antropológico, refletindo a partir de uma abordagem com base na particularidade dos grupos sociais. Por esta se tratar de uma pesquisa que visa observar interações sociais que dizem respeito à realidade sociopolítica brasileira, este trabalho está situado mais especificamente dentro do campo dos Estudos Culturais latinoamericanos. "Os Estudos Culturais na América Latina, assim como os da Austrália, Canadá e Estados Unidos, entre outros, também têm um desenvolvimento singular" (ESCOSTEGUY, 2001, p.46). Suas peculiaridades têm como ponto de partida a tradição britânica, que inaugura o campo dos Estudos Culturais, mas baseia-se no contexto latinoamericano (ESCOSTEGUY, 2001; CEVASCO, 2003). As experiências vividas no campo na América Latina na década de 70, se assemelham com o vivenciado pelos Estudos Culturais britânicos na década de 50 (ESCOSTEGUY, 2001). Os EC latinoamericanos podem ser percebidos, portanto, enquanto um projeto teórico, mas também político, que objetiva desvelar as tensões e construções de relações de poder e desigualdade social. Nas palavras de Ana Carolina Escosteguy (2001, p.33), os Estudos Culturais "devem ser vistos tanto do ponto

de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos".

Neste trabalho, nos filiamos mais especificamente às proposições de Jesús Martín-Barbero, "considerado atualmente um dos [principais] expoentes do pensamento comunicacional latinoamericano, tendo influenciado muitos pesquisadores brasileiros" (BOAVENTURA, 2009). Sua pesquisa pontua que as práticas sociais e a comunicação se relacionam de forma muito próxima, sendo importante observarmos os movimentos de resistência, de pensarmos as lógicas contra-hegemônicas, de olharmos para os sujeitos e não apenas para os meios. Para isso, ele sugere o que podemos chamar de mapas noturnos das mediações. São esquematizações que acompanham, ao longo de 30 anos da carreira do autor, os constantes desenvolvimentos tecnológicos, comunicacionais e sociais do mundo, e imprimem os vínculos e relações sociais e culturais que surgem com os usos atribuídos às tecnologias comunicacionais. Nesse sentido, é importante entendermos as transformações sociais, políticas e culturais do nosso território, para reconhecermos a articulação existente ao longo das diferentes proposições dos mapas das mediações de Martín-Barbero.

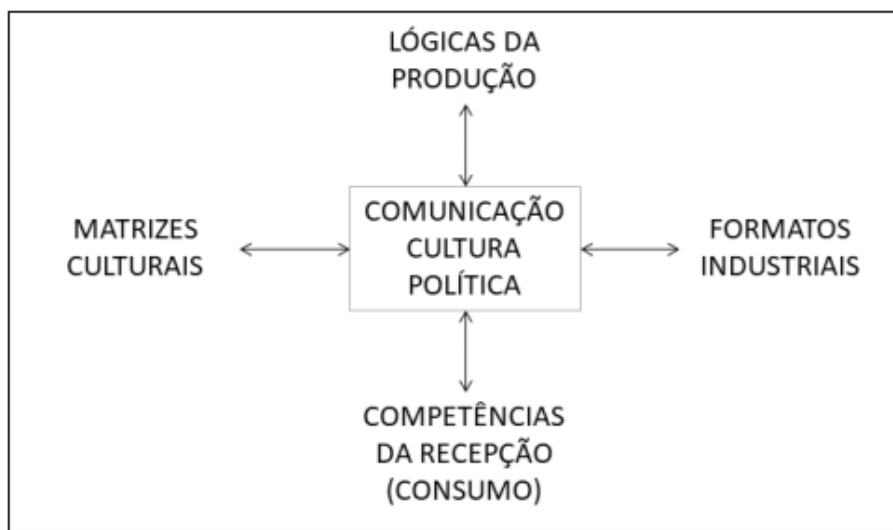
Os estudos do autor se iniciam a partir de uma resistência à visão informacional da comunicação, que a via como uma simples transmissão de informações entre um emissor e um receptor. Martín-Barbero (2009) entende que a comunicação está muito mais voltada para as formas que as pessoas têm de se comunicar, e para os usos que os sujeitos dão para as diferentes ferramentas comunicacionais existentes, do que com essa ideia anteriormente proposta. (JACKS, SCHMITZ, WOTTRICH, 2019). A partir disso, apresenta-se o conceito de mediações. Elas seriam como uma noção em movimento, "que acompanha permanentemente as transformações da sociedade e especificamente as da comunicação" (VASSALLO DE LOPES, 2018a, p.15). Podem ser entendidas, portanto, como o lugar no qual a produção e o consumo da comunicação se encontram e dialogam. Mediação é o conceito que coloca as práticas sociais e políticas de comunicação no centro do debate, em sua tensão com base na cultura (JACKS, SCHMITZ, WOTTRICH, 2019).

Inicialmente, Martín-Barbero (1987) apresenta através do que ele chama de "mapa noturno" uma perspectiva epistemológica da comunicação a partir da cultura ou, dito de outra forma, a partir do estudo das mediações culturais da comunicação. Pontuamos, ainda, que "as grandes transformações não dependem apenas da evolução dos aparatos tecnológicos [e comunicacionais] envolvidos, mas [...] da maneira como eles são utilizados e organizados" (FERREIRA, 2009, p.12). Assim, cada um dos mapas propostos por Martín-Barbero exprime, de certa forma, a realidade comunicacional vigente do mundo (e da América Latina)

no período em que foram apresentados pelo autor. Portanto, conforme nossas realidades e possibilidades se transformam, mudam também as percepções do autor a respeito da agência das mediações.

Os mapas das mediações são uma teoria vinculada à área da comunicação que pretende dar conta de articular as instâncias comunicacionais, culturais e políticas da sociedade latino-americana ao longo do tempo. O estudo da comunicação, e mais especificamente na nossa investigação, o estudo dos usos e das relações que se dão no âmbito das plataformas digitais, se inserem dentro de uma realidade dialógica, dinâmica e em constante transformação que, em determinado momento, passam a estar incluídas dentro do que Martín-Barbero manifesta em seus mapas. A proposição do mapa das mediações relaciona, portanto, cultura e sociedade em seu contexto social e político. Nesse sentido, observa-se ainda que as interações da pesquisa de Martín-Barbero com a mídia tem um caráter crítico, e por vezes político, que visa a valorização do cultural e do simbólico, como campos de disputa e construção de sentidos.

Figura 3.1 - Primeiro Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1987)



Fonte: Elaborado por Vassallo de Lopes (2018a) a partir de Martín-Barbero (1987)

A primeira esquematização feita por Martín-Barbero (1987) tem, em seu ponto central, as mediações constitutivas ou fundantes para pensarmos as dinâmicas sociais: comunicação, cultura e política. Essas remetem a dois eixos compostos pelas mediações básicas: diacrônico, entre matrizes culturais e formatos industriais; e sincrônico, entre lógicas da produção e competências da recepção (VASSALLO DE LOPES, 2018a). O eixo diacrônico refere-se aos processos sociais e históricos, que se transformam ao longo do tempo ao redor do mundo. Já o eixo sincrônico dá conta do que interpela o eixo diacrônico. Ou seja:

ele está dentre as instâncias estruturais da sociedade que, de alguma forma, estão agindo em relação às movimentações do que é do diacrônico. Entende-se, portanto, a comunicação enquanto o lugar de onde partem as perguntas e surge a proposição de compreender a natureza comunicativa da cultura e os seus principais tensionamentos (JACKS, SCHMITZ, WOTTRICH, 2019).

Três anos mais tarde, o segundo mapa proposto por Martín-Barbero (1990) desloca o estudo das mediações culturais da comunicação para o das mediações comunicativas da cultura. Nesse segundo momento, o autor reflete que a comunicação medeia as todas dimensões e relações sociais e afirma que "a comunicação de massa era mais ampla que os meios, e que os meios não podiam ser pensados só em sua economia e ideologia, tinham que ser relacionados com a cultura cotidiana da maioria" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 13). Por isso a proposição de uma nova forma de ver esse contexto. A comunicação, nesse ponto de vista, está imbricada com as relações que os sujeitos constroem entre si. Ou seja, pontua-se a observação de que enquanto por um lado a globalização uniformiza o planeta e aprofunda as diferenças locais, por outro representa possibilidades e mudanças, tanto pelas trocas e articulações possíveis entre distintos grupos, como também a apropriação das novas tecnologias por parte de grupos subalternos. Assim, ainda que a evolução tecnológica das comunicações exacerbe as desigualdades sociais, ela também movimenta a "imaginação social das coletividades" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.19) através da proliferação dos diferentes usos atribuídos às plataformas de mídia. É em razão disso que, nesse momento, o autor opta por reformular a sua proposição em relação aos mapas das mediações.

No segundo mapa, Martín-Barbero (1990) mantém as mediações básicas e fundantes inalteradas em relação ao primeiro mapa, entretanto, reflete que elas estão articuladas por meio da institucionalidade, socialidade, ritualidade e tecnicidade. A institucionalidade está ligada aos interesses e poderes existentes na sociedade, enquanto a socialidade diz respeito às relações cotidianas das pessoas, suas experiências e trocas provenientes do convívio coletivo. Já a ritualidade é vinculada às formas de olhar, ouvir e ler que se conectam à memória dos sujeitos de gosto, classe e hábitos. E, finalmente, a tecnicidade dá conta da forma pela qual as apropriações da tecnologia contribuem para a constituição de novas formas de práticas culturais (VASSALLO DE LOPES, 2018b).

Figura 3.2 - Segundo Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1998)



Fonte: Elaborado por Vassallo de Lopes (2018a) a partir de Martín-Barbero (1998)

Para a observação desta proposta, importa mencionar que, ainda na década de 1980, quando o ambiente virtual ainda estava em seus momentos de formação e consolidação, compreendia-se a internet enquanto um espaço separado do mundo analógico e a ideia de um mundo virtual entrelaçado com o mundo "real" era ainda algo em formação e aparentemente distante. Esse pensamento amadurece em meados de 1990 quando começa-se a falar a respeito de comunidades virtuais e identidades on-line de forma mais concreta e, com isso, cresce a percepção dos diferentes usos sociais que poderiam ser empregados a esse promissor formato de mídia. É a partir da década de 2000 que um leque de possibilidades se abre em relação a esse assunto e, assim, temos um desenvolvimento expressivo das experiências oferecidas pelas plataformas e ferramentas virtuais. É nesse momento, ainda, que destacam-se as primeiras pesquisas que investigam as apropriações tecnológicas a partir das práticas culturais construídas nesse ambiente que, cada vez mais, aponta para a interação entre nossas práticas culturais, sociais e políticas no cotidiano (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.195).

Esse cenário mostra, de forma cada vez mais intensa, uma transformação nas interações e relações sociais. As possibilidades de relacionamento e interações oferecidas por esse novo ambiente são inéditas e sujeitam as pessoas a formas de produção e consumo de conteúdo que, até então, também não existiam. Vassallo de Lopes (2018a, p.21) corrobora esse pensamento, e afirma que "novas formas de ação e novos tipos de relacionamentos

sociais emergiram por meio do desenvolvimento dos meios de comunicação, permitindo novos modos de interação".

As redes sociais digitais popularizadas especialmente desde a década de 2010, atravessam as nossas práticas e sensibilidades e se tornam um lugar central das relações sociais, culturais e políticas na contemporaneidade. Muitas transformações tecnológicas aconteceram para chegarmos onde estamos hoje, em uma realidade onde nossas vidas são permeadas intensamente pelas formas de interagirmos com as plataformas de mídias digitais. Para Manuel Castells (2015, p.30) "a intercomunicação individual, tornada possível pela internet e pelas redes de comunicação móveis, surgiu originalmente a partir de redes de comunicação descentralizadas". Mas, este processo se reconfigurou graças ao rápido avanço das tecnologias virtuais: "as grandes corporações passaram a dominar o seu negócio, e as companhias de telecomunicações globais moldaram as plataformas móveis de comunicação" (CASTELLS 2015, p.30).

Luiza Corrêa (2019) aponta, a partir de uma pesquisa promovida pela agência *We Are Social*, em parceria com a plataforma *Hootsuite*²⁵, que mais de 4 bilhões de pessoas utilizam a internet atualmente, dado que representa mais da metade da população mundial total. É claro que as formas de acesso, tempo de uso, e função a qual se destina a utilização da ferramenta podem ser debatidas, entretanto o que se tem é que o alto número total de usuários da internet ao redor do mundo é inquestionável. Ainda, a existência de diferentes redes sociais, e o surgimento frequente de grandes plataformas que se popularizam mundialmente, indica ser possível "mapearmos diferentes tipos de sociabilidade, explorando a diversidade das plataformas de mídias sociais" (MILLER, *et al*, 2019, p.5). Tudo isso sugere uma perspectiva diferente das análises quantitativas, focadas em usuários e métricas. Antes de entendermos, por exemplo, quantas pessoas estão conectadas a determinadas plataformas de redes, é importante compreendermos o que a existência desses espaços possibilita para as pessoas que os ocupam.

Martín-Barbero (2009) afirma que essa mudança tem uma proporção maior do que imaginamos. Segundo ele, estamos imersos contemporaneamente no que podemos chamar de entorno tecnocomunicativo, que potencializa a experiência de uma nova realidade, complementar ao entorno natural e ao entorno urbano - instâncias estabelecidas em nossas sociedades há muito tempo. O primeiro está vinculado às instâncias que nos permitiram viver, ao longo de séculos, enquanto sujeitos sociais. "É a cidade, desde suas formas mais

²⁵ <<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>> Acesso em 25 de maio de 2021.

primitivas, é o lugar das instituições políticas e culturais" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.15). O segundo se constitui em decorrência dos desenvolvimentos do primeiro e se refere a instituições como a família, o trabalho, a religião e a política (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Nesse momento em que a cultura digital ultrapassa o ambiente da rede e vai além, observamos a construção de novas dimensões temporais, sociais e espaciais - que refletem nas maneiras de ser e estar no mundo. Segundo as próprias palavras de Jesús Martín-Barbero (2009, p.15), "a imersão não é pontual, na base do eu ligo, desligo. Assim como estou imerso na natureza e nas instituições, agora estou imerso nesse terceiro entorno. Eu não posso ligar o computador sem saber que sou visto. Vejo, mas sou visto, não há forma de impedir isso". Todo esse processo acarreta em uma aceleração do tempo e isso nos mostra de forma evidente que nossas práticas culturais estão, cada vez mais, absorvidas pelos usos das plataformas virtuais.

Portanto, quando propôs uma terceira versão de seu mapa, 20 anos depois do segundo, em 2010, Jesús Martín-Barbero tinha a atenção voltada para as transformações vigentes a partir dos novos usos possíveis para a tecnologia, que nos permitiram vislumbrar um novo ecossistema comunicativo (VASSALO DE LOPES, 2018a, p.19). O foco se redireciona a partir de duas grandes transformações: as grandes migrações de populações e os fluxos virtuais em constante desenvolvimento. Há uma guinada nesse momento, que se direciona ainda mais para a discussão sobre inserção exponencial da tecnologia dos meios de comunicação, e nos novos sentidos que essa questão suscita para as vivências dos sujeitos (JACKS, SCHMITZ, WOTTRICH, 2019). Para Martín-Barbero precisamos pensar essas questões conjuntamente de maneira que os fluxos de imagens, informação e migrações se reverberam em novas dinâmicas de tempo e espaço, sendo preciso, portanto, reconfigurar e compreender mediações da identidade e tecnicidade como fundamentais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.14).

Figura 3.3 – Terceiro Mapa das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2010)



Fonte: Elaborado por Vassallo de Lopes (2018a) a partir de Martín-Barbero (2010).

Com a crescente virtualização social que se dá globalmente no fim do século XX e início do século XXI, alteram-se principalmente as formas de nos relacionarmos, bem como a maneira como consumimos e produzimos conteúdos midiáticos - e isso pode e precisa ser observado e agregado às teorias comunicacionais. Para Martín-Barbero (2014, p.22), esses "intercâmbios virtuais configuram novos traços culturais na medida em que eles se intensificam e se expandem em direção a uma gama crescente de domínios na vida das pessoas". A construção e mutação desses mapas ao longo do tempo pode ser entendida como um reflexo dos processos enfrentados pela sociedade que passa a vivenciar uma realidade em que o advento crescente da tecnologia provoca o deslocamento e a reconstrução em nossas formas de interação, relação e produção de conteúdos midiáticos. Afinal, as mediações são, em suma, articuladoras das instâncias da vida social (VASSALLO DE LOPES, 2018a), e se as instâncias da vida social se transformam, a agência das mediações também precisa ser repensada. Portanto, "nessa relação entre sujeitos e meios, pensar o entorno tecno-comunicativo indica transcender a noção de tecnologia como conjunto de aparatos" (OLIVEIRA-CRUZ, 2016, p.93), sendo os usos empregados às novas tecnologias, constituintes dos novos tecidos sociais.

As culturas virtuais passam a ocupar ainda mais intensamente o debate sobre essas novas tecnologias, não só pelas alterações nas práticas comunicativas que surgem nos meios digitais, mas também através de novas sensibilidades, visões de mundo, relações interpessoais e maneiras de assimilar o ambiente contemporâneo. As culturas virtuais seriam, nesse sentido, mediações entre cultura e tecnologia que constituem os "sistemas de intercâmbio simbólico através dos quais se configuram sentidos coletivos"

(MARTÍN-BARBERO, 2014, p.22). Portanto, interessa nesse momento compreender as formas pelas quais a tecnologia e a cultura se relacionam, resistindo ao seu sentido meramente instrumental. Esta perspectiva coloca-nos a refletir sobre novos modos de ser, pensar, estar, pertencer e agir no mundo. "O que está aí implícito é a recusa do sentido instrumental de tecnologia tão sedimentada nos estudos de comunicação" (VASSALLO DE LOPES, 2018b, p.58).

Ao final da década de 2010 e início da década de 2020, os usos empregados para a tecnologia permitem ainda mais novos modos de percepção, linguagem e sensibilidade dos sujeitos. Esse processo se torna, progressivamente, flexível e dinâmico e, diante disso, a internet (e os seus espaços) se consolida, cada vez mais, como muito mais do que um aparato tecnológico ao qual nos conectamos algumas vezes ao dia, mas também um ambiente de produção de sentidos. Estamos, ainda mais, conectados diariamente às inúmeras plataformas de redes sociais digitais que temos à nossa disposição e, com isso, vivenciamos uma cultura digital que, progressivamente, faz parte de nossa realidade. Tudo isso constitui um contexto de inovações e vivências que acabam impactando as formas de nos relacionarmos uns com os outros e com o mundo de forma ampla (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019). Ou seja: os novos usos sociais das mídias acabam, inevitavelmente, transformando as formas de nos relacionarmos com o ambiente à nossa volta. Novamente, e mais do que nunca, as possibilidades apresentadas pelas plataformas virtuais tecnológicas deslocam noções, relações e interações entre os sujeitos.

Podemos elencar aqui, de acordo com Brignol, Cogo, Martínez (2019), três importantes dimensões da observação do contexto das redes digitais para estudarmos os movimentos sociais: a temporalidade, a criação de novas territorialidades e as formas inéditas de relações sociais que agem de acordo com as recentes dimensões observadas na esfera pública. Esses são processos que evidenciam a forte hibridização de redes sociais on-line e offline (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019). Tudo isso provoca um deslocamento e uma expansão no modo como nos relacionamos uns com os outros. Essa recente territorialidade expande as nossas relações sociais a partir, por exemplo, de novas identidades regionais e possibilidades de interação e relacionamento que não seriam possíveis de outro modo.

As novas territorialidades nos colocam para pensar nas formas de relações sociais que se dão a partir da dimensão das redes em direção a aspectos sem precedentes da esfera pública e privada. Surgem possibilidades de interação e compartilhamento de informações que agora são permeadas pelos usos empregados aos aparatos e plataformas virtuais, de usos e interações midiáticas.

Ademais, Christine Hine (2016) afirma serem três os aspectos fundamentais para compreendermos os usos da internet nos dias de hoje: ela está incorporada à vida cotidiana, é corporificada e assume uma posição cotidiana aos sujeitos. A sua incorporação em nossas vidas está relacionada ao fato de que "usamos a internet de uma forma despercebida para fazer nossas atividades diárias [...] conectando espaços on-line e off-line de formas complexas" (HINE, 2016, p.15). O que significa dizer que cada vez mais as tecnologias digitais se tornam uma parte inerente da vida dos sujeitos.

Nos conectamos diariamente através do WhatsApp, Usamos Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat ou outras redes. A cultura digital e a tecnopolítica fazem parte da nossa realidade e vão além dos parâmetros estabelecidos pelas plataformas, gerando formas inovadoras de organização e comunicação que fluem perfeitamente entre ambientes online e offline (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.197, tradução nossa).

Se, a princípio, ainda na introdução dos aparatos técnicos e das diversas apropriações feitas pelos sujeitos, era mais fácil perceber a internet de modo separado de outros aspectos da vida social, atualmente nós a encaramos "como um componente do dia a dia, não falamos mais em "ficar on-line" como se fosse uma viagem para um local distante" (HINE, 2016, p.15). Nós *estamos* on-line. Com essa fusão entre nossos modos de vida e nossas experiências virtuais, não podemos negligenciar a importância que as vivências dentro das plataformas digitais assumem para construção de sentidos em relação às experiências sociais, culturais e políticas dos sujeitos contemporâneos.

O que faz com que cada rede seja única é o fato de que elas permitem que os sujeitos construam e articulem relações de formas inéditas, podendo então ser percebidas como diferentes espaços de mediação de sistemas sociais. Este processo pode "resultar em conexões entre indivíduos que de outra forma não seriam feitas" (BOYD, ELLISON, 2007, p.211, tradução nossa). Raquel Recuero (2012) indica que, ainda que os sites de redes sociais sejam basilares para as interações que acontecem virtualmente, eles são apenas sistemas, e são as pessoas que praticam suas vivências nesse ambiente, que as constituem. Além disso, as relações construídas on-line possuem muito mais possibilidades de interconexão do que as off-line, uma vez que são intermediadas por sistemas que possuem um importante papel na circulação de informações no mundo contemporâneo (RECUERO, 2012). Portanto, a corporeificação da internet se dá no momento em que "ficar on-line" deixa de ser uma experiência por si só e passa a ocorrer paralelamente a outras instâncias da vida.

A experiência on-line pode produzir uma resposta emocional em nós tanto quanto qualquer outra forma de experiência: nossos corpos não distinguem

necessariamente uma experiência on-line de uma off-line [e isso] nutre o desenvolvimento de uma compreensão corporificada dessa forma de existência, através da reflexão dos prazeres e das frustrações das experiências on-line (HINE, 2016, p.16).

Esse processo atenua a linha que separa o que podemos entender enquanto virtual e analógico. O que se tem nesse contexto é que cada vez mais nossas vidas estão inseridas dentro das experiências que temos no ambiente virtual, até mesmo aquelas que consideramos analógicas. As interações entre os sujeitos, as formas de consumir mídia, os hábitos de vida e etc, são, progressivamente, transformados a partir das possibilidades oferecidas por dispositivos cada vez mais modernos, redes sociais cada vez mais interativas, e um universo midiático de modo geral cada vez mais integrado com a internet. Então, se em um primeiro momento podíamos entender as mediações a partir de instâncias como as ritualidades, por exemplo, hoje também temos outros domínios incidindo sobre nossas realidades (VASSALLO DE LOPES, 2018b). É dentro desse contexto que se encontra o quarto e mais recente mapa proposto por Martín-Barbero (2017).

"São as redes, narrativas e cidadanias que aparecem como novas mediações, fazendo com que as demais mediações básicas se estreitem, junto com as identidades" (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.206, tradução nossa). As novidades presentes nessa proposição de Martín-Barbero mostram a importância que os usos empregados às redes pelos sujeitos assumem "apontando diversos caminhos de pesquisa, em sintonia com o desenvolvimento dos estudos sobre comunicação e cultura digital" (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.187, tradução nossa). Dentre as transformações sociais apontadas a partir dessa esquematização, o sentido estrutural proposto para a então mediação da tecnicidade e, mais especificamente, a noção das redes enquanto uma nova mediação cultural, são de extrema importância para essa pesquisa. Não podemos ignorar as transformações sociais, culturais e políticas enfrentadas pela nossa sociedade nos últimos nem deixar de refletir como elas estão impressas no mais recente mapa proposto por Martín-Barbero. Ou seja: se desejamos observar contextos sociais, culturais e políticos a partir dessa vertente, é imprescindível que tenhamos um olhar aguçado a respeito das novas formas de organização social e, mais do que isso, de como os usos que os sujeitos atrelam a esse contexto transformam as instâncias em questão.

Figura 3.4 - Quarto Mapa das Mediações.



Fonte: Elaborado por Vassallo de Lopes (2018b) a partir de Rincón (2019)

Brignol, Cogo, Martínez (2019) ressaltam que na última década surgem novas problemáticas vinculadas a esse assunto, principalmente em razão da expansão das plataformas virtuais e ao acesso massivo das sociedades a essas ferramentas. No mesmo sentido, para Vassallo de Lopes (2018a), cada vez mais a lógica da sociedade em rede multiconectada, especialmente graças ao uso do computador e do celular, nos oferece acesso às novas mídias digitais. Livia Ferreira (2009, p.122) reitera essa ideia, e afirma que "o ambiente virtual criou novos espaços de comunicação e, mais do que isso, proporciona ao usuário a possibilidade de geração de conteúdo" de uma forma cada vez mais interativa e relacional.

Este movimento impacta as formas de vida social de inúmeras formas, atravessando as relações entre sujeitos, transformando as formas como as pessoas se vêem e vêem umas às outras e deslocando a construção de sentidos que cada um faz a respeito do seu modo de vida. Todos esses processos, e inúmeros outros, têm as redes como seu ecossistema de agência. O que nos direciona ao debate a respeito das formas pelas quais as tecnologias virtuais passam a atravessar a vida no século XXI, uma vez que é nesse movimento que os sites de redes sociais digitais se tornam o ambiente em que muitas relações sociais acontecem de fato. Nesse momento, mais do que nunca, "as redes digitais ocupam um lugar central na vida social e política e, portanto, são um espaço de disputa que permite popularizar, ampliar e tornar visíveis as ações das organizações e grupos sociais" (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.198, tradução nossa). Nessa realidade está implícita uma possibilidade de observação

bastante profícua no que tange à questão das interações sociais e da formação e consolidação de processos culturais a partir das redes sociais digitais.

Complementarmente a isso, cabe assinalar a importância de pontuar o lugar de onde partimos quando falamos de redes sociais uma vez que, considerando tudo o que foi dito até aqui, essas são caracterizadas por serem ambientes amplos, variados e passíveis de diferentes olhares. Portanto, nesse caso, não podemos ignorar a centralidade que a mediação das Redes, proposta no mais recente mapa de Martín-Barbero, vem ganhando para nossa realidade e, mais especificamente, para os ambientes observados nesta pesquisa. Brignol, Cogo, Martínez (2019, p.203) ressaltam que a ascensão das redes digitais enquanto espaços culturais apresentam um importante papel na integração sociocultural dos espaços latino-americanos de modo amplo, a partir de diversas instâncias. "A convergência digital e cultural seria encontrada na configuração de redes de interação entre artistas e gestores, acadêmicos e políticos, instituições e comunidades de vizinhança, conectando diversos atores em um novo espaço público de intermediação" (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.203, tradução nossa). Isso seria uma possibilidade de renovação do tecido social de maneira íntima e intensa.

Da mesma forma, conforme pontua Vassallo de Lopes (2018a, p.21), a apropriação dos mapas de Martín-Barbero em pesquisas acadêmicas depende, com muita frequência, do "modo que a escolha possa recair em determinadas mediações, e não em outras, dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica". Portanto, nos voltamos para uma questão chave: os usos e apropriações que os sujeitos fazem a partir dessas novas possibilidades de sociabilidade, que estão demonstradas no mais recente mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. Assim, considerando a centralidade que as novas formas de relacionamento no âmbito virtual vem tomando para as interações sociais, e as diferentes formas que a tecnologia passa a atravessar usos sociais das mídias, nos colocamos a pensar sobre como a mediação das redes incide nas apropriações e relações feitas por membros de um grupo de *Facebook* sobre um universo ficcional a partir da conjuntura social e política brasileira contemporânea.

No que diz respeito a este estudo, em alguns momentos as redes são entendidas enquanto uma forma de sociabilidade dos sujeitos. E outros momentos, são percebidas em um sentido epistemológico, direcionando nossas reflexões aos fluxos comunicacionais que se dão nesse âmbito. Entretanto, o que se tem, é que essas percepções, na verdade, estão mescladas, em prol da construção de uma percepção multifacetada de um fenômeno complexo, em

constante transformação que, em muitos momentos, diz respeito a diferentes âmbitos ao mesmo tempo.

As articulações sociais e culturais inauguradas através da popularização das redes sociais digitais provocaram transformações no cenário mundial contemporâneo, alterando as formas como nos relacionamos, produzimos e consumimos conteúdos. Elas ganharam espaço progressivamente no mundo inteiro e, ao longo dos anos, milhões de usuários às incorporaram em suas vidas, ainda que de formas distintas. O que se relaciona de forma íntima com o abordado até aqui neste capítulo, uma vez que, de forma geral, mencionamos as transformações vividas pelas sociedades e as formas pelas quais a comunicação vem se adaptando a essas mutações. Os Mapas das Mediações, propostos por Jesús Martín-Barbero desde 1987 até a contemporaneidade, servem para compreendermos as mutações socioculturais que ocorrem no mundo e também para percebermos como isso se relaciona com a comunicação e a cultura ao longo do tempo.

Embora nesta pesquisa o direcionamento do debate seja principalmente para as possibilidades inauguradas com o advento da internet e com a popularização das redes digitais, é importante destacarmos que existem desafios e problemas provenientes dessa realidade. Cada uma das plataformas mencionadas são geridas por empresas privadas que possuem objetivos voltados para a obtenção de lucro financeiro, por exemplo. Para isso, muitas vezes, essas empresas acabam direcionando a usabilidade da plataforma para questões que se relacionem com esses objetivos corporativos e, por isso, criam o que podemos chamar, em alguns momentos, de monopolização da informação. Ou seja: quando estamos utilizando os ambientes de redes digitais (como *Facebook*, *Instagram*, etc) estamos sujeitos às regras, normas e diretrizes de utilização daquele espaço virtual, por exemplo. Brignol, Cogo, Martínez (2019, p.198, tradução nossa) explicam que "entre os problemas deste contexto estão: a falta de privacidade, a publicidade e venda de dados do usuário, as *"fake news"* (notícias falsas), entre outros".

Nesse sentido, é fundamental observar que nossos trajetos e rastros nos ambientes das redes virtuais, e a ausência de nossa presença em outros, por exemplo, dizem a respeito dos nossos fluxos enquanto sujeitos nesses ambientes. Isso nos mostra, mais uma vez, que as redes não são um ambiente neutro social, econômica e politicamente. Existe uma razão para recebermos determinados conteúdos em detrimento de outros, e isso passa por preceitos próprios de cada plataforma. Existem lógicas políticas e comerciais baseadas nos interesses de cada uma das empresas que controlam as plataformas de redes sociais. Portanto, nessa pesquisa, vamos estar preocupadas com a significação política daquilo que circula nas redes

sem deixar de refletir/questionar sobre o que não aparece ou o que é ocultado nesses espaços. A neutralidade das redes é uma ilusão.

As redes são ambientes que possuem princípios, valores e pensamentos que foram propostos pelos sujeitos que as construíram e, naturalmente, eles irão favorecer grupos sociais que se orientem a encontro disso tudo. Eduardo de Albuquerque (2018, p.77) afirma, por exemplo, que as *fake news*, utilizadas enquanto estratégias políticas para a proliferação de ideais conservadores. Elas estão associadas intimamente às redes sociais e representam um processo de descredibilização de raciocínio progressistas, "conduzindo as pessoas à condição de minoridade e de subserviência ao poder delegado por essas próprias pessoas às mídias falaciosas". Portanto, ainda que saibamos de toda a potência que as redes têm para os movimentos sociais, elas também colaboram e muito para a manutenção dos grupos dominantes, por exemplo, conforme abordaremos no próximo capítulo deste trabalho.

Ainda que aqui seja feita uma escolha de mencionar questões distintas, é importante que tenhamos ciência de que quando falamos de redes sociais não estamos falando de espaços neutros, livres de interesses comerciais, onde as informações circulam de maneira indiscriminada. Naturalmente existem, em cada uma das redes, filtros (que também podemos chamar de algoritmos) que determinam a forma como as informações irão circular. Essa é também uma particularidade deste que, como já mencionado, é um ambiente em constante transformação e movimentação (MILLER, 2019).

Por outra via, as redes podem ser entendidas como extensões dos nossos sentidos pois, sustentadas pelas plataformas e sites de redes sociais, elas estendem as capacidades individuais e coletivas do sujeitos que, "através de suas representações, são capazes de constituir uma ampla gama de conexões associativas, que implicam diretamente em diferentes formas de acesso a informações" (RECUERO, 2012, p.12). Assim, compreendemos ainda que por trás desta movimentação estão sempre os atores que se apropriam dessas e, por meio desse processo, as constituem como protagonistas desta realidade. "Redes sociais na internet, portanto, são meios de comunicação emergentes, capazes de difundir informações em uma escala global" (RECUERO, 2012, p.12). Tudo isso colabora para a formação de uma ideia de comunidade dentro das redes, amparada pelo papel ativo e preponderante que os sujeitos têm neste universo. Assim, ao empreendermos uma observação das dinâmicas partilhadas pelos sujeitos, torna-se pertinente um direcionamento da atenção às formas de relacionamento e percepção que são construídas pelas pessoas dentro do ambiente das plataformas digitais.

É neste horizonte que entendemos que as reflexões de Martín-Barbero podem servir para orientar pesquisas nas quais, no campo da comunicação e da cultura digital, as redes sejam abordadas a partir de uma perspectiva sociocultural e comunicacional que privilegia interações e práticas de recepção e consumo de tecnologias por setores e movimentos sociais em que os espaços locais, nacionais e transnacionais se articulam e se organizam tanto nas temporalidades de acesso e uso quanto nas instâncias de produção e consumo. (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.208, tradução nossa).

Assim, neste trabalho selecionou-se, para a realização das observações objetivadas, o ambiente virtual propiciado pela plataforma de rede social denominada *Facebook*. Ainda que seja a rede social utilizada por mais da metade da população mundial que usa a internet, nos interessa, além dos números, focar na importância que as dinâmicas do *Facebook* possuem para os sujeitos que dela participam. Sabemos que as redes virtuais remontam de muito antes do *boom* que vivenciamos do *Facebook*²⁶ que leva o título de rede social mais utilizada pela população mundial, com cerca de 3 bilhões de usuários ativos em 2020²⁷, mas o *Facebook* vem direcionando progressivamente suas atividades para a manutenção de relacionamentos que de alguma forma se vinculam com o off-line, ou para a solidificação de relacionamentos pré-existentes entre os sujeitos (BOYD, ELLISON, 2007).

Uma questão que se repete nas relações perpassadas pelo *Facebook* é que há algum elemento da cotidianidade que liga os indivíduos que se relacionam pela rede, seja a vinculação a uma instituição, o interesse por algum produto ou serviço, e etc. Nessa lógica, parece pertinente pontuar também que, dentro disso, entram as aberturas, cada vez maiores, em relação às abordagens que propiciam a circulação de debates culturais, sociopolíticos, e muito mais, entre os sujeitos no meio digital.

Mais do que espaços para criação e manutenção de vínculos sociais, hoje as redes virtuais oferecem oportunidades de crescimento para movimentos políticos, culturais e comunicacionais. Essas plataformas se configuram como espaços que propiciam a organização, a integração e a propagação de mensagens de forma inédita, possibilitando que debates, discussões e proposições - que antes seriam feitas somente em ambientes off-line - se propaguem virtualmente. Diante disso, podemos observar como essas movimentações virtuais reverberam para além on-line e acabam tendo fortes resultados para as nossas vivências globalizadas. Exemplo disso são os movimentos políticos e sociais que, com o advento da internet e das mídias digitais, se transformam e se ampliam a partir das articulações no âmbito virtual. O movimento feminista se encontra dentro desse quadro.

²⁶<<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>

²⁷<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/04/30/aplicativos-do-facebook-tem-3-bilhoes-de-usuarios-no-1o-tri-mas-empresa-espera-queda-ao-fim-do-isolamento.ghtml>>

O feminismo é um movimento social e político que busca, principalmente, a emancipação feminina em relação à estrutura patriarcal presente ao redor do mundo. Tem seu início datado no século XIX e objetivava a luta por direitos iguais de cidadania para as mulheres²⁸, a liberdade sexual e os direitos ao próprio corpo feminino. Essas lutas levam à formação de uma maior noção da construção social do gênero como definidor de uma identidade feminina erroneamente unificada. Na virada do século XXI o movimento feminista se direciona no sentido de identificar a mídia e as redes digitais como um local de produção de sentidos, formando assim algo que poderíamos chamar de quarta onda feminista (ESCOSTEGUY, 2018). Esse último momento do movimento feminista foi fortemente influenciado pelas possibilidades provenientes das redes digitais. A seguir iremos discorrer a respeito dos principais acontecimentos que marcaram o que hoje podemos chamar de quarta onda do movimento feminista no Brasil. Este momento acontece principalmente a partir da década de 2010, quando as mídias sociais virtuais ganharam grande popularidade no país, propiciando um aumento no número de redes de integração política.

²⁸Aqui é necessário adicionar um recorte de classe e raça. hooks (2019) fala sobre como o feminismo é um movimento de mulheres engajadas em igualdade de gênero. Porém, em geral, a autora menciona que inicialmente é possível notar que essas mulheres são, geralmente, brancas e economicamente privilegiadas.

4. FEMINISMO DAS REDES E A CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA BRASILEIRA

Cada vez mais movimentos sociais e políticos, como o feminismo, possuem as experiências oferecidas pelo âmbito digital como aliadas de suas pautas e lutas. Os debates propostos nesses ambientes se tornam amplos, heterogêneos e de alto alcance, o que possibilita que determinadas informações cheguem até pessoas que, sem a internet, não chegariam. A partir da compreensão da centralidade que os usos das redes sociais digitais conquistaram para os sujeitos na última década, este capítulo objetiva abordar as vivências e conquistas das organizações feministas no âmbito digital. Iniciadas, no Brasil, no que hoje chamamos de Primavera Feminista (COELHO, BORTOLON, 2016), estarão em pauta em um primeiro momento as organizações feministas propulsionadas inicialmente com a Marcha das Vadias (TOMAZETTI, 2015), que culminaram, anos mais tarde, nas manifestações do #EleNão, em 2018, as quais podem ser elencadas como o maior movimento de manifestações feministas do Brasil (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020). Portanto, entendendo o feminismo enquanto um movimento social e político que visa trazer ações de igualdade para as mulheres no mundo, abordaremos o tema a partir de autoras como Ana Carolina Escosteguy (2018; 2020), Sônia E. Alvarez (2014), Zeila Dutra (2018), Bruna de Lara (2016), bell hooks (2019), Cynthia Sarti (2004), entre outras, mencionando as formas de agência do feminismo contemporâneo.

Complementarmente, refletimos sobre o crescimento de movimentações e organizações neoconseqüadoras que colocam em xeque diversas conquistas obtidas pelo movimento feminista contemporâneo. E, mais do que isso, se colocam enquanto enfrentamentos para o avançar social das pautas minoritárias, entendendo essas conquistas progressistas enquanto inimigas de suas proposições. Essa organização política, que vem ganhando cada vez mais espaço nacionalmente, se insere em um contexto em que a religião assume um papel central nas pautas sociopolíticas. Em momentos como este, são importantes as observações de espaços de interação social para que, em alguma medida, compreenda-se as percepções sobre o que estamos vivendo. Tendo em vista a centralidade assumida pelas tecnologias virtuais, já abordada ao longo deste trabalho, torna-se pertinente que essa mirada se volte para as interações nas redes sociais digitais. Para isso, autores como Fernando Balieiro (2018), Flávia Biroli, Juan Marco Vaggione, Maria das Dores Campos Machado (2020), Richard Miskolci, Pedro Paulo Gomes Pereira (2018; 2019), dentre outros, servirão de guias para o debate empreendido.

4.1 O Feminismo nas Redes: Uma Primavera Feminista

Entre as dinâmicas que relacionam modos de sociabilidade e pertencimento na contemporaneidade que foram intensificadas pelos usos e apropriações das mídias sociais, nos interessa observar como os movimentos políticos e sociais, que se caracterizavam pelos encontros e articulações presenciais, passaram a ter o ambiente on-line como aliado de suas pautas. Para Manuel Castells (2015), esses movimentos sociais que contam com o apoio das tecnologias do universo virtual "são, simultaneamente, locais e globais". Segundo o autor, "eles têm início em contextos específicos, a partir de razões particulares, e constroem suas próprias redes e seu próprio espaço público ocupando o espaço urbano e se conectando a redes de internet" (CASTELLS, 2015, p.49). Nessa perspectiva, Christine Hine (2016) afirma que as tecnologias móveis são responsáveis pelos processos que "modificaram as formas como nós experimentamos os espaços públicos e privados, permitindo incorporar as comunicações virtuais a novos domínios de interação social" (HINE, 2016, p.11). As mídias sociais são, portanto, importantes nas novas formas de sociabilidade que se constituíram.

Castells (2015) endossa esse pensamento, quando afirma que os sujeitos constroem suas formas de se relacionar com as tecnologias a partir da percepção das possibilidades que elas oferecem de adequação a seus desejos e necessidades. Nesse sentido, o autor também declara que a comunicação é a esfera onde "valores e interesses de atores conflitantes estão comprometidos em disputa e debate para reproduzir a ordem social, para subvertê-la, ou para acomodar novas formas resultantes de interação entre o velho e o novo" (CASTELLS, 2015, p.32). Nessa mesma lógica, Hine (2016) posiciona a internet enquanto um espaço interativo e produtivo, rico em comentários e interações. É, na opinião da autora, isso que possibilita a observação dos conteúdos midiáticos que caracterizam o nosso envolvimento cotidiano com a mídia.

Assim, neste capítulo pretende-se abordar questões de um movimento específico que, nos últimos anos, ganhou destaque social também graças a essa realidade: o feminismo. Embora seja pertinente compreendermos os processos sociais e históricos responsáveis pelas formas como o movimento feminista se delineou ao redor do mundo e no Brasil, compreendemos que já existem suficientes bibliografias que se dedicaram a abordar este assunto de forma satisfatória (ESCOSTEGUY 2018; SARTI, 2004; PINTO, 2003; DE OLIVEIRA COSTA, *et al*, 2019) e, portanto, nosso ponto de partida se dá na ideia de que "os estudos feministas são essenciais para que pensemos novos modelos de sociedade e possibilidades de emancipação para as mulheres" (DE LARA, *et al*, 2016, posição 72).

Tudo isso partindo de um lugar que entende o gênero enquanto uma construção social, sendo uma categoria a partir da qual podemos observar a consolidação de relações de poder entre os sujeitos em nossa sociedade. Marlise Matos afirma que "o pensamento feminista não se constitui em um corpus unificado de conhecimento, e sabemos igualmente que o construto gênero foi apropriado das formas as mais distintas pelas inúmeras áreas disciplinares e suas teorias" (MATOS, 2008, p.337). Entretanto, a autora ressalta a importância de entendermos que, de qualquer forma, quando abordamos o assunto, devemos procurar partir de um ponto "que seria o da subordinação da mulher ao homem, para entender e explicitar, relacionalmente, as muitas vicissitudes de como tais relações de dominação e opressão são elaboradas socialmente" (MATOS, 2008, p.337).

Essa é uma questão que está no cerne das problematizações do universo ficcional distópico de *The Handmaid's Tale* e, por isso, ganha espaço neste trabalho. O conceito de gênero "surgiu em meados dos anos 1970, com o propósito de distinguir e separar sexo de gênero" (ESCOSTEGUY, 2020, p.106) e, conforme menciona Joan Scott (1995), serve para determinar a natureza das relações sociais entre os sexos, ou seja, ele seria uma forma de apontar "a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres" (SCOTT, 1995, p.7). Existem diversas formas de interpretação para as maneiras como as problemáticas de gênero são encaradas teórica e socialmente, visto que são inúmeras as percepções propostas para esse assunto (SCOTT, 1995; 2012).

Partimos da percepção de que gênero serve como uma construção social imposta e desenvolvida para oprimir determinados sujeitos em favor de outros, a partir de suas definições de gênero. Para Scott (2012, p.331), "ao longo do tempo, gênero se tornou mais impreciso; o lugar de contestação, um conceito disputado na arena da política". A própria percepção do conceito de gênero é permeada por diferentes versões, haja vista que o campo é um espaço de debates intensos. Não há um único uso para o conceito, por isso a importância de elucidar o lugar de onde partimos (SCOTT, 2012). Existem, ainda, diversas disputas políticas no entorno dessa questão que levam a diferentes significados e abordagens sobre o tema. A autora ainda afirma:

É esta luta política que eu penso que deve comandar nossa atenção, porque gênero é a lente de percepção através do qual, nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma "análise de gênero" constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas

contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos (SCOTT, 2012, p.332).

Portanto, entendemos o conceito de gênero enquanto "uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (SCOTT, 1995, p.7), utilizada como forma de produção de um sistema de opressão e poder que propõe uma hierarquização entre os gêneros. Nessa lógica, tem-se que "a fonte das relações desiguais entre os sexos é, afinal de contas, as relações desiguais entre os sexos" (SCOTT, 1995, p.10), as quais são construídas social e historicamente a partir de um sistema patriarcal que coloca os homens em posições de poder e as mulheres em posições de subalternidade. Por exemplo, quando falamos de acontecimentos históricos do mundo, percebemos que eles são sempre contados a partir da perspectiva masculina, deixando de lado o que estava acontecendo no contexto da realidade das mulheres. Esse é um dos exemplos que elucidam esse ponto de vista (SCOTT, 1995).

Ademais, a política pode ser entendida enquanto um dos domínios onde podemos utilizar o conceito de gênero como instrumento de análise histórica e de construção de relações de poder generificadas. Segundo Scott (1995, p.24), por muito tempo "o gênero foi utilizado literalmente ou analogicamente pela teoria política, para justificar ou criticar o reinado de monarcas ou para expressar relações entre governantes e governados". Esse exemplo se relaciona com esta pesquisa, pois percebemos movimentações sociopolíticas que se direcionam a um lugar semelhante ao que pontua Joan Scott (1995). Essa seria uma forma de decifrar o sentido geral do conceito e também de compreendermos a estruturação complexa das relações entre as diversas formas de interação humana existentes (SCOTT, 1995). Percebemos no contexto sociopolítico nacional ações de manutenção dessa realidade opressora, retraindo condutas e proposições progressistas, como o feminismo.

Para Scott (1995, p.25), "essas ações só podem adquirir um sentido se elas são integradas a uma análise da construção e da consolidação de um poder. Uma afirmação de controle ou de força tomou a forma de uma política sobre as mulheres". Nesse sentido, se delinea a construção teórica e empírica do objeto de estudo desta pesquisa, ao relacionar o universo ficcional distópico de *The Handmaid's Tale* e a realidade feminista e sociopolítica brasileira. Ainda segundo Joan Scott (1995, p.26), "a diferença sexual tem sido concebida em termos de dominação e de controle das mulheres". Essa dominação se dá a partir de instâncias como a limitação nos direitos sexuais e reprodutivos, os altos índices de violência doméstica e tantas outras problemáticas que - ainda - acometem as mulheres no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, Sônia E. Alvarez (2014) entende que existem, dentro do feminismo, diversas vertentes - que operam de forma unificada ou não - que, ainda que se relacionem entre si, se direcionam a lugares distintos, ou seja, enquanto os movimentos sociais num todo são entendidos enquanto componentes gerais da sociedade, os movimentos feministas costumam se expandir além da sociedade civil (ALVAREZ, 2014). Sendo assim, é pertinente entender o feminismo enquanto um movimento social e político que possui, de modo geral, uma luta ampla, heterogênea e muitas vezes articulada social e politicamente. Portanto, os formatos de feminismos existentes em nossa sociedade "muitas vezes também se estendem 'verticalmente', para assim dizer, em direção à sociedade política, ao Estado, e outros públicos dominantes nacionais e transnacionais" (ALVAREZ, 2014, p.18). Ainda, o feminismo pode ser entendido, de modo amplo, como um movimento que problematiza desigualdades sociais a partir de instâncias - organizadas ou não - que podemos entender como políticas.

Estão em jogo nesse cenário não só as diferentes desigualdades e violências de gênero existentes em nossas sociedades, mas também as recorrências políticas que se dão no entorno dessas questões. Agem sobre essas problemáticas, portanto, variados tipos de atores sociais. Conforme destaca Alvarez (2014), Igrejas, ONGs, e até mesmo o Estado, podem ser articuladores desses campos, se organizando de diferentes formas, em múltiplas instâncias político-comunicativas, ou seja, "os campos discursivos de ação são muito mais do que meros aglomerados de organizações voltadas para uma determinada problemática; eles abarcam uma vasta gama de atoras/es individuais e coletivos e de lugares sociais, culturais, e políticos" (ALVAREZ, 2014, p.18). Parece importante pontuar que, ao falarmos sobre o feminismo de modo geral, não desejamos homogeneizar o movimento, que é bastante amplo e heterogêneo. Partimos do princípio de que a luta pela erradicação da desigualdade de gênero é um ponto em comum dentre as diferentes abordagens possíveis para o assunto, ainda que sabendo que existem distintas maneiras de perceber essa questão. Portanto, neste trabalho, quando mencionamos o movimento feminista de modo geral, buscamos falar de modo abrangente a respeito de um movimento amplo, diversificado e que propõe diferentes lutas e pautas sem níveis diferentes de importância entre si.

Nessa lógica, os espaços das redes sociais se mostram como instâncias político-comunicativas que podem ser aliadas dos movimentos feministas. Quando falamos sobre as possibilidades existentes para o feminismo no âmbito virtual, "na internet, encontra-se uma nova possibilidade de rede social – eletrônica e, posteriormente, digital" (FERREIRA, LIMA, 2020, p.2273) que se mostra extremamente útil para a proliferação das pautas de movimentos como o feminismo. Essa percepção denuncia algo que há muito tempo

vem se construindo, e passa a tomar um espaço cada vez mais preponderante em nossa realidade: a formação de uma movimentação cultural estruturada a partir das interações vinculadas ao ambiente digital, e dos usos que são empregados nesse universo.

Sendo o feminismo "um movimento político e social, em constante transformação, assim, como as novas tecnologias da informação" (DUTRA, 2018, p.20), essas mutações se vinculam principalmente às transformações no tecido das relações interpessoais. As relações mediadas por dispositivos eletrônicos tecnológicos como computadores e celulares ganham cada vez mais força e importância em um mundo globalizado, e se constituem, principalmente, a partir do que chamamos hoje de redes sociais. Essas novas formas de relacionamento interpessoal reverberam em novas configurações do tecido social.

Aqui podemos levantar a noção de cibercultura. O termo combina a palavra "cultura" e "ciber", formando uma palavra só. (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019). Ela seria "a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns" (LEVY, 2010, p. 130) entre sujeitos. Ela seria observada, portanto, entendendo a cultura enquanto instituição formada pelas nossas manifestações pessoais e modos de vida individuais e coletivos. Ou seja: serve para designar os modos de vida que são permeados pelo âmbito virtual e/ou cibernético. Nesse cenário, há a formação de movimentações que, imersas na cibercultura, beneficiam um determinado ambiente, mais limitado e direcionado a pautas específicas.

A cibercultura engloba uma série de fenômenos culturais que surgem com o uso das tecnologias digitais, antes se refere a um modo de vida que se caracteriza por um senso de comunidade e que é alcançado por meio da interação permanente com outras pessoas que compartilham um conjunto de objetivos, um exemplo disso são as chamadas comunidades virtuais. (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.194, tradução nossa).

É o caso do que se passa nas movimentações vinculadas ao que se denomina de ciberfeminismo, o qual podemos entender como um desdobramento da realidade oferecida pela inserção e popularização do feminismo no âmbito da cibercultura.

As primeiras movimentações feministas digitais datam de meados do século XX e "o 'Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX' (HARAWAY, 2009), lançado em 1985, foi a primeira expressão do que, posteriormente, seria denominado ciberfeminismo" (FERREIRA, LIMA, 2020, p.2265), ainda que não mencione efetivamente essa expressão. Os espaços do âmbito virtual vêm oferecendo cada vez mais força para o feminismo, possibilitando uma maior propagação deste, principalmente devido à

diminuição de distâncias e fronteiras que possibilita. Podemos compreender, portanto, os espaços oferecidos pelo ambiente digital como aliados de muitas das lutas feministas.

Parte significativa dos movimentos feministas vêm utilizando os meios digitais como espaço de expansão e mobilização e, com isso, é interessante observar essa realidade com mais atenção. "As novas formas de articulação social mediadas pelas redes sociais digitais têm possibilitado um novo formato de ativismo", e, nesse cenário, "a internet estabelece-se como um espaço de disseminação, organização e mobilização da ação coletiva" (MIGUEL, *et al*, 2020, p.12). Essas mobilizações acabam se fortalecendo e se disseminando de forma global, e, no âmbito nacional, isso não é diferente. No Brasil, temos uma grande incidência de manifestações, movimentos e articulações. Isso acontece principalmente pois muitos desses processos ocorrem em um ambiente tão múltiplo quanto a internet. O modo como estes discursos se constroem e circulam também tem diferenças quando comparados ao presencial. Sobre este aspecto, Bruna De Lara (*et al*, 2016) reflete que, ainda que as informações produzidas no meio virtual, especialmente nas redes sociais, não sejam tão aprofundadas,

textos enxutos chamam mais atenção do que longos escritos, e o conteúdo em forma de imagens e vídeos é mais valorizado. Mesmo fora das redes sociais, como em colunas e blogs, preferem-se textos mais informais. É muito improvável que uma pessoa que está navegando pelas redes sociais queira parar para ler um artigo acadêmico de vinte páginas sobre o feminismo, não é? Porém, essa mesma pessoa estará disposta a assistir a um vídeo, a ver uma imagem ou a ler um texto menor que lhe interesse. Sendo assim, alguém que nunca tenha tido contato com o feminismo passa a tê-lo (DE LARA, *et al*, 2016, posição 134).

Assim, para além de debater sobre complexidade ou profundidade das temáticas feministas que circulam nas redes, importa compreender que é a partir dessas vivências que muitas pessoas passam a ter acesso ao movimento e, conseqüentemente, ao início de sua emancipação enquanto indivíduos. Diante disso, podemos entender o ciberfeminismo como uma ferramenta de expressão feminista, que se dá na interface do espaço virtual social. "As redes digitais ocupam um lugar central na vida social e política e, portanto, é um espaço de disputa que permite popularizar, ampliar e tornar visíveis as ações de organizações e grupos sociais" (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.197, tradução nossa).

Tudo isso nos mostra que, inevitavelmente, "o feminismo aliado à internet [...] tem continuidade com manifestações artísticas, escritos, atividades hackers, com a linguagem de programação, desenvolvimento de jogos" (DUTRA, 2018, p.22). Este formato de manifestação sociopolítica, que ocorre crescentemente na internet, têm inúmeros reflexos nas formas com que se constituem identidades, pertencimento, relacionamentos e interações sociais. Sendo assim, percebemos que "com o uso da internet, os grupos de mulheres

passaram a atuar no concreto e no virtual, não conseguindo mais desassociar o feminismo do ciberespaço" (DUTRA, 2018, p.24). Nessa lógica, uma questão importante a ser abordada nesse momento é: de qual feminismo estamos falando quando mencionamos que graças a internet o movimento ganhou maior repercussão? Assim, é imprescindível pontuarmos que não são todas as articulações feministas que são impulsionadas pelos usos do âmbito digital, ainda que isso ocorra com uma grande variedade de grupos.

Quando consideramos que o feminismo se disseminou com maior facilidade ao passar a compor as pautas das redes sociais, precisamos entender, por exemplo, quem são as pessoas que têm livre acesso à internet banda larga no Brasil. Segundo informa a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018, divulgada em abril de 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 25,3% dos brasileiros não têm acesso à internet. Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede. Isso sem falar nas áreas rurais, onde o índice chega a 53,5%. Além disso, a pesquisa mostra que 41,6% - quase metade de quem não têm acesso à rede - não o faz por não saber usar. Ainda, 11,8% dos entrevistados dizem que o serviço de acesso à internet é caro, e para 5,7%, o equipamento necessário para acessar a internet, como celular, laptop e tablet, é inacessível financeiramente (TOKARNIA, 2020).

Há também a questão de raça que deve ser mencionada aqui, ainda que este trabalho não se proponha a abordar essa problemática com o fôlego necessário. O feminismo negro é um movimento que levanta pautas importantes e que, por questões socioculturais, acabam não sendo suficientemente abarcadas pelas organizações mencionadas neste capítulo. Djamilia Ribeiro (2019) questiona: quem são as mulheres a quem estamos nos referindo quando universalizamos a expressão do gênero? Para a autora, não é possível que a categoria feminina seja percebida como uniforme quando operamos sob a égide de classe e raça na questão de gênero. Sobre isso, por exemplo, temos que: os dados apresentados pelo Atlas de Violência²⁹ de 2019, produzido pelo Ipea³⁰, mostraram que a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre os anos de 2007 e 2017. Já a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu, nesse mesmo período, 29,9%. Ou seja: ainda que seja possível perceber avanços até aqui, existem inúmeras problemáticas que não estão abarcadas nesse entorno, e estas não podem ser ignoradas, ainda que não estejam em foco nesta pesquisa.

²⁹ Disponível em

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf> Acesso em 21, ago, 2019.

³⁰ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

É importante pontuarmos esses dados para não cairmos no equívoco de afirmar que, a partir do momento em que se popularizou nas redes, o feminismo passou a ser um movimento unificado, democrático e universal, pois não é o caso. Ainda existe uma dificuldade de que muitas das pautas feministas alcancem muitas pessoas, e as mulheres no geral ainda estão propensas a inúmeras violências de gênero. Isso nos mostra que temos um longo caminho a percorrer. Entretanto, nossa argumentação se constrói no sentido que, mesmo considerando as dificuldades sociopolíticas e econômicas que enfrentamos enquanto sociedade, as pautas feministas têm chegado a mais pessoas. Assim, entendemos que "se, de um lado, o crescimento e a visibilidade dessas vozes na dinâmica do espaço público não são suficientes como indicadores de uma comunicação democrática, de outro, exacerbaram a difusão e a popularização do feminismo" (ESCOSTEGUY, 2018, p.24). Nessa lógica, nos interessa entender como essas pautas vêm chegando para as pessoas.

Muitas dessas movimentações se dão através de articulações de grupos feministas organizados que, progressivamente, se valem dos espaços proporcionados pelas redes digitais para impulsionar suas redes de interação. Ana Carolina Escosteguy (2018) afirma perceber uma expansão dos movimentos e coletivos feministas no Brasil contemporaneamente. O que pode ser visto, de certa forma, como positivo para a proliferação dos debates acerca dessa realidade. Zeila Dutra (2018) pontua que o envolvimento feminino no uso das tecnologias da informação aumentou na última década, mesmo quando falamos a respeito do ativismo digital. Segundo uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo realizada no ano de 2010, em dez anos houve um aumento de 21% para 31% no número de brasileiras que se consideram feministas (ESCOSTEGUY, 2018). Nesse caso, já à época, as redes sociais foram apontadas como as principais responsáveis pela constituição de um espaço de articulação e luta feminista. Mais recentemente, no ano de 2019, em pesquisa feita em âmbito nacional pelo instituto Datafolha³¹, temos os resultados da inserção e popularização on-line no movimento feminista. Na ocasião, 38% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais afirmam se considerarem feministas. Um aumento de cerca de 8% em relação à pesquisa da Fundação Perseu Abramo realizada em 2010 apresentada por Escosteguy (2018). Este aumento nos índices nos mostra que, mesmo diante das dificuldades socioeconômicas enfrentadas pela população brasileira, a popularização dos espaços on-line possibilitou que o movimento chegasse em lugares e pessoas que, sem o virtual, possivelmente não chegaria.

³¹<<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/feminismo-e-violencia-contra-a-mulher-datafolha-2019/>> Acesso em 11 de maio de 2021.

Na última década podemos perceber, portanto, um crescimento significativo dos movimentos sociais e políticos que têm os espaços disponibilizados pela internet enquanto aliados. Esses ajudam a levantar essas pautas para mais pessoas, colaborando com uma popularização do movimento, permitindo que sujeitos que provavelmente não teriam contato com ele de outra forma, o façam através das redes. Todas essas movimentações feministas contemporâneas que vivenciamos nos últimos anos,

produzem uma diversidade de narrativas que se contrapõem aos valores dominantes e à representações estereotipadas, fortalecem o pluralismo num cenário midiático excessivamente conservador pressionando por políticas públicas para atenuar as desigualdades de gênero, pela eliminação das discriminações contra a mulher e demais identidades não-hegemônicas e contribuindo para uma política mais democrática. (ESCOSTEGUY, 2018, p.24).

É interessante pontuar, entretanto, que este engajamento virtual não se limita ao âmbito das redes. O que podemos observar é que, na imensa maioria das situações, o que acontece é uma mescla entre as possibilidades oferecidas pelo virtual, e as necessidades apresentadas pela presencialidade. As organizações que se dão no âmbito das plataformas de mídias digitais servem, na grande maioria do tempo, como aliadas às lutas que se dão nas práticas cotidianas. Dutra (2018, p.31) afirma que essas experiências que se dão no ciberespaço são importantes "não só em um engajamento virtual, mas o deslocamento para o mundo real, propondo mudanças concretas, através do debate que se instalou, falando sobre o feminismo, o ativismo e a tecnologia". A seguir, pretendemos fazer um breve resumo de como o feminismo se desenvolveu no Brasil na última década, através de um apanhado geral dos principais movimentos feministas que tiveram os espaços da internet e das redes sociais como aliados de suas movimentações e organizações.

4.2 Os desdobramentos contemporâneos do movimento feminista no Brasil

Zeila Dutra (2018) relata que o domínio do ciberespaço de modo geral acontece de forma tardia na América Latina, e mais especificamente no Brasil, quando comparamos este cenário a outros países do mundo, como os no Norte Global. Entretanto, a despeito desta realidade permeada por diversas problemáticas sociais que, devido ao fôlego da pesquisa, não serão discutidas aqui, é através da internet que se concretiza a exploração das novas tecnologias pelas feministas brasileiras. A partir de 2010 aconteceram campanhas significativas no Brasil encabeçadas por páginas e coletivos na internet, quando se consolida também a formação de uma nova noção de luta feminista. Ana Carolina Escosteguy (2020,

p.124) afirma perceber que um "impulso nas relações entre Comunicação e questões de gênero se constitui na virada de século até 2015".

Segundo a autora, na segunda década do século XXI, movimentos e organizações feministas cresceram na sociedade contemporânea como um todo, e a participação de jovens vinculadas a diversas minorias sociais revitalizam e ampliam as práticas políticas feministas (ESCOSTEGUY, 2020). Com isso, tivemos uma pluralização das problematizações levantadas por movimentos de cunho feminista, de modo a buscar a emancipação de grupos de mulheres cada vez mais heterogêneos. As possibilidades encontradas no ciberespaço propiciam que as mulheres se fortaleçam, identifiquem e organizem de forma inédita, permitindo que um novo caminho, mais plural e democrático, seja formado. "É inegável o papel exercido pelas tecnologias de informação e comunicação e pela internet, constituindo um espaço de atuação política" (ESCOSTEGUY, 2020, p.132). Os usos disponibilizados pelas tecnologias virtuais permitem que os sujeitos, e sobretudo grande parte das mulheres, se articulem de formas mais estruturadas e interconectadas, possibilitando uma maior circulação das pautas de seu interesse.

Reconhecendo que "o uso das redes foi o pilar para articulação dos movimentos ativistas em todo o país", destacamos que o "feminismo se apropriou [do uso] da *hashtag* e a tornou um símbolo de resistência e militância do ativismo dentro das redes sociais" (DE OLIVEIRA, DUARTE. DE CARVALHO, 2019, p.15). Portanto, o que hoje chamamos no Brasil de primavera feminista teve como um de seus primeiros movimentos mais conhecidos a Marcha das Vadias. Ela foi uma das primeiras mobilizações que fizeram uso dos espaços virtuais para difundir suas pautas e ocorreu em 2011, em Toronto, no Canadá, em resposta à conduta de um policial que afirmou que o alto número de estupros contra as mulheres se dava porque elas se vestiam como vadias. A partir de um ato de protesto contra o discurso do policial, o movimento internacionalizou-se com comunicação em rede e solidariedade (TOMAZETTI, 2015).

As manifestações, apoiadas pela força das usuárias de redes sociais, se espalharam por vários países, defendendo como principal bandeira a liberdade do corpo da mulher. Rapidamente o movimento se disseminou nos meios on-line e off-line e, no âmbito brasileiro, as Marchas que aconteceram pautaram principalmente a importância do fim da violência sexual contra as mulheres, bem como a luta pelo direito de liberdade e autonomia sobre seus corpos. O espaço on-line ganhou destaque principalmente no *Facebook*, onde se constituíram

páginas e grupos de organização coletiva³². (TOMAZETTI, 2015; MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020).

Com isso, podemos perceber que a apropriação dos espaços virtuais "favorece a construção de redes feministas transnacionais de forma on-line ou off-line, o que permite reivindicar direitos, convocar, articular e expor a indignação" (FERREIRA, LIMA, 2020, p.2274). Neste contexto, Miguel, Marx, Arndt (2020) afirmam que a possibilidade de uso das plataformas digitais, como os *websites* e redes sociais, se mostra importante para a organização de manifestações relacionadas a movimentos políticos. Por conseguinte, temos outros eventos que sucederam o movimento Marcha das Vadias e que acabam reverberando nessa mesma lógica. "Tais transformações, por sua vez, é que vão caracterizar este novo período do feminismo brasileiro – em articulação com os feminismos de outras partes do globo" (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020, p.123).

Dentre eles, tem-se o movimento "Chega de Fiu Fiu"³³, que surgiu em 2013, lançado pela página do coletivo *Think Olga*³⁴, para mapear cidades e pontos que apresentavam maior risco de assédio às mulheres. A campanha surgiu nas redes e reverberou nas vivências cotidianas das mulheres. Isso se deu quando, em 2014, foi lançado um mapa interativo, que localizava os pontos com maior incidência de assédio às mulheres (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020). Além disso, criou-se uma cartilha³⁵ que visava ajudar as mulheres a denunciarem e lidarem com o assédio sexual. Hoje o mapa interativo não está mais disponível, mas o movimento ainda possui páginas em redes sociais como o *Facebook*³⁶ que, mesmo desativada desde 2015, ainda conta com 66.484 *likes*. Além disso, em 2018, foi lançado um filme³⁷ que aborda a temática. Através de imagens coletadas com câmeras escondidas, o dia a dia de três mulheres é utilizado para demonstrar como a violência de gênero é constantemente praticada no espaço urbano. O filme surgiu a partir da inspiração das diretoras Amanda Kamanchek Lemos e Fernanda Frazão no movimento encabeçado por Juliana de Faria, criadora principal da #ChegaDeFiuFiu³⁸. Ao entenderem a importância que a

³² Aqui temos alguns exemplos, com as páginas do coletivo no *Facebook* das cidades de São Paulo <<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP/>>, Belo Horizonte <<https://www.facebook.com/marchadasvadias/>> Brasília <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasdf/>> e Santa Maria <<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSM/>>. Acesso em 26 de março de 2021.

³³ <<https://thinkolga.com/projetos/chega-de-fiu-fiu/>> Acesso em 26 de março de 2021.

³⁴ <<https://thinkolga.com/>> Acesso em 26 de março de 2021.

³⁵ <https://thinkolga.com/wp-content/uploads/2020/04/ThinkOlga_Cartilha-Assedio.pdf> Acesso em 26 de março de 2021.

³⁶ <<https://www.facebook.com/chegadefiufiu/>> Acesso em 24 de março de 2021.

³⁷ Atualmente o filme está disponível no Globo Play, canal de *Streaming* da Rede Globo. <<https://globoplay.globo.com/chega-de-fiu-fiu/t/2kKvfzVvYR/>> Acesso em 26 de março de 2021.

³⁸ <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/05/27/interna_diversao_arte,683544/documentario-chega-de-fiu-fiu.shtml> Acesso em 12 de maio de 2021.

campanha estava tomando nacionalmente, as diretoras propuseram a produção da obra para Juliana, que aceitou participar do projeto juntamente com elas.

Em 2014, surgiu também a *hashtag* #NãoMereçoSerEstuprada. A movimentação iniciou através de manifestações da jornalista Nana Queiroz sobre os resultados de uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), intitulada “Tolerância social à violência contra as mulheres³⁹”. A informação que gerou maior polêmica nas redes sociais, indicava que 65%⁴⁰ dos entrevistados concordavam que mulheres que usam roupas que mostram o corpo mereciam ser violentadas. No dia 28 de abril daquele ano, Nana postou no *Facebook* uma foto com os dizeres “não mereço ser estuprada” escritos em seus braços⁴¹. Assim, ela deu o pontapé inicial para a campanha, que convidava pessoas a postarem fotos acompanhadas da frase (COELHO, BORTOLON, 2016; BORTOLON, *et al*, 2015). A jornalista recebeu o apoio da então Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff⁴², que ofereceu solidariedade e respeito à jornalista através de um *post* em seu *Twitter*. Assim,

mais que um compartilhamento comum da *hashtag* #nãomereçoserestuprada, tal fanpage se configurou como um espaço de luta de questões de gênero, reunindo ativistas e usuários comuns de todo país, onde o conteúdo superou a performance imagética das fotos e típica do protesto idealizado por Queiroz, trazendo também relatos de vivência, mobilização para denúncia à violência contra mulher e diversas outras questões que tangenciam a luta de mulheres e feminista (BORTOLON, *et al*, 2015, p.5).

Pouco tempo depois, em 2015, a campanha #VamosJuntas⁴³ foi lançada - também no *Facebook*. O movimento surgiu no Rio Grande do Sul a partir da movimentação da jornalista Babi Souza⁴⁴. A ideia era que as mulheres passassem a oferecer companhia umas às outras na rua como forma de proteção em relação às violências às quais estão suscetíveis, especialmente à noite e em lugares menos movimentados. "Desde então, por meio da *hashtag* #VamosJuntas, mulheres de todo o Brasil passaram a lançar seus relatos nas redes digitais para contar sobre suas experiências de oferecer companhia a outras mulheres nas ruas" (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020, p.123). Atualmente a página de Babi Souza no

³⁹<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf> Acesso em 12 de maio de 2021.

⁴⁰<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/maioria-acredita-que-mulher-tem-responsabilidade-em-casos-de-estupro-diz-ipea>> Acesso em 26 de março de 2021.

⁴¹ Na foto ela posa seminua em frente ao Palácio do Planalto.

⁴²<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-03/dilma-se-solidariza-com-criadora-da-campanha-nao-mereco-ser-estuprada>> Acesso em 26 de março de 2021.

⁴³<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/movimento-vamos-juntas-une-desconhecidas-contra-violencia.html>> Acesso em 24 de março de 2021.

⁴⁴ <<http://portal.eusoufamecos.net/diplomada-da-famecos-propoe-vamos-juntas/>> Acesso em 25 de março de 2021

*Facebook*⁴⁵ é pouco atualizada, mas conta com 423.121 seguidores e aborda algumas das pautas vinculadas ao movimento original. Além disso, um ano depois do surgimento da campanha, Souza (2016) lança o livro "Vamos juntas?: O Guia Da Sororidade Para Todas". Ela conta a história da criação do movimento e de como ele conquistou apoiadores no país todo, ajudando mulheres a enfrentarem as dificuldades em um mundo machista e patriarcal.

Ainda em 2015, também circulou nas redes a #MeuAmigoSecreto que surgiu no *Twitter* do Coletivo Não me Kahlo⁴⁶, a partir de uma construção espontânea e coletiva⁴⁷ (DE LARA *et al*, 2016). A #MeuAmigoSecreto foi inspirada nas festividades de fim de ano, em que são comuns as dinâmicas de "amigo secreto"⁴⁸, que se tornou muito comum nos ambientes corporativos e familiares⁴⁹. Bruna de Lara, membro do Coletivo Não me Kahlo, relembra:

Uma menina reclamava do amigo secreto que havia tirado no sorteio, que não lhe agradava. Inspiradas no formato de seu microrrelato, resolvemos fazer uma série de tweets que trouxessem uma perspectiva feminista à situação. [...] O primeiro tweet que publicamos foi "Meu amigo secreto diz que aborto é assassinato, mas pediu pra namorada abortar quando engravidou". [...] Imediatamente após a publicação dos tweets, nossas seguidoras começaram a nos mandar as próprias histórias. Depois, postamos um desses tweets na nossa página do Facebook e perguntamos: o que vocês fariam para o seu amigo secreto? Recebemos vários comentários seguindo o mesmo formato. Foi apenas no dia seguinte, porém, que ficamos sabendo da dimensão que aquilo havia tomado. Transformaram "meu amigo secreto" em *hashtag* e, por meio dela, milhares de mulheres estavam compartilhando seus relatos, interagindo e se conectando com as histórias umas das outras. (DE LARA, *et al*, 2016, posição 155)

A #MeuAmigoSecreto foi uma maneira que as mulheres passaram a ter, através das redes digitais, de denunciar situações cotidianas que as deixavam desconfortáveis ou, até mesmo, feriam seus direitos e segurança. Sendo, portanto, mais uma forma que o movimento feminista e suas pautas possuíram de chegar nas pessoas⁵⁰.

⁴⁵ <<https://www.facebook.com/ababisouza/>> Acesso em 28 de março de 2021.

⁴⁶ <<https://twitter.com/naokahlo>> Acesso em 25 de março de 2021.

⁴⁷ O Não me Kahlo é um Coletivo feminista que pretende criar, nas plataformas digitais e no ambiente off-line, conteúdos para difundir conhecimento sobre questões de gênero. <<https://naomekahlo.com/>> Acesso em 25 de março de 2021.

⁴⁸ A brincadeira consiste em que cada participante sorteie um nome dentre os participantes da dinâmica. Mas este não deve contar para ninguém quem foi o sorteado, e a ideia é que o segredo seja revelado no momento da entrega dos presentes.

⁴⁹ Entretanto, o que acontece é que começou-se a notar um grande número de mulheres desconfortáveis com a possibilidade da brincadeira, uma vez que seu "amigo secreto" poderia vir a ser algum colega ou parente nem tão agradável assim.

⁵⁰ Peço licença para falar em primeira pessoa neste momento, e relatar que foi em 2015, através da repercussão que a #MeuAmigoSecreto teve no *Facebook*, que tive meu primeiro contato com o movimento feminista, e passei a entender um pouco a respeito da importância que as pautas tinham não só para a minha vida individual, mas também para a vida de todas as mulheres ao redor do mundo.

Outra organização criada em 2015⁵¹, que se originou no off-line e acabou reverberando no on-line foi a *hashtag* #MulheresContraCunha. Em outubro de 2015, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 5069/13, de autoria do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha. O Projeto interferia na Lei 12.845/13 de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual, e pretendia, principalmente, limitar ainda mais o acesso à interrupção de gestação através do Sistema Único de Saúde (SUS) em casos nos quais a prática já era legalizada, além de colocar em perigo também a legalização da Pílula do Dia Seguinte.

Como resposta, foi criada a campanha virtual ‘Pílula fica, Cunha Sai’. Mais tarde, as organizadoras da campanha convocaram uma marcha de mulheres contra os posicionamentos de Cunha e o texto da PL em frente à ALERJ (Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro). Dessa forma, a ‘Mulheres Contra Cunha’, aliou a organização via redes sociais à estratégia de rua e angariou apoio nacional nas redes sociais, produzindo a *hashtag* e o movimento Mulheres Contra Cunha⁵² (COELHO, BORTOLON, 2016). Conforme afirmam Ana Paula Coelho e Bianca Bortolon (2016, p.1), "#MulheresContraCunha reuniu militantes, feministas e vários setores sociais em uma luta que se converteu contra as diversas práticas conservadoras do deputado".

Mais tarde, em 2018, outro movimento que ganhou destaque nacional foi o movimento #EleNãO. A iniciativa começou dentro do grupo de *Facebook* "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro", que chegou a reunir mais de 3,8 milhões de membros, em oposição ao então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, pela Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos (PSL/PRTB). Bolsonaro - hoje presidente do Brasil - antes mesmo de direcionar sua carreira política à disputa pelo mais alto cargo do poder executivo, já era autor de falas e atitudes controversas, machistas, racistas e misóginas⁵³. À época do primeiro de seus sete mandatos enquanto Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, sendo filiado ao Partido Democrata Cristão (PDC), em 1992, Bolsonaro afirmou que o número de mortes no

⁵¹ "A campanha ‘Mulheres Contra Cunha’ integra o cenário que ficou conhecido como Primavera Feminista de 2015, em alusão à onda de protestos da Primavera Árabe em 2011, onde a questão central girava em torno da insatisfação de diversos cidadãos do Oriente Médio com os governos em vigência. A Primavera Árabe chamou a atenção do mundo especialmente por conta do expansivo uso das novas tecnologias de informação e comunicação (nTICs), que possibilitou que os grupos ativistas criassem seus próprios meios de comunicação paralelos aos meios de mídia operados pelo Estado" (COELHO, BORTOLON, 2016)

⁵² <<https://www.facebook.com/mulherescontrac/>> Acesso em 25 de março de 2021.

⁵³ <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>> Acesso em 25 de março de 2021.

conhecido Massacre do Carandiru⁵⁴ deveria ter sido maior (CARTA CAPITAL, 2018; MEMÓRIAS DA DITADURA, 2020). Essa é, segundo reportagem da Carta Capital (2018), uma das primeiras falas de teor problemático, proferidas pelo político, que ganharam conhecimento público. Uma forma clara de punitivismo e violência contra os direitos humanos, que se agrava ainda mais quando consideramos que o Brasil não possui pena de morte prevista em lei, por exemplo. A partir de então, afirmações favoráveis ao fechamento do congresso, à tortura e à violência contra opositores políticos começaram a ser cada vez mais frequentes por parte do político (CARTA CAPITAL, 2018).

Ao longo do tempo, nesse mesmo sentido, seus posicionamentos de incitação à violência que mais chamaram atenção foram direcionados às mulheres e às parcelas LGBTQIA+ da sociedade. Uma de suas atitudes recentes de maior notoriedade ocorreu em 2016, quando da votação do *impeachment* da então Presidenta da República, Dilma Rousseff (PT), Bolsonaro, então Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, filiado ao Partido Social Cristão (PSC), dedicou seu voto a favor do *impeachment*⁵⁵ em homenagem⁵⁶ ao Coronel Brilhante Ustra, reconhecido pela justiça como torturador durante a ditadura militar brasileira (CARTA CAPITAL, 2018). Outra ocasião polêmica ocorreu em 2011, quando Bolsonaro afirmou, em um programa de televisão, que seus filhos jamais seriam *gays*, devido ao fato de terem recebido uma boa educação⁵⁷. A fala do então Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, filiado ao Partido Progressistas (PP) explicita que considera a homossexualidade uma consequência da má condução da família em relação à criação de um sujeito, e não simplesmente à orientação sexual de uma pessoa. Bolsonaro foi condenado em 2015 pela 6ª Vara Cível de Madureira, a pagar 150 mil reais em danos morais coletivos pelas declarações homofóbicas na ocasião (VITAL, 2021).

⁵⁴Em 2 de outubro de 1992, a intervenção violenta por parte da Polícia Militar, em uma penitenciária do Estado de São Paulo, que se deu após uma rebelião sair do controle, acarretou na morte de 111 detentos. Mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_do_Carandiru> Acesso em 07 de dezembro de 2021.

⁵⁵ O *impeachment* de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Se encerrou em agosto de 2016, com a cassação do mandato de Rousseff. Após isso, o então Vice-Presidente da República, Michel Temer, assumiu o cargo da colega e terminou o mandato até janeiro de 2019, quando passou a posse para Jair Bolsonaro (PSL). A justificativa para o processo de *impeachment* foi de que a presidenta havia cometido crime de responsabilidade pelas "pedaladas fiscais" e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso. Mais informações em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em 07 de dezembro de 2021.

⁵⁶ A fala rendeu a Bolsonaro um processo no Conselho de Ética da Câmara por quebra de decoro parlamentar, mas o caso foi arquivado meses depois. Ustra foi comandante do DOI-Codi em São Paulo, um dos maiores centros de repressão e violência da ditadura militar no Brasil. (CARTA CAPITAL, 2018)

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2021-jun-17/stj-decide-julgar-condenacao-bolsonaro-homofobia>> Acesso de 07 de dezembro de 2021.

Em forma de protesto às suas falas e também como manifestação contrária à sua candidatura e possível eleição, em outubro de 2018, perto do primeiro turno das eleições brasileiras, milhares de pessoas do Brasil e de diversos países do mundo, foram às ruas, mobilizadas pela campanha #EleNão (BULEGON, 2019; MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020). As manifestações ocorreram em mais de 110 cidades do Brasil e do mundo. Miguel, Mars e Arndt (2020) ainda lembram que o #EleNão foi a maior manifestação de mulheres da história do Brasil, chegando a levar 100 mil pessoas aos protestos.

Apesar de sua importância histórica, a manifestação não foi suficiente para impedir a vitória de Jair Bolsonaro. Desde sua posse ele vem exercendo uma governança pautada em uma agenda neoliberal, por meio de ações que precarizam as relações de trabalho, desvalorizam os direitos humanos e invisibilizam as minorias. Contexto que, por sua vez, exige da mobilização de mulheres uma participação cada vez mais atuante e articulada, deixando evidente que os feminismos brasileiros seguem vivos e necessários nos enfrentamentos ao conservadorismo brasileiro. (MIGUEL, MARX, ARNDT, 2020, p.127)

Diante de todas essas questões, que nos mostram o papel do feminismo nas lutas sociais vinculadas ao universo digital, percebemos a importância que os espaços da internet e das redes sociais vêm adquirindo para a abordagem de pautas que possuem as questões feministas e de gênero como centrais. Ainda que esses acontecimentos tenham propiciado um avanço social em relação às pautas feministas, precisamos lembrar que hoje, no início da década de 2020, não vivemos um momento tão favorável para as conquistas do feminismo quanto o que vivíamos em meados de 2015. Recentemente, mesmo considerando as inúmeras conquistas sociais e progressistas que ocorreram, como destacamos brevemente, o Brasil passou a vivenciar desafios cada vez maiores em relação aos direitos sociopolíticos das mulheres. Entretanto, é preciso ponderar que essas movimentações vinham se delineando muito antes da efetiva posse de Jair Bolsonaro na Presidência da República em 2019. É inegável o fato de que o político representa os ideais conservadores os quais o feminismo e outros movimentos lutam para erradicar, mas existe toda uma conjuntura social e política que está imbricada dentro da realidade que possibilitou a eleição de Jair Bolsonaro enquanto Presidente do Brasil.

4.3 O Neoconservadorismo Contemporâneo no Brasil

Eduardo de Albuquerque (2018, p.66) defende a hipótese de que Jair Bolsonaro foi eleito Presidente da República, em 2018, dentre outras questões, graças às *fake news* publicadas em sites de redes sociais, como o *WhatsApp*, *Twitter* e *Facebook* sobre assuntos

como, por exemplo, a "Ideologia de Gênero", o "*Kit Gay*" e a "Escola sem Partido". Tudo isso objetivando fortalecer um sentimento de pânico social em decorrência de uma suposta ameaça da "família tradicional brasileira". Nesse mesmo sentido, Fernando de Balieiro (2018, p.1) relata, por exemplo, que nos últimos anos "empreendedores morais diversos foram responsáveis por disseminar um pânico moral contra materiais didáticos escolares, programas educacionais e exposições artísticas que incluíam a abordagem das diferenças de gênero e sexualidade".

Esse cenário começa a se estruturar ainda em 2011, quando políticos de bancadas religiosas no país chamam a atenção para materiais didáticos elaborados pelo Ministério da Educação que faziam parte do Programa Escola Sem Homofobia e objetivavam combater a homofobia nas escolas (BALIEIRO, 2011, DE ALBUQUERQUE, 2018). Com a produção desses materiais, o Estado demonstrava reconhecer a necessidade de apresentar um projeto educacional voltado aos direitos humanos e que envolvesse a abordagem de gênero e sexualidade nas escolas, com a proposta de incentivar a educação sexual de jovens e adolescentes (BALIEIRO, 2011). Segundo De Albuquerque (2018, p.69), o projeto se fragilizou a partir da formação de "posicionamentos precipitados e infundados que propagavam informações inverídicas sobre ambos os temas, ao invés de esclarecimentos sobre seus conteúdos". Ou seja: *fake news*, utilizadas por grupos políticos conservadores como estratégia de campanha, foram orquestradas para propagar pautas conservadoras e preconceituosas, bem como para enfraquecer reivindicações progressistas.

Surgem, nesse sentido, grupos conservadores opositores que, em resposta às ações do governo, instauram o que podemos chamar de um "pânico moral coletivo", criado a partir da suposta nocividade do material produzido pelo governo para as crianças (BALIEIRO, 2018). Isso ocorre "a partir de um recurso discursivo estratégico: uma mudança na chave interpretativa na qual a expansão de direitos à população LGBT[QIA+] contida nas iniciativas governamentais era concebida como uma ameaça às crianças" (BALIEIRO, 2018, p.4). Nesse caso, ao invés de os grupos se apresentarem contrários aos avanços sociais conquistados pelos grupos minoritários, eles pontuam que esses avanços seriam nocivos para as crianças e jovens. O que acontece após os embates é que "a construção da ameaça às crianças revelou-se de intenso apelo à opinião pública, recebendo publicidade e tomando caráter passional, com consequências efetivas ao barrar iniciativas de combate à homofobia ou de respeito à diversidade sexual" (BALIEIRO, 2018, p.5).

Essas e outras ferramentas são utilizadas pelos grupos conservadores para a instalação do que Miskolci e Pereira (2019) chamam de uma "cruzada moral". Segundo eles, "mudanças

nas hierarquias de gênero e sexualidade geram campanhas pelas redes sociais no formato de uma cruzada moral. Cruzada iniciada por Bolsonaro em reação às conquistas dos movimentos minoritários" (MISKOLCI, PEREIRA, 2019, p.3). Um dos principais problemas dessa realidade, que ganha posição central neste momento, é que esses mecanismos, na verdade, possuem um objetivo em comum: deixar os cidadãos em situação de desigualdade em relação a acessos que deveriam ser básicos como, por exemplo, saúde, educação, etc. Essas "são desigualdades que, no caso de grupos historicamente subalternizados como pessoas LGBTI+, indígenas, negros e mulheres, ampliam sua vulnerabilidade, negando-lhes a garantia de vida e de dignidade humana" (MISKOLCI, PEREIRA, 2014, p.4).

Segundo Eduardo de Albuquerque (2018, p.71), embora o termo "Ideologia de Gênero" tenha sido formulado, inicialmente, no contexto da Igreja Católica latino americana, ele ganhou força no Brasil a partir de "tramitações do Plano Nacional de Educação de 2012 até sua aprovação em 2014 e encontrou espaço nas manifestações populares durante as votações dos Planos Municipais de Educação entre os anos de 2015 e 2016". E seria, de modo geral, uma espécie de resistência por parte dos grupos conservadores a respeito dos avanços contemporâneos em matéria de direitos sexuais e reprodutivos (MISKOLCI, CAMPANA, 2017). Nos últimos 10 anos aproximadamente, isso conquistou espaço como uma estratégia política eficaz. Como afirmam Miskolci e Pereira (2018, p.3): "em um cenário em que grupos políticos buscam restringir direitos humanos não é de se estranhar que façam uso de táticas sofisticadas que demandam astúcia analítica para identificá-las e ainda maior para contorná-las". Assim, mostra-se interessante compreendermos suas formas de agência para complementar o debate produzido ao longo deste trabalho.

O pensamento se estrutura a partir de grupos religiosos, e viabiliza a atuação de católicos e evangélicos conservadores, que se organizam para dificultar o progresso dos direitos sexuais e reprodutivos, o avanço de políticas públicas, e até mesmo para corroborar a censura. (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020). O termo foi apresentado, portanto, pelos grupos político-religiosos, principalmente, como uma "tentativa de "sexualizar precocemente" crianças e fazer do "homossexualismo" uma prática "normal". (DE ALBUQUERQUE, 2018, p.72). A proposição da Ideologia de Gênero enquanto uma estratégia política pode ser entendida, nesse caso, como "uma forma de incidir sobre processos políticos mesmo quando o que está em questão não são diretrizes públicas específicas" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 356), mas sim proposições que se movimentem em sentidos divergentes ao pretendido por agentes políticos religiosos conservadores.

Outro exemplo interessante nesse contexto, que inclui diretamente a figura do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, refere-se ao reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal, ainda em 2011 (CONJUR, 2021). Na ocasião, Jair Bolsonaro, então Deputado Federal do estado do Rio de Janeiro, "se voltou contra a distribuição de material anti-homofobia nas escolas, apelidando-o de "Kit Gay"" (MISKOLCI, PEREIRA, 2019, p.3). Esse foi também um instrumento bastante utilizado pelo político e seus apoiadores para propagar o que Miskolci e Campana (2017) e Balieiro (2018) chamam de "pânico moral". Para Balieiro (2018, p.3), instalou-se um "pânico moral que reflete a oposição a políticas de reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade e à crescente visibilidade das questões sobre diversidade sexual no Brasil". Sobre isso, Eduardo de Albuquerque (2018, p.70) afirma que as pressões que ocorreram nesse sentido são uma manobra política "para impedir que a homofobia fosse combatida nas escolas públicas, garantindo os interesses de lideranças político-religiosas conservadoras".

A Escola sem Partido, como pontuam Miskolci e Pereira (2019), também se enquadra nesse cenário. O grande problema desse dispositivo está no fato de que ele se torna uma ameaça à liberdade conquistada pelos movimentos progressistas, "e delineia uma recusa ao pensamento crítico e às teorias e descobertas das ciências" (MISKOLCI, PEREIRA, 2019, p.3). Outro exemplo interessante são as ações que visam inviabilizar o Sistema Único de Saúde (SUS) - o que se torna especialmente grave no momento em que vivemos em 2021 (MISKOLCI, PEREIRA, 2019). Além de ser, é claro, uma questão que diz respeito à saúde pública da população brasileira, coloca em jogo direitos como o acesso ao aborto seguro (que é permitido no Brasil somente em alguns casos), o atendimento a vítimas de violência sexual e, até mesmo, o acesso a processos de redesignação sexual, que são oferecidos pelo SUS gratuitamente e foram conquistados a partir de lutas históricas sociopolíticas.

Além disso, o surgimento e fortalecimento de segmentos políticos católicos e evangélicos pentecostais pode ser considerado como um dos principais fatores para as novas tensões sociais de gênero desse momento. "Os setores pentecostal e católico [assim como o feminismo] também adotam uma política de identidade e representação, mas com uma agenda de defesa da liberdade religiosa, da família e da moral sexual cristã" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 172). No contexto brasileiro, há um agravante em relação a existência de influência religiosa em movimentações políticas: desde o Decreto N° 119-A, de 7 de janeiro de 1890⁵⁸, o Brasil foi definido enquanto um Estado Laico (BRASIL,

⁵⁸Revogado pelo decreto no 11, de 18 de janeiro de 1991 pelo então Presidente Fernando Collor de Mello e revigorado pelo decreto n° 4.496, de 4 de dezembro de 2002, pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso.

1890). O que significa que o país promove a separação entre Estado e religião. Não permitindo "correntes religiosas em assuntos estatais, nem privilegiaria uma ou algumas religiões sobre as demais. O Estado laico trata todos os seus cidadãos igualmente, independentemente de sua escolha religiosa, e não deve dar preferência a indivíduos de certa religião" (SILVA, 2017). Conforme pontua Sandra Duarte de Souza (2013, p.179), "a participação mais visível e mais agressiva dos evangélicos no mundo da política tem gerado um amplo debate na sociedade brasileira e tem colocado novos (ou antigos?) questionamentos à laicidade do Estado".

As mulheres (e outras camadas minorizadas da sociedade) conquistaram possibilidades e direitos que antes lhes eram negados como, por exemplo, "a permissão para o aborto, o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a aprovação de leis de identidade de gênero, [que] tiveram como consequência não intencional o surgimento de estratégias, discursos e atores renovados no campo conservador" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 431). Deste modo, as movimentações conservadoras religiosas da sociedade se articularam na perspectiva de limitar o usufruto dessas conquistas de forma a manter as estruturas já instituídas. Eduardo de Albuquerque (2018) ressalta que grupos políticos que compõe a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) se colocam favoráveis ao combate aos direitos sexuais e reprodutivos em nome da defesa do que podemos chamar de "família tradicional", ou seja: a definição patriarcal e heteronormativa de família. Essa bandeira se perpetuou ao longo da última década de tal forma até culminar no "pleito eleitoral de 2018, contribuindo para a vitória do candidato Jair Messias Bolsonaro, nacionalmente conhecido por sua oposição aos direitos das reprodutivos mulheres e direitos sexuais de pessoas LGBTIQ+" (DE ALBUQUERQUE, 2018, p.68).

Para Flávia Biroli, Juan Vaggione e Maria das Dores Machado (2020, posição 295), a "autonomia reprodutiva e direitos sexuais deslocam sentidos e hierarquias que organizam a ordem patriarcal na modernidade, como a santificação da maternidade e a definição da reprodução como o fim único da união conjugal entre dois adultos", por exemplo. Isso significa dizer que heteronormatividade, maternidade compulsória e direitos reprodutivos são alguns dos exemplos que estão, majoritariamente, relacionados com as pautas relacionadas à vertente patriarcal que estrutura a nossa sociedade. Ainda que existam obras como, por exemplo, *The Handmaid's Tale*, que se contraponham a isso, existe, também, no campo midiático e social, uma estrutura que se organiza de forma a manter a realidade como está e se opõe a qualquer movimento que vise ocasionar mudanças sociais. Essas problematizações são feitas, muitas vezes, por membros de grupos religiosos que questionam a descentralização

do papel da família heteronormativa nuclear na sociedade. Com o fortalecimento progressivo dos movimentos em prol da libertação das parcelas minorizadas da população, a religião vê sua principal instituição "em perigo": a família.

Sandra Duarte de Souza (2013, p.179) pontua que os segmentos católicos e evangélicos têm se destacado na política do país, a partir da interferência no voto dos eleitores, principalmente por meio de "campanhas eleitorais de candidatos mais afeitos aos seus interesses políticos e religiosos, posicionando-se contrariamente à candidatura de pessoas que destoem desses interesses, incentivando ou obstaculizando o desenvolvimento de políticas públicas, etc". Essas organizações conservadoras se movimentam, por exemplo, em articulação com as conquistas geradas pelos novos movimentos feministas e LGBTQIA+ na América Latina, "que levou alguns atores religiosos a adaptarem suas estratégias e seus argumentos para maximizar a influência nas formas de regular a sexualidade" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 417).

Nessa lógica, Souza (2013) ressalta que o tema da sexualidade define, de forma muito intensa, a pauta política dos parlamentares evangélicos, e esse movimento deixa as tensões entre Igrejas e Estado ainda mais explícitas. Segundo a autora, "há uma nítida intensificação da participação política dos evangélicos, em especial dos pentecostais e neopentecostais, e isso se evidenciou no processo eleitoral de 2010 para a presidência da República" (SOUZA, 2013, p.184). Curiosamente, esse foi o ano em que uma mulher foi eleita para ocupar o mais alto cargo do poder executivo⁵⁹ no Brasil pela primeira vez. Ainda segundo a autora, essa maior participação religiosa na política perpassa, de modo muito forte, as negociações por poder que se dão entre os grupos progressistas e conservadores no país (SOUZA, 2013).

Sendo a mulher membro protagonista dos cuidados desta família heteronormativa hegemônica, é de interesse dessas instituições que a figura feminina esteja dentro de casa realizando atividades referentes ao lar, sem questionar o que existe por trás disso. Nesse momento é importante elucidar que partimos, aqui, da compreensão de que existe, no mundo, e mais especificamente no Brasil, um binarismo social de gênero que difere as tarefas e posições sociais de homens e mulheres. O que significa dizer que aos homens são designadas as funções de autoridade, relativas ao espaço público, ao mercado de trabalho e ao dinheiro. Já a mulher, tem sua posição social construída cultural e historicamente vinculada ao espaço doméstico e ao cuidado.

⁵⁹ O primeiro mandato de Dilma Rousseff (PT), primeira Presidenta mulher do país, ocorreu entre os anos de 2010 e 2014. O referido *impeachment* se deu após sua reeleição para um segundo mandato, previsto para ocorrer entre os anos de 2014 e 2018. Em 2016 o mandato da política foi encerrado graças ao processo de *impeachment* que colocou Michel Temer (PMDB) à frente do país.

Entendemos essa perspectiva, que vem sendo estimulada pelos grupos políticos e sociais religiosos conservadores, como danosa para o usufruto de diversos direitos pessoais, profissionais e de cidadania das mulheres e de outras parcelas minorizadas da sociedade. Existe uma violência de gênero impressa na imposição desses comportamentos que é gerada pelas ações machistas e sexistas do patriarcado. Isso passa inevitavelmente pelo âmbito de um problema central para essa pesquisa: não é do interesse das sociedades patriarcais que as mulheres ocupem posições de poder que são, socialmente, atribuídas aos homens. Sejam elas de cunho político, profissional ou até mesmo pessoal/privado.

Dentro disso estão tensões associadas, por exemplo, aos direitos reprodutivos, sexuais e políticos das mulheres. Quando abordamos a forma como a questão de gênero é tratada na sociedade conservadora de modo geral, devemos entender que ela atende a lógica capitalista patriarcal do mercado que, majoritariamente, visa situar a mulher em uma posição de subalternidade e subjugação. Se o Governo de um país possui direcionamentos conservadores de modo geral, é pouco provável que esse cenário siga se transformando no sentido libertário às mulheres e LGBTQIA+. Como é o caso, por exemplo, do que vem acontecendo no Brasil mais expressivamente desde 2016 (após o *Impeachment* de Dilma Rousseff e posse de Michel Temer) e, mais intensamente ainda, após a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Em 25 de novembro de 2018⁶⁰, em um evento que ocorreu na sede da ONU, em Nova Iorque, Estados Unidos, o secretário-geral da ONU, António Guterres, referiu-se à violência de gênero como uma pandemia global⁶¹. Isso mostra que, ainda que exista evolução na realidade da mulher na sociedade, essa situação ainda está longe de mudar. Quando se tem um movimento político religioso que batalha em prol do que podemos chamar de "moral da família cristã", entendemos que há uma tentativa de retirar direitos políticos e sociais das mulheres que foram conquistados a partir de lutas históricas. Isso é sustentado por valores machistas, patriarcais e misóginos que há muito predominam em nossa sociedade. "Ideologia e iniciativas conservadoras tendem a aparecer quando segmentos sociais minoritários que desafiam a ordem estabelecida se fortalecem a ponto de ameaçar os fundamentos ideais e materiais das instituições" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 369).

Ainda conforme pontua Souza (2013), não podemos fazer afirmações apressadas no sentido de entender os grupos católicos e evangélicos como coesos, direcionados às mesmas pautas. Da mesma forma que existem diferenças dentro das lutas feministas, podemos observar pontos de encontro e desencontro nas proposições político-religiosas também.

⁶⁰ A data é lembrada como o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher.

⁶¹ Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2018/11/1648231>> Acesso em 15, jun, 2021.

Porém, a autora ressalta a ideia de que dentre os debates desses grupos, "no que tange aos temas mais diretamente ligados à sexualidade, pode-se verificar uma maior propensão ao conservadorismo moral" (SOUZA, 2013, p.184). Assim como, no feminismo, por exemplo, podemos notar a emancipação feminina como uma máxima que busca ser atingida a partir de diferentes meios.

De um modo geral, o ponto de interesse desses grupos vai de encontro às questões propostas por coletivos progressistas, por exemplo. Essas organizações conservadoras buscam, "delimitar o Estado como espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo" (MISKOLCI, CAMPANA, 2017, p.743). De modo geral, destacamos que essas movimentações político-religiosas podem ser chamadas, de acordo com Biroli, Vaggione e Machado (2020) de neoconservadorismo. Termo formulado inicialmente na segunda metade do século XX,

para descrever as reações de intelectuais conservadores dos anos 1970 aos movimentos de contracultura. A partir de então, seria utilizado não apenas para descrever o modo como as ideologias conservadoras se definiriam no contexto estadunidense, mas para lançar luz sobre os tipos de coalizões políticas estabelecidas entre diferentes atores – religiosos e não religiosos – visando manter a ordem patriarcal e o sistema capitalista (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 386).

Entendemos, portanto, que esta é uma realidade ligada a inserção de pautas religiosas e conservadoras no governo que vai de encontro às movimentações de cunho feminista, de gênero e ligadas à libertação das camadas minorizadas da sociedade. Isso coloca em risco diversas conquistas realizadas por importantes movimentos sociais não só contemporâneos, mas históricos num todo. "O neoconservadorismo pode, assim, ser analisado como uma lógica normativa e disciplinadora interiorizada pelos sujeitos contemporâneos, conformando-os ao 'princípio universal da concorrência'" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 401). Assim, este cenário provoca preocupações para a manutenção dos avanços sociais contemporâneos, principalmente quando percebemos que este movimento se desenvolve em um momento histórico marcado pelos avanços dos movimentos feministas, LGBTQIA+, e etc (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020).

Miskolci e Pereira (2019, p.2) pontuam que a realidade sociopolítica conservadora recente visa desestruturar os valores de igualdade e universalidade alcançados, para fragilizar progressivamente as estruturas desses movimentos. O que estaria relacionado com o avanço desses grupos anti-igualitários que se movimentam a partir de percepções bastante conservadoras, das quais algumas já foram debatidas neste trabalho. Nessa lógica, o que se

tem é que "no conflito entre anti-igualitários e apoiadores dos subalternizados, o ataque mais visível tem sido às mudanças nas relações de poder na esfera do gênero e da sexualidade" (MISKOLCI, PEREIRA, 2019, p.2). E, considerando a formação de uma organização política conservadora no Brasil nos últimos anos, pontuamos que o atual presidente Jair Messias Bolsonaro, "cristaliza a aliança entre setores religiosos mais conservadores, grupos de interesse econômico neoliberais, militares do exército" (MISKOLCI, PEREIRA, 2019, p.4). O campo político conservador ganha espaço, dentre outras questões, quando - assim como fizeram as feministas - se volta para as redes sociais para catalisar seus processos de tomada de poder. Nesse momento, falas e ações preconceituosas e discriminatórias se articulam para chegar àqueles que pensam da mesma forma.

Nessa continuidade, Richard Miskolci e Pedro Paulo Pereira (2018, p.2) afirmam que desde acontecimentos como o "*impeachment* da primeira presidenta mulher de nossa história, crise econômica e desemprego" e muitos outros, o Brasil sofre com "um clima de frustração coletiva com os políticos e com o governo". O que reverbera nas articulações do movimento feminista. Diante desse cenário, "grupos passaram a se organizar contra as diferenças que têm modificado hierarquias de gênero e trazido maior visibilidade e reconhecimento da diversidade sexual" (MISKOLCI, PEREIRA, 2018, p.2). Assim, na mesma medida que as organizações feministas conquistaram espaços nos ambientes de luta, outros grupos vêm adquirindo representatividade sociopolítica. Dentre eles, organizações religiosas neoconservadoras.

Portanto, pode-se afirmar, a partir do exposto nesse capítulo, que o Brasil vive um momento muito delicado no que diz respeito às pautas dos grupos minorizados, o que inclui reivindicações e políticas voltadas aos direitos das mulheres, por exemplo. Essa lógica deixa resultados importantes e que podem ser entendidos como contribuintes para a tomada de poder de grupo religiosos no governo, como é o caso da nomeação de Damares Alves, uma Pastora Evangélica, para o Cargo de Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do Governo Federal Brasileiro em 2019, por exemplo. "A política estabelecida por esses atores religiosos projeta e impacta os debates públicos na maioria das sociedades latino-americanas" (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020, posição 179), e no Brasil isso não é diferente.

Richard Miskolci e Pedro Paulo Gomes Pereira (2019, p.3) afirmam que, por exemplo, o "Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos reforça o direcionamento das políticas de educação e saúde em direção contrária às necessidades da população LGBTI+ e aos direitos sexuais e reprodutivos como um todo". Alguns desses pontos se tornam mais

marcantes por alcançarem visibilidade mundial, como, por exemplo, quando ainda em 2019, a ministra Damares Alves, ao discursar no Conselho De Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU)⁶², proferiu afirmações que deslegitimavam diversas pautas do movimento feminista, como é o caso da luta pela libertação e/ou descriminalização do aborto. Essa e outras ações do governo de Jair Bolsonaro sugerem um projeto institucional de implementar políticas que colocam em jogo diversas conquistas feitas, ao longo de décadas, pelas ativistas do movimento feminista.

Outro exemplo pertinente ocorreu no dia 08 de março de 2021, dia internacional da mulher, quando o Brasil não endossou uma declaração da ONU pelo Dia Internacional da Mulher⁶³. O documento foi assinado por 50 países e aborda a proteção dos direitos das mulheres no globo, buscando avanços em ações de igualdade de gênero⁶⁴. Em contrapartida, o governo brasileiro optou por se aliar à países conhecidos pelos seus líderes ultraconservadores⁶⁵, como a Polônia e a Hungria, ou que possuem um grande histórico de denúncias de violações de direitos humanos, como Arábia Saudita, Egito, Rússia e China (CHADE, 2021a; G1, 2021). Essa união visa interferir nos direitos reprodutivos das mulheres, sob a justificativa de defender papel da família como unidade fundamental da sociedade, levando o nome de Consenso de Genebra⁶⁶. A proposta foi lançada ainda sob a liderança de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos da América. Entretanto, com a eleição presidencial de Joe Biden em dezembro de 2020⁶⁷, o país se retirou do Consenso e então a liderança do grupo passou a ser assumida pelo governo brasileiro (CHADE, 2021b).

Mais uma questão vinculada ao atual governo brasileiro que tem movimentado polêmicas nas redes sociais se relaciona com o Projeto de Lei 5435/2020, de autoria do senador Eduardo Girão (Podemos-CE)⁶⁸. O PL pretende retirar a legalização do aborto em casos de estupro, de gestação que coloca em risco de vida a mulher e quando o feto é anencéfalo (BRASIL, 1940). A proposição visa instituir o "Estatuto da Gestante", e começou a ser chamada de "bolsa estupro" nas redes sociais. A ideia é incentivar as vítimas de estupro

⁶² <http://funag.gov.br/images/Nova_politica_externa/Damares_CDH_NPE.pdf> Acesso em 28 de março de 2021.

⁶³ <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/08/brasil-nao-adere-a-ato-de-60-democracias-na-onu-pela-defesa-das-mulheres.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 28 de março de 2021.

⁶⁴ <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/08/brasil-fica-de-fora-de-declaracao-conjunta-com-mais-de-50-paises-pelo-dia-internacional-da-mulher-na-onu.ghtml>> Acesso em 28 de março de 2021.

⁶⁵ <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/10/brasil-assina-declaracao-sobre-defesa-do-acesso-das-mulheres-a-promocao-da-saude>> Acesso em 31 de maio de 2021.

⁶⁶ <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/14/brasil-choca-com-proposta-na-onu-sobre-direitos-da-mulher.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 30 de março de 2021.

⁶⁷ <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/14/colégio-eleitoral-oficializa-vitoria-de-joe-biden-como-presidente-eleito-dos-eua.ghtml>> Acesso em 30 de março de 2021.

⁶⁸ <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/145760>> Acesso em 30 de março de 2021.

a não abortarem, para receber um auxílio financeiro oferecido pelo programa de "suporte subsidiário que assegure o nascimento da criança concebida" (UOL, 2021). Além disso, o PL não apresenta nenhuma política pública efetiva que garanta os direitos devidos às mulheres, "pelo contrário, o PL viola os direitos das mulheres, principalmente no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva" (ANDES, 2021).

Para Richard Miskolci e Pedro Pereira (2018, p.3) "tais movimentos buscam impedir avanços que garantam equidade a grupos sociais historicamente subalternizados, mantidos no limbo da cidadania como se não fossem dignos do direito à própria vida ou a decisões sobre seu próprio corpo". Com isso, está claro que colocar em jogo os direitos reprodutivos e sexuais da mulher é uma das proposições não só do atual governo federal brasileiro, mas de grande parte das representações políticas de grupos conservadores. Tudo isso nos leva a querer entender como se dão, hoje, os espaços que se colocam como questionadores e de resistência a estas ações.

Estes casos foram citados aqui não por serem mais ou menos importantes do que outras problemáticas que também surgem no Brasil nos últimos anos em relação às questões de gênero e feminismo, mas por comporem a pauta mais recente do debate referente a essas questões, em meados de 2021. Esses acontecimentos são vinculados a grupos políticos, econômicos e ideológicos que, no cenário atual do Brasil, representam interesses de grupos que buscam uma retirada de direitos para setores minorizados socialmente. Diante deste contexto, assim como as organizações feministas vêm conquistando espaço, os grupos religiosos neoconservadores também crescem em articulações políticas nos últimos anos no Brasil.

É, portanto, na percepção deste contexto complexo, que esta pesquisa se movimenta na busca pelo entendimento de como as percepções sobre a conjuntura sociopolítica e de gênero acabam reverberando em suas leituras e experiências com os produtos midiáticos consumidos. *The Handmaid's Tale* aborda uma trama na qual os Estados Unidos da América viviam uma realidade semelhante à essa até o momento em que, graças a um golpe de estado, um grupo político totalitário religioso toma conta do poder federal. A partir dessa ação, organiza-se a sociedade com base em preceitos machistas e patriarcais, posicionando as mulheres - e parte da população em geral - em situações de extrema violência e retirada de direitos civis, pessoais, profissionais, reprodutivos e sexuais.

Há uma percepção, que vem conquistando força, de que cada vez mais as produções ficcionais distópicas podem ser entendidas enquanto obras que espelham questões que concernem nossas sociedades, e seus desafios em geral, em suas tramas. A hipótese desse

trabalho é justamente que o universo ficcional distópico de *The Handmaid's Tale* se encaixa neste contexto, onde uma história ficcional aborda, de modo crítico, direto e indireto, tensões sociais e políticas do mundo.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Compreendendo o conceito de cultura como um processo que dimensiona os modos de vida em sociedade, em um sentido análogo ao proposto por Raymond Williams (1979), nesta pesquisa nos debruçamos a observar a relação entre comunicação e cultura como dinâmica e em constante transformação. No que diz respeito à comunicação midiática, importa entendê-la a partir da ambiência que se articula da intermediação entre cultura e sociedade, constituindo um dos mais importantes espaços para a construção de sentidos, percepções e visões de mundo, sendo, portanto, um campo de disputa e de relações de poder.

Contemporaneamente, as formas de apropriação e produção de conteúdo dentro das redes sociais se enquadram como um processo dinâmico e relacional, protagonizado pelos sujeitos que constroem este espaço. Nesse contexto, a teoria das mediações, formulada por Jesús Martín-Barbero, mostra-se como importante ponto de partida para compreendermos usos que os sujeitos fazem das redes sociais digitais e, mais especificamente, nas percepções que eles constroem sobre si e sobre o mundo a partir de suas vivências no ciberespaço. A complexidade desses processos sugere a construção de um aporte teórico-metodológico que extrapola o ferramental e torna possível refletir desde a construção do objeto até a proposta analítica.

Neste capítulo abordaremos duas perspectivas vinculadas à etnografia: iremos aliar o sentido instrumental (levantamento, manuseio e organização de dados) presente na proposta Netnográfica de Robert Kozinets (2014), com a proposta teórica e conceitual da Etnografia para Internet de Christine Hine (2000). Para isso, as proposições de autoras como Jiani Bonin (2016), Raquel Recuero (2009), Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), Mariza Peirano (2014), dentre outros, serão somadas às anteriores de maneira a refletir sobre a predominância dos usos dos aparatos tecnológicos na atualidade até as consequências nos processos culturais e sociais que permitem a construção de um novo sensorio envolvente (MARTÍN-BARBERO, 2014).

Neste sentido, serão descritos no capítulo os processos que constituem a pesquisa desde sua problematização até seu momento final, quando será realizada a análise das apropriações e construções de sentidos feitas pelos membros do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil sobre as possíveis relações entre as situações presentes na trama e a realidade sociopolítica e de gênero brasileira. Nesta pesquisa, são realizadas uma observação exploratória e uma observação participante - com objetivo de compreender as dinâmicas predominantes no grupo. Para análise específica dos participantes do grupo, seu perfil, seus

usos e percepções sobre o conteúdo compartilhado na rede, foi aplicado um questionário e realizadas entrevistas semi-estruturadas.

5.1 As Redes Sociais e a (N)Etnografia

Ao refletir sobre as pesquisas realizadas no âmbito das redes sociais digitais na contemporaneidade, Jiani Bonin (2016, p.215) reitera a importância de pensá-las inseridas no contexto de midiatização social. Para ela, este é um processo relacionado com a expansão midiática e tecnológica que se estabeleceu no mundo no século XX, e se consolidou no século XXI, alterando as lógicas e estruturas das sociedades contemporâneas. Raquel Recuero (2009) tem uma proposição semelhante e entende que os fenômenos ligados à midiatização representam uma mudança muito importante nas formas como nos relacionamos enquanto sociedade e entende que o advento da comunicação mediada pelo computador é um divisor de águas nesse cenário. Essa forma de comunicação, que é feita a partir de um computador, por meio de redes sociais digitais, "mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão" (RECUERO, 2009, p.16).

Nesse cenário, a pesquisa empírica deve ir em busca de compreender as formas de agência da midiatização nas muitas instâncias da vida social, uma vez que, a partir disso, e "vinculados ao atravessamento das mídias, foram se constituindo sensibilidades, culturas, identidades e modos de vida midiatizados" (BONIN, 2016, p.215). Nessa lógica, a investigação sobre as apropriações midiáticas precisa ser problematizada, para que seja possível uma compreensão a respeito do lugar ocupado pelos sujeitos no processo comunicacional. Bonin (2016) ainda ressalta que existe a necessidade de construir desenhos investigativos que tenham os processos de globalização e midiatização em uma posição crucial, o que deve considerar a ideia de que os sujeitos se situam histórica e contextualmente, sendo as apropriações e as interações nas redes atravessadas por outras experiências midiáticas vivenciadas de modo anterior e concomitante. Neste sentido, Raquel Recuero (2009) afirma que as redes sociais conectam muito mais do que computadores entre si, elas conectam pessoas e sociedades. Assim, a tecnologia, as novas mídias e as novas formas de sociabilidade são questões que implicam em novas necessidades teórico-metodológicas. Realizar investigações acadêmicas dentro do contexto contemporâneo é uma tarefa complexa, que nos leva, enquanto pesquisadoras, a terrenos muitas vezes inexplorados. "Para entender um fenômeno é necessário observar não apenas suas partes, mas suas partes em interação" (RECUERO, 2009, p.17).

É por todo o exposto que devemos destacar aqui que o esforço não está voltado apenas para o estudo do âmbito das redes sociais, mas sim para as relações e apropriações ali estabelecidas, que, por sua vez, fazem parte e interagem com um contexto social e cultural mais amplo. Por muito tempo a preocupação das pesquisas acadêmicas estava voltada para a ideia de compreender os fenômenos sociais a partir do estudo de suas partes de forma separada. Entretanto, desde o início do século passado, surgem investigações que compreendem fenômeno social como constituído a partir das interações entre as partes (RECUERO, 2009). Esses estudos são atualizados com o passar do tempo e com o desenvolvimento tecnológico vivenciado pelas sociedades, mas há uma percepção que permanece inalterada: que as interações e relações sociais, construídas e desenvolvidas pelos sujeitos através das plataformas midiáticas e comunicacionais, são as protagonistas dessa realidade.

5.2 Etnografia Como Percurso Metodológico em Pesquisas na Internet

Com a alteração dos parâmetros de compreensão de realidade a partir de práticas sociais vinculadas à internet, a demanda de novos caminhos de observação também se mostra expressiva. Esse contexto requer "que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar" (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p.13). Assim, a observação de redes sociais digitais a partir de uma perspectiva vinculada à etnografia se mostra uma perspectiva interessante. Para Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), as pesquisas que têm a internet como pano de fundo podem utilizá-la de três formas diferentes: como objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), como local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, também, como instrumento de pesquisa (ferramenta para coleta de dados). Nesse sentido, este trabalho compreende a internet a partir das três perspectivas propostas pelas autoras.

Nessa lógica, é importante pontuar também que "a experiência da internet é, sob diversos aspectos, muito individual. [...] Não podemos reivindicar que tenhamos a mesma experiência que qualquer outro usuário, já que cada um terá uma experiência única" (HINE, 2016, p.22). Assim, o percurso etnográfico e a forma como o pesquisador se posiciona, iluminam ou retiram o foco de determinadas questões, e alteram as maneiras de percebermos o trajeto da investigação. Não existem duas formas iguais de se chegar a determinados resultados e, as maneiras escolhidas por cada pesquisador em específico, dão luz a essa questão.

Para Mariza Peirano (2014, p.379), "a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar". Nas palavras da autora, a definição das etapas de uma pesquisa é feita a partir de diversos quesitos e dependem "da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem" (PEIRANO, 2014, p.379). A etnografia rejeita orientações pré-definidas pois o campo não se desenvolve em um espaço virtual, abstrato e fechado. Muito pelo contrário, ele se aprimora a partir dos encontros constantes com novos dados e experiências, resultando no que a autora chama de "bricolagem intelectual" (PEIRANO, 2014, p.381).

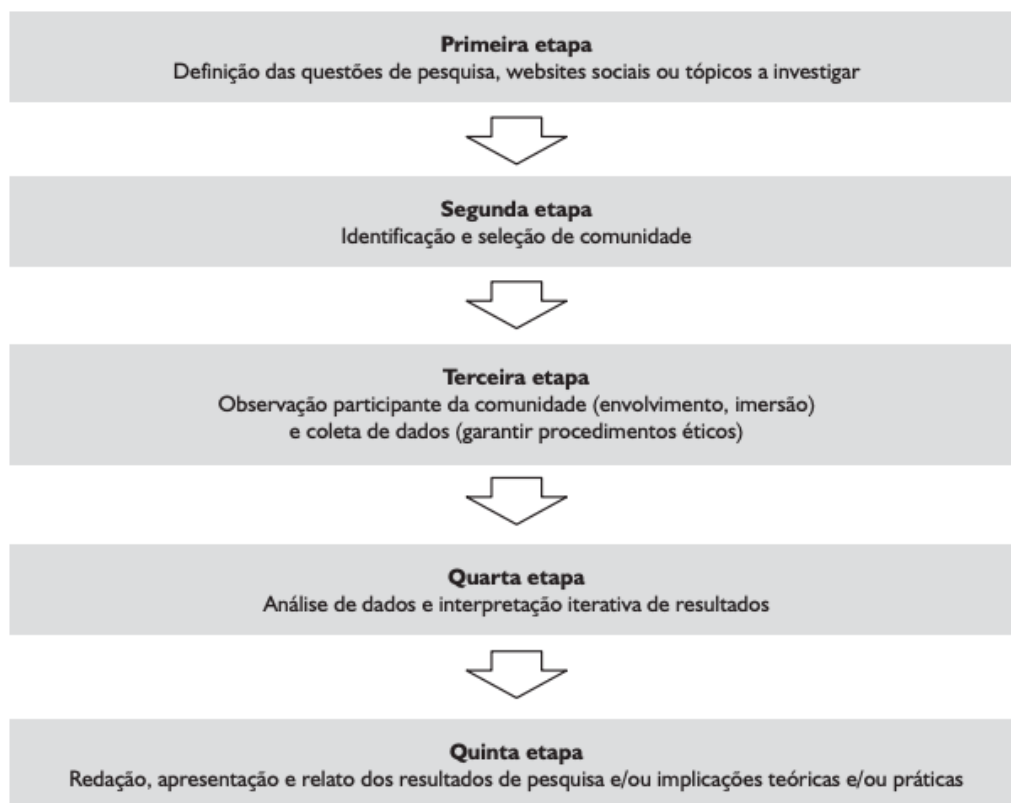
Portanto, considerando as diversas formas de se produzir um percurso metodológico a partir da etnografia, pretende-se aliar o sentido instrumental presente na proposta Netnográfica de Robert Kozinets (2014), com a proposta da Etnografia para Internet de Christine Hine (2000), que busca adaptar os pressupostos da perspectiva etnográfica, partindo do princípio de que os ambientes on-line e off-line estão indissociados e, mais do que isso, interligados. Em vista disso, considerando a necessidade de partirmos de um lugar de pesquisa que considere a complexidade do contexto social, seguimos os passos de Luiza Betat Corrêa (2019), e utilizaremos a proposta de Christine Hine como aporte de pesquisa e a de Robert Kozinets como forma de levantamento, manuseio e organização de dados.

Sendo as tecnologias digitais uma parte cada vez mais intrínseca da vida cotidiana, e não uma esfera separada de existência social, Hine (2016) vê os universos on-line e off-line como indissociados. Segundo ela, as transformações sociais da contemporaneidade criam desafios para a prática etnográfica, principalmente dentro dos estudos de mídia. Isso mostra um sentido muito profundo que a mídia assume para os sujeitos, de forma que os pesquisadores que optam por essa vertente são capazes de explorar a mídia como participante da vida cotidiana (HINE, 2016). Entretanto, ainda que observar os sentidos que os sujeitos constroem na mídia seja relevante, não podemos limitar nossa atenção às atividades on-line, ignorando o que se passa no contexto das práticas cotidianas. "Se focarmos somente nas atividades observáveis nos espaços on-line, perderemos de vista a contínua recirculação do conteúdo" (HINE, 2016, p.14). Cada vez mais, as atividades que os sujeitos desempenham em suas vidas privadas acabam fazendo parte de suas vivências dentro do ambiente digital.

O termo Netnografia foi cunhado por Robert Kozinets (2014), a partir da junção dos termos 'net' e 'etnografia'. A proposição vem no sentido de adaptar o método etnográfico em relação, principalmente, à coleta e análise de dados provenientes do ambiente virtual, de forma a demarcar as adaptações do método para esse contexto. Torna-se, portanto, indicado

para designar formas de "padronização nos protocolos e procedimentos de pesquisa, em especial no que tange a vantagens da padronização para o reconhecimento das publicações dentro de um determinado tipo de periódico" (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p.201). Esse percurso pode ser aplicado aqui complementarmente, assumindo seu caráter instrumental, ou seja: como forma de levantamento, manuseio e organização de dados. Assim, são três as etapas mencionadas por Kozinets (2014) que servirão de aporte instrumental para este trabalho: Planejamento e Entrada, Coleta de Dados e Análise de Dados. Essas etapas estão descritas, da forma como o autor propõe, no fluxograma a seguir. Nele podemos observar uma esquematização do que significam as etapas da metodologia proposta por Kozinets (2014), a partir também de uma breve descrição de cada uma delas.

Figura 5.1 - Fluxograma das etapas de uma pesquisa netnográfica.



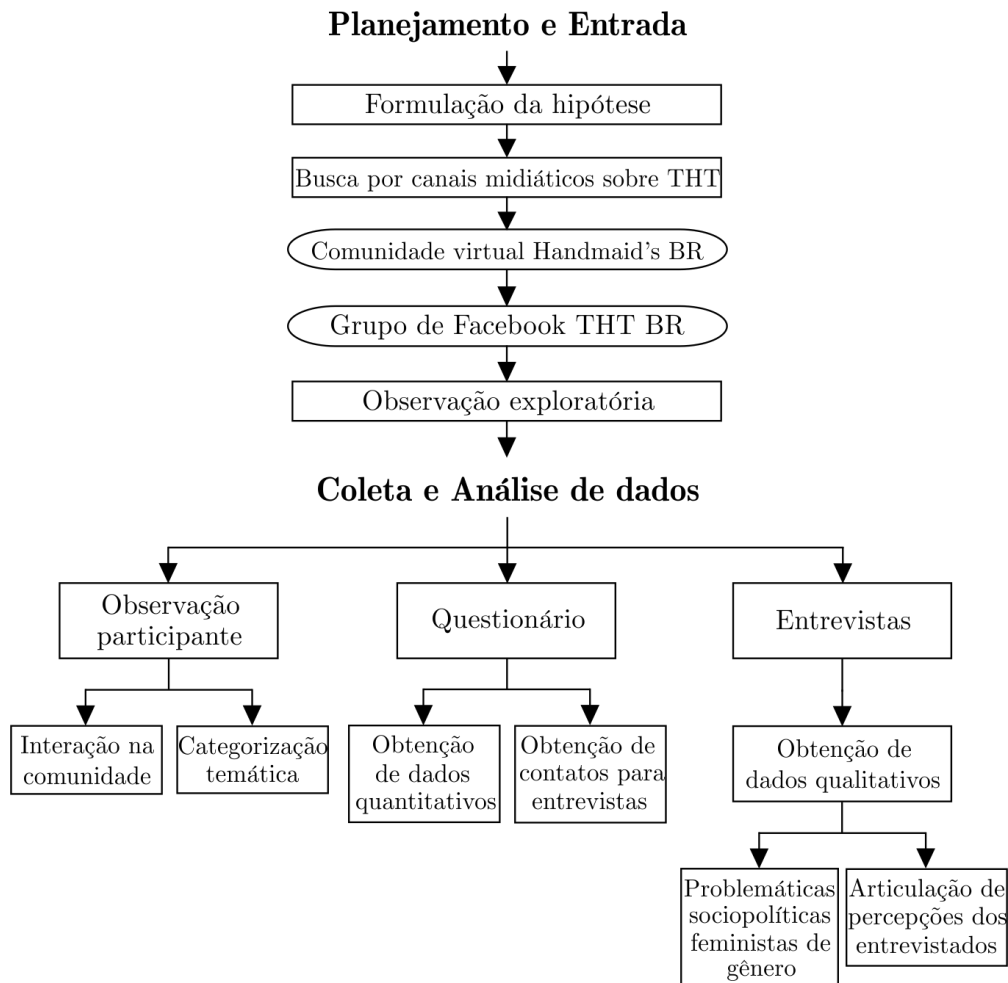
Fonte - Robert Kozinets (2014, p.63).

Conforme pontua Kozinets (2014), a netnografia "representaria a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes on-line e off-line de compreensão cultural" (2014, p.62). Portanto, ainda que bastante parecidas, a etnografia e a netnografia se diferem a partir de seus procedimentos e formatos de conduta de pesquisa: cada uma possui suas especificidades.

Como já mencionado, esta pesquisa possui o ambiente virtual enquanto campo de pesquisa, e por isso faz uso do aporte netnográfico para formular seu caminho teórico-metodológico, cujas etapas são apresentadas a seguir. Diante disso, para a realização do percurso desta dissertação, optamos por construir um caminho baseado no que propõe Kozinets (2014) no fluxograma apresentado anteriormente.

Tendo em vista as particularidades características de pesquisas de cunho (n)etnográfico, esta dissertação foi feita baseando-se nas necessidades e possibilidades apresentadas pelo campo de investigação ao longo das incursões desempenhadas para a formulação deste trabalho. Portanto, o fluxograma a seguir reflete como se deram cada uma das etapas operacionais deste trabalho, inspiradas nas que são propostas por Kozinets (2014). Inicialmente, na etapa de Planejamento e Entrada, realizamos a formulação de uma hipótese e, a partir disso, identificamos um campo de investigação a ser explorado e validado - a partir de uma observação exploratória. Mais adiante, no momento de Coleta e Análise de Dados, empreendemos uma observação participante, a aplicação de um questionário estruturado, e a realização de entrevistas semi-estruturadas em profundidade. Tudo isso será descrito nos subcapítulos a seguir. Enquanto isso, a etapa de Análise de Dados será abordada no capítulo seguinte, e fará uma costura entre os dados coletados nas três fases da Coleta de Dados: observação participante, questionário e entrevistas.

Figura 5.2 - Fluxograma das etapas metodológicas desta pesquisa.



Fonte - Elaborado pela autora.

5.2.1. Planejamento e Entrada

Existe uma série de decisões que devem ser tomadas ao longo do percurso netnográfico, e as primeiras ocorrem ao longo da etapa que Kozinets (2014) denomina como "Planejamento e Entrada". O nome se dá, justamente, porque é nessa fase da pesquisa que se estrutura não só o que será pesquisado e onde a pesquisa irá acontecer de fato, mas também como será feita a inserção do pesquisador neste ambiente digital. Isso inclui questões como: quais mecanismos de busca serão utilizados para a definição da comunidade escolhida, como acontecerá a interação entre pesquisador e membros da comunidade, qual a linguagem que será adotada pelo pesquisador, e etc. Assim, Kozinets (2014) afirma que, antes de mais nada, deve-se decidir exatamente o que será estudado, qual o direcionamento que este objeto receberá e como essa pesquisa será realizada de forma ética

Já vimos até aqui que o campo da comunicação vem sofrendo transformações consistentes que acabam alterando a forma dos sujeitos de se relacionarem socialmente.

Vimos também a emergência das pautas sociais e políticas nas narrativas construídas no âmbito digital, bem como algumas das contrapartidas conservadoras como resposta à popularização de movimentos sociais como o movimento feminista e de gênero. Além disso, refletimos como a ampliação de debates a respeito de produções ficcionais distópicas se relaciona com pautas e acontecimentos sócio-políticos, especialmente em um contexto em que as redes se configuram como um espaço privilegiado para a produção e circulação de sentidos.

Considerando este contexto, o Planejamento e a Entrada em uma comunidade diz respeito, em um primeiro momento, à própria formulação e estruturação do objeto de pesquisa. Assim, compreendendo a centralidade que *The Handmaid's Tale* assume para o assunto de interesse dessa pesquisa, partimos da hipótese de que seria possível relacionar o universo ficcional distópico de THT com a realidade sociopolítica e feminista de gênero brasileira. Percorrendo esse caminho, em uma investigação exploratória, chegou-se à comunidade virtual "*The Handmaid's Tale* Brasil", que se articula a partir de diversas plataformas digitais. Ela é a primeira e maior comunidade de fãs de *The Handmaid's Tale* do país, e é construída a partir de diversos canais sobre a obra de Margaret Atwood, todos gerenciados por fãs do Universo THT.

O foco principal da comunidade é a trama serializada produzida em 2017 pela plataforma de *streaming* estadunidense *Hulu*, embora todas as obras sejam contempladas de alguma forma. A comunidade *The Handmaid's Tale* Brasil surgiu em 2017 a partir da criação das páginas de *Instagram*⁶⁹, *Twitter*⁷⁰ e *Facebook*⁷¹ "*The Handmaid's Tale* Brasil". Com a presença em várias plataformas virtuais, essa se tornou a primeira comunidade não-oficial sobre a série no mundo (SNIGURA, 2020). Mais tarde, em 2018, foi criado o site 'www.handmaidsbrasil.com', com o objetivo de informar o público a respeito do que acontece no universo THT. Em seu *site*⁷² oficial, constam informações a respeito de ambos os livros escritos por Atwood: *The Handmaid's Tale* (1985) e *Testaments* (2019), além de algumas informações a respeito do filme e da série. Atualmente, também são canais importantes desta comunidade o Grupo no *Facebook* *The Handmaid's Tale*⁷³, o Grupo no *Facebook* *Hulu* Brasil⁷⁴, o Grupo no *Facebook* *Castle Rock* Brasil, uma página no *Pinterest*⁷⁵, um canal no

⁶⁹ <https://www.instagram.com/handmaidsbrasil/>

⁷⁰ <https://twitter.com/handmaidsbrasil>

⁷¹ <https://www.facebook.com/HandmaidsBrasil/>

⁷² <www.handmaidsbrasil.com> Acesso em 21 de abril de 2021.

⁷³ <https://www.facebook.com/groups/MaydayOnHulu/>

⁷⁴ <https://www.facebook.com/groups/273101513212370/>

⁷⁵ <https://pinterest.com/handmaidsbrasil>

*YouTube*⁷⁶, algumas *Playlists* de *The Handmaid's Tale* no *Spotify*⁷⁷, alguns grupos de *WhatsApp*, um grupo de *Telegram* e, finalmente, o Grupo no *Facebook The Handmaid's Tale Brasil*.

Indo ao encontro do que é proposto por Kozinets (2014), decidimos buscar informações para compreender o potencial de pesquisa da comunidade. Segundo o autor, um dos passos desta etapa da pesquisa é "se familiarizar com as diversas comunidades online que cogita estudar, isso inclui seus membros, sua linguagem, seus interesses e práticas" (KOZINETTS, 2014, p.79). Assim, entendendo a existência de cada uma das plataformas vinculadas à comunidade THT Brasil mencionadas anteriormente, partiu-se para a observação mais detalhada do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale Brasil*, por se tratar de um ambiente no qual havia a possibilidade de analisar as interações e percepções empreendidas pelos sujeitos a respeito do universo THT de forma mais ampla. O ambiente é classificado como "privado", o que significa que somente membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele, mas é "visível", ou seja: qualquer pessoa pode encontrar esse grupo através das abas de busca da plataforma. Ele possui, atualmente, 36,2 mil membros⁷⁸, os quais precisam responder a um pequeno formulário para serem aceitos no grupo. O formulário faz dois questionamentos ao possível membro: pergunta se ele(a) já assistiu a primeira temporada da série e pede que o usuário a defina com uma palavra. Após a aprovação, os membros devem corresponder a algumas regras que estão explicitadas na aba 'sobre' da comunidade⁷⁹.

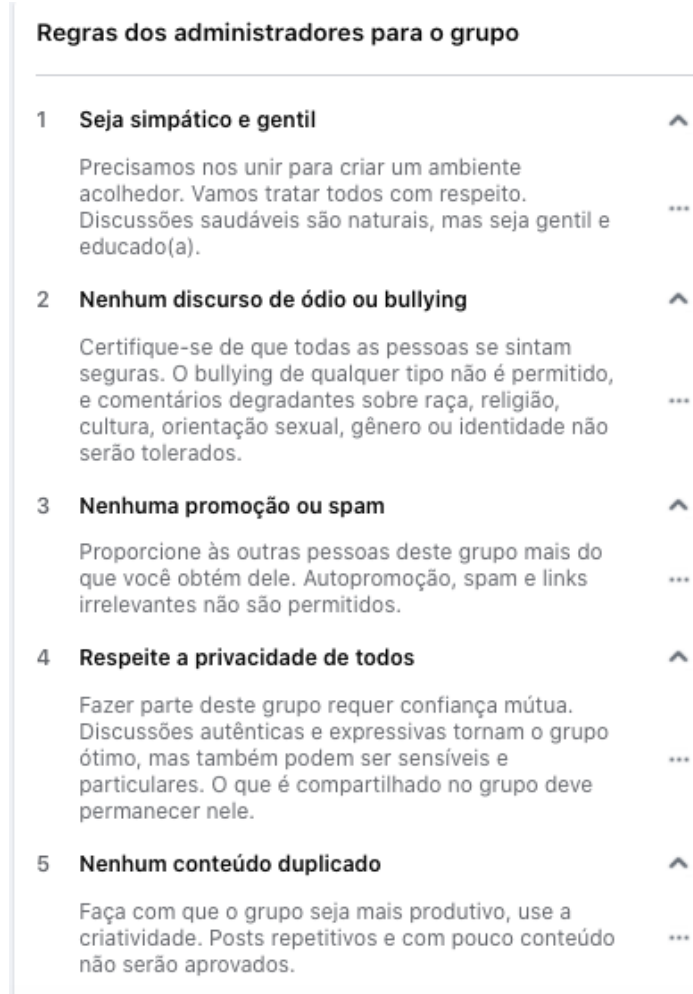
⁷⁶ <https://www.youtube.com/handmaidsbrasil>

⁷⁷ <https://www.handmaidsbrasil.com/p/playlists-de-handmaids-tale.html>

⁷⁸ Informação coletada em 25 de fevereiro de 2022.

⁷⁹ É importante notar que uma das regras da comunidade menciona a questão da relevância de respeitarmos a privacidade dos membros. A regra pede que os conteúdos compartilhados no grupo não sejam publicados fora dele. Portanto, de forma a respeitar a privacidade dos membros da comunidade, em todas as publicações compartilhadas nesta dissertação foi tomado o cuidado de que a identidade dos membros da comunidade fosse mantida em sigilo. Ressaltamos que a utilização desse material tem apenas função científica, e que os membros da comunidade estavam cientes de que estava sendo realizada uma pesquisa acadêmica por parte desta pesquisadora. Além disso, a realização da entrevista com Marcos Snigura, principal moderador da *Handmaid's Brasil*, corrobora a anuência da *Handmaid's Brasil* para com a realização deste trabalho.

Figura 5.3 - Regras do Grupo de *Facebook* da Comunidade *The Handmaid's Tale* Brasil.



Fonte: *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil.

Ao me deparar com a possibilidade de participar desse grupo, optei por solicitar o ingresso no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil e começar uma observação inicial, de forma a compreender a validade do possível objeto de estudo⁸⁰. Nesse sentido, para conseguir delimitar - ou não - a escolha de investigar as interações nessa comunidade em específico, levei em consideração as seis diretrizes que Kozinets (2014) define para auxiliar na escolha do ambiente de pesquisa. Segundo ele, a comunidade selecionada para compor a pesquisa deve ser a) relevante, b) ativa, c) interativa, d) possuir uma massa crítica de comunicação, e) heterogênea, f) rica em dados.

Foi realizada, então, uma observação exploratória nesta comunidade, que resultou na coleta de materiais em 27 dias no mês de Junho, 21 dias no mês de Julho e 18 dias no mês de Agosto de 2020, totalizando 66 dias dentre os 92 existentes nos três meses. Nos outros 26

⁸⁰ Opto por falar em primeira pessoa nesse momento por se tratar de uma atividade individual, na qual necessito apresentar uma percepção apurada de minha pesquisa e de seus objetivos para que seja possível desenhar os caminhos a serem percorridos a partir das percepções fornecidas pelo campo a ser investigado.

dias não houve novas publicações no grupo, por isso não houve coleta. Foi utilizada a ferramenta de *Print Screen* (Captura de Tela) para registrar e armazenar todas as 1.123 postagens em arquivos separados, os quais foram armazenados considerando os meses e os dias em que foram registrados.

Levando em consideração os parâmetros propostos por Kozinets (2014), percebeu-se que o grupo *The Handmaid's Tale* Brasil pode ser considerado um campo *Relevante* por se relacionar com o foco e interesse da pesquisa, uma vez que os debates propostos pelos membros vão, em grande parte do tempo, ao encontro de tensões a respeito das opressões de gênero da sociedade mundial e brasileira. É um grupo *Ativo* dada quantidade significativa de dados coletados ao longo da observação exploratória inicial. É uma comunidade *Interativa*, pois majoritariamente as postagens observadas possuem interações pertinentes entre os usuários, tanto na caixa de comentários quanto no número de curtidas. Pode ser classificada como *Substancial*, por ser um espaço cujos membros formam uma massa crítica a respeito das opressões sociais mencionadas, abordando problemáticas com um aprofundamento interessante. É uma comunidade *Heterogênea* uma vez que é possível perceber participantes pertencentes a diferentes culturas, gêneros, orientações sexuais, e etc. Por fim, é *Rica em Dados*, tendo em vista que os materiais coletados ao longo desse período são capazes de suscitar discussões pertinentes para o foco da pesquisa a ser realizada neste trabalho.

Um ponto interessante a ser elencado é que, ao longo dessa observação inicial, foi possível notar que existem muitas postagens que não citam as obras do universo THT especificamente. São publicações que não afirmam abertamente que determinada reportagem, meme, ou etc está relacionada efetivamente com a trama. Entretanto, o simples fato de esse debate estar sendo trazido para dentro de uma comunidade, pode ser compreendido como um sinal de que os membros desse grupo entendem *The Handmaid's Tale* como uma produção que traz referências ao que se passa no país e no mundo. Isso é corroborado, por exemplo, pelo conteúdo de uma das postagens feitas no dia 21 de agosto de 2020. Na ocasião critica-se a fala de um conhecido pastor brasileiro a respeito da legalização/descriminalização do aborto.

Figura 5.4 - Imagem coletada no dia 21 de Agosto de 2020 no grupo *The Handmaid's Tale* Brasil.



Fonte: Facebook *Handmaid's* Brasil.

Kozinets (2014, p.78) afirma que "não podemos presumir que sabemos mais do que os integrantes da comunidade que estamos abordando". Na verdade, de acordo com o autor, "seria útil pressupor a atitude contrária em sua pesquisa". Portanto, essa observação inicial se deu considerando que se a etapa de Planejamento e Entrada fosse feita de forma equivocada, toda a investigação estaria comprometida. Antes de dar início à investigação dentro de uma determinada comunidade on-line, quem pesquisa deve decidir exatamente o que vai estudar, como vai estudar, como irá se representar, como irá manejar o projeto de maneira ética, e considerar algum grau de ruptura pode criar nas comunidades ou culturas que estiver estudando. Essa primeira observação teve a intenção de compreender a comunidade mais a fundo e as formas de relacionamento que os membros têm, para que as etapas seguintes pudessem ser planejadas de forma adequada.

Ademais, alguns pontos importantes, e que estão de acordo com o indicado por Kozinets (2014), vão no sentido de compreender a aceitação do grupo no que diz respeito a

pesquisas acadêmicas que solicite a participação de seus membros. No dia 30 de julho de 2020, um(a) membro do grupo fez uma postagem informando à comunidade que havia produzido uma dissertação com foco no universo *The Handmaid's Tale*. É possível perceber, com base nos comentários apresentados nas imagens a seguir, que os(as) membros se mostraram favoráveis e até entusiasmados com a realização da pesquisa.

Figura 5.5 - Postagem de uma membro do grupo a respeito de sua Dissertação que tem foco no universo *The Handmaid's Tale*.



Fonte: Facebook *Handmaid's Brasil*.

No período da observação, de acordo com o conteúdo das postagens e dos comentários, foi possível mensurar uma abertura dos membros da comunidade para debates que giram em torno da defesa e proteção dos direitos humanos e de reivindicações de grupos minoritários, como é o caso das opressões de gênero e das pautas do feminismo, por exemplo. Ou seja: entendemos que os membros da comunidade assumem uma visão progressista sobre as suas vivências sociopolíticas. Esta postura se reverte em um posicionamento crítico em relação ao atual governo brasileiro, incluindo suas atitudes, decisões e seus apoiadores e membros principais. Nas figuras a seguir é possível ver uma postagem em que um(a) membro do grupo critica a posição do governo brasileiro em relação à uma resolução da ONU sobre direitos das mulheres (CHADE, 2021a). É possível ver, nos comentários, que o acontecimento é comparado ao território ficcional de Gilead.

Figura 5.6 - Postagem sobre a posição do governo brasileiro na ONU.



Fonte: Facebook *Handmaid's Brasil*.

A reportagem em questão fala que o governo brasileiro, presidido por Jair Bolsonaro, se opôs a uma resolução da ONU que condena a discriminação de gênero e tenta fortalecer o direito das mulheres ao redor do mundo. A repercussão entre os membros sugere que há nessa comunidade um espaço de oposição às políticas conservadoras, por exemplo. A partir deste raciocínio, podemos inferir, de modo preliminar, que de alguma forma os membros do grupo podem se sentir vinculados ou simpatizantes às pautas feministas⁸¹ e de gênero. Os sujeitos desta comunidade se mostram abertos a compreender e problematizar as questões que rondam as opressões sociais de gênero, mais especificamente no que concerne às mulheres. Essas assimilações, fruto da exploração inicial da comunidade e mais especificamente do grupo de Facebook *The Handmaid's Tale Brasil*, serviram de guia para a compreensão de pontos importantes sobre o ambiente que seria observado e, além disso, ajudaram a balizar o comportamento adotado. É a partir disso que se define, por exemplo, quais perguntas podem e devem ser feitas aos membros, quais assuntos podem ser abordados em interações através de postagens e quais podem causar estranhamento por parte dos sujeitos. Ou seja: o percurso teórico-metodológico é construído e guiado também a partir do que é perceptível na etapa exploratória.

Assim, em um primeiro momento, pontua-se que os debates produzidos no grupo se direcionam no mesmo sentido que a hipótese inicial desta pesquisa. Entretanto, conforme

⁸¹ É interessante destacar aqui que o feminismo é um movimento político que possui diversas vertentes de pensamento, e foi abordado com mais profundidade em outra seção deste trabalho.

também pontua Kozinets (2014), isso não é suficiente. Para que as percepções dos membros do grupo a respeito da realidade sociopolítica brasileira sejam compreendidas de forma adequada, é preciso sistematizar e avançar para a etapa da Coleta de Dados.

5.2.2 Coleta de Dados

Kozinets (2014) pontua que a netnografia nada mais é do que uma pesquisa observacional participante, feita a partir de um trabalho de campo on-line. Ela adapta os procedimentos etnográficos às peculiaridades das interações mediadas por computador. Portanto, assim como a etnografia em geral, "ela se estenderá quase que de forma natural e orgânica, de uma base na observação participante para incluir outros elementos, como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados arquivais" e muito mais. (KOZINETS, 2014, p.62). Em vista disso, a primeira ação realizada neste trabalho para a formação de um *corpus* de pesquisa foi a produção de uma **observação participante**, para que mais tarde fosse realizada a coleta de dados, que se deu a partir da aplicação de um **questionário semi estruturado** e de uma **entrevista em profundidade**.

A Coleta de Dados diz respeito às formas como o tamanho, o nível de detalhe e a presença de elementos gráficos e imagens referentes ao conjunto de dados selecionados para compor o *corpus* da pesquisa são capazes de guiar o andamento da investigação. É nesse momento que são tomadas importantes decisões a respeito do tratamento que os dados coletados receberão. Postagens serão capturadas em imagens, ou salvas em textos? Qual o período de tempo dessa coleta? Os *spams* serão ignorados ou incorporados no *corpus*? Serão feitas interações eventuais ou entrevistas sistematizadas? Quem serão os sujeitos escolhidos para essas interações mais aprofundadas? A partir de quais critérios?

É também pertinente planejar como será o tratamento recebido pelos dados coletados ao longo do trabalho de pesquisa para a elaboração do presente trabalho. As postagens coletadas no grupo - na observação participante e também na observação exploratória inicial - foram capturadas a partir da ferramenta de *print screen* disponibilizada pelo próprio computador utilizado para a elaboração desta pesquisa e, a partir disso, armazenadas em pastas separadas de acordo com o mês e o dia da realização da publicação. Em relação aos *spams* destaca-se o ponto de que eles são pouco frequentes no grupo e, portanto, quando de sua ocorrência eles foram incorporados ao *corpus*. Ao longo da observação participante foi feita a primeira interação direta entre a pesquisadora e os membros do grupo a partir de um post, que será descrito no subitem a seguir.

5.2.2.1 Observação Participante

A observação participante foi registrada em um diário de campo, abordando a coleta e a descrição de todas as postagens realizadas na comunidade THT Brasil ao longo de março de 2021. Foram observados 189 itens produzidos pelos membros em 24 dos 30 dias do mês. Dessa produção, foram elencadas diferentes categorias temáticas que serviram de guia para a produção da análise crítica do material encontrado no conteúdo das postagens feitas no grupo ao longo desse período. Elas foram construídas a partir de uma leitura flutuante do diário de campo netnográfico realizado nesta pesquisa, e são norteadoras para a compreensão dos principais assuntos abordados no grupo. Segundo Kozinets (2014, p.62), fazer etnografia significa "empreender um engajamento imersivo prolongado com os membros de uma comunidade ou cultura, seguido por uma tentativa de compreender e comunicar sua realidade".

Com a intenção de estabelecer um vínculo e também estimular um debate no grupo a partir de uma temática convergente aos objetivos da proposta, no dia 22 de março de 2021 inserimos um *post* na comunidade (autorizado pela moderação do grupo no dia seguinte, 23 de março). O *post* refletia sobre uma publicação feita por Guilherme Boulos a respeito da série. A postagem, no *Instagram* do político, já foi apresentada anteriormente nesta pesquisa. A escolha desta mensagem para iniciar esse debate se deu em razão, principalmente, da sua temporalidade. Reconhecemos que havia diferentes abordagens possíveis para a produção dessa interação inicial com os membros da comunidade. Entretanto, optou-se por utilizar um assunto que estava sendo bastante debatido na *internet* naquele momento. A publicação e sua repercussão foram importantes para corroborar algumas das percepções sobre como os membros do grupo veem a relação entre o universo THT e a realidade sociopolítica brasileira.

Figura 5.7 - Postagem feita no grupo THT Brasil no dia 23 de março de 2021.



Fonte - Facebook Handmaid's Brasil.

A receptividade dos membros no post pode ser considerada bastante positiva: ao todo foram 230 reações, sendo dessas 181 Curtidas, 47 Amei, 2 Uau e 1 Força⁸². A ausência de reações negativas (como é o caso da "Grr" ou "Triste") demonstra que os membros encaram esse tipo de postagem como interessante para o debate da comunidade. Além disso, foram 43 comentários feitos, incluindo as respostas da pesquisadora, que visavam alimentar o debate. Os comentários tiveram abordagem bem variada: alguns comemoram o fato de o universo THT estar sendo debatido por um importante político, outros fazem uma relação entre Gilead e a nossa realidade contemporânea.

⁸² As reações possíveis no Facebook são, respectivamente: Curtir, Amei, Força, Haha, Uau, Triste e Grr.

Figura 5.8 - Quantidade e tipo de reações produzidas na postagem.



Fonte - Facebook *Handmaid's Brasil*.

[Comentário 1] *"Lamentável... E tem mais o PL q prevê auxílio para BB filho de vítima de estupro...o conto de aia é aqui"*.

[Comentário 2] *"Tem gente q acha q ainda Gilead um dia podera ser real, ela ja é nao percebemos"*.

[Comentário 3] *"Desde que eu comecei a ver a quase 3 anos atrás, essa foi uma das falas que mais me impactou, justamente por conseguir enxergar isso no governo atual..."*

Embora a análise dos comentários não seja um objetivo desta investigação, observar a recepção das pessoas pode ser pertinente no sentido de entender, mesmo que brevemente, como eles se posicionam quando instigados ao debate específico sobre a associação entre o contexto sociopolítico brasileiro e o universo THT. Assim como a postagem de Manuela D'ávila, também mencionada no capítulo anterior deste trabalho, a publicação de Guilherme Boulos propõe um diálogo que relaciona os detalhes da trama de *The Handmaid's Tale* com particularidades de nossa realidade presente. Boulos é um político que, conhecidamente, apoia causas vinculadas a uma posição política de esquerda, opostamente ao que propõe o governo de Jair Bolsonaro. O político, que já concorreu à presidência em 2018, e à prefeitura da cidade de São Paulo em 2020 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), se manifesta com frequência de forma contrária a pautas e ações vinculadas ao governo Bolsonaro. Por exemplo, ainda em 2021, Boulos foi intimado pela Polícia Federal em razão de um *tweet* em que compara o Presidente da República brasileira com Luís XIV, Rei da França entre os anos de 1643 e 1715, conhecido por seu governo absolutista⁸³. A repercussão positiva que a postagem realizada no dia 23 de março teve dentre os membros do grupo demonstra, brevemente, a forma como eles simpatizam com pautas vinculadas a movimentos sociais e políticos progressistas. Caso a situação fosse diferente, provavelmente a opinião de Guilherme Boulos a respeito do assunto poderia ser entendida enquanto inválida, por exemplo.

⁸³ Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/04/4919460-policia-federal-intima-boulos-por-tuite-com-l-embrete-a-bolsonaro-sobre-luis-xiv.html>> Acesso em 09 de setembro de 2021.

5.2.2.2 Questionário

Um dos formatos sugeridos por Kozinets (2014) para coletar informações abrangentes a respeito das percepções dos membros de uma comunidade on-line é a aplicação de questionários semi-estruturados. Para nós, essa mostrou-se uma opção interessante, considerando alguns fatores, dentre eles: o grande número de membros do grupo, os múltiplos perfis identitários que os sujeitos demonstram possuir e as variadas opiniões e percepções observadas nas publicações já coletadas. Assim, foi elaborado um questionário com objetivo de: a) mapear os perfis identitários e sociodemográficos dos membros do grupo; b) entender como se constitui a relação dessas pessoas com o grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil e com os produtos comunicacionais midiáticos do universo THT; c) observar qual a percepção deles a respeito da abordagem das problemáticas sociopolíticas de gênero em obras ficcionais, e, por fim; d) entender como eles se interpretam a abordagem dessas pautas na internet de modo geral.

O questionário foi formulado de acordo com as recomendações de Márcio Cunha Carlomagno (2018). Segundo o autor, pesquisas como essa, em formato de *survey*, servem para qualquer tipo de levantamento de dados, e passaram a ser usadas, majoritariamente, para pesquisas que fazem utilização de questionários. Sendo então, a *survey*, um tipo de pesquisa de opinião. Além disso, ele afirma que ainda que seja possível realizar *surveys* com perguntas abertas, "sua forma predominante caracteriza-se pelo uso de perguntas fechadas, o que permite a comparabilidade das respostas. Outra característica em *surveys* é que, usualmente, são amostrais" (CARLOMAGNO, 2018, p.31).

O questionário foi elaborado na plataforma disponibilizada pelo *Google*, a *Google Forms*, e destinado aos(as) membros maiores de 18 anos que já entraram em contato com pelo menos um dos produtos midiáticos do universo THT. Ao todo são 34 perguntas, sendo 32 perguntas de múltipla escolha, e 2 de rápida resposta dissertativa⁸⁴. Essas estão separadas em 5 diferentes sessões. A primeira, é voltada para a construção de um perfil socioeconômico e demográfico dos(as) respondentes e, por isso, se chama "Perfil Socioeconômico Demográfico". A seguir, temos a sessão "Grupo *The Handmaid's Tale* Brasil" que pretende mapear como se dão os usos e interações dos(as) respondentes dentro do grupo THT BR. Em "O universo THT" buscamos compreender os hábitos de consumo dos(as) respondentes em relação às obras do universo THT. A sessão "A série O Conto da Aia" é a única que aborda especificamente um dos produtos comunicacionais midiáticos isoladamente. Procuramos

⁸⁴ Formulário disponível no apêndice de número 9.2.

perceber quais os personagens que as pessoas gostam, quais têm resistência e também se fazem associações entre personagens da série com alguma personalidade da política brasileira. Por fim, quando falamos a respeito de "Pautas sociais na Internet", buscamos mapear um perfil dos(as) respondentes a respeito de seus comportamentos e posicionamentos a respeito de movimentos sociais minoritários. Ainda, ao final do formulário, foi disponibilizado um campo para que as pessoas interessadas em participar de uma possível entrevista sobre o assunto deixassem seus contatos. As pessoas contatadas para participar das entrevistas foram todas provenientes dessa lista.

O link do questionário foi enviado, após as alterações sugeridas na rodada teste, para aprovação da moderação da comunidade THT Brasil no dia 12 de julho de 2021. A postagem, entretanto, foi aprovada somente 19 dias depois, no dia 31 de julho de 2021, às 22h. Seu percurso foi permeado por alguns desafios. Após o envio da postagem para a aprovação da moderação, percebemos que não estavam sendo aceitas publicações de membros no grupo há cerca de 1 mês. Com isso, optou-se por entrar em contato com a página oficial da *Handmaid's* Brasil no dia 14 de julho de 2021. Essa tentativa foi infrutífera, uma vez que não recebemos nenhum retorno a respeito da possibilidade - ou não - de aprovação da postagem. Diante disso, optou-se por contatar o moderador principal da comunidade, Marcos Snigura, no dia 20 de julho, em seu perfil pessoal. A tentativa também foi infrutífera em um primeiro momento. Com a ausência de respostas para ambas as mensagens, no dia 22 de julho realizou-se uma segunda tentativa de contato por mensagens com a *Handmaid's* Brasil. Tentativa também sem retorno imediato.

Ao longo dos 19 dias que separam 12 e 31 de julho, o esforço se direcionou para definir quais seriam os planos de ação caso as tentativas de contato com a mediação da comunidade não tivessem resultados positivos. Decidiu-se então que entraríamos em contato diretamente com o maior número possível de membros da comunidade, através de mensagens que perguntavam se eles poderiam fazer a gentileza de participar do questionário. Assim, entre 21 e 30 de julho de 2021 foram enviadas cerca de 540 mensagens individualmente para membros do grupo. Esse número não foi maior em vista das limitações impostas pelo *Facebook*⁸⁵. Até essa data, o questionário contava com 85 respostas. Finalmente, no dia 31 de julho de 2021, Marcos Snigura respondeu a mensagem enviada para sua conta pessoal, afirmando que havia finalmente realizado a aprovação do *post* a respeito do questionário. Após o retorno de Marcos Snigura, no dia 31 de julho, e a aprovação da postagem na

⁸⁵ A partir de um determinado número de envios de mensagens dentro de 24h, a plataforma bloqueia a atividade por considerar spam.

comunidade, a atividade de envio direto de mensagens foi pausada e passaram a ser recebidas as respostas provenientes de membros que se enquadram em duas situações: aqueles que viam a postagem feita na página da comunidade, e também aqueles que viam, com alguns dias de atraso, as mensagens privadas enviadas.

O questionário coletou 173 respostas entre os dias 21 de julho e 5 de setembro de 2021. Ele deixou de estar disponível no início do mês de setembro pois entendemos que seus dados deveriam atender a uma certa temporalidade para que tivessem maior coesão entre si. Portanto, acreditamos que o período de 45 dias foi apropriado para coletar o maior número de respostas possíveis, respeitando a temporalidade adequada para a pesquisa. Os dados coletados nesse período puderam nos mostrar informações quantitativas interessantes no que diz respeito aos membros da comunidade e suas vivências dentro do espaço, que foram aprofundadas mais tarde na aplicação das entrevistas em profundidade. Embora esse seja um número relativamente baixo, pois o grupo conta com cerca de 36 mil membros, destacamos que dentro das limitações enfrentadas nessa etapa ainda foi possível coletar informações significativas a partir da ferramenta. Além disso, vale destacar que todas as pessoas que acabaram, por fim, sendo entrevistadas para esta pesquisa, foram provenientes da lista de contatos formulada graças aos respondentes do questionário.

5.2.2.3 Entrevistas

Enquanto a aplicação de um questionário pretende coletar dados de forma quantitativa, a realização de uma entrevista em profundidade visa obter informações qualitativamente. Conforme afirma Kozinets (2014, p. 58), a netnografia oferece "uma janela para comportamentos que ocorrem naturalmente, tais como discussões comunitárias, e depois realçar tal compreensão com opções mais intrusivas, tais como participação comunitária e entrevistas com membros". Ou seja: a entrevista foi uma opção para que se compreendesse de forma ainda mais aprofundada as percepções dos sujeitos sobre as discussões que se passam na comunidade. É interessante que antes da formulação de um percurso de entrevista se compreenda, de forma mais próxima, qual o perfil dos sujeitos dessa comunidade, qual a forma mais adequada para abordá-los e quais assuntos irão levantar debates importantes, e quais devem ser abandonados. "Existem oportunidades para integrar um ou vários métodos aos estudos que examinam as múltiplas facetas dos fenômenos de comunidades virtuais" (KOZINETTS, 2014, p.59). Consequentemente, cada investigação deve utilizar os métodos e ferramentas que melhor lhe cabem, considerando questões como as particularidades da comunidade observada, as possibilidades que esse espaço oferece e muito mais.

Antes do contato com os membros do grupo, foi realizada uma entrevista com o moderador principal do grupo *The Handmaid's Tale* Brasil no *Facebook* e também da comunidade *Handmaid's* Brasil em geral. Marcos Snigura participa da moderação da comunidade desde sua criação e hoje é o principal responsável por sua manutenção. Assim sendo, entendemos que seria interessante entrevistá-lo não só para observar suas percepções sobre o grupo, mas também para formular um contexto geral do ambiente e sua criação e organização. Dessa maneira, além das três seções construídas no roteiro de entrevistas⁸⁶ aplicado com os demais membros a entrevista realizada com Marcos ainda abordou as especificidades da criação e funcionamento da comunidade *Handmaid's* Brasil e sua criação e do grupo *The Handmaid's Tale* Brasil no *Facebook*, para compreender como se dá o gerenciamento e a manutenção desse espaço virtual.

No que diz respeito aos participantes, em um primeiro momento, optou-se por contatar respondentes que, de alguma forma, demonstraram mais interesse na participação nas entrevistas. São pessoas que deixaram, além do contato, algum tipo de comentário sobre o trabalho, como elogios, dúvidas, etc. As duas primeiras entrevistas com membros, somadas à entrevista com Marcos Snigura, compuseram os dados que foram utilizados para a produção da etapa de qualificação desta dissertação, que se deu em setembro de 2021. Após o momento em que as perspectivas futuras para este trabalho foram aprovadas pela banca avaliadora, seguiu-se com a aplicação de mais entrevistas em profundidade, conforme foi previsto no material de qualificação. Entre os meses de outubro de 2021 e janeiro de 2022 foram realizadas outras quatro entrevistas com membros do grupo, somando um total de sete entrevistados(as), sendo três homens e quatro mulheres.

Os critérios para entrar em contato com essas pessoas, entrevistadas na segunda etapa de entrevistas, seguiram os mesmos de antes: foram contatados(as), de forma prioritária, respondentes que demonstraram algum tipo de interesse mais intenso na participação das entrevistas. Conforme previsto em um processo de busca por interlocutores, a adesão dos respondentes não foi tão grande quanto o número de pessoas que deixaram seus contatos no questionário, tendo inclusive algumas desistências de participações ao longo do processo. Mas, mesmo assim, ao fim das sete entrevistas realizadas, percebeu-se que a coleta de material demonstrava, de forma satisfatória, dados consistentes para reflexão e análise da pergunta chave desta pesquisa.

⁸⁶ Roteiro disponível no apêndice de número 9.1.

As entrevistas foram gravadas e realizadas por meio da plataforma *Google Meet*⁸⁷, a partir da conta de *e-mail* institucional oferecida pela Universidade Federal de Santa Maria aos seus discentes, a qual permite - dentre outras funcionalidades especiais - que sejam feitas gravações das chamadas de vídeo. Os(as) entrevistados(as) foram informados(as), no início da conversa, de que o momento seria gravado para a realização de transcrições posteriormente, em razão do caráter científico da conversa e, foram informados(as) também de que seus nomes e identidades seriam mantidos em sigilo na elaboração da análise da dissertação que diz respeito às suas entrevistas⁸⁸. Os encontros tiveram em torno de uma hora de duração e em média 15 a 20 páginas transcritas cada, totalizando 122 no total. As entrevistas foram realizadas sem que fossem necessárias interrupções, em uma única sessão.

Além disso, realizamos uma tentativa de diversificação dos perfis dos entrevistados, para garantir que as respostas e percepções destes sejam o mais amplas possíveis, para refletir a heterogeneidade de pessoas presentes no grupo de *Facebook Handmaid's* Brasil. Entretanto, ficamos dependentes dos membros que se mostraram interessados em participar das entrevistas. Essa diversificação foi feita dentro das limitações e possibilidades existentes no contexto. O que, dito de outra forma, significa que foram entrevistadas todas as pessoas que: a) informaram seus contatos no questionário; b) aceitaram participar da entrevista quando contatadas; c) e, no dia e hora agendados, estavam disponíveis para a realização da conversa.

Tabela 5.1 - Relação dos membros do grupo THT BR a serem entrevistados nesta pesquisa

Nome	Idade	Gênero	Estado de Origem
Marcos	23 anos	Masculino	Paraná
Luisa	22 anos	Feminino	Bahia
Maria	26 anos	Feminino	São Paulo
Aline	27 anos	Feminino	Goiás
Taís	35 anos	Feminino	Bahia
Leandro	26 anos	Masculino	Ceará
Henrique	25 anos	Masculino	Paraná

Fonte - Elaborado pela autora

⁸⁷ *Google Meet* é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google. É um dos dois serviços que substituem a versão anterior do *Google Hangouts*.

⁸⁸ Com exceção de Marcos Snigura, moderador e criador da comunidade, que teve seu nome real publicado, uma vez que a informação de que ele é a figura por trás da *Handmaid's* Brasil consta inclusive no site da comunidade.

Todos os encontros tiveram um clima descontraído, para deixar os(as) entrevistados(as) bastante à vontade para debaterem suas percepções sobre suas vivências como membros do grupo *Handmaid's* Brasil em relação com o mundo que os cerca. O comportamento assumido pela entrevistadora foi no sentido de permitir que os(as) respondentes falassem o máximo possível sobre suas percepções. Além disso, em alguns momentos, eram inseridos questionamentos não previstos no roteiro mas que, naquele momento, pareciam potencialmente colaborativos para que a conversa indicasse, da melhor forma possível, as visões das pessoas envolvidas. Isso se deu, justamente, porque um dos objetivos dessas entrevistas era que essas pessoas pudessem debater variados assuntos, os quais tratam de feminismo, gênero, sociopolítica e muito mais, em relação com a trama de *The Handmaid's Tale*.

6. ANÁLISE DE DADOS

Para dar início à análise dos dados coletados desta pesquisa, é importante partir da lembrança do objetivo geral, que consiste em investigar como/se as questões tensionadas no grupo de *Facebook "The Handmaid's Tale Brasil"* reverberam para as interpretações que os/as participantes fazem sobre a situação sociopolítica e de gênero sob a perspectiva feminista contemporânea brasileira. Ao longo desse capítulo buscamos elencar, portanto, os principais assuntos pertinentes à essa temática levantados pelos sujeitos nas etapas de coleta de dados: observação participante, questionário e entrevistas. A expectativa, ao propor uma articulação entre os conteúdos dessas etapas é de formular, a partir de uma observação contextual, uma análise de como se dão as vivências desses sujeitos dentro do espaço das redes sociais, bem como identificar como/se as trocas e apropriações estabelecidas no grupo THT BR possibilitam, para seus membros, reflexões sobre as questões sociopolíticas e de gênero experienciadas em suas vivências no âmbito público e privado. Para isso, buscamos observar, ao longo da produção desta pesquisa, as formas a partir das quais a mediação das redes (MARTÍN-BARBERO, 2010) incide nas apropriações e relações feitas por membros do grupo THT sobre o universo ficcional e a conjuntura social e política brasileira.

Portanto, este capítulo se destina a apresentação e análise dos dados da etapa de Coleta de Dados netnográfica (KOZINETS, 2014) desta pesquisa. Apontamos, em um primeiro momento, acontecimentos sociais e políticos recentes no Brasil e no mundo que são problematizados a partir de uma perspectiva feminista e associados à trama do universo *The Handmaid's Tale*, como, por exemplo, a legalização do aborto, a liberdade de expressão política, e outros assuntos vinculados às pautas minoritárias, mais especificamente, às questões que perpassam os direitos das mulheres. Os exemplos aqui abordados partem de narrativas que circularam em âmbito jornalístico com Daniela Fernandes (2020a; 2020b), Carlos Alberto Chaves Pessoa Júnior (2020) e Clariça Ribeiro (2020), nas redes sociais através de perfis e postagens acerca do assunto, e também a partir de reflexões acadêmicas, com José Rubens De Almeida e Daniel Santos Mota (2019).

Os dados coletados durante a observação participante no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale Brasil* foram categorizados por temáticas, o que possibilitou mapear os principais pontos de debate elencados pelos membros no decorrer das postagens.

Na segunda etapa do capítulo, apresentamos os dados coletados no questionário on-line, aplicado entre os membros do grupo. Um perfil socioeconômico e demográfico dos(as) respondentes foi realizado, e elencamos, a partir deste questionário, as motivações

deles(as) em relação à participação no grupo, bem como o papel que o espaço virtual assume em suas vidas.

Como parte importante da contextualização dos dados qualitativos, apresentamos a entrevista realizada com o principal moderador da comunidade *Handmaid's* Brasil, Marcos Snigura, que explicita de forma interessante detalhes sobre a criação e da manutenção do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil e da comunidade *Handmaid's* Brasil de modo geral. No que tange à análise das entrevistas, dividimos o debate em duas partes: inicialmente abordamos as considerações sobre a temática feminista e de gênero e, em um segundo momento, elencamos as reflexões possíveis acerca das temáticas sociopolíticas brasileiras. É pertinente pontuar que, ainda que ambos os temas estejam intimamente relacionados, percebe-se, ao longo das entrevistas realizadas, que os(as) entrevistados(as) fazem uma separação entre o que é uma demanda social feminista e de gênero, e o que é uma questão de cunho sociopolítico especificamente.

As análises sobre opressões de gênero e da luta feminista são articuladas com preceitos teóricos, segundo as temáticas estimuladas pelo roteiro e/ou apontadas pelos entrevistados a partir de situações cotidianas que se relacionam, de alguma forma, com assuntos presentes na trama de *The Handmaid's Tale*, como duplo padrão sexual (FAVERO, MOURÃO, GOMES, 2019), divisão sexual do trabalho (HIRATA, KERGOAT, 2007) e a desigualdade salarial no Brasil (ARAÚJO, RIBEIRO, 2001; DIEESE, 2020).

No que compete às questões de cunho sociopolítico, abordamos a associação entre religião e política para refletir sobre a manutenção de pautas neoconservadoras na sociedade e fomentar opressões sociais (BIROLI, VAGGIONE, MACHADO, 2020; CUTRIM, SEFAIR, 2019). Portanto, debatemos, de forma breve, alguns dos impasses que permeiam esse tópico (EDUCA IBGE, c2021; CNS, 2020), bem como as dificuldades impostas a essas pessoas por parte do governo Bolsonaro (CUTRIM, SEFAIR, 2019; FELLET, 2020).

6.1 Ficção Encontra Realidade

Como discutimos anteriormente, crescem, em âmbito nacional e global, debates que relacionam o enredo de obras ficcionais distópicas a alguns acontecimentos e personagens proeminentes da realidade sociopolítica atual. José Rubens De Almeida e Daniel Santos Mota (2019) refletem sobre o contexto sociopolítico brasileiro, em específico, a partir de referências clássicas do gênero ficcional distópico, como as obras de Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*) e de George Orwell (1984). Na análise dos autores, "a atual conjuntura vivida pelo Brasil traz à tona elementos distópicos na mesma perspectiva

huxley-orwellana, marcadamente por traços particulares sobre sua política, ciência, tecnologia, economia, cultura" (DE ALMEIDA, MOTA, 2019, p.146).

Sabemos que o Brasil vive, nos últimos anos, um cenário de instabilidade e incertezas políticas e, naturalmente, as implicações deste contexto acabam reverberando nas conversas cotidianas que abordam o conteúdo que circula na imprensa, na internet e nas redes sociais digitais. Temos visto, principalmente após a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, uma recorrência de narrativas que comparam o cenário sociopolítico brasileiro com o que é apresentado em famosas obras ficcionais distópicas literárias e audiovisuais. O governo de Bolsonaro, como já apresentado neste trabalho, está envolvido em polêmicas que, em muitos momentos, abordam problemáticas relativas às minorias sociais. José Rubens Mascarenhas de Almeida e Daniel Santos Mota (2019, p.146) afirmam que, dentre os traços que eles percebem estarem presentes em distopias e que se assemelham à realidade sociopolítica brasileira, destacam-se "o sequestro do pensamento crítico, da autonomia dos indivíduos, da arte, da ciência, da História, totalmente submetidos a interesses particulares". Em entrevista à Folha de São Paulo⁸⁹, em setembro de 2021, Margaret Atwood, autora de *The Handmaid's Tale*, relata perceber características autoritárias no governo de Jair Bolsonaro, e constata relações entre a obra ficcional de sua autoria e a realidade que vivemos no Brasil. Quando questionada se vê a situação do Brasil como um "caos contínuo", ela afirma: "isso é mais autoritarismo que caos contínuo". (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Nesse mesmo sentido, Gabriela Zimmermann (2021) afirma interpretar semelhanças entre o regime representado no país ficcional de Gilead e as vivências dos brasileiros sob o governo de Bolsonaro. Segundo ela, questões como fim do Estado Laico, propagação de desinformação, opressão feminina, homofobia e violência policial são exemplos de experiências que os cidadãos de Gilead vivenciam que, em muitos níveis, assemelham-se com o que vivemos no Brasil atualmente. De fato, podemos perceber que a imprensa nacional produz, amplamente, conteúdos que relacionam acontecimentos sociais e políticos e ficções distópicas. No dia 26 de abril de 2021, ao realizar uma busca no *Google*⁹⁰ com a frase "O

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RC7vsidrYzI&ab_channel=FolhadeS.Paulo>. Acesso em 17 de janeiro de 2022.

⁹⁰ A plataforma é formulada por uma série de algoritmos que visam entregar ao usuário uma experiência otimizada. Portanto, muito provavelmente, ao realizarmos essa mesma busca em outro momento, ou até mesmo outro dispositivo, poderíamos obter resultados ligeiramente diferentes. Esses resultados mostram o encontrado na ocasião específica dessa busca. "Para fornecer as informações mais úteis, os algoritmos da Pesquisa analisam vários fatores, inclusive palavras da consulta, relevância e usabilidade das páginas, conhecimento das fontes, bem como seu local e configurações" (GOOGLE, c2021). A intenção dessa rápida apresentação é demonstrar a natureza dos resultados que podem ser encontrados ao realizar uma pesquisa na plataforma fazendo a junção das palavras "Brasil" e "distopia". O objetivo foi elucidar as narrativas levantadas quando se menciona o assunto.

Brasil é uma distopia?" foi possível encontrar, já nas primeiras 5 matérias apresentadas pela plataforma, argumentos que fazem essa relação. No site da BBC Brasil⁹¹, há uma matéria que leva o título de "Brasil passou do sonho à distopia, diz estudioso francês", que também foi repercutida pelo portal UOL⁹². Já no site do Estadão⁹³, a reportagem questiona: "O Brasil está a caminho da distopia?". A Gazeta do Povo⁹⁴, nesse mesmo sentido, afirma que "O Brasil é a mais cruel e violenta distopia". E, por fim, o portal Brasil de Fato⁹⁵ faz também essa relação a partir do artigo "O meu país é a minha distopia". Essas, e muitas outras, começam a nos dar indícios da ideia de que, cada vez mais, produções ficcionais distópicas passam a trazer marcadores de situações que, na verdade, já vivemos.

Notamos que majoritariamente as reportagens mencionadas se tratam de textos de opinião, assinados por jornalistas e sociólogos. Elas não perdem sua validade jornalística em decorrência disso, entretanto, essa especificidade deve ser reconhecida em termos de neutralidade da informação. As reportagens compartilhadas pelo portal BBC Brasil e pelo UOL, por exemplo, mencionam o estudioso francês Gaspard Estrada. Elas trazem a mesma imagem do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e repercutem acontecimentos importantes do Governo para fazer tal relação como, por exemplo, a demissão de técnicos do Ministério da Saúde, pasta atualmente sem um ministro titular, o pedido de Bolsonaro para que seus apoiadores "arranjem um jeito de entrar e filmar hospitais públicos" e etc (FERNANDES, 2020a).

⁹¹<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53073306>> Acesso em 26 de abril de 2021.

⁹²<<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/20/brasil-passou-do-sonho-para-a-distopia-diz-estudioso-frances.html>> Acesso em 26 de abril de 2021.

⁹³<<https://opinio.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,o-brasil-esta-a-caminho-da-distopia,70003162263>> Acesso em 26 de abril de 2021.

⁹⁴<<https://www.gazetadopovo.com.br/opinio/artigos/o-brasil-e-a-mais-cruel-e-violenta-distopia/>> Acesso em 26 de abril de 2021.

⁹⁵<<https://www.brasildefatopb.com.br/2020/01/29/o-meu-pais-e-a-minha-distopia>> Acesso em 26 de abril de 2021.

Figuras 6.1 e 6.2 - Título e foto das reportagens publicadas por BBC Brasil e Uol Notícias.

Brasil passou do sonho à distopia, diz estudioso francês

Daniela Fernandes
De Paris para a BBC News Brasil

20 junho 2020



'O Brasil vive um processo acelerado de erosão democrática', opina o acadêmico Estrada sobre governo de Jair Bolsonaro (acima)

Brasil passou do sonho à distopia, diz estudioso francês



'O Brasil vive um processo acelerado de erosão democrática', opina o acadêmico Estrada sobre governo de Jair Bolsonaro (acima)
Imagem: EPA

Fonte: Daniela Fernandes (2020a; 2020b).

As demais reportagens produzem relações semelhantes, citando apoiadores do presente governo do país (como a matéria publicada na *Gazeta do Povo*), ou até mesmo relacionando à realidade atual explicitamente com a série *The Handmaid's Tale*, como é o caso do Brasil de Fato. Na reportagem, a imagem principal se trata de uma cena do episódio 6 da terceira temporada de *The Handmaid's Tale*⁹⁶. Essa é uma passagem forte da produção ficcional, pois, nesse episódio são apresentadas as Aias que vivem em Washington, a capital do país. Essas mulheres vivem sob uma ainda mais forte opressão pois, diferentemente das demais apresentadas ao longo da trama, não têm permissão sequer para falar.

Nesse mesmo sentido, Antônio de Oliveira (2020) afirma na reportagem publicada no *Estadão* que a distopia "trata-se de um lugar ou Estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão". Como centro de seu argumento, o autor questiona se o Brasil estaria a caminho de oferecer condições de extrema opressão para sua população. Isso nos mostra que as instabilidades políticas vivenciadas no país levantam preocupações que não são inéditas em âmbito global nem nacional. Não é a primeira vez que presenciamos situações semelhantes, e é interessante observar como se dão as percepções dos sujeitos a esse respeito dentro do âmbito virtual.

⁹⁶ Cena publicada no canal de *YouTube* da comunidade *The Handmaid's Tale Brasil*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VxzUWdmC0AA&ab_channel=TheHandmaid%27sTaleBrasil> Acesso em 06 de julho de 2021.

Figuras 6.3 e 6.4 - Título, subtítulo e foto das reportagens publicadas por Gazeta do Povo e Brasil de Fato.

O Brasil é a mais cruel e violenta distopia

Artigo | O meu país é a minha distopia

Paralelos entre a ascensão política da extrema direita no Brasil contemporâneo e as sociedades distópicas da literatura

Clariça Ribeiro
Brasil de Fato | João Pessoa (PB) | 29 de Janeiro de 2020 às 14:00

Por Carlos Alberto Chaves Pessoa Júnior 08/05/2020 17:28



Cena da premiada série norte-americana "The Handmaid's Tale", inspirada em "O Conto da Aia". - Reprodução / Hulu

Fonte: Carlos Alberto Chaves Pessoa Júnior (2020) e Clariça Ribeiro (2020).

Figura 6.5 - Título, subtítulo e breve trecho da reportagem publicada pelo Estadão.

[Opinião](#)

O Brasil está a caminho da distopia?

Resta-nos resistir para ela não retirar os ares de liberdade e democracia que ainda respiramos

Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, O Estado de S.Paulo
17 de janeiro de 2020 | 03h00

Procurei em vários dicionários, incluídos os dedicados aos sinônimos e aos antônimos, mas encontrei em apenas um, o Houaiss, o significado de distopia. Está lá explicado tratar-se de "localização anômala de um órgão". Já para o Google, trata-se de um lugar ou Estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão.

Parece ser esse o sentido emprestado ao vocábulo pela seção Estante, do caderno Aliás, publicado pelo Estado de 21 dezembro de 2019, que versa sobre alguns livros a respeito da chamada "literatura futurista distópica". Segundo definição da matéria, "a distopia parece ser o oposto de utopia, já que esta descreve um mundo ideal alcançável, enquanto

Fonte - Antônio de Oliveira (2020).

É possível notar, ainda, que existem inúmeras movimentações políticas, no Brasil e no mundo, que se apropriam das pautas e das imagens que circulam em produções distópicas para ilustrar e reforçar o argumento de suas lutas. Nos últimos anos, houve protestos sociais ao redor do mundo que reivindicavam pautas sobre os direitos femininos e utilizavam cenas do universo *The Handmaid's Tale* como forma de ampliar a visibilidade das movimentações. Segundo reportagem do site *Handmaid's Brasil* (2018), "tudo começou nos Estados Unidos, onde a série estreou primeiro. Lá *The Handmaid's Tale* chegou em um momento oportuno, os ânimos estavam acalorados com a vitória de Donald Trump para presidente do país mais poderoso do mundo". O lançamento da série acirrou os ânimos de uma disputa que já vinha ganhando força e, com isso, manifestantes utilizaram as vestimentas de Aias para se posicionarem a respeito da luta pelos seus direitos sexuais e reprodutivos no país. Ainda

segundo a reportagem, "Um dos primeiros grupos de mulheres a realizarem movimentos do tipo foi o "Texas Handmaids". Foram elas que organizaram os primeiros movimentos em frente à Casa Branca. O grupo persiste até hoje, recentemente denunciando clínicas clandestinas de aborto nos Estados Unidos" (HANDMAID'S, 2018). Depois destes atos, manifestações semelhantes começaram a se popularizar, ganhando força no mundo todo.

Na América Latina, o movimento se iniciou na Argentina quando, ainda em 2017, manifestantes se caracterizaram de Aias e foram para a frente do Congresso Federal em Buenos Aires. "As manifestantes caminharam pelas ruas de Buenos Aires em fila indiana e em silêncio, cada uma coberta pelo manto vermelho e com gorro branco na cabeça" (VEJA, 2018). A proposição dessa movimentação das argentinas se relaciona com a intensa luta que ocorreu no país, nos últimos anos, em prol da legalização e descriminalização do aborto.

Figura 6.6 - Manifestantes argentinas protestando em Buenos Aires.



Ativistas em campanha pela descriminalização do aborto em Buenos Aires: como em Gilead. - 25/07/2018. Eitan Abramovich/AFP

Fonte: Veja (2018).

Em seguida, em agosto de 2018, o movimento aconteceu no Brasil. Mulheres repetiram o ato das Argentinas e foram, vestidas de Aias, manifestar-se em frente ao prédio do STF, na Praça dos Três Poderes em Brasília (MARQUES, 2018). O ato foi repercutido, principalmente, em duas reportagens. A primeira veiculada pelo G1, com o título "Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília" e a segunda pelo UOL, com o título "*The Handmaid's Tale*: grupo pró-aborto protesta a caráter em Brasília".

Figuras 6.7 e 6.8 - Reportagens veiculadas pelos portais G1 e UOL a respeito de manifestação inspirada em *The Handmaid's Tale*.

Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília

No livro canadense, transformado em série de TV, mulheres férteis são convertidas em escravas sexuais. STF faz audiência pública sobre interrupção da gravidez nesta sexta.

Por Marília Marques, G1 DF
03/08/2018 15h:21 - Atualizado há 2 anos



Ativistas se vestem de 'aia' em protesto pela descriminalização do aborto — Foto: Marília Marques/G1

'The Handmaid's Tale': grupo pró-aborto protesta a caráter em Brasília



Dez manifestantes a caráter de 'The Handmaid's Tale' se reúnem em frente ao STF, em Brasília. Imagem: Mariana Carneiro Aguiar/Brasil

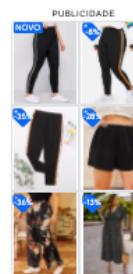


Da Universo

03/08/2018 15h41

O Supremo Tribunal Federal está fazendo um debate histórico nesta sexta-feira (3) pela legalização do [aborto](#).

E, em defesa dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, um grupo se manifestou em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília, usando figurinos que remetem à série *'The Handmaid's Tale'* (ou *'O Conto da Aia'*, exibido no Brasil pelo canal Paramount).



Seu guarda-roupa privado

Fontes - Marília Marques (2018) e Universo UOL (2018).

A luta pela descriminalização do aborto foi repercutida em âmbito nacional nessa época, principalmente, a partir do reflexo da conquista argentina (O POVO, 2018). No país vizinho, o aborto foi legalizado até as 14 semanas de gestação. No Brasil, o movimento conquistou o agendamento de uma audiência pública pelo Supremo Tribunal Federal, a partir de uma ação proposta pelo PSOL em março de 2017, para ouvir especialistas, instituições e organizações nacionais e internacionais envolvidas com o tema. Entretanto, ainda que as movimentações tenham sido importantes, hoje a lei segue a mesma. O país permite o procedimento quando a mulher é vítima de um estupro, quando o feto é anencéfalo ou quando a gestação representa um risco para a vida da mulher (BETIM, 2018).

A conquista ao direito de abortar seria um passo importante em relação aos direitos sexuais e reprodutivos das brasileiras. Sabemos que abortos clandestinos acontecem ainda que sejam proibidos e, com isso, mulheres morrem diariamente. A segunda edição da Pesquisa Nacional de Aborto (PNA), realizada em 2016, demonstra que cerca de 20% das mulheres brasileiras terão feito aborto ilegal ao final de suas vidas reprodutivas, ou seja, uma em cada cinco mulheres aos 40 anos terá abortado ao menos uma vez ao longo da vida⁹⁷. É interessante observar a conexão que as manifestantes fazem entre a realidade retratada em *The Handmaid's Tale* - uma sociedade teocrática e patriarcal - com o que vivemos no Brasil - um Estado teoricamente democrático e laico.

⁹⁷<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/uma-em-cada-cinco-mulheres-fara-um-aborto-ate-os-40-anos-indica-pesquisa>.

Além disso, outras movimentações também levantam questões sociais e políticas a partir de produções ficcionais distópicas com ampla circulação nas redes sociais digitais. Políticos brasileiros já fizeram em suas páginas pessoais relações entre produções distópicas e acontecimentos sociopolíticos no país. Em agosto de 2020, Manuela D'Ávila publicou, em sua conta pessoal de *Instagram*⁹⁸, uma imagem que posiciona a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo de Jair Bolsonaro, Damare Alves, no lugar de Tia Lydia, uma das personagens mais cruéis de *The Handmaid's Tale*. Em março de 2021 foi a vez de Guilherme Boulos fazer o mesmo paralelo. Ele publicou, também no seu *Instagram*⁹⁹, uma cena da série e aconselha aos seguidores: "Atenção!". Nessa mesma lógica, no *YouTube*, o canal de comédia Porta dos Fundos, que atualmente possui mais de 16 milhões de inscritos, publicou, em junho de 2019, um vídeo que leva o título de *Handmaid's Tale*¹⁰⁰. Na produção, vemos atrizes caracterizadas de Aias se preparando para assistir a um pronunciamento de Jair Bolsonaro. A mensagem é clara: as falas de Jair Bolsonaro soam preocupantes até mesmo para personagens de uma distopia político-religiosa. A produção tinha, em fevereiro de 2022, 1.733.283 visualizações. Nesse mesmo contexto, ressaltamos a existência no *Twitter* de uma conta que leva o nome de Distopia Brazil¹⁰¹, que em fevereiro de 2022 possuía mais de 18,5 mil seguidores. Lá é possível acompanhar, diariamente, postagens que fazem relações semelhantes, sendo corroboradas pela descrição do perfil: "O Brasil governado por Bolsonaro é a pior das Distopias"¹⁰².

⁹⁸ <<https://www.instagram.com/manueladavila/>> Acesso em 26 de abril de 2021.

⁹⁹ <<https://www.instagram.com/guilhermeboulos.oficial/>> Acesso em 26 de abril de 2021.

¹⁰⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=D_hEDCpfaKQ> Acesso em 26 de abril de 2021.

¹⁰¹ <<https://twitter.com/Douglas86736732>> Acesso em 26 de abril de 2021.

¹⁰² Ainda que a principal crítica do perfil seja efetivamente ao atual governo do Brasil, o foco da conta é um pouco mais amplo. Há também críticas a diversas problemáticas sociais no mundo.

Figura 6.9 - Postagem no *Instagram* de Manuela D'ávila.



Fonte - *Instagram*.

Figura 6.10 - Postagem no *Instagram* de Guilherme Boulos.



Fonte - *Instagram*.

Figura 6.11 - *Thumbnail* do vídeo do canal Porta dos Fundos no *YouTube*.



Fonte - *YouTube*.

Figura 6.12 - *Retweet* de Distopia Brasil sobre a crise de Covid-19 na Índia.



Fonte - *Twitter*.

O contexto descrito até este momento nos leva a duas percepções: a primeira é a de que há, em diversos âmbitos da nossa sociedade, um movimento que compara o que se passa no Brasil com o enredo de produções ficcionais distópicas. Em segundo lugar, notamos que o universo ficcional distópico abordado em *The Handmaid's Tale* se mostra quase que central para os debates que fazem esta articulação, o que sugere ser um interessante objeto de pesquisa para esta investigação.

Um ponto que pode ser entendido como crucial para o protagonismo que *The Handmaid's Tale* tem nesse cenário é que, ainda que nas últimas décadas, os direitos das mulheres tenham tido um significativo avanço no Brasil, principalmente a partir das lutas provenientes da Primavera Feminista brasileira, não podemos negligenciar o fato de que, recentemente, muitos desse direitos têm sido questionados por governantes ao redor do mundo. Existe, portanto, uma tensão que relaciona a ampliação e a suspensão de direitos no campo social e político, sob argumentações muito próximas das questões totalitárias apresentadas no enredo de *The Handmaid's Tale*. O que fortalece a intenção em perceber de que modo estas questões têm sido compreendidas por cidadãos e espectadores/leitores que fazem paralelos entre os dois universos: o ficcional distópico e o real.

6.2 Os Dados Netnográficos

Conforme elucidada Kozinets (2014, p.127), por ser "uma abordagem indutiva, a netnografia estuda o mundo dos fenômenos em busca de oportunidades para construir proposições teóricas ou ricas e densas descrições, comparações e classificações". Nessa perspectiva, a análise netnográfica se dá de acordo com as especificidades do ambiente on-line como, por exemplo, a textualidade dos dados, a natureza incorpórea e anônima da interação on-line, e etc (KOZINETTS, 2014). Além disso, importa pontuar que codificação, análise e interpretação são etapas importantes do processo netnográfico, sendo todas pautadas na consideração das interações entre os sujeitos no campo comunicativo de comunidades on-line.

As questões referentes à análise de dados podem ser encaminhadas através de diferentes perspectivas. Nessa lógica, a Análise de Dados deste trabalho, seguindo o que está proposto por Robert Kozinets (2014), será realizada a partir do tensionamento das informações obtidas na fase de Coleta de Dados de forma manual com os aportes teóricos utilizados nesta pesquisa, a fim de perceber de que modo as questões tensionadas no grupo de *Facebook "The Handmaid's Tale Brasil"* colaboram para a construção das percepções que os/as participantes fazem a respeito da situação sociopolítica e de gênero sob a perspectiva feminista contemporânea brasileira.

São sete as categorias elencadas na observação participante realizada no mês de março de 2021. A primeira, "Debates sobre a trama/história do universo THT" diz respeito às postagens, especificamente, sobre acontecimentos da trama, conjecturas do que pode acontecer em momentos futuros a respeito do universo THT de modo geral, e etc. Nos exemplos abaixo, vemos comentários com opiniões dos membros sobre o que se passa na trama e aos personagens da série. Em ambos os casos, por exemplo, podemos ver, graças ao número de reações recebido pelas postagens, que um significativo número de pessoas concorda com as afirmações feitas, o que demonstra que majoritariamente os membros do grupo possuem opiniões semelhantes entre si.

No caso da posição contrária à relação romântica de Nick e June, o que se observa é que grande parte dos espectadores e leitores da obra veem a união como algo negativo para o percurso de June em Gilead, uma vez que a personagem acaba, em alguns momentos, esquecendo suas pautas de luta em detrimento do que sente pelo parceiro. Além disso, há uma crítica forte sobre a relação de poder que existe diante do casal, considerando que Nick ocupa uma posição de comandante em Gilead e June é uma Aia. Isso mostra, por exemplo, que as opiniões dos membros da comunidade vão, de modo geral, ao encontro de pautas em

defesa de questões libertárias para a mulher, colocando-se contra qualquer posição de opressão que possa incidir sobre as personagens.

Entretanto, isso se contradiz quando é pontuada, em formato de elogio, a doçura apresentada pela personagem Janine. Ela é, assim como June, uma Aia que passou por diversas situações de abuso e violência. Tudo isso a tornou uma mulher temerosa e assustada que encontrou na delicadeza um mecanismo de defesa. No início da trama, vemos Janine como uma mulher forte, decidida e opinativa. Entretanto, conforme ela vivencia situações de abuso, essas características se desfazem, deixando espaço para outras particularidades que permitem que a personagem se defenda das violências vividas no país. Esse tipo de contradição é natural quando se trata desse tipo de assunto, uma vez que a opressão sofrida por ambas as personagens reflete questões estruturais de nossa sociedade que, em alguns momentos, não são aprofundadas com tanta facilidade quanto outras.

Figuras 6.13 e 6.14 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

A segunda categoria, que leva o título de "O universo THT e seus acontecimentos no mundo", elenca conteúdos que exploram ocorrências sobre o universo *The Handmaid's Tale*, como premiações, divulgações de vídeos promocionais e datas de lançamento, informações sobre as atrizes, atores e equipe de produção e etc. Nos exemplos a seguir, temos uma postagem que fala a respeito de algumas locações de gravação da série no Canadá que podem

ser visitadas pelos espectadores no país. E, ainda, uma publicação mencionando uma maratona da série *The Handmaid's Tale* que estaria disponível no canal de televisão por assinatura *Paramount*, muito provavelmente em razão da iminência da estreia do lançamento da quarta temporada da série, em abril de 2021. Isso nos mostra que, além de um espaço próprio para debates a respeito da trama, questões práticas, externas e variadas relacionadas ao universo THT também permeiam as conversas e postagens empreendidas pelos membros do grupo.

Figuras 6.15 e 6.16 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: Facebook *Handmaid's Brasil*.

A categoria "Associação do universo THT com a política do Brasil/mundo" compreende postagens que relacionam, direta ou indiretamente, vivências e opressões sociopolíticas experienciadas pelos(as) membros do grupo, com passagens de *The Handmaid's Tale*. No primeiro exemplo, a seguir, vemos um *post* onde há uma comparação entre o atual Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e uma personagem antagonista da trama ficcional de THT, Tia Lydia. Com isso, podemos perceber um exemplo claro da pontuação, por parte dos membros do grupo, de uma relação direta entre a realidade brasileira e o que se tem em THT. Já no segundo exemplo, que aborda a questão da PL 5435/2020, que já foi abordada neste trabalho, podemos perceber uma relação entre a trama e a realidade contemporânea do Brasil. Isso porque quando uma publicação desse cunho é feita dentro de um espaço próprio para discussões acerca da temática de *The Handmaid's Tale*, há margem para interpretarmos que de forma indireta está sendo feita uma associação entre ambos os assuntos. Assim como nas tramas do universo ficcional de Atwood, no Brasil também é

bastante comum vivenciarmos dificuldades sociais e políticas que colocam em jogo direitos femininos.

Figuras 6.17 e 6.18 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Enquanto isso, na categoria "Relação entre a trama do universo THT e problemáticas feministas/de gênero" constam postagens que, de alguma forma, relacionam opressões feministas/de gênero experienciadas pelas brasileiras, com tensões representadas na trama nesse mesmo sentido. É o caso do primeiro dos dois exemplos pontuados a seguir. É uma postagem que fala de uma possível dificuldade reprodutiva na sociedade que vem ocorrendo em decorrência da poluição global. Assim, de certa forma, a pessoa que traz esse conteúdo para a comunidade THT BR compara o que é retratado em THT com questões da nossa realidade. Em Gilead, as taxas de fertilidade diminuem de forma absurda e muito rápido por questões também ambientais, e este foi um dos principais motivos que possibilitaram o golpe religioso totalitário que ocorreu no governo dos EUA e que originou a República de Gilead.

Outra publicação que fala a respeito da diferença sexual do trabalho também é elencada nesta mesma categoria. A postagem em questão fala sobre uma reportagem que conta a história de um homem que foi condenado a indenizar a ex-mulher em razão do trabalho doméstico que ela realizava para ele gratuitamente. A membro que fez a postagem se mostra a favor da decisão, e afirma que se o homem desejava uma empregada doméstica, por exemplo, ele deveria contratar uma, ao invés de compelir sua esposa a realizar serviços

domésticos sozinha. Isso está relacionado com a problemática do trabalho não remunerado desempenhado pelas mulheres, o qual sabemos ser um dos principais pilares da organização social e econômica atual e, sem o qual, o sistema capitalista não se sustentaria. Além de podermos observar esses tópicos em nossa realidade social global, a sociedade ficcional de *The Handmaid's Tale* também é amparada pelo trabalho doméstico não remunerado de todas as mulheres da sociedade, separadas nas castas de Esposa, Martas, Tias e Aias.

Figuras 6.19 e 6.20 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: *Facebook Handmaid's Brasil*.

Na categoria "Produções audiovisuais/literárias/etc com temáticas análogas à do universo THT", dialoga-se a respeito de outras tramas as quais os(as) membros de alguma forma entendem como relacionadas à THT, seja pela história, pelo elenco, etc. Uma das postagens utilizadas aqui para ilustrar a categoria refere-se a uma reportagem sobre um filme de animação que questiona a situação da mulher que trabalha fora e ainda tem de fazer tudo em casa sozinha. Mais uma vez, o assunto da divisão sexual do trabalho entra em pauta. Ainda, observamos outra publicação que vai nesse mesmo sentido e fala de homens que têm medo de mulheres destemidas a partir de um filme que possui um viés semelhante ao de THT. O filme se chama "Silenciadas"¹⁰³ e, segundo o membro que produziu a postagem, se

¹⁰³ Um grupo de mulheres bascas, no ano de 1609, são acusadas de bruxaria e tentam provar sua inocência ao realizar a celebração do Sabbath para seus inquisidores. É um filme espanhol baseado na maior queimada de

relaciona com a série porque fala sobre como o fanatismo e o patriarcado são construções que provocam violência contra as mulheres. Uma história que fala sobre força feminina, assim como o universo THT.

É interessante observar como, mais uma vez, as postagens não mencionam, em momento algum, especificamente o universo THT. Mas, ainda assim, o conteúdo de ambas se relaciona com o assunto levantado pela produção. O que mostra, novamente, que o grupo é um espaço que os membros veem como adequado para levantar debates que tangenciam as questões de gênero e feminismo na sociedade contemporânea. Isso nos dá, outra vez, indícios dos usos que esses membros estão fazendo desse espaço.

Figuras 6.21 e 6.22 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Em "Associação do universo THT com a religião católica ou outras religiões", são elencados, por exemplo, *posts* que problematizam o uso da religião para justificar opressões contra parcelas minorizadas da sociedade, como é o caso da trama de *The Handmaid's Tale*. No primeiro exemplo, a seguir, vemos mais uma publicação que traz uma questão do mundo real e a aproxima com alguma referência sobre *The Handmaid's Tale*. Aqui, foi mencionada a cor das roupas dos fiéis na imagem: em THT as Aias usam vermelho, e as Esposas usam azul esverdeado. Cores bastante semelhantes às vestimentas em questão na imagem da postagem. Mas podemos observar mais do que isso. O título da matéria questiona as ações dos fiéis

bruxas na história da Europa. Baseado no livro *A Feiticeira*, da autora Jules Michelet. Mais em: <<https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-158001/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

desta religião: afirma-se que eles acreditam menos em vacinas do que pessoas que não estão vinculadas a essa religião. Isso pode ser visto, de determinado ponto de vista, como uma crítica às ações totalitárias sugeridas por algumas religiões, como a descrença na ciência, por exemplo, algo que também é, de certa forma, mostrado em *The Handmaid's Tale*.

O exemplo seguinte aborda manifestações que utilizam a religião como pretexto para a opressão de determinado grupo social em detrimento de outro. A publicação em questão faz uma ótima intersecção entre o universo ficcional distópico de *The Handmaid's Tale* e religiões totalitárias e opressoras. Trata-se do compartilhamento de um *tweet* que fala sobre como "homens machistas criam deuses machistas". Podemos concluir que a ideia dessa postagem é afirmar que se pessoas machistas criassem os preceitos de uma religião, ela seria machista.

Figuras 6.23 e 6.24 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Por fim, na categoria "A comunidade THT Brasil", pontuam-se questões específicas sobre a comunidade *Handmaid's* Brasil. São avisos da moderação, novidades, divulgação de reportagens publicadas no *site*, e etc. Nos exemplos a seguir temos duas publicações bastante

práticas. A primeira fala a respeito do grupo de *Telegram* organizado pelos moderadores da Comunidade *Handmaid's* Brasil, que é mais um dos canais de interação oferecidos pela organização. A segunda postagem menciona um recente episódio do *podcast* também organizado pela *Handmaid's* Brasil, denominado "*Free America*", o mesmo nome da rádio canadense que fala sobre a situação dos americanos em Gilead. Há um episódio da série em que June tenta escapar de Gilead e acaba conseguindo ouvir, clandestinamente, um pouco da programação da rádio.

Figuras 6.25 e 6.26 - Postagens coletadas ao longo da observação participante.



Fonte: Facebook *Handmaid's* Brasil.

Essa separação em categorias serviu como um mapeamento para entendermos os principais assuntos abordados pelos membros, para que fossem direcionados questionamentos, nas etapas seguintes, de acordo com o observado na comunidade. Foi a partir deste levantamento que percebeu-se uma grande incidência de assuntos que envolvem problemáticas sociopolíticas e de gênero na comunidade.

Tabela 6.1 - Categorização das temáticas debatidas pelos(as) membros do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil.

Categoria	Quantidade de posts
Debates sobre a trama/história do universo THT	30 postagens
Associação do universo THT com a política do Brasil/mundo ¹⁰⁴	22 postagens
O universo THT e seus acontecimentos no mundo	15 postagens
Produções audiovisuais/literárias/etc com temáticas análogas à do universo THT	9 postagens
Associação do universo THT com a religião católica ou outras religiões	7 postagens
Relação entre a trama do universo THT e problemáticas feministas/de gênero	6 postagens
A comunidade THT Brasil	4 postagens

Fonte - Elaborado pela autora.

Ponto interessante, por exemplo, é que, juntas, as categorias "Associação do universo THT com a política do Brasil/mundo" e "Relação entre a trama do universo THT e problemáticas feministas/de gênero" contabilizam um total de 28 postagens ao longo do mês de março de 2021, em comparação com as 30 postagens elencadas na categoria "Debates sobre a trama/história do universo THT". Os números quase iguais, nos mostram que as publicações que abordam a questão das pautas minoritárias e sociopolíticas assumem uma posição tão relevante quanto os debates sobre a série em si. Isso nos leva para a ideia de que esse grupo de *Facebook* em específico está sendo usado, pelos seus membros, para debater e refletir sobre assuntos que extrapolam o universo *The Handmaid's Tale* especificamente. Portanto, uma vez que esses tópicos estão sendo levados à discussão pelos próprios sujeitos

¹⁰⁴ Essa categoria possui um número de postagens muito mais expressivo do que a categoria que fala diretamente a respeito de questões feministas/de gênero, pois muitas das discussões presentes no grupo, e elencadas nessa categoria, envolvem política do Brasil/do mundo e são também perpassadas pela questão de gênero. Entretanto, por uma questão organizacional, optamos por elencar as categorias dessa forma. Isso se dá, por exemplo, pelo fato de que observamos que os(as) membros do grupo se dedicam a questionar muitas das posições assumidas especificamente pelo governo de Jair Bolsonaro. E o que se tem é que o Presidente do Brasil realiza e produz diversas falas e ações no sentido de corroborar violências e opressões de gênero. Ainda que esse não seja o único tema debatido quando se realiza esse tipo de postagem.

que constroem a comunidade, inferimos que os participantes veem alguma relação entre os acontecimentos sociais, políticos e de gênero, com o que se passa na trama.

Com a realização do mapeamento e exploração dos dados, possibilitou-se, com mais segurança, que o campo mostrasse as particularidades a serem abordadas na pesquisa. Assim, planejou-se a realização de duas etapas seguintes: uma quantitativa e uma qualitativa. Foi graças ao entendimento de que os membros da comunidade *Handmaid's* Brasil desenvolvem debates que tensionam o universo THT com acontecimentos sociais, políticos e de gênero na atualidade, que formulou-se um questionário para a coleta de dados quantitativos e um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, que possibilita aprofundar mais a abordagem com os participantes.

6.3 Mapeamento do Grupo: Os Dados do Questionário

Seguindo o objetivo desta pesquisa, tornou-se necessário fazer um mapeamento dos interesses e observações sobre a comunidade a partir da perspectiva dos próprios participantes. O questionário divulgado na comunidade, aplicado via *GoogleForms*, permitiu a construção parcial do perfil e das percepções do grupo. Neste sentido, é importante ponderar que as dificuldades encontradas inicialmente para a aplicação (expostas no capítulo metodológico), bem como a participação voluntária dos respondentes, nos levou à composição de uma amostra não-probabilística acidental, sem que houvesse um controle sobre a representatividade das respostas no que diz respeito ao universo (aqui composto pelo número total de membros da comunidade).

Assim, o conjunto de respostas colhido no questionário foi de grande importância para nos direcionar para a etapa qualitativa, sendo, portanto, um mapeamento do cenário sem alcance estatístico mais preciso ou intencional, que permitiu algumas inferências problematizadas em momento posterior da pesquisa. O perfil socioeconômico e demográfico delimitado a partir das respostas do questionário, é composto majoritariamente por pessoas que se identificam com o gênero feminino (79,7%), seguido de respondentes que se identificam com o gênero masculino (19,2%). É um grupo que se encontra predominantemente na fase inicial da vida adulta, estando 37,2% na faixa 18 e 25 anos e 41,9% no grupo entre 26 e 35 anos, seguidos pelos que têm entre 36 e 45 anos (16,3%).

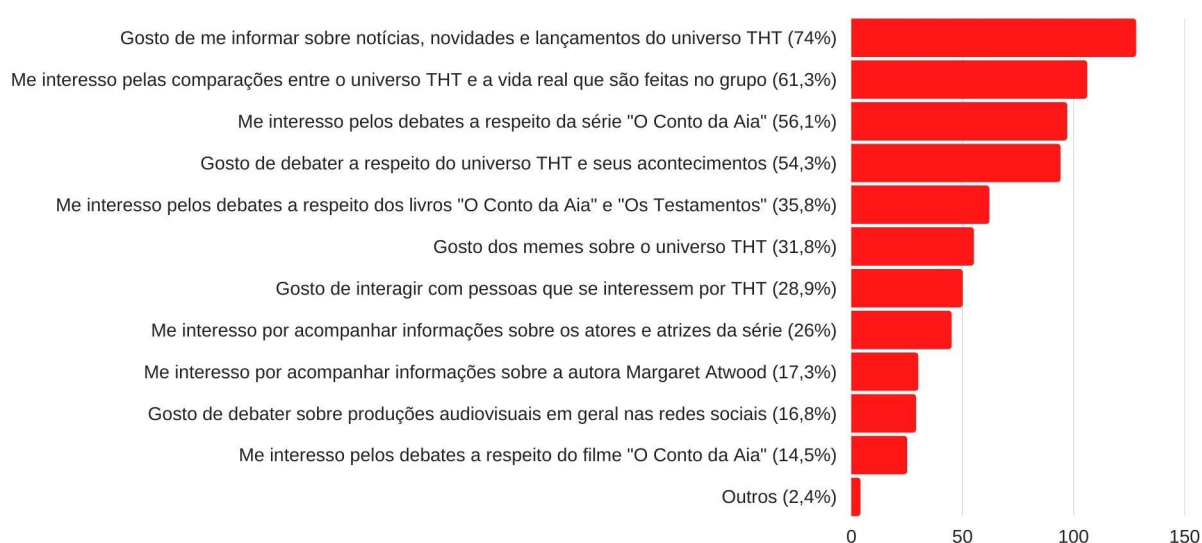
De modo geral, o conjunto de respondentes é formado por pessoas com escolaridade elevada, sendo 27,3% com ensino superior incompleto, 25% com ensino superior completo e 24,4% com pós-graduação completa. A distribuição de renda é bastante variada, sendo que 34,3% dos(as) respondentes têm renda familiar mensal entre R\$ 1.100,00 e R\$ 3.300,00,

22,7% entre R\$ 3.300,00 e R\$ 5.500,00 e 12,8% entre R\$ 5.500,00 e R\$ 7.700,00. Apesar de ter respondentes dos 26 estados brasileiros, mais o Distrito Federal, a amostra se concentra mais precisamente nas regiões Sul e Sudeste do país. São Paulo é o estado com maior número de representantes, sendo 29,1% dos respondentes originários(as) de lá. Temos também Rio Grande do Sul com 12,8%, Rio de Janeiro com 11,6%, Minas Gerais com 8,1% e Santa Catarina com 5,2% dos participantes. Portanto, tomando como parâmetro a amostra, chegamos a um perfil composto majoritariamente por **mulheres residentes nas regiões ao sul e sudeste do Brasil, na fase inicial de suas vidas adultas, com acesso à ensino superior e pós graduação, e renda familiar condizentes a classificação dos estratos socio-econômicos C2 e B2** (de acordo com parâmetros do Critério Brasil 2021)¹⁰⁵.

As motivações e percepções que os respondentes do questionário têm sobre o grupo de Facebook *The Handmaid's Tale Brasil* foram levantadas nas primeiras perguntas do instrumento. Assim, quando perguntados(as) a respeito das **razões que os levaram a solicitar a participação no grupo**, 61,3% dos(as) respondentes marcaram a opção "Me interesse pelas comparações entre o universo THT e a vida real que são feitas no grupo". Complementarmente, temos que 74% dos(as) membros têm as informações sobre notícias, novidades e lançamentos do universo THT como um dos motivos para participar do grupo.

Figura 6.27 - Gráfico sobre as razões que levaram os membros respondentes do questionário a solicitar participação no grupo.

Quais razões te levaram a solicitar a participação no grupo THT Brasil?

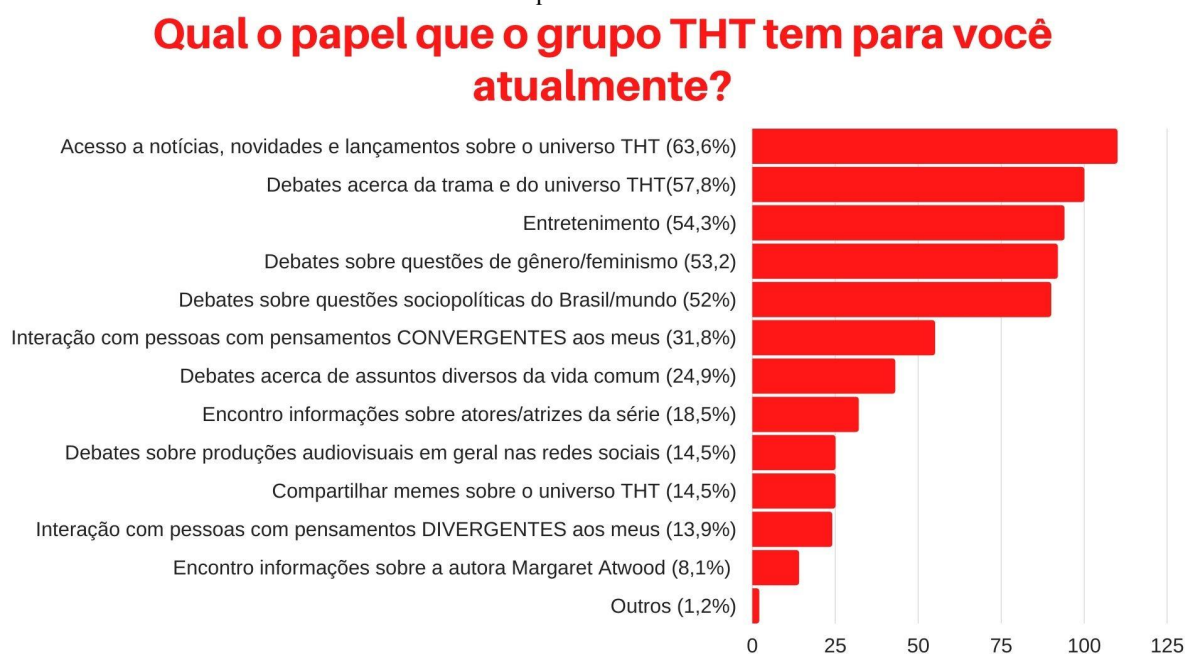


Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dos dados fornecidos pelo *Google Forms*.

¹⁰⁵Sobre o Critério Brasil, acessar: <https://www.abep.org/criterio-brasil>

Ademais, quando questionados sobre qual o papel que o grupo assume para os seus membros, 63,6% dos(as) respondentes afirma se interessar pela possibilidade de acesso a notícias e informações sobre o universo THT, 57,8% se atraem pelos debates acerca da trama do universo THT e, ainda, 53,2% dos(as) respondentes relata se interessar pelos debates sobre questões de gênero/feminismo que são feitos na comunidade, somados a 52% que afirmam tirarem proveito dos debates sobre questões sociopolíticas do Brasil/mundo. Sendo, portanto, os assuntos que abordam questões sociopolíticas e de gênero/feministas menores, em porcentagem, apenas do que as discussões a respeito dos acontecimentos sobre THT especificamente.

Figura 6.28 - Gráfico sobre o papel que a participação no grupo tem para os membros respondentes do questionário.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dos dados fornecidos pelo *Google Forms*.

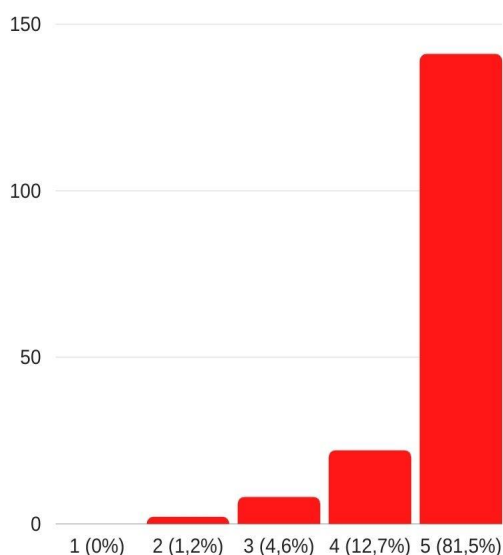
A partir deste contexto, foi possível perceber uma aproximação entre o que havia sido constatado na observação exploratória e as motivações elencadas por participantes do grupo no questionário. Assim, ainda que a principal motivação que leve as pessoas a participar dessa comunidade seja, efetivamente, dialogar a respeito do universo THT, os debates e publicações relacionados à tensões sociopolíticas, feministas e de gênero tem forte relevância para os membros do grupo. Corroborando esse raciocínio, observamos que quando solicitados para elencar, em escala de Likert¹⁰⁶ (BERMUDES, 2016), o grau de importância

¹⁰⁶ A escala de Likert é quando os(as) respondentes de uma pesquisa devem delimitar o seu grau de intensidade a respeito da percepção sobre alguma questão, geralmente a partir de uma escolha entre os números 1 e 5. Sendo 1 a intensidade mínima, e 5 a intensidade máxima. (BERMUDES, 2016)

que a abordagem das desigualdades de gênero tem para o seu interesse no universo THT, 82% dos(as) respondentes do questionário elencaram a pauta como muito importante.

Figura 6.29 - Gráfico sobre o papel que a participação no grupo tem para os membros respondentes do questionário.

A abordagem de desigualdades de gênero é importante para o seu interesse no universo THT?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dos dados fornecidos pelo *Google Forms*.

Por conseguinte, ainda no questionário, pedimos que os(as) respondentes que se sentissem confortáveis definissem a sua visão sobre o universo *The Handmaid's Tale* em uma palavra. Na figura a seguir, temos uma nuvem dessas palavras que, já em um primeiro momento, nos mostra que dentre as principais palavras mencionadas pelos participantes no questionário estão "real", "resistência", "medo", "machista", e "atual". Essa construção de percepções já nos dá indícios de uma corroboração da hipótese inicial, e também do que vem sendo percebido ao longo das observações realizadas. A nuvem pode indicar, portanto, que os(as) membros do grupo veem esse espaço como um lugar para debater, além das questões da trama, tensões sociopolíticas de gênero e, mais do que isso, pontuar uma semelhança entre a realidade e o que se passa no universo THT.

Figura 6.30 - Nuvem de palavras proveniente dos resultados do questionário.



Fonte - Elaborado pela autora.

Essa associação fica também evidente quando relacionamos a nuvem de palavras com as respostas abertas obtidas ao longo das entrevistas, bem como com os dados coletados no período que compreende a observação participante, realizada em março de 2021. Como já abordado, a etapa das entrevistas, em especial, foi construída e estruturada tendo como base os dados referentes às etapas anteriores de coleta de dados. Portanto, o próprio roteiro de entrevistas foi construído alicerçado no objetivo de aprofundar as temáticas pontuadas nos dados do questionário. Assim, a seguir, pretendemos debater algumas das percepções iniciais apresentadas pelos(as) entrevistados(as), que nos permitem ilustrar as principais categorias apontadas nessas etapas. De forma complementar, o material obtido ao longo da observação participante agrega também na discussão.

6.4 Análise Qualitativa: Observações e Entrevistas

Os dados coletados nas entrevistas possibilitam uma articulação mais próxima entre o que observou-se nas postagens do grupo, a partir da compreensão das motivações e percepções elencadas pelos(as) sujeitos(as) entrevistados(as). A primeira entrevista realizada nesta pesquisa foi com um dos fundadores e atual administrador do grupo, Marcos Snigura. Marcos participou da criação da comunidade *Handmaid's* Brasil desde o início, bem como da proposição de um grupo de *Facebook* para os fãs da comunidade debaterem assuntos

relacionados ao universo THT. Em sua entrevista, além das três sessões já mencionadas na etapa metodológica, questionou-se também sobre uma visão mais global do grupo, sua história e contexto, a partir do ponto de vista de quem hoje podemos chamar de principal moderador do grupo de *Facebook* THT Brasil e também da comunidade *Handmaid's* Brasil em geral.

Marcos se apresenta enquanto um homem cis-gênero de 23 anos, residente do estado de Santa Catarina e estudante de Engenharia Ambiental, que sempre gostou muito de assistir séries e filmes. Quando ele e um amigo assistiram a primeira temporada da série *The Handmaid's Tale*, sentiram vontade de criar uma comunidade brasileira para reunir fãs e admiradores da obra. Para ele, a série aborda um tema muito importante, que é pouco tratado em produções audiovisuais: as opressões sociais que estamos sujeitos a enfrentar e/ou que já enfrentamos diariamente. Em especial os grupos minoritários. Por isso, já à época, entendeu que poderia ser interessante proporcionar um espaço virtual de interação e debate sobre as questões apresentadas pela produção. Um ponto que ele elenca como crucial para o sucesso que a comunidade THT BR fez, bem como a própria produção audiovisual em questão, foi a premiação do *Emmy* de 2017. Mais tarde, em 2018, a disponibilização da produção no canal de *streaming* da TV Globo, o *Globo Play*, também se mostrou importante para a popularização da produção, na opinião de Marcos.

Assim, em 2017, ele e o amigo formularam um *site* e uma página de *Facebook* do que ele afirma ser a primeira comunidade brasileira de fãs e admiradores de THT. Com o passar do tempo, o parceiro na criação do espaço desistiu do projeto e Marcos se tornou o principal moderador. Conforme a comunidade foi crescendo, Marcos percebeu a pertinência da criação de outros ambientes virtuais para que os membros pudessem se reunir. Então, em junho de 2018 criou o grupo de *Facebook* *The Handmaid's Tale* Brasil. Atualmente ele conta com a ajuda de algumas pessoas que auxiliam na administração dos espaços, mas afirma que grande parte das responsabilidades são atribuídas a ele. Hoje, além de um *hobby*, a atividade de moderação da comunidade em geral se tornou também uma possibilidade de complementação de renda para Marcos, que consegue monetizar alguns dos espaços da *Handmaid's* Brasil, em especial o *site*.

Ajuda bastante. Claro que assim, sobreviver disso não, né? Porque tem época que a série não tá no ar e não existe né. Mas se tivesse outro... Eu até teria tipo vontade de criar um outro site pra falar de tudo né, porque ali fica um pouco limitado. Só fala dessa série, né? Até publico algumas coisas às vezes, de outros programas, mas muito relacionado a série.. Daí fica um pouco limitado. Mas seria assim, uma fonte de renda para sobreviver.. Só que é muito longe da minha profissão. Bem longe da Engenharia Ambiental. [Marcos]

Entretanto, os usos que Marcos faz do espaço vão muito além da monetização. Conforme ele afirma, o ganho pessoal e intelectual que tem ao realizar trocas com os membros é muito maior do que o financeiro. Ele vê o espaço como um ambiente relacional, de debates e construção de sentidos em relação aos problemas e tensões sociais que vivemos. Ao ser questionado sobre suas pretensões com a criação desse espaço virtual de discussão sobre a série, afirma que sempre soube que seria uma proposição interessante e que os debates iriam extrapolar os limites do ficcional. Em sua análise, dado o caráter que a produção assume, isso seria inevitável.

Eu sabia que isso ia acontecer. Por que é uma série diferente de todas, né? Desde os posts que a gente faz, a gente tem que ter um cuidado, assim.. gigante. Eu como homem às vezes publico algo que pra mim tá correto, e eu as vezes apanho.. por que levo uns esporrão lá nos comentários, "ah isso não tá certo", "isso não tá legal". [Marcos]

A ideia de que é necessário atenção e sensibilidade ao abordar determinados assuntos na comunidade, especialmente quando se trata de opressões de gênero, mostra que os(as) membros desse grupo podem ser entendidos como favoráveis às pautas sociais voltadas para parcelas minorizadas da sociedade. Além da entrevista com Marcos, foram realizadas outras seis entrevistas com membros do grupo que se mostraram disponíveis ao responderam o questionário. Luisa, Maria, Taís, Aline, Henrique e Leandro¹⁰⁷ aceitaram a proposta de colaborar com essa pesquisa e, entre os meses de Agosto e Dezembro de 2021, realizamos entrevistas com cada um individualmente.

Luisa tem 22 anos, se identifica enquanto uma mulher cis-genero residente na Bahia e estudante de Direito. Foi graças às suas vivências no ambiente acadêmico que chegou até ao grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil. Ela afirma não ter interesse no consumo de produções audiovisuais, preferindo dedicar seu tempo ao estudo e à leitura. Luisa participa de um grupo de pesquisa em que debate as possibilidades e limites relacionados às Constituições Federais de alguns países como, por exemplo, Brasil, Alemanha e Estados Unidos. Foi a partir dessa experiência que acabou chegando até a leitura de "O Conto da Aia" para discutir, no ambiente acadêmico, as maneiras que governos e Estados são capazes de limitar e intervir nos direitos dos cidadãos. Ela afirma ler também outras obras ficcionais distópicas para refletir relações semelhantes, entretanto vê *The Handmaid's Tale* como fundamental para discutir o assunto. "*Também lemos outros livros que todo mundo conhece... 1984, Fahrenheit,*

¹⁰⁷ Os nomes são fictícios, para manter o anonimato e privacidade dos entrevistados.

esse populares de distopias. Mas THT foi fundamental porque ele mostra uma visão muito complexa que vai muito além da constituição [Luisa]".

Ela afirma que passou a fazer parte do grupo de *Facebook* em razão da curiosidade e vontade de aprofundar os assuntos que estuda na faculdade, mas acabou permanecendo na comunidade também pelas outras discussões realizadas no ambiente que considera pertinentes. Ela não vê o grupo como um espaço para a construção de vínculos sociais, apenas como um facilitador de debates sobre assuntos de seu interesse. Ainda que tenha chegado até a comunidade apenas com a intenção de aprofundar seu conhecimento a respeito de questões sociopolíticas, entende que as abordagens mais direcionadas para as questões feministas e de gênero também são enriquecedoras para ela enquanto pessoa.

Logo que eu entrei eu lembro que tinha bem poucos membros e tal, então eu entrei mais por uma questão de curiosidade e estudo, e to lá até hoje. E curto essas discussões sobre feminismo, sobre gênero, e tudo mais. [Luisa]

Quando questionada sobre o que mais gosta no grupo de *Facebook Handmaid's Brasil*, Luisa afirma achar interessante a forma como os membros do grupo associam cenas da série com acontecimentos relativos a questões e debates sociais, que podem ainda reverberar em reflexões sobre situações da vida pessoal. *"Eles pegam uns pequenos cortes e discutem aquilo. É muito interessante. Então algumas partes, alguns cortes eu acho muito interessante. E as pessoas comentam lá no grupo e aquilo gera um ponto que você não havia percebido, e ali eu posso pegar aqueles pontos e transformar em outras questões"*, afirma a entrevistada. Para ela, o assunto predominante nos debates produzidos dentro do grupo de *Facebook* são questões vinculadas à política nacional e internacional, além de pautas religiosas associadas à opressão de determinados grupos sociais em detrimento de outros.

Maria, em sentido oposto ao relatado por Luísa, afirma ser uma grande admiradora de produções audiovisuais ficcionais, estando *The Handmaid's Tale* dentre suas preferidas. Ela tem 26 anos, se declara enquanto uma mulher cis-genero, residente do estado de São Paulo e trabalha como Analista e Gestora Ambiental. Maria não recorda como chegou até ao grupo de *Facebook*, e afirma que essa não é a única comunidade virtual sobre o universo THT que participa, ainda que seja nessa onde mais interage. Por se identificar como consumidora de produtos audiovisuais, participa também de comunidades sobre outras obras, pois gosta de acompanhar novidades, previsões e problematizações.

Assim como Luisa, Maria também passou a fazer parte do grupo em razão de sua curiosidade pelo assunto, embora as motivações de ambas sejam diferentes. Para Maria, a

comunidade THT BR e os seus variados espaços, como grupos de *WhatsApp* e *Facebook*, por exemplo, são ambientes em que ela costuma construir relações pessoais. Seu uso desses espaços se dá, portanto, não somente para debater particularidades da trama de *The Handmaid's Tale*, mas também sobre questões sociais que ela considera relacionadas com o universo THT. Os assuntos que ela mais debate nos espaços virtuais em que discute sobre a trama são variados

Quando tem episódios [sendo publicados] é sobre o episódio, teorias sobre as próximas temporada, bastante E.. Assuntos do tema, então, por exemplo.. Estourou o babado do Talibã, né?¹⁰⁸ E aí, a gente começou a falar muito sobre, e comparar muito a situação.. é inevitável. então a gente vai pegando temas assim, quando não tem episódio, temas da série mesmo, coisas que a gente lembra. [Maria]

Maria se sente muito satisfeita com a frequência em que o espaço é atualizado, e considera isso primordial para o acompanhamento efetivo dos produtos relativos ao universo THT e dos debates que podem ser provenientes das produções. Nesse mesmo sentido, entende que o assunto predominante entre as postagens da comunidade THT Brasil, se volta para as vivências da mulher em nossa sociedade e ao redor no mundo.

O assunto predominante? Olha, a forma como a mulher é tratada, tanto na série quanto no mundo real, fazendo a conexão. Então a forma como as mulheres são tratadas. Não tem nem como ser diferente, porque somos o centro da série, né? Então eu acho que é isso. A forma como somos tratadas na série e no mundo real. [Maria]

Aline, 27 anos, também demonstra interesse por literatura e produções audiovisuais ficcionais serializadas. Seu consumo de mídia se concentra em livros de ficção e em obras audiovisuais disponibilizadas em *streamings* como *Netflix* e *Amazon Prime*. Ela se identifica como uma mulher cis-gênero, mora em Goiânia/GO e atualmente cursa Jornalismo. Seu primeiro contato com o universo ficcional criado por Atwood se deu quando ela encontrou, em uma livraria sebo, o livro "O Conto da Aia". Ela relata que já havia ouvido falar a respeito da obra, mas a série produzida por Bruce Miller ainda não havia sido produzida. Segundo ela, em seu primeiro contato com o livro já entendeu a magnitude que a trama poderia atingir.

Eu li o livro e comecei a pesquisar tudo a respeito da série, porque achei assim... Que já estava na nossa realidade. [risadas]. Já era algo que tava na realidade que a gente tá vivendo, ou que vai ser daqui uns dias se a gente continuar nesse governo. E assim foi. Foi a porta de abertura depois que comecei a ler o livro. E daí logo depois foi lançada a primeira temporada da série, e fez um sucesso muito grande, né? De cara já ganhou Emmys, e daí começou a paixão. [Aline]

¹⁰⁸ Menção às tensões sociais e políticas vivenciadas no Afeganistão em 2021. <<https://g1.globo.com/tudo-sobre/afeganistao/>> Acesso em 07 de setembro de 2021.

Aline relata que após o lançamento da série *The Handmaid's Tale* sentiu necessidade de ir mais a fundo nas informações que tinha acesso a respeito do universo THT e, nesse momento, o grupo da *Handmaid's Brasil* apareceu como uma sugestão dentro da plataforma do *Facebook*. Ela solicitou a participação no espaço, e hoje afirma sentir que ele é um espaço em que pode conversar e interagir com diferentes pessoas que possuem interesses semelhantes aos seus. Ela inclusive já participou do time, referido por Marcos, de membros colaboradores da *Handmaid's Brasil*, e considera que os debates que ocorrem a partir dos *posts* do grupo são o ponto forte da experiência como membro.

Tem muita gente que assiste a série mas ainda não entende direito do que se trata. As pessoas não caem a ficha que aquilo ali é um retrato da realidade. E de vez em quando aparece uns bolsominions¹⁰⁹ perdidos lá, que a gente chama de OfJair [risadas]. [Aline]

Taís, 35 anos, residente do estado da Bahia, é Jornalista e trabalha como Desenvolvedora e Gestora de Produtos. Ela também se identifica como uma mulher cis-gênero e afirma que seu consumo diário de mídia não é permeado pelo uso da televisão aberta, sendo baseado em canais de *streaming* e no uso das redes sociais digitais. Esse é um ponto levantado pelas(os) entrevistadas(os), e pode ser percebido como um perfil de consumo de mídia dentre elas(es). Dentre os tipos de produção audiovisual que costuma assistir, Taís relata ter bastante interesse em obras distópicas, por isso o gosto por *The Handmaid's Tale*.

*Eu gosto muito de ficção científica e.. Como é o nome? Esqueci. O contrário de um futuro lindo e maravilhoso... **Distopia?** Isso! Exatamente. Geralmente é um gênero que eu gosto muito. E, além disso, séries bobinhas, coisas legais pra passar o dia, coisas sobre comportamento humano.. É o que eu mais consumo. [Taís]*

Assim como parte das(os) outras(os) entrevistadas(os), Taís afirma ter chegado até o espaço da *Handmaid's Brasil* no *Facebook* por desejar dialogar com outras pessoas sobre suas reflexões ao entrar em contato com a trama do universo THT. Ela relata perceber que a obra "*não se encerra no streaming*" e, por isso, acaba sentindo necessidade de aprofundar a complexificar os sentidos que constrói assistindo a série.

Você tem que extrapolar, se não ela perde uma das partes mais importantes, que é a reflexão. E eu gosto muito de conversar sobre as coisas que eu assisto, então eu sentia essa necessidade. E, ao mesmo tempo também, às vezes é uma conversa muito densa. [Taís]

¹⁰⁹ Termo usado popularmente para se referir aos apoiadores do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

Entretanto, ela ainda afirma sentir falta de algumas possibilidades dentro do espaço como, por exemplo, discussões que aprofundem a respeito de fotografia, figurino e trilha sonora da série. Mas, mesmo assim, afirma que sua característica preferida a respeito da comunidade é a possibilidade de dialogar sobre os mais variados tipos de assunto dentro do espaço. Outro ponto pertinente é que, diferente de Aline, por exemplo, que é uma ávida leitora da obra literária, Taís percebe que acaba participando mais dentro do espaço da *Handmaid's* Brasil nos momentos em que novas temporadas da série audiovisual estão em pauta.

Esse interesse mais direcionado na série, nos livros, ou em ambos, é sempre uma característica bem marcada dos entrevistados. Entretanto, a opinião predominante sobre esse assunto é que ambas as obras, cada uma de formas diferentes, apresentam uma importância e particularidade para o universo THT. Ou seja: não é possível perceber, dentre as respostas dos entrevistados, ou até mesmo nas observações no grupo de *Facebook*, uma preferência ou protagonismo geral de uma das obras em detrimento das outras. Algumas pessoas demonstram maior interesse pelos livros, outras pela série, e outras entendem que ambas as obras possuem seu próprio espaço. A única produção que não assume protagonismo nesse quesito é o filme "A Decadência de Uma Espécie".

Leandro, por exemplo, considera que há uma diferença importante entre a ordem de consumo das obras. Em sua opinião, o ideal é ler o livro (*O Conto da Aia*) primeiro, para só então entrar em contato com a série. Ele acredita que ambas são obras que, mesmo tratando do mesmo assunto, se complementam em suas complexidades.

*Uma percepção geral que eu tenho é que as pessoas não têm muita paciência pra série. Mas eu não senti isso. Por que eu já tinha passado pelo livro, já sabia mais ou menos como era a dinâmica, o sofrimento das personagens, tudo que elas passavam.. Então eu meio que já estava preparado. E o que eu escuto por aí é que o pessoal não aguenta o ritmo da narrativa. **Por que?** Por que é muito explícito a violência. Mas, assim.. No livro não é tão gráfico, né? [Leandro]*

Ele tem 26 anos, se identifica enquanto um homem cis-gênero, cursa Engenharia Civil, e é natural de Aracajú/SE. Relata que seu consumo de mídia é, majoritariamente, baseado no uso de *streamings* como, por exemplo, *Netflix*, *Amazon Prime*, *HBO Max*, e etc. É membro do grupo THT Brasil desde meados de 2019, e conta que chegou até o espaço pelos cortes de cenas da série que eram divulgados na página oficial de *Facebook* da *Handmaid's* Brasil. Quando solicitou a participação no espaço, ainda não havia entrado em contato com nenhuma das obras do universo THT, entretanto sabia que a pauta tinha bastante relação com a forma como a mulher é tratada na comunidade. Segundo ele, foi justamente o contato com

os debates da comunidade que o fez sentir vontade de ler o livro O Conto da Aia e, mais tarde, assistir a série.

*Eu já tinha o livro, e estava me programando pra começar a consumir [a série]. Aí eu entrei no grupo, peguei uns spoilerzinhos, mas.. Me animou mais a consumir. **Os spoilers te animaram a assistir?** Sim! E até os debates também, né? **Quais debates?** A exploração da mulher, como a mulher é tratada na sociedade... [Leandro]*

Leandro ainda afirma que, atualmente, o grupo *Handmaid's* Brasil, e as discussões empreendidas no espaço, lhe permitem refletir e debater a respeito de importantes assuntos, os quais podem ser suscitados a partir do enredo de THT de modo geral. Na sua opinião, a forma correta de consumir as obras do universo *The Handmaid's Tale* é com um olhar crítico, que intersecciona a trama com a realidade atual do Brasil e do mundo.

O que mais tem é gente relacionando a série com o momento atual do Brasil. [...] O pessoal tá consumindo criticamente. Sinal que o pessoal tá assistindo da forma certa. [Leandro]

Leandro ainda reflete sobre como espaços como o grupo de *Facebook* da *Handmaid's* Brasil apresentam, em muitos momentos, novos usos para esses ambientes virtuais que, com o tempo e o surgimento de novas plataformas, acabam ficando defasados na visão das gerações mais jovens. Ele afirma que, mesmo as discussões mais superficiais que ocorrem no espaço da comunidade podem vir a ser produtivas, no sentido de complementar e agregar conhecimento à visão de algumas pessoas. Leandro acredita que é justamente por isso que espaços como esse podem servir para revitalizar os usos que empregamos no *Facebook*.

*Por mais que a pessoa que tem um argumento raso parta para agressão/violência argumentativa, vai um complementando o outro e vira um debate produtivo. E acaba que o Facebook acaba tendo um uso mais interessante. **Como assim?** O Facebook perdeu muito público, se você ver o perfil de gente que usa, são pessoas mais velhas. Eu participo de outros grupos, e tem gente que fala que só tá no Facebook por causa dos grupos. Por causa das discussões dos grupos. E o conteúdo em si do Facebook, aquela linha do tempo, o pessoal não tá aderindo tanto. Tem gente que só usa por causa dos grupos. [Leandro]*

Henrique, 25 anos, se identifica enquanto um homem cis-gênero, e é natural de Angola. Atualmente ele reside em Campo Largo, no Paraná, para finalizar sua formação como Seminarista. Além disso, ele possui graduação em Filosofia. Ele relata não consumir televisão aberta, e seu consumo de mídia também se concentra em *streamings* como *Netflix* e *Amazon Prime*. Assim como Leandro, Henrique começou seu contato com o universo THT a partir da leitura do livro O Conto da Aia e, mais tarde, acabou se interessando também por assistir a série *The Handmaid's Tale*. Em relação à participação no grupo da *Handmaid's*

Brasil, ele pontua não se lembrar exatamente como chegou até o espaço, mas acredita também que tenha sido a partir de sugestões da plataforma do *Facebook* nos momentos em que ele buscava por mais informações a respeito de THT. Henrique afirma que chegou a criar laços sociais com alguns membros do grupo, e que vê o espaço como um lugar para debater e discutir assuntos com pessoas que tenham diferentes pontos de vista.

Eu gosto da interação das pessoas, como eu dizia antes.. Que apesar de alguma desavença, cada um tem um ponto de vista diferente do que diz respeito à série, e isso faz parte, isso é indiscutível. Acho que isso mais me interessa. Aquele cara que só traz um ponto de vista diferente. E isso faz uma interligação entre as ideias, as opiniões que cada um traz. Acho que é isso. São pessoas diferentes, e isso também cria laços. [Henrique]

Ele ainda afirma que a participação no grupo, a nível pessoal, assume um papel bastante reflexivo, que acaba abrindo as portas para novos aprendizados. A questão social e política presente em THT, aliada aos debates a esse respeito que se dão no âmbito da comunidade são, na opinião de Henrique, muito enriquecedoras.

*Tem questões que a gente não vê, a gente não presencia, mas a própria série então ela começa a nos abrir muitos pontos de vista, muitos polos, e aí começa a nos conectar, e a gente... e você sabe que, quando você se depara com aquela situação, *The Handmaid's Tale* é uma coisa que ela traz esse caso que, por mais que não aconteça de tal modo que a série traz, mas tem algo por dentro, algo assim, no povo, que acontece na sociedade, acontece com as mulheres, tanto quanto com os homens. [Henrique]*

Nessa continuidade, reiteramos que, ainda que existam diversas obras distópicas que versem sobre tensões sociais que encaramos diariamente, as obras vinculadas ao universo ficcional distópico criado por Margaret Atwood em 1985 assumem uma posição importante em relação às discussões que interpelam tensões políticas, sociais e de gênero na contemporaneidade. Somado a isso, observamos que o ambiente digital se mostra como um importante mediador da construção de relações, percepções e sentidos para as pessoas. Isso é evidente quando analisamos, por exemplo, as movimentações que muitos dos(as) entrevistados(as) fazem após consumirem as obras de THT: se voltam para o ambiente digital para trocas e interações com outros sujeitos que se interessam por assuntos análogos, de modo a contribuir com suas percepções sobre o que vivenciam enquanto espectadoras/leitoras da obra.

Assim, para tensionar os assuntos centrais deste trabalho, abordaremos inicialmente os tópicos das entrevistas que se endereçam para questões feministas e de gênero observadas em nossa realidade e na trama de *The Handmaid's Tale* para, posteriormente, aprofundar nas

tensões de cunho sociopolítico, igualmente mencionadas pelos(as) respondentes. Como forma de articular a análise, alternamos junto às falas algumas postagens coletadas ao longo da observação participante realizada ainda em 2021, de modo a ilustrar e corroborar argumentos citados pelos(as) entrevistados(as) quando observam suas vivências na comunidade de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil.

6.4.1 O Grupo *Handmaid's* Brasil como espaço dialógico

Sendo as redes virtuais uma instância político-comunicativa que pode ser uma aliada dos movimentos sociais em geral, Gabriela Ferreira e João Vicente Lima (2020, p.2273) consideram que "na internet, encontra-se uma nova possibilidade de rede social – eletrônica e, posteriormente, digital" que se mostra extremamente útil para a propagação das pautas sociais e feministas. Essa percepção sugere se tratar de algo que há muito vem se construindo e passa a tomar um espaço cada vez mais preponderante em nossa realidade: a formação de uma movimentação cultural e política estruturada a partir das interações sociais no ambiente digital e dos usos e apropriações do que circula nesse contexto.

Nesse sentido, os entrevistados consideram que o grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil pode ser um espaço onde ocorrem discussões que relacionam o universo THT e problemáticas feministas/de gênero, sendo este um dos usos atribuídos pelos membros do grupo ao espaço.

No mundo que a gente vive hoje, é muito importante você jogar isso pela internet, por que vai atingir eu, por exemplo. A maioria das coisas que eu me informo, como opinião, eu aprendi lendo e ouvindo pessoas na internet. Depois eu levo pros meus, que vão levar pra outros e assim sucessivamente. Mas eu acho isso importantíssimo [Maria].

Nesse mesmo sentido, Marcos, relata que sempre teve ciência de que esse espaço sobre *The Handmaid's Tale* acabaria sendo utilizado também para discutir pautas progressistas, feministas e minoritárias em geral. Além disso, o moderador afirma que a maior parcela dos membros do grupo são politicamente engajados e relacionam as tensões da obra ficcional com as suas vivências cotidianas, enquanto sujeitos de uma sociedade midiaticizada e estruturada a partir de opressões como machismo, racismo e LGBTQIA+fobia. Esta associação inclusive, alimenta a interação entre os membros, o que inclui o debate de diferentes visões

A maioria do pessoal que tá ali é ciente sobre isso. Normalmente... às vezes aparece alguém no meio "ah não isso não tem nada a ver" e o pessoal já vem "não, tem sim". então o pessoal explica que "não, é verdade, tem relação sim" e tem gente que

aceita esses comentários contrários, tem gente que não, né? e é bem difícil manter essas discussões. [Marcos]

Maria, pontua que essas discussões são importantíssimas. Ela acredita que grupos de *Facebook* podem vir a ser ambientes adequados para o debate de pautas sociais e políticas, oferecendo possibilidades de questionamentos e aprendizagens em relação às suas vivências. Para ela, produções audiovisuais e ficcionais que abordam temáticas sociopolíticas também podem vir a possibilitar uma melhor compreensão sobre o assunto, além de popularizar as pautas.

Quando a gente assiste alguma série/filme/música, se isso vem com uma crítica por trás, fica muito mais fácil/prazeroso a gente entender essas questões políticas, sociais e até econômicas do nosso país/mundo. Fica muito mais fácil a gente entender, fica muito mais prazeroso. Então eu acho que é muito importante, mas muito muito mesmo [Maria].

Interessante observar como a reflexão de Maria vai ao encontro da análise de Liliane Brignol, Denise Cogo e Silvia Martínez (2019) sobre as formas pelas quais as sociedades se conectam através das redes e como os seus diversos usos são incorporados no mundo, na comunicação e na cultura. Para as autoras, "Todas essas expressões contribuem para a formação de novas expressões de cultura que envolvem novos conhecimentos, novas formas de ver o mundo, padrões de comportamento, linguagens e ferramentas que afetam todas as áreas da vida". (BRIGNOL, COGO, MARTÍNEZ, 2019, p.193, tradução nossa)

O principal aspecto percebido nas observações e coletas de dados empreendidas, é que o espaço do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil demonstra ser dialógico e interativo, permitindo que os participantes relacionam as desigualdade e opressões que percebem em suas rotinas, com as problemáticas impressas nas tramas de *The Handmaid's Tale*. A fala de Henrique também corrobora esse pensamento. Ele relata que o grupo da *Handmaid's* Brasil é um espaço que o coloca diante de uma reflexão a respeito do mundo que o cerca, e que a participação nesse espaço adquire um papel importante em sua vida.

Eu acho que tem um papel muito grande, sabe. É... um dos papéis é uma questão de abrir mais visão, para mim, nesse caso para o mundo em que eu estou inserido, sabe? Porque tem questões que a gente não vê, a gente não presencia.. mas a própria série começa a nos abrir muitos pontos de vista, muitos polos, e aí começa a nos conectar. [...] Então eu vejo que essa visão que ela abre, nesse caso, para mim, para a comunidade, abre essa visão, eu fico... acho que fico mais conectado, comigo mesmo. [Henrique]

Segundo Raquel Recuero (2012), os espaços de redes sociais virtuais, e suas ferramentas, atuam como extensões dos nossos sentidos. Em sua visão, essas ferramentas permitem que os atores, através de suas representações, constituam conexões associativas, que resultam em novas formas de acesso a informações. "A ação dos atores, nesse caso, tem valor significativo. É somente essa ação que é capaz de constituir essas redes em elementos emergentes, dinâmicos e capazes de replicar, propagar e filtrar informações" (RECUERO, 2012, p.12). Nessa lógica, percebemos que na observação participante realizada ao longo do mês de março de 2021, percebemos que os membros do grupo, de modo geral, questionam desigualdades e opressões de gênero e sociais que observam em nossa sociedade. Essas problematizações vão desde questões cotidianas, até pontos mais complexos e polêmicos. Além disso, observamos também que são questionadas diversas opressões, inclusive algumas que não estão expressas de modo explícito na trama de *The Handmaid's Tale*. Essas trocas estabelecidas por esses sujeitos dentro dessa comunidade virtual acabam, portanto, interferindo na maneira como eles constroem percepções a respeito das problemáticas relativas ao mundo que os envolve. Assim sendo, conforme também elenca Recuero (2012, p.12), as "redes sociais na Internet, portanto, são meios de comunicação emergentes, capazes de difundir informações em uma escala global por causa dessa apropriação, através dos sites de rede social".

6.4.2 Problemáticas Sociopolíticas Feministas e de Gênero

Em uma publicação realizada no grupo de *Facebook Handmaid's Brasil* no dia 20 de março, vê-se uma tirinha que questiona o que podemos chamar de "*double standard*" do patriarcado, ou duplo padrão sexual. Essa é uma questão que pode ser observada na narrativa de *The Handmaid's Tale* de modo geral, e, embora não seja um tema chave para a trama, compõe a pauta dos debates dentro do grupo. O que nos leva a crer que as apropriações e experiências enquanto leitores e espectadores de *The Handmaid's Tale* estão os levando a construções e complexificações críticas a respeito de tensões e vivências sociopolíticas variadas.

Figura 6.31 - Postagem que questiona o duplo padrão sexual.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Para Marisalva Favero, Rita Mourão e Valéria Gomes (2019, p.116), o duplo padrão sexual "é uma força social que avalia homens e mulheres de maneira distinta, assumindo uma maior liberdade para o homem do que para a mulher". Portanto, podemos entender que a sociedade de Gilead é inteiramente baseada nessa premissa. Sendo uma vivência comum para as mulheres em sociedades machistas e patriarcais, essa forma de opressão se estende desde ocorrências do dia-a-dia, até questões mais significativas e impactantes.

A trama da série *The Handmaid's Tale* conta a história de uma sociedade desigual que, progressivamente, tornou-se dividida em castas, e as mulheres foram obrigadas a desempenharem exclusivamente funções de cuidado. Nesse contexto, o que se observa é que as mulheres ocupam posições tidas como subalternizadas em relação às posições masculinas, desempenhando papéis relativos ao cuidado, à família e ao lar. Além disso, essas mulheres têm suas vivências baseadas nas mais diversas experiências de violência de gênero. Heleieth Saffioti (2004, p.17) entende o conceito de violência como uma "ruptura de qualquer forma

de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral". Portanto, as situações cotidianas experienciadas por mulheres do mundo inteiro, representadas na trama de *The Handmaid's Tale* e problematizadas pelos membros do grupo de *Facebook Handmaid's Brasil*, podem ser entendidas enquanto variadas formas de violência. Tais fala sobre isso, e afirma entender que a série aborda pautas como estupro e violência contra a mulher:

Eu acho que tem muita coisa muito importante que a série aborda e que são quase estudos sociológicos, ou até questões mais profundas individualmente. É uma série que aborda temas como estupro, violência obstétrica.. Coisas que é muito complicado você abrir pra conversar assim.. E eu acho que questionar também o papel da mulher dentro do patriarcado, eu acho que em alguns momentos isso foi tocado. [Tais]

Saffioti (2004) aborda ainda uma questão importante: quando falamos sobre violência de gênero estamos abordando uma ação que pode englobar tanto a violência de homens para com mulheres, quanto vice-versa (isso partindo de uma visão binária), uma vez que o conceito de gênero é bastante aberto. Por isso, não é suficiente nos referirmos ao tema sem abrir explicações a respeito da natureza da violência a que estamos nos referindo quando utilizamos a expressão "violência de gênero". Sabemos, conforme já pontuado neste trabalho, que vivemos em uma sociedade que, em muitos níveis, se estrutura a partir da opressão de um gênero - feminino - em detrimento de outro, - masculino. Essa realidade, conforme aponta Saffioti (2004, p.44) se chama patriarcado: "o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens". Portanto, quando mencionamos a existência de uma violência de gênero, partimos do ponto de que há, alicerçando as sociedades globalmente, uma violência que oprime pessoas a partir da razão única de serem pertencentes ao gênero feminino, por exemplo¹¹⁰. Portanto, o que chamamos de "violência de gênero", nesse momento, é uma violência que está vinculada exclusivamente ao gênero da pessoa e, nesse caso, ao gênero feminino.

De acordo com a Lei Maria da Penha, Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, atualmente são cinco os principais tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher passíveis de punição em nome da lei: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006).

¹¹⁰ Não iremos, pelo menos nesse momento, abordar questões vinculadas à raça, classe, orientação sexual e demais demarcações minoritárias existentes na sociedade, embora saibamos que esses também são marcadores de violência para muitas pessoas.

Tabela 6.2 - Os cinco tipos de violência contra a mulher.

Tipo de Violência	Descrição
Física	Ofender a integridade física da mulher. Como, por exemplo espancamento, estrangulamento, sufocamento, etc.
Psicológica	Causar dano emocional, perturbação do desenvolvimento, ou controlar comportamentos. Por exemplo, ameaçar, constranger, manipular, isolar, perseguir, insultar, limitar o direito de ir e vir, etc.
Sexual	Constranger a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada. Por exemplo: estupro, impedir de utilizar método contraceptivo, imposição/impedimento de realização de aborto, etc.
Patrimonial	Reter e destruir parcial ou totalmente documentos e bens pessoais. Por exemplo: controle financeiro, não pagar pensão alimentícia, privação de bens econômicos e pessoais, estelionato, etc.
Moral	Caluniar, difamar ou injuriar a imagem da mulher. Por exemplo, acusá-la de traição, expor sua vida íntima, desvalorizá-la em razão de suas roupas, orientação sexual, profissão, etc.

Fonte - Elaborado pela autora segundo informações do Instituto Maria da Penha¹¹¹.

Em uma das postagens do grupo *Handmaid's* Brasil coletadas em março de 2021, apresentada na figura a seguir, temos uma problematização a respeito do que acontece com Éden, personagem da série. Ela é uma menina adolescente, com cerca de 16 anos, que se vê obrigada a casar com Nick, que é o par romântico (clandestinamente) de June na trama. Éden acaba indo morar na mansão dos Waterford em determinado momento da trama, em razão de ser Esposa de motorista da família. Entretanto, enquanto mora na residência, ela acaba se apaixonando por outro rapaz, e o romance (também clandestino) dos dois acaba sendo descoberto. O destino que Éden e seu amante têm é trágico: são afogados obrigatoriamente e violentamente em uma piscina por se recusarem a confessar seus supostos pecados (Figura 6.32). Em contrapartida, Nick, que mantém relações amorosas regularmente com uma Aia, não corre o mesmo risco.

¹¹¹ <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>> Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

Figura 6.32 - Postagem que questiona o fim de Éden na trama e o tratamento que a personagem recebeu por parte do governo.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Taís menciona, em sua entrevista, que esse foi um momento que a fez refletir a respeito de como isso, muitas vezes, está mais próximo da nossa realidade do que pensamos. Éden é uma personagem que sofre violências em muitos níveis. Ela tem seu direito de escolha negado, é obrigada a casar com um homem que não conhece mesmo sendo ainda menor de idade e, por ser assassinada pelo regime de forma arbitrária, tem mais uma vez seu direito de existência retirado. Assim como acontece com inúmeras mulheres vítimas desse tipo de violência ao redor do mundo. Ao se referir à situação supracitada, mais especificamente ao momento em que Éden e seu companheiro são assassinados pelo estado de Gilead, ela afirma:

O casamento do Nick com a Éden.. Quando ele casa com aquela menina muito mais nova.. aquilo ali é totalmente atual, possível, não tem nada de estranho naquilo ali. Apesar de ser um dos roteiros mais pesados da série. Totalmente possível, e ao mesmo tempo eu chorei, foi muito forte. [Taís]

Em 2020, no Brasil, um caso semelhante e problemático ganhou notoriedade nacional. Uma menina de 10 anos engravidou após ser estuprada repetidas vezes pelo seu tio. Após o Tribunal de Justiça do Espírito Santo conceder a ela o direito previsto na lei brasileira de interromper uma gravidez fruto de um estupro, ela conseguiu realizar o procedimento abortivo com segurança (CARLA JIMÉNEZ, 2020). Entretanto, mesmo após ter seu direito

garantido, ela enfrentou resistência por parte de grupos religiosos conservadores no país, que argumentaram que sua gravidez havia excedido as 22 semanas de duração, o que seria um agravante para que o procedimento fosse considerado pecado perante os olhos da igreja católica, por ser considerado um assassinato uma vida inocente. Segundo a reportagem de Carla Jiménez (2020), "o caso ganhou repercussão depois que a ministra Damares Alves, da Secretaria da Mulher, deu publicidade ao caso em redes sociais, e enviou emissários para a cidade do Espírito Santo". A atitude da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro criou um clima de terror e medo na cidade da menina, São Mateus, a 183 quilômetros da capital, Vitória. Para Jimenez (2020), a "sensação de que ela poderia dar conta de uma violência dessa estatura mostrou traços de racismo e indiferença pela sua classe social entre os que a atenderam no serviço público, dizem. A menina vive um quadro comum a milhões de crianças pobres no Brasil".

Para Henrique, uma das questões que ele percebe como mais chocantes para o público de *The Handmaid's Tale* é a forma como o estupro é abordado na trama: "*acho que a principal é a questão do estupro. Acho que a questão do estupro é o que choca mais as pessoas que assistem THT*". Aline e Marcos relembrou uma situação nesse mesmo sentido quando questionados sobre situações do mundo real que a remetiam à trama de *The Handmaid's Tale*. Aline, por exemplo, afirma que entende que isso aconteceu, principalmente, em detrimento da imposição de preceitos religiosos da sociedade, mesmo quando o debate não deveria passar por essas instâncias.

Eu acho que quando teve aquele caso da garotinha no Brasil com 10 anos de idade que era estuprada por um familiar.. Ela engravidou, foi tentar fazer aborto e as pessoas fizeram até campanha no hospital, a menina teve que entrar no porta-malas de um carro pra conseguir realizar o procedimento. Teve médicos se recusando a fazer o aborto. Aquilo ali pra mim foi a visão total do por que que eu acho que usar a religião dessa forma é uma desgraça no mundo. Foi uma coisa muito assustadora. Os grupos conservadores xingando a família, a criança em si sofreu uma rede de ódio. [Aline]

Um outro acontecimento agora eu lembrei, da época que publicaram daquela moça que ia fazer aborto, acho que ela foi estuprada por um tio, e publicaram o endereço pro pessoal ir lá protestar contra. E daí o pessoal publicou no grupo que é uma questão muito de escolha na série, as mulheres são obrigadas a terem filhos para outras pessoas. E é uma questão muito de escolha, totalmente.. Não tem o que dizer "não, isso não tem nada a ver". Tem totalmente a ver. [Marcos]

É preciso reiterar, neste ponto, as graves consequências que vivemos Brasil, um país laico, cujos cargos dos poderes executivo, legislativo e judiciário são muitas vezes ocupados por membros religiosos (especialmente da Igreja Católica e Evangélica) que explicitamente recorrem a argumentos de sua fé para embasar suas decisões.

As violências experienciadas por mulheres no Brasil e no mundo inteiro passam pelos mais diversos níveis de opressão e degradação da dignidade e, cada uma dessas vivências, apresenta diferentes danos às vidas dessas pessoas. Entretanto, a máxima que permanece, é a ideia de que cada uma dessas situações se dá a partir da uma crença de que mulheres são mais (ou menos) aptas a desempenharem determinadas funções e atividades do que os homens. Assim, para além da violência física e sexual, tão presente em nosso mundo e na trama de *The Handmaid's Tale*, existem outras situações que também acometem as vidas de milhões de mulheres, às privando dos mais diversos tipos de direitos.

Sobre este aspecto, Aline reitera a importância dos debates existentes dentro do grupo de *Facebook* da *Handmaid's* Brasil. Para exemplificar, ela relembra uma situação bastante marcante da trama. Ao fim da segunda temporada, June está com a gestação da criança que deve entregar aos Waterford bastante avançada e, com a desculpa da impaciência para o nascimento do bebê, Fred e Serena Waterford decidem que forçar relações sexuais com June contra sua vontade poderia acelerar a chegada da data do parto. Para Aline, cenas como essa, tão semelhantes com violências vividas por mulheres ao redor do mundo, são muito importantes de serem debatidas.

Em relação ao estupro, o Brasil apresenta números assustadores. Segundo divulgado pelo Anuário de Segurança Pública do Brasil¹¹², publicado em reportagem no portal de notícias G1, o número de estupros cresceu 8,3% em 2021, passando de 24.664 nos primeiros seis meses de 2020 para 26.709 no ano seguinte (ACAYABA, LEITE, PAULUZE, 2021). A reportagem do G1 ainda aborda a questão do feminicídio que, no mesmo contexto, aumentou no país nos últimos anos: nos primeiros seis meses de 2021, quatro mulheres foram mortas por seus companheiros por dia no país: 666 vítimas de feminicídio de janeiro a junho de 2021 foram identificadas (ACAYABA, LEITE, PAULUZE, 2021). Sobre este tema, Henrique expõe sua percepção a partir de uma comparação com seu país de origem. Quando se mudou de Angola para o Brasil, ainda em 2020, percebeu como a realidade é complicada: "*Quando eu cheguei aqui no Brasil também, eu vi que aqui no Brasil é muito frequente essa questão dos abusos sexuais, então isso abriu já uma visão [...] então assim, eu vejo, você sente a dor das mulheres que passam por isso*", afirma.

Ainda no contexto das diferenças vividas entre homens e mulheres na sociedade brasileira, Ana Luiza Barbosa (2018) afirma que estamos presenciando, nos últimos anos, um estreitamento na desigualdade laboral entre homens e mulheres, "homens brasileiros [ainda]

¹¹²<<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2021/>> Acesso em 19, fev, 2022.

desfrutam de mais horas de lazer do que as mulheres" (BARBOSA, 2018, p,8), por exemplo. Essa realidade mostra, dentre muitas questões, que ainda hoje são as mulheres que desempenham a maior parte do trabalho do cuidado com a casa e com a família, sobrando pouco ou nenhum tempo para atividades como lazer e trabalho remunerado.

Em uma postagem compartilhada no grupo em março de 2021, vemos uma notícia a respeito de um homem que foi condenado a indenizar sua ex-mulher pelo trabalho doméstico realizado por ela, sem remuneração, ao longo de muitos anos. A pessoa que compartilhou a reportagem no grupo de *Facebook The Handmaid 's Tale Brasil*, afirma: "*se quisesse empregada, que pagasse uma!*". Podemos observar uma crítica a duas situações vivenciadas socialmente pelas mulheres: são elas que realizam quase todo o trabalho doméstico e de cuidado e, além disso, geralmente são muito pouco ou nada remuneradas.

Figura 6.33 - Postagem que questiona o trabalho laboral não remunerado.



Fonte: *Facebook Handmaid's Brasil*.

Helena Hirata e Daniele Kergoat (2007, p.599) declaram que "a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos". Ou seja, a divisão sexual do trabalho é primordial para a manutenção das relações sociais, econômicas e culturais de desigualdade de gênero que permeiam países ao redor do mundo inteiro. "Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a

designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado" (HIRATA, KERGOAT, 2007, p.599).

Essas questões são percebidas pelos membros do grupo de *Facebook* observado nesta pesquisa, tanto dentro da trama de *The Handmaid's Tale* quanto no âmbito da sociedade brasileira. No que diz respeito ao trabalho remunerado, Maria ainda reflete sobre a desigualdade salarial entre homens e mulheres. Ela afirma perceber, principalmente em cenas da série que mostram uma realidade estadunidense pré-Gilead, que as desigualdades de gênero estão sendo, de certa maneira, institucionalizadas. "*Seja violência física, psicológica, nosso salário, o que as pessoas enxergam que a gente tem que fazer. Isso está sendo institucionalizado, sabe? Isso está sendo normalizado*", reflete.

Verônica Araújo e Eduardo Ribeiro (2001) apontam que a inserção das mulheres no mercado de trabalho apresenta uma forte desvantagem em relação à masculina. Segundo os autores, "a discriminação por gênero encontra-se presente em praticamente todas as sociedades, independente dos traços culturais e religiosos e dos sistemas políticos econômicos. Muitas são as consequências que os processos discriminatórios introduzem nas relações humanas" (ARAÚJO, RIBEIRO, 2001, p.2). Em outro momento, Maria complementa seu pensamento e afirma que o tipo de opressão de gênero que mais lhe remete ao que vemos em *The Handmaid 's Tale* se relaciona a esse assunto.

Quando saem pesquisas e relatórios que confirmam que a gente ainda ganha menos, a gente ainda tem uma disparidade salarial.. Eu não sinto isso na minha área, mas a gente ainda tem. E quando a gente não tem essa disparidade salarial, a gente tem uma preferência pelo sexo masculino.. Pelo gênero, alias, não existe sexo. Pelo gênero masculino. Quando a gente tem mulheres/mães sendo preteridas na hora de conseguir emprego. Isso me lembra muito, porque em Gilead de repente as mulheres não estavam trabalhando mais. Então é sempre um passinho pra essas coisas acontecerem. [Maria]

Segundo pesquisa elaborada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em 2020 as mulheres continuam ganhando menos do que os homens no mercado de trabalho. Enquanto os homens ganhavam uma média de R\$2.694,00 por mês, as mulheres recebiam salários de, em média, R\$2.191,00 ao mês para realizar as mesmas funções. Ou seja: mesmo cargo, rendimentos diferentes. (DIEESE, 2020). Além disso, a mesma pesquisa levanta outro ponto importante: ainda que as mulheres venham ocupando cada vez mais o mercado de trabalho, e que isso seja positivo, há um lado dessa questão que apresenta riscos graves para o bem estar geral feminino. "A conciliação dos cuidados com os filhos fora da escola; a preocupação com os idosos sob sua

responsabilidade; os afazeres domésticos e as longas jornadas tendem a agravar problemas de saúde física e mental dessas mulheres" (DIEESE, 2020). Assim, quando as mulheres passam a ocupar posições no mercado de trabalho, elas não deixam de realizar também as outras atividades relativas ao cuidado, resultando num acúmulo excessivo de funções.

Esses debates reiteram a ideia de que espaços como o grupo de *Facebook* da *Handmaid's* Brasil são importantes para que dados sejam expostos e reflexões como estas sejam possíveis entre os membros. Neste sentido, Aline afirma acreditar que toda obra de ficção abre espaço para debates políticos, por entender que em muitos momentos o que vemos na mídia é, na verdade, uma representação de nossa realidade. Nesse sentido, ela afirma também que vê o espaço do grupo *Handmaid's* Brasil como adequado para debater essas relações.

Já tive casos de eu debater com pessoas no grupo, e falar pra elas que aquela realidade já tá acontecendo, e as pessoas virem me xingar no privado, gente do grupo mesmo.. Falavam que eu era louca, que aquilo ali é só uma série de entretenimento, que a gente politiza demais as coisas. Tipo assim, "isso aqui não é pra ser politizado". Só que pra mim todo livro e toda série é política, e as pessoas não entendem isso. Eu acho que não tem esse filtro. [Aline]

Leandro tem uma visão semelhante. Ele não acredita ser possível consumir as obras do universo THT e, muito menos, participar do grupo *Handmaid's* Brasil, de forma acrítica. Para ele, o que mais lhe incomoda são as situações em que pessoas, que ele afirma serem apoiadoras do atual governo brasileiro, argumentam que *The Handmaid's Tale* é apenas uma obra de ficção que não deve ser problematizada. Em sua opinião, a realidade é diferente.

Esses tempos tinha gente debatendo de forma extremamente rasa. E eram bolsonaristas se não me engano. E isso me deixou.... Como é que a pessoa vota em quem votou e consome THT? Se ta consumindo ta consumindo de forma acrítica. Isso me deixou bem chocado. [...] Eu acho que a obra não é pra ela, e se ela ta consumindo ela ta consumindo de forma acrítica. Por que tudo que esse governo faz vai de encontro ao que a autora quis dizer quando ela produziu essa obra. [Leandro]

Essa fala denuncia uma outra questão referida nas discussões do espaço virtual no *Facebook* da *Handmaid's* Brasil e, também, em algumas falas dos entrevistados desta pesquisa: de modo geral, os membros da comunidade são, muito claramente, opositores do atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro. Taís, por exemplo, deixou claro em entrevista a sua posição a respeito do atual governo federal do país. Ela afirma perceber que Bolsonaro tem, como objetivo principal, a destruição alheia: "*sou totalmente contra o Bolsonaro, não tem como gostar de uma pessoa que tem por essência o ódio, o rancor e a destruição de outras pessoas. Não tem como*" [Taís].

Ela ainda diz acreditar que, além de declararmos nosso desejo de ser oposição ao governo, precisamos de espaços organizados onde esse assunto possa ser debatido politicamente, com a profundidade necessária. Para Taís, o grupo *Handmaid's* Brasil se mostra como uma interessante possibilidade para isso.

Claro que eu odeio o Bolsonaro do fundo do meu coração, mas não adianta a gente ficar falando "Fora Bolsonaro", não vai resolver. Não é isso. E isso me preocupa um pouco, mas.. Eu acompanho fóruns, coisas sobre política, e eu vejo que a própria série mostra a complexidade disso. E a própria June que se questiona que ela viu tudo acontecer e não fez nada. Então, se a gente chegasse nesse ponto de discussão política, eu acho que seria incrível. [Taís]

Além da figura específica do presidente Jair Bolsonaro, podemos observar que os membros e apoiadores políticos de seu governo se comportam de maneira semelhante, desrespeitando e negligenciando grupos sociais minoritários como, por exemplo, as mulheres. Ganhou bastante notoriedade, principalmente nas discussões que ocorriam no grupo *Handmaid's* Brasil à época da observação participante em março de 2021, o Projeto de Lei 5435/2020, de autoria do senador Eduardo Girão (Podemos-CE). O PL, que já foi mencionado anteriormente nesta pesquisa, tomou proporção popular em 2021, e pretendia retirar da legislação brasileira a legalização do aborto em casos de estupro, de gestação que coloca em risco de vida a mulher e quando o feto é anencéfalo (BRASIL, 1940).

Figura 6.34 - Postagem feita pela página feminista Todas Fridas¹¹³ compartilhada no grupo *Handmaid's Brasil*.

A proposta, em ambos os casos, é criticar a PL em questão.



Fonte: Facebook *Handmaid's Brasil*.

Outra personalidade que também tomou destaque entre os consumidores de *The Handmaid's Tale* com os quais tivemos contato, foi a atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, Damares Alves. Damares proferiu, em diferentes momentos, manifestações de apoio à projetos semelhantes ao PL 5435/2020, incentivando as vítimas de estupro a não abortarem, para receber um auxílio financeiro oferecido pelo programa¹¹⁴. Leandro e Marcos relembram, em suas entrevistas, como as atitudes da ministra são, em muitos momentos, realizadas no sentido de oprimir grupos minorizados socialmente em prol de uma pauta patriarcal e opressora.

¹¹³ <<https://www.facebook.com/TODASFridasoficial/>> Acesso em 18 de fevereiro de 2022.

¹¹⁴ Ainda em 2018, antes mesmo de sua nomeação como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, Damares já deixava clara sua posição a respeito do assunto, para ela o projeto "mais importante" de sua agenda era o Estatuto do Nascituro (ESTADÃO 2018). Portanto, podemos entender que o apoio ao PL 5435/2020 seria uma espécie de desdobramento do Estatuto do Nascituro, proposto por Alves. Mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Nascituro>. Acesso em 18 de fevereiro de 2022.

A própria Damares também. Enquanto ministra. Ela reproduz discursos machistas, produz discursos de controle social da mulher e conservadorismo moral e cristão [Leandro]

Mas o pessoal normalmente tenta minimizar.. agora tem aquela Ministra, a Damares.. que é preocupante também, né? E eles tentam minimizar a toda hora, a todo o momento.. Esquecer, deixar esquecido as pautas sociais. Principalmente.. E daí tem umas ações assim.. Agora esse ministério ali tem umas ações que.. sabe.. não melhora em nada. [Marcos]

Essa questão reitera a ideia apontada por Miskolci e Pereira (2019), de que o governo de Bolsonaro é a materialização de uma aliança de setores neoconservadores da sociedade, que se unem em prol da opressão de grupos minorizados em detrimento dos grupos tidos por hegemônicos como, por exemplo, os homens e a elite do país. Segundo os autores, essa realidade fortalece um mundo composto por sujeitos com acesso desigual a tudo: "renda, saúde, educação, etc. São desigualdades que, no caso de grupos historicamente subalternizados como pessoas LGBTI+, indígenas, negros e mulheres, ampliam sua vulnerabilidade, negando-lhes a garantia de vida e de dignidade humana". (MISKOLCI, PEREIRA, 2019, p.4)

Nessa continuidade, é importante ainda demarcarmos que entendemos que as tensões sociopolíticas e de gênero estão relacionadas intimamente, sendo difícil refleti-las isoladamente. Isso, principalmente, quando lembramos que grande parte das sociedades ao redor do mundo tem seus pilares econômicos e sociais fundamentados na violência e submissão de mulheres que realizam atividades pouco reconhecidas, mal remuneradas e invisibilizadas. Entretanto, pontuamos que, nas entrevistas e nos argumentos levantados em muitas das postagens coletadas, existe muitas vezes uma separação entre situações que tensionam especificamente opressões e desigualdades de gênero e questões sociopolíticas do cenário brasileiro, as quais são perpassadas também por tensões de gênero. Portanto, neste subcapítulo mencionamos problematizações que se voltam, especificamente para tensões de gênero e, a seguir, nos debruçaremos nos debates que são mais marcados, notadamente, por tensões que envolvem pautas sociopolíticas, dirigidas mais estritamente ao governo federal brasileiro.

6.4.3 Problemáticas Sociopolíticas no Brasil

Conforme observamos, existem muitas desigualdades e violências de gênero sob as quais vivem as mulheres brasileiras. As situações elencadas anteriormente, bem como diversas outras, são, em muitos momentos, agravadas por negligências governamentais. Sob

essa ótica, devemos lembrar que as mulheres não são o único grupo social que sofre com ações e projetos que visam omitir a atenção para determinados sujeitos minorizados e, ainda, que as formas de opressão são muitas vezes cruzadas por marcadores sociais distintos, como classe, gênero, raça e sexualidade. Um país como o Brasil, tão marcado pela violência e desigualdade para com as mulheres, pode ser observado, também, como um local onde outros grupos sociais são preteridos. Na sociedade ficcional de Gilead as principais oprimidas são as mulheres, mas existem outros recortes que podem ser observados. Neste subcapítulo, iremos abordar algumas das situações nesta perspectiva apontadas pelos membros do grupo *Handmaid's* Brasil. Um ponto importante de elucidar nesse momento é que as menções que serão feitas a seguir podem, conseqüentemente, também afetar as parcelas femininas da população, entretanto não são ações que se dão exclusivamente pelo fato de as pessoas afetadas serem do gênero feminino, diferentemente do exposto no subcapítulo anterior.

Uma das problematizações levantadas sobre as questões sociais e políticas ao longo das entrevistas envolve a associação da religião enquanto motivação para a propagação de violências e opressões de determinados grupos em detrimento de outros. Para Luísa, a trama de *The Handmaid's Tale* pode ser entendida como um "*protótipo para a vida real*". Em sua opinião, a relação entre política e religião pode ser entendida enquanto o assunto predominante do grupo. Nesse mesmo contexto, Maria afirma perceber tristes similaridades na relação da trama de THT com a realidade que enfrentamos no Brasil. Para ela, o exemplo mais palpável é a questão do Estado brasileiro ser laico (BRASIL, 1890) e, ainda assim, ter uma forte influência da religião em seus processos sociopolíticos e governamentais.

Eu acho que a mais factível, que não dá nem pra colocar opinião, é que o nosso estado, apesar de legalmente laico, não é. E, Gilead não preciso nem falar nada, né? Eles transformaram o Obelisco numa cruz, então, assim.. Isso eu acho que é o mais factível. Por que não é. O nosso estado não é laico, não tem como você ter um estado laico e aí você chega no órgão público, que abriga o executivo máximo, e aí tem um crucifixo. Eu sou católica, eu tenho cruz, e tenho santo em todo lugar. Mas, é o governo. Não tem que ter. [Luísa]

Flavia Biroli, Juan Vaggione e Maria das Dores Machado (2020, posição 304) afirmam que, já "na temporalidade política que se abre nos anos 1990, a Igreja católica teve papel relevante na defesa de uma certa concepção ética da natureza, abrangendo a reprodução e a identidade sexual" de forma conservadora, em prol de manter a força de uma expectativa hegemônica de sociedade. Essa proposição, conforme percebemos na fala de Maria, se relaciona com o que vemos na sociedade de Gilead e, por isso, acaba sendo uma pauta abordada pelos membros do grupo.

No dia 24 de março de 2021 um(a) membro postou uma notícia da Folha de São Paulo que relacionou a vestimenta escolhida por um grupo de fiéis evangélicos com os uniformes oferecidos às Aias e Esposas em Gilead, duas Castas da sociedade que sofrem diferentes tipos de opressões, que se dão exclusivamente em razão do seu gênero. Essas opressões são propagadas pelo governo de Gilead sob a égide de uma interpretação do antigo testamento da Bíblia da Igreja Católica, que acredita na ideia de que a mulher deve dedicar seu tempo de vida exclusivamente para a manutenção da família nuclear. Sendo, portanto, a opressão com justificativa religiosa na organização social de Gilead um dos grandes problemas percebidos pelos membros do grupo *Handmaid's* Brasil. A interferência da religião na sociedade causa, portanto, a imposição de padrões e comportamentos generificados e opressores - o que é refletido e criticado pelos entrevistados.

Figura 6.35 - Postagem Realizada no dia 24 de março de 2021.



Fonte: Facebook *Handmaid's* Brasil.

Já observamos nesta pesquisa que as vestimentas designadas a cada Casta de Gilead servem para demarcar posições sociais e, mais do que isso, representar uma homogeneização das pessoas em suas Castas. Portanto, a relação feita nessa postagem vai além da percepção de uma coincidência que remete à obra. Os espectadores e leitores de *The Handmaid's Tale*

entendem que essa separação de cores remete a uma opressão na obra ficcional, e, deste modo, fazem uma espécie de crítica a uma similaridade entre o que se vê em THT e as vivências religiosas de alguns grupos no Brasil.

Isso pode ser fruto, por exemplo, de um alerta para a possibilidade de que determinado grupo de pessoas esteja vivendo sob opressões semelhantes às observadas em Gilead e, mais do que isso, de que essa realidade possa se aproximar de nossa sociedade como um todo. Conforme Isadora Cutrim e Clara Sefair (2019) pontuam, as ações e proposições de Jair Bolsonaro corroboram para narrativas que posicionam, enquanto interesse nacional, ideais morais religiosos de um grupo que se autodenomina de cidadãos de bem. "Ainda durante a campanha presidencial o então candidato levantava questões polêmicas no intuito de promover e incentivar a perseguição aos excluídos", afirmam as autoras (CUTRIM, SEFAIR, 2019, p.32).

Os riscos da intervenção religiosa nessa conjuntura são inegáveis e estão associados com políticas neoliberais "que pregam a diminuição do papel do estado na economia e na promoção do bem-estar social, [pois] são também políticas de morte por deixarem morrer suas populações através de políticas de austeridade e exclusão" (CUTRIM, SEFAIR, 2019, p.31).

Neste sentido, Aline traz um relato de uma vivência que teve enquanto membro do grupo *Handmaid's* Brasil a qual afirma que a fez refletir a respeito da agência das imposições religiosas na vida das pessoas.

Uma vez uma menina fez um comentário de um relato pessoal de que ela era evangélica, de uma dessas igrejas neopentecostais, e ela foi fazer um relato de como a igreja interferia em cada aspecto da vida dela. Desde a conta no Instagram.. de que ela postou coisas no Instagram e o pastor foi lá e reclamou.. Que ela queria abrir um canal no YouTube e o pastor falou que não era uma boa ideia. A igreja silenciava cada mínimo detalhe da vida dessas pessoas. E ela falou que ela via que as pessoas falavam que aquilo ali [que acontece em THT] não era a realidade do Brasil, mas elas estão dentro de uma bolha, porque o Brasil tá dominado por uma religião neopentecostal, que é aliada do Bolsonaro. E ela dizia [no relato] que era muito forte, que o cara [o pastor] falava de coisas muito específicas, que pra gente são absolutamente normais, mas na religião dela não era permitido. [Aline]

Para Aline, esse foi o relato que mais a impressionou nas vivências no *Handmaid's* Brasil, pois percebeu como existem, em diversas realidades, pessoas que, por inúmeras razões, não possuem a liberdade de viver suas vidas da forma que julgam adequado. A entrevistada ainda aponta como a natureza dos debates que vivencia na comunidade abre caminhos para novas reflexões, e permite o contato com pessoas vinculadas a diferentes culturas e realidades. Um item importante dessa questão é a compreensão, por parte dos(as)

membros do grupo, de como muitas vezes as religiões extremistas (principalmente quando aliada à política) se tornam instituições limitadoras, opressoras e violentas - sendo a trama de THT considerada uma representação contundente das vivências denunciadas muitas vezes pelos membros da comunidade.

No dia 06 de março de 2021, um *post* coletado remete à um videoclipe de uma música gospel infantil. Neste, são representadas crianças dançando junto a uma mulher adulta. Enquanto a música toca ao fundo, ouvimos dizeres bastante religiosos e até mesmo violentos. O refrão da música afirma, em tom leve e alegre, "quem pecar, vai morrer!" repetidas vezes. Os membros da *Handmaid's* Brasil geralmente são bem críticos e irônicos em relação a essas questões, por compreenderem o fanatismo religioso como um dos grandes responsáveis pelo que acontece em Gilead, entendendo, conseqüentemente, essas questões como uma ameaça à nossa própria sociedade. Quando relacionamos a fala de Aline com o que apreendemos nesta publicação, apontamos a compreensão dos membros do grupo *Handmaid's* Brasil de que religiões extremistas são nocivas para o desenvolvimento livre de pessoas ao redor do mundo.

Figura 6.36 - Post que retrata videoclipe de música gospel infantil.



Fonte: Facebook *Handmaid's* Brasil.

É possível afirmar que Jair Bolsonaro não mudou sua atitude em relação ao uso da religião como justificativa para atitudes preconceituosas, misóginas e segregadoras após sua

eleição como Presidente do Brasil. O que podemos observar de seu comportamento atual, é que o político viu no uso da religião uma oportunidade de palanque eleitoral. Segundo Guilherme Amado (2021), ele criou sua proximidade com a bancada evangélica quando da proposição do Projeto de lei da Câmara 122 de 2006, também conhecido como lei anti-homofobia. Os deputados evangélicos se opuseram ferrenhamente a essa lei, e Bolsonaro viu ali uma oportunidade de fazer boas alianças políticas. "A parceria se renovou em 2010 no caso do kit gay. Bolsonaro percebeu ali que poderia crescer seu eleitorado se adotasse o discurso religioso" (AMADO, 2021).

Como podemos observar, as ações preconceituosas e discriminatórias de Bolsonaro datam de muito antes de sua eleição como presidente do Brasil e não se direcionam apenas às parcelas femininas da sociedade. Outros grupos minorizados também sofrem com as ações de Bolsonaro e seus apoiadores, como é o caso da dificuldade na tramitação da criminalização da homofobia. O PL 122 não foi aprovado à época de sua proposição e, após 8 anos de tramitação, foi arquivado. Atualmente, no Brasil, homofobia é crime, mas se enquadra dentro da Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por "raça, cor, etnia, religião e procedência nacional". A conquista só ocorreu em 2019 (BARIFOUSE, 2019).

Maria entende, nesse sentido, como prejudiciais as atitudes governamentais que beneficiam determinadas pessoas em detrimento de outras. Ela considera improdutivas falas, atitudes e proposições que excluam, propositalmente, determinados grupos sociais, principalmente quando isso parte de membros de altos cargos do governo.

Algum tipo de preconceito, ou todos, a gente tem e a gente vai reproduzir em algum momento e às vezes a gente não vai nem se arrepender, mas.. [...] eu acho que quando você pretende governar um país, uma cidade, um estado, você tem que entender que você tem que governar para todo mundo [Maria].

Isadora Cutrim e Clara Sefair (2019) reiteram que cada vez mais grupos desviantes ao padrão masculino, branco e heteronormativo são atacados das mais variadas formas, em prol de uma busca pela manutenção do sistema hegemônico, que se vê em risco graças às conquistas de movimentos sociais como os já mencionados anteriormente nesta pesquisa. Isso escancara a pauta política corrente de desestruturar grupos sociais periféricos, retirando direitos da população sob a chancela do "cidadão de bem" (CUTRIM, SEFAIR, 2019). Esses ataques se direcionam, principalmente, para grupos como pessoas negras, mulheres e grupos LGBTQIA+, entretanto,

outros retrocessos foram propostos para pautas fundamentais como a educação pública, vítima de cortes orçamentários, sucateamento e ataques que visam deslegitimar o sistema de Institutos Federais de Ensino Superior; ou as pautas ambientais, que visam a flexibilização da legislação ambiental em prol de atividades como agronegócio e mineração, além da violência arbitrada contra povos originários e tradicionais, como os indígenas e camponeses, principais vítimas da degradação socioambiental. (CUTRIM, SEFAIR, 2019, p.35)

Nesse sentido, Philip Fearnside (2019, p.38) dialoga sobre os danos do governo de Bolsonaro para o meio ambiente, e afirma que "a eleição de Jair Bolsonaro sinaliza uma redução significativa da proteção tanto para o meio ambiente quanto para os direitos humanos", e os dados apresentados anteriormente ajudam a ilustrar parte dessa realidade. Observamos que há um desmonte do Ministério do Meio Ambiente e das pautas que o rodeiam no Governo de Jair Bolsonaro, que é ainda mais amplo do que a questão indígena. Fearnside (2019, p.38) pontua que muitas das ameaças de Bolsonaro nesse sentido começaram ainda quando o político estava em campanha para a presidência do país como, por exemplo, "retirar o Brasil das Nações Unidas e do Acordo de Paris, despir o Ibama do poder de licenciamento, abolir o Ministério do Meio Ambiente e repassar funções destes para as pastas de Minas e Energia e de Agricultura". Mesmo tendo recuado de muitas de suas promessas após empossado, Bolsonaro seguiu com seus ideais de desmonte para as pautas ambientais. Ele, por exemplo, reduziu cerca de 35 milhões do orçamento do Ministério do Meio Ambiente para 2022, sendo grande parte desse valor referente a cofres no orçamento do Ibama¹¹⁵, principalmente no que tange ações de prevenção e controle de incêndios florestais (MENEGASSI, 2022).

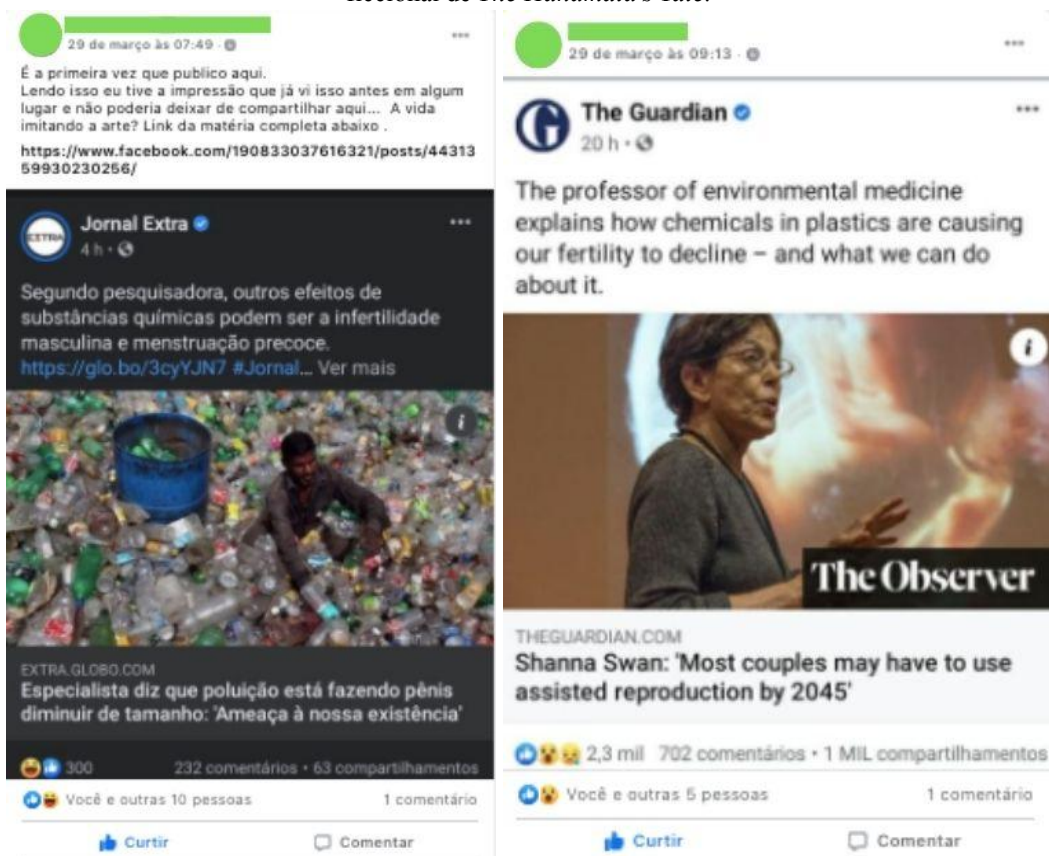
Essa situação pode ser relacionada com a trama de *The Handmaid's Tale* também no que tange às problemáticas ambientais de modo geral. Conforme já pontuado, na trama de THT alguns desastres naturais e ambientais são colocados como principais responsáveis pela queda de fertilidade das mulheres e, conseqüentemente, queda da natalidade no país. Naturalmente, todos esses desastres ambientais que ocorrem na trama ficcional se dão em decorrência da má gestão governamental, que vê nesse realidade uma possibilidade de fazer valer seus ideais conservadores, violentos e opressores. Na história, este foi um dos principais motivos que possibilitaram o golpe religioso totalitário que ocorreu no governo dos EUA e que deu origem à República de Gilead. O que se pontua na trama é que era de interesse desses grupos conservadores, como os Filhos de Jacó, se valerem das tensões sociais,

¹¹⁵ O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, criado pela Lei nº 7.735 de 22 de fevereiro de 1989, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

políticas e ambientais para sucatear ao máximo o país, utilizando essa realidade como justificativa para o golpe de Estado realizado.

Em março de 2021, entrou em pauta no grupo *Handmaid's* Brasil uma discussão que relacionava problemas ambientais que temos experienciado nos últimos anos, com o vivenciado na ficção. Duas publicações do dia 29 de março de 2021 abordam matérias sobre a pesquisa da médica ambientalista, Dra. Shanna Swan. Segundo ela, os produtos químicos presentes em materiais plásticos com os quais temos contato estão, de forma muito semelhante ao que escreveu Margaret Atwood em 1985, afetando negativamente a fertilidade de mulheres ao redor do mundo (THE GUARDIAN, 2021; MOREIRA, 2021).

Figuras 6.37 e 6.38 - Postagens que relacionam problemáticas ambientais contemporâneas com a realidade ficcional de *The Handmaid's Tale*.



Fonte: Facebook *Handmaid's* Brasil.

À época da circulação dessa notícia em grandes portais de informação mundiais, o grupo *Handmaid's* Brasil pareceu ser, na visão de seus membros, um espaço adequado para o diálogo e a construção de sentidos e impressões sobre o assunto. Leandro relembra como o colapso ambiental foi o estopim para o golpe de Estado que originou Gilead, e afirma enxergar a importância de abordarmos a pauta ambiental em nossa sociedade.

Eu acho que essa questão ambiental também a gente enxerga na nossa sociedade. Os meios de produção, a produção em cadeia, a noção de que o planeta tem recursos infinitos, quando na verdade não tem. A gente tem recursos em escala finita. Tem dependência energética.. Várias questões que se podem incluir no sentido da obra, tanto da série quanto do livro, que existem na realidade. Eu acho importante também essa questão ambiental. O colapso ambiental que pode vir e nos levar. [Leandro]

Diante do exposto, entendemos que o grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil pode ser observado enquanto um espaço construído e apropriado pelos membros para tensionar suas percepções a respeito de pautas sociais e políticas, a partir da troca de interações com outros sujeitos.

Sumarizando todas essas questões sociais e políticas contemporâneas debatidas neste capítulo, pontuamos ainda que, em 31 de março de 2021, registramos uma postagem que abarca vários aspectos percebidos ao longo da elaboração e coleta de dados dessa pesquisa. Observamos que, de modo geral, os membros do grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil associam o atual presidente do Brasil como a personificação de ações conservadoras que vem ocorrendo em todo o país recentemente. Em paralelo a isso, na trama da obra, o casal Waterford posiciona-se nesse mesmo lugar. Eles são o símbolo das ações opressivas realizadas por todo um governo, do qual eles fazem parte.

1Figura 6.39 e 6.40 - Dois protestos diferentes, ficção e realidade se encontram em cenas bastante semelhantes.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Fred e Serena Joy Waterford são personagens que podemos chamar de antagonistas da trama de *The Handmaid's Tale*. Na história observamos como, na era pré-Gilead, eles participaram de forma ativa do cenário que levou até o golpe de Estado que originou o regime totalitário e opressor de Gilead. Ao longo das observações, de acordo com os dados do questionário e também a partir do que foi aferido nas entrevistas, percebemos que muito frequentemente os membros do grupo de Facebook *The Handmaid's Tale* Brasil relacionam ambos os personagens de THT com o atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, e por vezes até mesmo sua esposa, Michele Bolsonaro, conforme somos capazes de perceber na figura. Além disso, no terceiro capítulo deste trabalho exploramos, brevemente, como percebemos que a figura de Bolsonaro é entendida, em muitos momentos, como a cristalização e personificação de uma série de ações e políticas opressoras e violentas que vem ocorrendo nos últimos anos no Brasil (MISKOLCI; PEREIRA, 2019).

Neste contexto Leonardo relembra um momento em que observou discussões na comunidade que iam nesse mesmo sentido - de comparar Fred e Serena Waterford com Jair e Michele Bolsonaro. Para ele essa é uma comparação incrível de se fazer pois, dessa forma,

estariamos consumindo *The Handmaid's Tale* de forma crítica. Ele afirma: "*Você chegou a ver? A cena que tinha.. Como era que tinha.. "O Bolsonaro e a Michele deles". Era uma cena que tinha o Fred e a Serena. Eu acho isso incrível*".

Isadora Cutrim e Clara Sefair (2019, p.34) afirmam que "pode-se apontar que o governo Bolsonaro utiliza seu aparato institucional e o apoio de grandes setores da sociedade para promover necropolíticas neoliberais" que são responsáveis majoritárias pelas situações de opressão e violência às quais tantas pessoas são submetidas diariamente no país. Da mesma forma que, como já discutimos, Fred e Serena Waterford têm grande responsabilidade pelos horrores causados pelo governo de Gilead. Marcos também reflete sobre essa questão e relembra uma passagem da trama em que June/Offred e Fred Waterford conversam sobre as expectativas que existiam para a criação de Gilead. Na ocasião, Fred afirma que sua intenção era apenas a de criar um mundo melhor. Entretanto, June rebate a afirmação lembrando-o de que "um mundo melhor" nem sempre significa melhor para todos. No caso de Gilead, esse mundo é melhor apenas para grupos dominantes - como homens e membros da elite.

Ele [o Fred] fala que só queria mostrar um mundo melhor e daí ela fala "melhor nem sempre significa melhor pra todos". Eu acho que é um negócio assim do governo atual, principalmente, é de total semelhança. Total semelhança. [Marcos]

Aline, em sua fala final da entrevista, relembra um momento da obra que, em sua opinião, reflete muito do que podemos pensar ao tensionar as questões de *The Handmaid's Tale* com a realidade. Marcos também destaca esse trecho da série, quando afirma, com outras palavras, que a trama de *The Handmaid's Tale* pode servir como uma espécie de prenúncio para realidades que podem vir a acontecer em algum momento.

Eu gostaria de lembrar que tem uma parte da série, que fala.. Uma frase, né? Que fala que "um sapo em uma panela de água quente ele vai cozinhar até morrer mas não vai pular dali", e eu percebo que a gente tá na mesma. As pessoas não percebem que as coisas estão acontecendo aos poucos, e quando acontecer de verdade já não vai dar mais tempo. Por que logo no primeiro episódio tem aquela parte que fala que primeiro fecharam o Congresso e a gente não ligou. E a gente vê as coisas acontecendo no Brasil e no mundo, e as pessoas tem esse pensamento de "ah mas isso não vai dar em nada" [Aline]

As pessoas negam todo o tempo os direitos, as pessoas normalizam as coisas, né? Pode ver que a gente mesmo talvez esteja normalizando algumas falas políticas. É como a June fala, né? No episódio: a banheira ferve sem tu perceber, né? Ela esquentava devagarinho e a gente nem percebe, né? Aham. Eu acho que essas histórias distópicas tem muita importância pra esse lado, né? [Marcos]

Essas falas dos(as) entrevistados(as) reiteram também a ideia pontuada por Guilherme Boulos na publicação realizada em sua conta pessoal que escolhemos para compor nossa primeira interação oficial com a *Handmaid's* Brasil, em março de 2021.

Figura 6.41 - Interação realizada ao longo da observação participante na *Handmaid's* Brasil.



Fonte: Facebook Handmaid's Brasil.

Sendo o grupo *Handmaid's* Brasil esse espaço dialógico, podemos perceber que as narrativas das publicações da comunidade estão articuladas com as apropriações feitas pelos entrevistados dessa pesquisa em suas falas. Isso demonstra, mais uma vez, a forma como essas pessoas construíram um ambiente interacional e unificado para que, a partir do uso das redes sociais digitais, pudessem formular sentidos e percepções a respeito do mundo que os cerca. Ainda que apresentando certas diferenças de opinião, a visão de mundo da grande maioria dos membros do *Handmaid's* Brasil vai no sentido de entender que hoje, no Brasil e no mundo, vivemos uma realidade com inúmeras semelhanças com o universo ficcional criado por Atwood em 1985, e expandido por Bruce Miller a partir de 2017. Neste capítulo, empreendemos uma análise crítica, amparada pelos passos da Netnografia aqui descritos, para demonstrar algumas das semelhanças apontadas por essas pessoas entre ambos os

universos: ficção e realidade. Naturalmente, nem todos os tópicos possíveis de serem levantados foram abordados, dada a necessidade de recorte específico ao objetivo do estudo. Entretanto, apresentamos nesse trabalho o que observamos ser as principais pautas possíveis de serem levantadas a partir das interações construídas por esses sujeitos dentro do ambiente virtual do grupo *Handmaid's* Brasil.

Sabemos que o Brasil é, e sempre foi, um país muito desigual socialmente em muitos sentidos. Essa não é uma especificidade do governo de Jair Bolsonaro. Entretanto, o que pudemos observar entre entrevistas, publicações no grupo de *Facebook*, dados apresentados, e demais ferramentas analíticas utilizadas por essa pesquisa, é que a presidência de Jair Bolsonaro representa muito mais do que as já conhecidas desigualdades brasileiras. Desde sua eleição, em 2018, vivemos inúmeros retrocessos e dificuldades - muitos dos quais estão expressos neste trabalho - que poderiam não ter acontecido se a situação política do país fosse diferente. Os dados obtidos na etapa de Coleta de Dados dessa dissertação, sobretudo as falas dos(as) entrevistados(as), corroboram uma ideia proposta e discutida teoricamente aqui em outro momento: Bolsonaro representa um projeto neoconservador, que há muito vinha se formando no Brasil, e que encontrou, no momento nas eleições de 2018, um espaço, uma fragilidade, para se fazer presente no país de forma mais expressiva. Em meados de março de 2022, ano em que muito provavelmente um novo Presidente será eleito para governar o Brasil, observamos uma fagulha de esperança de que muitas das violências experienciadas no país nos últimos anos, sejam atenuadas.

Entendemos, ao longo da realização desta pesquisa, que as interações entre sujeitos que se dão no âmbito das redes sociais, colaboram com construções de sentidos e percepções que permitem uma maior consciência social sobre pautas minoritárias, sociopolíticas, etc. Quando afirmamos que o grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil é dialógico e interativo, entendemos que isso só se dá porque as pessoas que o constituem fazem ser dessa forma. São os sujeitos que fazem parte desse grupo que constroem o caráter que essa comunidade demonstra. Essa percepção pode ser corroborada, por exemplo, pelo perfil percebido nos respondentes das entrevistas e questionário. São pessoas opinativas, abertas ao diálogo, críticas, e dispostas a questionar os assuntos que as afetam. Isso tudo é potencializado também pelas publicações coletadas ao longo das observações exploratória e participante realizadas: são postagens de natureza crítica, questionadora, que demonstram insatisfação, por parte de seus(as) autores(as), em relação aos problemas atuais do Brasil. Portanto, entendemos que espaços de mídia como o observado neste trabalho, potencializam

a expressão e posicionamento dos sujeitos e permitem que essas pessoas se reconheçam e se unam a partir de perspectivas análogas.

Além disso, percebemos que o universo *The Handmaid's Tale* guarda inúmeras semelhanças com nossa realidade contemporânea, e que isso parece ser algo que movimenta os membros da comunidade *Handmaid's* Brasil a se questionarem sobre suas vivências enquanto sujeitos e enquanto coletividade. Uma questão que fica implícita de maneira muito forte em muitos momentos, é a dificuldade de compreender como, ainda em 1985, Margaret Atwood criou uma obra ficcional que, até hoje, parece ser tão atual. Nesse caso, a partir de todas as articulações e reflexões realizadas até aqui, percebemos que há algo que se repete na história do mundo, e que não tem sido diferente contemporaneamente: nossas sociedades globais são, de modo muito amplo, compostas por opressões que se baseiam no endereçamento de poder a determinados sujeitos em detrimento de outros. No caso de Gilead, esse poder age principalmente a partir de violências permeadas pela crença de que homens são superiores às mulheres. Essa realidade, conforme pudemos perceber, difere muito pouco da forma como é estruturada hoje a sociedade brasileira. Portanto, acreditamos que pode estar aí uma das inúmeras razões para que os sujeitos observados neste trabalho dediquem tamanho interesse em debater e refletir de maneira complexa as pautas observadas em THT a partir de suas experiências enquanto cidadãos brasileiros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da elaboração deste trabalho, nos últimos dois anos, refletimos a respeito da relação entre comunicação e os processos sociais, políticos e culturais que permeiam a vida dos sujeitos contemporâneos. Nosso campo de investigação nos direcionou a olhar para as formas como tensões sociopolíticas e feministas são perpassadas, muitas vezes, pelas experiências relacionadas ao que Martin-Barbero (2010) chama de mediações. Além disso, percebemos que graças às novas perspectivas de usos sociais das mídias, inauguradas pelas possibilidades oferecidas pelos espaços de mídia digital, que nossas formas de interação e relacionamentos sofreram alterações. Esses usos são, em grande parte, responsáveis pela construção de usos sociais inéditos para as mídias virtuais (VASSALLO DE LOPES, 2018b).

Assim, nos debruçamos para responder a pergunta chave da investigação: **De que modo as trocas e interações estabelecidas no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale Brasil* reverberam nas percepções dos seus/suas integrantes a respeito das tensões relacionadas à conjuntura sociopolítica brasileira e à temática feminista de gênero?** Que, por sua vez, levou ao Objetivo Geral de perceber como/se as questões tensionadas no grupo de Facebook "*The Handmaid's Tale Brasil*" colaboram para a construção das percepções que os/as participantes fazem a respeito da situação sociopolítica e de gênero sob a perspectiva feminista contemporânea brasileira. E, por conseguinte, elencamos três objetivos específicos que acreditamos serem norteadores para refletir a questão norteadora e tentar alcançar o objetivo desta pesquisa. Entendemos que refletir sobre estas etapas, no momento das considerações finais, favorece a pensar o processo da pesquisa, os avanços obtidos, as contribuições para o campo, os resultados entregues e possíveis inquietações que permanecem em aberto.

Portanto, no que tange o objetivo específico de "identificar e categorizar as temáticas apresentadas pelos/as membros do grupo a respeito do universo *The Handmaid's Tale*, em especial as relacionadas com as problemáticas sociopolíticas e de gênero experienciadas pela sociedade brasileira contemporaneamente", realizamos, inicialmente, uma classificação temática das pautas sociopolíticas e de gênero observadas nos materiais coletados na observação participante. Foram 189 publicações produzidas pelos membros ao longo do mês de março de 2021, as quais foram separadas em sete categorias, que refletem as principais pautas abordadas pelo grupo de *Facebook THT Brasil*. O agrupamento auxiliou também na execução das outras duas etapas de Coleta de Dados (KOZINETS, 2014), de forma a indicar as melhores maneiras de estruturar esses procedimentos: questionário e entrevistas semi-estruturadas em profundidade.

A partir de um mapeamento que contextualizou algumas das principais tensões sociopolíticas do Brasil nos últimos anos, articulado com os dados coletados em questionário aplicado com membros do grupo de *Facebook Handmaid's* Brasil, construímos um perfil dos sujeitos espectadores e consumidores do universo THT no Brasil. Os dados nos levam a perceber que essas pessoas são questionadoras, críticas e dispostas a refletir sobre pautas sociopolíticas que as cercam a partir de suas vivências plurais em sociedade. Ademais, a partir das respostas das entrevistas, separamos a discussão entre questões relacionadas a desigualdades de gênero, e tensões sociopolíticas vividas no país. Sobre temática de gênero, refletimos sobre pautas apontadas pelos entrevistados, como duplo padrão sexual, violência de gênero, desigualdade salarial, divisão sexual do trabalho, entre outros. No que diz respeito às problemáticas de cunho sociopolítico abordamos tensões como associação da religião como motivação para a propagação de violências e opressões, a falta de apoio governamental à políticas públicas que priorizam direitos de grupos minorizados, além de discussões sobre os danos sofridos pelo meio ambiente nos últimos anos em decorrência de políticas públicas que abordem essa realidade.

No segundo objetivo específico focou-se em "compreender como se dá a percepção dos/as membros do grupo a respeito de suas vivências sociopolíticas e de gênero relacionadas à temática feminista", o movimento começou a ser construído quando o questionário semi-estruturado foi aplicado e, se materializou quando as entrevistas foram realizadas. Portanto, tanto o questionário quanto as entrevistas desempenham papel, não só mas também, na realização desta etapa do trabalho. Essas etapas se articulam intimamente para permitir a construção de um traçado teórico-metodológico sobre o objeto. Portanto, para demonstrar questões sociais e políticas do mundo que podem, de certa forma, estar relacionadas e ser comparadas com *The Handmaid's Tale*, desenvolvemos uma análise crítica a partir dos dados coletados na Observação Participante realizada no grupo *Handmaid's* Brasil e das respostas das entrevistas semi-estruturadas realizadas com sete respondentes do questionário. Esse debate é composto por dados científicos e acadêmicos, fontes jornalísticas, aliados às respostas dos(as) entrevistados(as) e aos dados coletados ao longo da etapa de Observação Participante.

O terceiro e último objetivo específico propôs "averiguar como/se as trocas e apropriações estabelecidas no grupo THT BR possibilitam, para seus membros, reflexões sobre as questões sociopolíticas e de gênero experienciadas em suas vivências no âmbito público e privado". Sobre este contexto, principalmente a partir do que foi relatado na etapa de entrevistas, os(as) respondentes mencionam muito frequentemente que, após terem contato

com a obra de *The Handmaid's Tale* (através dos livros ou da série), se voltam para o digital para debater com pessoas com interesses semelhantes a respeito do material ficcional que consumiram. E, através destes debates nas plataformas de redes sociais digitais, acabam estabelecendo trocas e apropriações de diferentes maneiras de perceber e experienciar o mundo que os cerca, principalmente no que tange questões vinculadas a grupos sociais minorizados e, mais especificamente, questões sociopolíticas de gênero.

Aqui cabe uma provocação sobre uma discussão que não foi empreendida ao longo desta pesquisa mas que, nesse momento, pode ser pertinente. Propusemos, no terceiro e último objetivo deste trabalho, averiguar como/se as trocas e apropriações estabelecidas no grupo THT BR possibilitam reflexões sobre questões sociopolíticas e de gênero experienciadas no âmbito público e privado. Neste sentido, ainda que tenhamos percebido inúmeras razões que nos levam a acreditar que os membros desse grupo acabam, sim, estabelecendo trocas e apropriações de diferentes maneiras para perceber e experienciar o mundo que os cerca, algumas questões nos chamam atenção. A comunidade *Handmaid's Brasil* no *Facebook* se trata de um espaço mediado e controlado pelos gestores da própria *Handmaid's Brasil* de modo geral, e isso fala muito a respeito das particularidades desse tipo de ambiente virtual.

Nesta pesquisa, relatamos, por exemplo, dificuldades enfrentadas na fase inicial da publicação do *link* do questionário no grupo. Essa dificuldade se deu pois o gestor da comunidade, como soubemos mais tarde, não estava sendo capaz de gerenciar, naquele momento, as publicações feitas no grupo. Isso pode nos mostrar, por exemplo, como ainda assim, ao tratarmos de espaços privados dentro das redes, mesmo que tenhamos um lugar de discussão, debates e apropriações, estamos falando de um ambiente mediado e controlado pelas pessoas que o constituem ou por determinada instituição. Portanto, estamos à mercê das regras impostas pela mesma. No caso da *Handmaid's Brasil*, temos, ainda, uma comunidade criada e gerenciada por homens. Justamente algo que é tão criticado a respeito da constituição social de Gilead, por exemplo. É impossível que isso não salte aos olhos de uma pesquisadora atenta. Neste trabalho essa questão não foi aprofundada por falta de fôlego e foco em outros tópicos de discussão, entretanto desejamos pontuar isso para que, em outros momentos, em que haja oportunidade, isso possa ser referido com o fôlego necessário. Principalmente no que tange questões entre gênero e não neutralidade das redes.

Mesmo assim, diante disso, compreendemos que o percurso teórico-metodológico realizado nesta dissertação foi adequado, a medida em que possibilitou alcançar de forma satisfatória os objetivos propostos por essa pesquisa. Cada uma das etapas referidas -

Observação Participante, Questionário e Entrevistas - nos proporcionou diferentes percepções que, juntas, nos levaram a entender as maneiras como as trocas e interações estabelecidas no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil reverberam nas percepções dos seus/suas integrantes a respeito das tensões sobre a conjuntura sociopolítica brasileira e a temática feminista de gênero. Percebemos que essas pessoas constroem suas percepções a partir das vivências que têm no âmbito virtual colocadas em relação com a realidade que as cerca. Em geral, elas têm um perfil crítico e questionador, e se mostram dispostas a tensionar e debater as pautas que observam nos diferentes canais de mídia e nas redes virtuais com problemáticas relativas à realidade do Brasil e do mundo. Sendo, portanto, o grupo de *Facebook The Handmaid's Tale* Brasil um dos muitos espaços virtuais que permitem que esses sujeitos construam sentidos a respeito da temática de gênero, a partir da realidade sociopolítica brasileira.

No que diz respeito às considerações desta pesquisadora a respeito da produção deste trabalho, para além de tudo o que já foi dito até aqui, é interessante pontuar alguns detalhes a respeito do meu próprio envolvimento com o campo que, como sabemos, foi se mostrando progressivamente, em diferentes momentos, ao longo de sua construção. Não chegamos até *The Handmaid's Tale* diretamente, e muito menos até a comunidade *Handmaid's* Brasil. Esse foi um emaranhado que se construiu a partir das vivências no campo e do desejo de construir uma pesquisa que refletisse detalhes do campo da comunicação contemporânea. Meu envolvimento com o objeto não demarca uma posição de fã e isso termina por implicar de uma maneira específica até mesmo na minha própria reflexividade e posição diante da pesquisa. Tendo a reflexividade uma relação com a forma como nos relacionamos com o objeto, é interessante pontuar o fato de que a entrada na comunidade se deu para que este estudo fosse realizado, e não o caminho contrário, que é tão comum para muitos pesquisadores. Ao não assumir essa condição de fã, e por entender que essa era uma posição assumida pelos membros do grupo, deixei que os entrevistados, respondentes do questionário e produtores de postagens da comunidade guiassem meu caminho por entre a discussão e análise dos dados que coletei. Entregando o lugar de fala àqueles que estavam, efetivamente, construindo suas percepções de mundo a partir de suas interações virtuais na *Handmaid's* Brasil.

Por fim, mesmo que tenhamos, nesta dissertação, nos debruçado sobre muitas das temáticas possíveis de serem observadas no campo de pesquisa escolhido, entendemos não ser possível esgotá-las aqui. Existem inúmeros outros caminhos que podem ser percorridos a respeito das problemáticas feministas e sociopolíticas no Brasil e no mundo a partir de

produções ficcionais distópicas (ou não) e, até mesmo, ainda a partir de um olhar sobre *The Handmaid's Tale*. Nesta investigação fomos guiadas pelo campo a selecionar assuntos possíveis de serem abordados em profundidade com o fôlego necessário, mas ainda existem pautas que podem vir a ser abordadas em pesquisas futuras como, por exemplo, problematizações vinculadas à maternidade compulsória e demais assuntos correlativos ou, também, questões migratórias e pautas análogas. Esses são assuntos possíveis de serem complexificados a partir de *The Handmaid's Tale* de modo geral e que, dada a natureza e as limitações desta pesquisa, não foram abordadas.

Realizar um trabalho de cunho (n)etnográfico é um desafio complexo, dada a importância da atenção ao que o campo de pesquisa demonstra. A construção do percurso teórico-metodológico foi pautada por uma preocupação muito grande em refletir, da melhor forma possível, o que estava sendo apresentado pelos membros da comunidade de *Facebook Handmaid's Brasil*, em detrimento apenas do que acreditávamos ser importante mencionar a respeito do assunto escolhido para essa pesquisa. Para isso, nos pautamos em um percurso complexo que, em nossa percepção, nos permitiu segurança e confiança para apresentar as demandas trazidas pelo campo. Diante disso, buscamos, ao longo de toda a produção dessa pesquisa, adotar uma postura respeitosa para com a comunidade *Handmaid's Brasil*, considerando suas regras, culturas e formas de relacionamento. Acreditamos que esse foi o caminho ideal para atingirmos os objetivos desta pesquisa, permitindo que o próprio campo nos guiasse no sentido das respostas para nossos questionamentos. Essa foi uma das principais mensagens apreendidas ao longo da elaboração desta dissertação.

São as pessoas que fazem parte de comunidades e ambientes virtuais que podem nos trazer respostas a respeito das suas formas de apreensão do mundo e reflexões construídas nesses espaços. Para isso, foi necessário estabelecer uma aproximação bastante expressiva e contínua com o grupo de *Facebook Handmaid's Brasil*, e também com o universo *The Handmaid's Tale*. Hoje, após esse longo percurso de pesquisa, me sinto apta a afirmar que, assim como os membros da comunidade, construí diversas percepções e sentidos acerca do mundo que me envolve não só a partir das interações dentro da comunidade, mas também graças ao acesso aos dados desta pesquisa como, por exemplo, publicações coletadas e entrevistas em profundidade.

Infelizmente, ainda hoje, estamos inseridos em um contexto bastante opressor e violento para diversos grupos minorizados socialmente. Acredito fortemente que as redes sociais digitais são, cada vez mais, espaços onde podemos observar e retratar nuances de nossa realidade que, em muitos níveis, representam nossa forma de nos colocarmos no

mundo - sendo possível, também nestes espaços, potencializar discussões e debates que podem, em muitos sentidos, nos direcionar a transformações positivas no tecido social. Desejo, principalmente, que este trabalho colabore científica e academicamente para um mundo melhor, e permita que possamos construir novos modos de vida, menos permeados por opressões e violências.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABLAS, Bárbara. Relembra a evolução e as mudanças das redes sociais na última década. TechTudo, São Paulo, Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembra-a-evolucao-e-as-mudancas-das-redes-sociais-na-ultima-decada.ghtml>> Acesso em 17, nov, 2021.

A DECADÊNCIA de uma espécie. Volker Schlöndorff; Daniel Wilson. Alemanha; Estados Unidos da América: 1990.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. cadernos pagu, n. 43, p. 13-56, 2014.

ARAÚJO, Verônica Fagundes; RIBEIRO, Eduardo Pontual. Diferenciais de salários por gênero no Brasil: uma análise regional. 2001. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppge/wp-content/themes/PPGE/page/textos-para-discussao/pcientifica/2001_11.pdf

ATWOOD, Margaret. Os Testamentos. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco, 2019

ATWOOD, Margaret. The Testaments: A Novel. Toronto, Canada, Anchor, 2019.

ATWOOD, Margaret. A História da Aia. Brasil: Marco Zero Editora, 1987.

ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. Toronto, Canada. McClelland and Stewart, 1985.

ACAYABA, Cíntia; LEITE, Isabela; PAULUZE, Thaiza. Casos de estupro voltam a crescer no 1º semestre de 2021; 4 mulheres são vítimas de feminicídio por dia no Brasil. G1. São Paulo, Brasil. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/10/casos-de-estupro-voltam-a-crescer-no-1o-semester-de-2021-4-mulheres-sao-vitimas-de-femicidio-por-dia-no-brasil.ghtml>> Acesso em 19, fev, 2022.

AMADO, Guilherme. Qual a religião de Jair Bolsonaro? Confusão o beneficia há tempos; análise. Portal Metrópoles. São Paulo, Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/qual-a-religiao-de-jair-bolsonaro-confusao-o-beneficia-ha-tempos>>. Acesso em 21, fev, 2022.

BARIFOUSE, Rafael. STF aprova a criminalização da homofobia. BBC News. São Paulo, Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>> Acesso em 21, fev, 2022.

BERMUDES, Wanderson Lyrio et al. Tipos de escalas utilizadas em pesquisas e suas aplicações. Vértices, Campos dos Goytacazes, v. 18, n. 2, p. 7-20, Brasil, 2016.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, 07, ago, 2006.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski. Recepção e Estudos Culturais: uma relação pouco discutida. 2009.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. Cadernos pagu, n. 53, 2018.

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no Brasil. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9310>.

BERNARDO, Katrine. Resenha: O Conto da Aia – Margaret Atwood. Uaaau, Brasil, Fevereiro, 2020. Disponível em: <https://www.uaau.com.br/uaau-show/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood>. Acesso em 28, jul, 2021.

BETIM, Felipe. “Existem fundamentos legais para que o Supremo legalize o aborto no Brasil”. El País, São Paulo, Brasil, 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/politica/1533291491_643952.html> Acesso em 7, jul, 2021.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. [recurso eletrônico, edição Kindle]: Gênero, neoconservadorismo e democracia. Boitempo Editorial. Edição do Kindle. São Paulo, Brasil. 2020.

BONACORCI, Ricardo. Livros: **O Conto da Aia – O romance mais famoso de Margaret Atwood**. Bonas Histórias, São Paulo, Brasil, Janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2020/01/07/livros-o-conto-da-aia-o-romance-mais-famoso-de-margaret-atwood>. Acesso em 28, jul, 2021.

BONIN, Jiani Adriana. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: Edipucrs, p. 213-231, 2016.

BORTOLON, Bianca; MALINI, Marianne; MALINI, Fábio. Gênero e ativismo online: um estudo de caso da campanha não mereço ser estuprada no Facebook. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015.

BRASIL FICA FORA de declaração conjunta com mais de 50 países pelo Dia Internacional da Mulher na ONU. G1, São Paulo, 8, mar, 2021. Mundo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/08/brasil-fica-de-fora-de-declaracao-conjunta-com-mais-de-50-paises-pelo-dia-internacional-da-mulher-na-onu.ghtml>>. Acesso em: 28, mar, 2021.

BRASIL. DECRETO-LEI No 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940. Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em: 30, mar, 2021.

BRASIL, DECRETO-LEI No 119-A, DE 7 DE JANEIRO DE 1890. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm. Acesso em: 18, mai, 2021.

BRIGNOL, L.; COGO, Denise; MARTÍNEZ, Silvia Lago. Redes: dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones CIESPAL, p. 187-214, 2019.

BULEGON, Bruna Martins et al. Estratégias Discursivas Na Construção Do Ativismo Digital: Redes De Mobilização Feminista. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Journal of computer-mediated communication, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

CUTRIM, Isadora Abreu; SEFAIR, Clara. A Necropolítica Neoliberal e as Políticas de Austeridade no Governo de Jair Bolsonaro: As Reformas, as Mulheres e a Cidade. PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 3, n. 10, 2019.

CNS. Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. ARTIGO: Pandemia se soma a graves problemas já enfrentados pelos povos indígenas e profissionais que cuidam deles. Brasil, 2020. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1261-artigo-pandemia-se-soma-a-graves-problemas-ja-enfrentados-pelos-povos-indigenas-e-profissionais-que-cuidam-deles>> Acesso em 08, set, 2021.

CAMPANELLA, Bruno. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. MATRIZES, v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015.

CARLOMAGNO, Márcio Cunha. Conduzindo pesquisas com questionários online: Uma Introdução as Questões Metodológicas. ESTUDANDO CULTURA E COMUNICAÇÃO COM MÍDIAS SOCIAIS, p. 31, 2018.

CARTA CAPITAL. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. São Paulo, Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em 01, dez, 2021.

CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 19-56.

CEVASCO, Maria Elisa. Dez lições sobre estudos culturais. Boitempo editorial, 2003.

CHADE, Jamil. Brasil não adere a ato de 60 democracias na ONU pela defesa das mulheres. UOL, São Paulo, 08, mar, 2021a. Notícias. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/08/brasil-nao-adere-a-ato-de-60-democracias-na-onu-pela-defesa-das-mulheres.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 28, mar, 2021.

CHADE, Jamil. Brasil "choca" com proposta na ONU sobre direitos da mulher. UOL, São Paulo, 14, mar, 2021b. Notícias. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/14/brasil-choca-com-proposta-na-onu-sobre-direitos-da-mulher.htm>>. Acesso em 30, mar, 2021.

CORRÊA, Luiza Betat et al. Consumindo Lady Gaga: os little monsters e a construção de identidades de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Brasil, 2019

CONJUR. Decisão do STF que reconhece união estável homoafetiva completa 10 anos. Brasil. 5, mai, 2021. Disponível em:
<<https://www.conjur.com.br/2021-mai-05/decisao-reconhece-uniao-estavel-homoafetiva-faz-10-anos>> Acesso em 16, jun, 2021.

COELHO, Ana Paula; BORTOLON, Bianca. Mulheres Contra Cunha, Feminismo E Democracia: Do Privado Ao Público, Entre As Redes E As Ruas: Análise Do Mulheres Contra Cunha No Twitter. IX Simpósio Nacional ABCiber; PUC, São Paulo. 2016.

DE ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas; MOTA, Daniel Santos. Huxley, Orwell e a realização das distopias no Brasil contemporâneo. Lutas Sociais, v. 23, n. 42, p. 139-155, 2019.

DE ARAÚJO BARROS, Marisa Aparecida Loures; DE ARAÚJO BARROS, Marcos Paulo; FARIA, Alexandre Graça. **A Representação Da Mulher Em O Conto Da Aia E Em Os Testamentos: Distopias Do Presente. Ipotesi–revista De Estudos Literários**, v. 24, n. 2, p. 165-176, 2020.

DE OLIVEIRA, Antônio Cláudio Mariz. O Brasil está a caminho da distopia? Estadão, São Paulo, Brasil, 2020. Disponível em:
<<https://opinio.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto.o-brasil-esta-a-caminho-da-distopia.70003162263>> Acesso em 06, jul, 2021.

DE ALBUQUERQUE MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional. Correlatio, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018.

DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Nova Fronteira, [1989] 2014.

DE OLIVEIRA GOMES, Marisa; DUARTE, ÉliSSa Tavares; DE CARVALHO, Michelly Santos. Feminismo e Redes Sociais: Análise da Articulação dos Movimentos Feministas através da Hashtag #EleNãO. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019. Belém - PA, Brasil.

DE OLIVEIRA COSTA, Albertina et al. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

DE LARA, Bruna; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa. #MeuAmigoSecreto [recurso eletrônico, edição Kindle]: **Feminismo além das redes** / [Não Me Kahlo] - 1. ed. - Rio de Janeiro : Edições de Janeiro, 2016.

DE SOUZA, Sandra Duarte. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. Estudos de religião, v. 27, n. 1, p. 177-201, 2013.

DISCURSO DA MINISTRA DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, Damares Alves, no Conselho de Direitos Humanos da ONU. Fundação Alexandre De Gusmão (FUNAG), 2019. Disponível em: <http://funag.gov.br/imagens/Nova_politica_externa/Damares_CDH_NPE.pdf>. Acesso em: 28, mar, 2021.

DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. A Primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. Revista Feminismos, v. 6, n. 2, 2018.

DIEESE. A inserção das mulheres no mercado de trabalho: 3º trimestres de 2019 e de 2020. 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html>

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Apontamentos sobre a formação de uma crítica feminista de mídia no Brasil. In: Gênero, mídia & lutas sociais: percepções críticas e experiências emancipatórias/ Graziela Bianchi, Karina Janz Woitowicz e Paula Melani Rocha (Org.). Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação. Revista ECO-Pós, v. 23, n. 3, p. 103-138, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EDUCA IBGE. Indígenas. Brasil, c2021. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20506-indigenas.html>>. Acesso em 08, set, 2021.

ESTADÃO. Damares Alves defende "bolsa" a mulheres estuproadas. São Paulo, Brasil. 11, dez, 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/damares-alves-defende-bolsa-a-mulheres-estuproadas/>, Acesso em 18, fev, 2022.

FEARNSIDE, Philip Martin. Retrocessos sob o Presidente Bolsonaro: um desafio à sustentabilidade na Amazônia. Sustentabilidade International Science Journal, v. 1, n. 1, p. 38-52, 2019.

FÁVERO, Marisalva; MOURÃO, Rita; GOMES, Valéria Sousa. Duplo padrão sexual. 2019.

FERREIRA, Vítor Vieira. Utopia e distopias no século XXI e pós-modernismo. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS, v. 19, n. 38, p. 64-82, 2015.

FERREIRA, Gabriela Vilela Palmeira; LIMA, João Vicente Ribeiro Barroso da Costa. Ciberfeminismo: feministas tecem uma nova rede. Diversitas Journal, v. 5, n. 3, p. 2263-2296, 2020.

FERREIRA, Livia Bergo Coelho. A revolução das tecnologias de informação e comunicação: consequências sociais, econômicas e culturais. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 7, n. 2, p. 117-127, 2009.

FERNANDES, Daniela. Brasil passou do sonho à distopia, diz estudioso francês. BBC Brasil, Paris, França, 2020a. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53073306>> Acesso em 06, jul, 2021.

FERNANDES, Daniela. Brasil passou do sonho à distopia, diz estudioso francês. De Paris para a BBC News Brasil. UOL Notícias, São Paulo, Brasil, 2020b. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/20/brasil-passou-do-sonho-para-a-distopia-diz-estudio-so-frances.html>> Acesso em 06, jul, 2021.

FELLET, João. Os 5 principais pontos de conflito entre governo Bolsonaro e indígenas. BBC Brasil. Brasil, 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>> Acesso em 08, set, 2021.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2011.

FROMM, Erich. Posfácio (1961). In: 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. Autora de 'O Conto da Aia' acredita no impeachment de Bolsonaro. São Paulo, Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RC7vsidrYZI&ab_channel=FolhadeS.Paulo>. Acesso em 17, jan, 2022.

GRATON, Leticia Alves. Abençoado seja o fruto: a representação da maternidade na série The Handmaid's Tale.

GARRETT, Felipe. Dia da Informática: veja a evolução dos PCs ao longo das décadas. TechTudo, São Paulo, Brasil, 2019. Disponível em:
<<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/08/dia-da-informatica-veja-a-evolucao-dos-pcs-ao-longo-das-decadas.ghtml>> Acesso em 17, nov, 2021.

G1. Escritora canadense Margaret Atwood recebe prêmio Franz Kafka 2017. G1 por Por France Presse, São Paulo, Brasil, 2017. Disponível em:
<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/escritora-canadense-margaret-atwood-recebe-premio-franz-kafka-2017.ghtml>. Acesso em 28, jul, 2021.

GOOGLE. Como funcionam os algoritmos da Pesquisa. Brasil, c2021. Disponível em:
<<https://www.google.com/intl/pt-BR/search/howsearchworks/algorithms>> Acesso em 05, jul, 2021.

HANDMAID'S BRASIL. Castas. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. c2021. Disponível em
<<https://www.handmaidsbrasil.com/p/castas.html>> Acesso em 01, jul, 2021.

HANDMAID'S BRASIL. Filme. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. c2021b. Disponível em
<<https://www.handmaidsbrasil.com/p/filme.html>> Acesso em 22, jul, 2021.

HANDMAID'S BRASIL. Jezebel. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. c2021c. Disponível em
<<https://www.handmaidsbrasil.com/p/jezebel.html>> Acesso em 01, nov, 2021.

HANDMAID'S BRASIL. The Handmaid's Tale e os protestos ao redor do mundo desde que foi lançada. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. 2018. Disponível em:
<<https://www.handmaidsbrasil.com/2018/08/the-handmaids-tale-e-os-protestos-ao-redor-do-mundo-desde-que-foi-lancada.html>> Acesso em 07, jul, 2021.

HANDMAID'S BRASIL. **The Testaments**. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. 2019. Disponível em:
<https://www.handmaidsbrasil.com/p/the-testaments.html>. Acesso em 08, ago, 2021.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Thomaz, Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, p. 11-27, 2016.

HINE, Christine. Virtual ethnography. Sage, 2000.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007.

HJARVARD, Stig. Mídiatização: conceituando a mudança social e cultural. Matrizes, USP, Ano 5. n. 2, 2014.

hooks, bell. Feminismo: uma política transformacional. In: BAPITISTA, Mari Emanuel. (org). Gênero e Performance — Textos essenciais Vol. I COIMBRA/PORTUGAL: Grácio Editor, 2018.

hooks, bell. **O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto. caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, n. 44, p. 21-36, 2015.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. Comunicación en Jesús Martín-Barbero: incursión a tres obras fundantes. Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones CIESPAL, p. 187-214, 2019.

JIMÉNEZ, Carla. Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital. El País, São Paulo, Brasil. Agosto, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

JUNIOR, Carlos Alberto Chaves Pessoa. O Brasil é a mais cruel e violenta distopia. Gazeta do Povo. São Paulo, Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/o-brasil-e-a-mais-cruel-e-violenta-distopia/>. Acesso em 06, jul, 2021.

JURISTAS REPUDIAM PROJETO de senador que cria 'bolsa estupro': 'Retrocesso'. UOL, São Paulo. 26, mar, 2021. Universa. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/26/juristas-repudiam-projeto-bolsa-estupro-senado-retrocesso.htm?>>. Acesso em 30, mar, 2021.

KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Penso Editora, 2014.

LESNIESKI, Marlon Sandro; NUNES, Reinaldo José. IDEOLOGIA E DISTOPIA NO CINEMA PÓS-MODERNO: Análise dos Filmes Jogos Vorazes e Divergente. IDEOLOGIA E DISTOPIA NO CINEMA PÓS-MODERNO: Análise dos Filmes Jogos Vorazes e Divergente, p. 1-388-416.

LIAO, Débora. **É Preciso Reforçar Quem São Os Verdadeiros Vilões Em The Handmaid's Tale: Os Homens**. Garotas Geeks, 2019, Brasil. Disponível em: <https://www.garotasgeeks.com/e-preciso-reforcar-quem-sao-os-verdadeiros-viloes-em-the-handmaids-tale-os-homens/hierarquia-de-the-handmaids-tale-2/>. Acesso em 28, jul, 2021.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Editora 34, São Paulo, Brasil. 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. As formas mestiças da mídia. Pesquisa FAPESP Online, edição, v. 163, p. 10-15, 2009.

MARTIN-BARBERO. Jesus. Diversidade em convergência. São Paulo, Matrizes, v. 8, n. 2, 2014.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, p. 57-86, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía. 5.ed. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Anthropos y Universidad Autónoma Metropolitana de México, 2010a

MARQUES, Marília. Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília. G1, Brasília, DF. Brasil. 03, ago, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/03/mulheres-usam-roupas-de-o-conto-da-aia-em-ato-pela-descriminalizacao-do-aborto-em-brasilia.ghtml> Acesso em 01, jul, 2021.

MARETTI, Cláudio. Grilagem. WWF, Brasil. c2021. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia/ameacas_riscos_amazonia/desmatamento_na_amazonia/grilagem_na_amazonia/ Acesso em 07, set, 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Mídia, cultura, norte e sul: pontuações e delineamentos do conceito na pesquisa brasileira e anglo-saxônica. In: FERREIRA et al. Entre O Que Se Diz E O Que Se Pensa: Onde Está A Mídia? Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2018. p. 219-240.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 2, p. 333-357, 2008.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Jair Bolsonaro. Brasil, 2020. Disponível em:
<<https://memoriasdaditadura.org.br/tag/jair-bolsonaro/>>. Acesso em 01, dez, 2021.

MENEGASSI, Duda. Bolsonaro corta 35 milhões do orçamento do Ministério do Meio Ambiente para 2022. O Eco. Brasil, 2022. Disponível em:
<<https://oeco.org.br/noticias/bolsonaro-corta-35-milhoes-do-orcamento-do-ministerio-do-meio-ambiente-para-2022/>> Acesso em 21, fev, 2022.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; MARX, Djenifer Samantha; ARNDT, Gilmar Joanol. **Surfando Na Onda Digital: Feminismos Em Rede No Brasil**. p. 119-134. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020>.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. “Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil”. *Cadernos Pagu*, n. 53, 2018. ISSN 0104-8333

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Réplica: Desigualdades mortais: a fabricação de vidas precárias no Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, p. e190157, 2019.

MOREIRA, Fernando. Especialista diz que poluição está fazendo pênis diminuir de tamanho: 'Ameaça à nossa existência'. *Extra*. São Paulo, Brasil, 2021. Disponível em:
<<https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/especialista-diz-que-poluicao-esta-fazendo-penis-diminuir-de-tamanho-ameaca-nossa-existencia-24943472.html>> Acesso em 21, fev, 2022.

NEME, Cristina. SANTIAGO, Denice. VILLA, Eugenia. SOBRAL, Isabela. ZAPATER, Maíra. BUENO, Samira. SCARANCA, Valéria. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Instituto Datafolha. Brasil, 2019.

O GLOBO. *'The handmaid's tale'* foi o livro de ficção mais lido da Amazon durante o verão americano. São Paulo, Brasil, 2017. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/the-handmaids-tale-foi-livro-de-ficcao-mais-lido-da-amazon-durante-verao-americano-21844044>>. Acesso em 02, nov, 2021.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de. *Dona de casa e da própria vida? Leituras sobre o trabalho feminino na publicidade por mulheres da nova classe trabalhadora*. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

O POVO. Após votação histórica na Argentina, saiba como anda a legalização do aborto no Brasil. Ceará, Brasil. 2018. Disponível em:
<<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/06/como-anda-a-legalizacao-do-aborto-no-brasil.html>> Acesso em 07, jul, 2021.

PIENIZ, Mônica. Mediação estrutural da tecnicidade: o trânsito das audiências a partir do Twitter. *MATRIZES*, v. 9, n. 1, p. 213-228, 2015.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes antropológicos*, n. 42, p. 377-391, 2014.

PUBLISHNEWS, Redação. ‘The testaments’ bate recorde de vendas nos EUA. São Paulo, Brasil, 17 de setembro de 2019. Disponível em:
<https://www.publishnews.com.br/materias/2019/09/17/the-testaments-bate-recorde-de-vendas-nos-eua> Acesso em 08, ago, 2021.

PUBLISHNEWS. Lista de Mais Vendidos de Ficção de 2017. São Paulo, Brasil, 2017. Disponível em:
<<https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2017/0/0>>. Acesso em 02, nov, 2021.

PINTO, Céli Regina J. *Uma história do feminismo no Brasil*. 2003.

PL 5435: Um dos Maiores Retrocesso aos Direitos das mulheres. ANDES: Sindicato Nacional Dos Docentes Das Instituições De Ensino Superior. Brasília, DF, Brasil. 30, mar, 2021.
<<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/pL-5435-um-dos-maiores-retrocesso-aos-direitos-das-mulheres1>> Acesso em 31 de maio de 2021.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. Lo que McLuhan no previu. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, v. 1, p. 205-223, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Sulina, 2009.

RINCÓN, Omar. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 21, n. 2, p. 73-80, 2019.

RIBEIRO, Clariça. O meu país é a minha distopia. Brasil de Fato, João Pessoa, Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefatopb.com.br/2020/01/29/o-meu-pais-e-a-minha-distopia>> Acesso em 06, jul, 2021.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. In: Gênero, patriarcado, violência. 2004.

SANTOS, Amanda Ferreira. Distopia Na Cultura De Massa: Netflix E A Série 3%. 2018.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SCOTT, Joan et al. Os usos e abusos do gênero. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 45, 2012.

SIQUEIRA, Luiz. "BLACK MIRROR" E "THE HANDMAID'S TALE": UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DISTÓPICAS NAS SÉRIES DE TV. ART: 17º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, p. 456-462, 2018.

SILVA, Luiz Magno Barreto. Estado laico: o que é?. Politize! Brasil, 5 de junho de 2017. Disponível em <<https://www.politize.com.br/estado-laico-o-que-e/>> Acesso em 18, mai, 2021.

SOUZA, Babi. Vamos juntas?: o guia de sororidade para todas. Galera, 2016.

SNIGURA, Marcos. A Comunidade The Handmaid's Tale Brasil completa 3 anos, saiba mais! Handmaid's Brasil. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. 2020. Disponível em <<https://www.handmaidsbrasil.com/2020/03/the-handmaids-tale-brasil-completa-3-anos-saiba-mais.html>> Acesso em 1, jul, 2021.

THE GUARDIAN. Shanna Swan: 'Most couples may have to use assisted reproduction by 2045'. The Guardian, Reino Unido, 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/society/2021/mar/28/shanna-swan-fertility-reproduction-count-down>> Acesso em 21, fev, 2022.

THE HANDMAID'S TALE BRASIL. *The Handmaid's Tale*: Margaret Atwood fala sobre inspirações da vida real. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4s4MMnjzUes>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

THE HANDMAID'S TALE BRASIL. *The Handmaid's Tale*: Margaret Atwood fala sobre inspirações da vida real. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4s4MMnjzUes>>. Acesso em: 7, jan. 2021.

THE HANDMAID'S TALE. Bruce Miller; Margaret Atwood; Elisabeth Moss. Estados Unidos da América: Hulu, (2017-).

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 29, abr, 2020. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>>. Acesso em: 25, mar, 2021.

TOMAZETTI, Tainan Pauli et al. *Movimentos Sociais Em Rede E A Construção De Identidades: A Marcha Das Vadias SM e A Experiência Do Feminismo Em Redes Comunicação*. 2015.

UNIVERSAL, Uol. "The Handmaid's Tale": grupo pró-aborto protesta a caráter em Brasília. São Paulo, Brasil. 03, ago, 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/08/03/the-handmaids-tale-grupo-pro-aborto-protesta-a-carater-em-brasilia.html>> Acesso em 05, jul, 2021.

VITAL, Danilo. STJ decide julgar recurso de Bolsonaro contra danos morais por homofobia. ConJur, Brasil, Junho, 2021. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2021-jun-17/stj-decide-julgar-condenacao-bolsonaro-homofobia>> Acesso em 07, dez, 2021.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. *Intexto*, n. 43, p. 14-23, 2018a.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZES*, v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018b.

VEJA. **Argentinas pró-aborto protestam com trajes de “O Conto da Aia”**. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/argentinas-pro-aborto-protestam-com-trajes-de-o-conto-da-aia>> Acesso em 26 abr 2021.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,[1971], 1979.

ZIMMERMANN, Gabriela Cerutti. *The Handmaid's Tale: 7 semelhanças entre Gilead e o Brasil*. POPoca.com.br, Brasil, 2021. Disponível em: <<https://popoca.com.br/the-handmaids-tale-semelhancas-entre-gilead-e-o-brasil/>> Acesso em 17, jan, 2022.

9. APÊNDICES

9.1 Roteiro de Entrevistas

1. Nome
2. Idade
3. Gênero
4. Estado de origem/que reside
5. Escolaridade
6. Profissão
7. Como É Seu Consumo De Mídia? Netflix, TV aberta, TV por assinatura?
8. Há quanto tempo você é membro do grupo THT Brasil?
9. O que te levou a solicitar a participação na comunidade?
10. Como chegou até a comunidade?
11. Já conhecia algum membro da comunidade previamente antes de entrar?
12. Já criou proximidade com alguém por causa da comunidade? Alguma conversa que reverberou fora do âmbito da comunidade?
13. O que você mais gosta na comunidade?
14. Algo lhe desagrada na comunidade?
15. Lembra de algum fato inusitado/interessante que já chamou atenção dentre os conteúdos do grupo?
16. Como é a sua interação na comunidade? Curte, comenta, posta, observa? Quais assuntos/abordagens são os posts que você mais interage?
17. Com que frequência você visita, participa, acompanha a comunidade?
18. O que você acha dos debates que acontecem na comunidade?
19. Qual o papel que a participação nessa comunidade tem para você? é superficial ou assume um papel mais importante, reflexivo, acolhedor, relacional...?
20. Você participa de outras comunidades virtuais sobre THT? Se sim, quais?
21. Você se informa ou acompanha as novidades sobre o universo THT em outros meios? Quais?
22. Você participa de outras comunidades virtuais sobre outras obras de ficção? Se sim, quais? Se não, por que participa só da THT Brasil?
23. Na sua visão, qual é o assunto predominante nos debates produzidos nas postagens da comunidade THT Brasil?

24. Você acha que o grupo é um espaço onde ocorrem discussões sobre o universo THT e problemáticas sociais e políticas brasileiras? Se sim, o que acha disso? Positivo, negativo, importante, superficial, enriquecedor? Se não, acha o que acha disso? Deveriam ocorrer esses debates, ou acredita que é dessa forma que deve ser?
25. Você acha que o grupo é um espaço onde ocorrem discussões que relacionam o universo THT e problemáticas feministas/de gênero? Se sim, o que você acha disso? Positivo, negativo, importante, superficial, enriquecedor? Se não, acha o que acha disso? Deveriam ocorrer esses debates, ou acredita que é dessa forma que deve ser?
26. Quais produtos comunicacionais do universo consumiu? (livro 1/livro 2/filme/série) Dos produtos que consumiu, qual o que mais se interessou? (livro 1/livro 2/filme/série/todos) Por que?
27. Você acredita que o universo The Handmaid's Tale como um todo (livro 1/livro 2/série / filme) possui uma trama que pode ser relacionada com questões que enfrentamos na realidade brasileira? Se sim quais?
28. Você acha que o que é apresentado no universo pode se relacionar com a realidade cotidiana das mulheres no Brasil? Se sim, em qual aspecto?
29. Há alguma passagem da obra (filmes, livros, série) que te venha à mente quando fala sobre isso?
30. Você já leu notícias sobre o mundo que te relacionaram com tht? Sobre o que essas notícias falavam?
31. Você se considera um/a consumidor/a de outras obras ficcionais distópicas além de THT? Se sim, que tipo de obra ficcional distópica você costuma consumir? (séries/filmes/livros). Quais?
32. Você acredita que produções ficcionais distópicas, muitas vezes, retratam a realidade sociopolítica do mundo/país?
33. Você acredita que obras ficcionais distópicas devem retratar a realidade sociopolítica do mundo/país?
34. Se interessa por alguma temática social especificamente? De onde você acha que veio seu interesse por esse tema? Qual sua percepção sobre isso?
35. Participa de grupos? Coletivos? Lista de discussão?
36. Isso se relaciona com a tua vivência com tht? Como?
37. Como você vê a situação sociopolítica brasileira hoje? Como se sente sobre nossas vivências? Já levou alguma questão da discussão nas redes sociais em geral? Ou no grupo tht?

38. Como você vê a situação dos debates sobre gênero na realidade brasileira hoje? Como se sente sobre nossas vivências? Já levou alguma questão da discussão nas redes sociais em geral? Ou no grupo tht?

9.2 Roteiro de Perguntas do Questionário

1. Com que gênero você se identifica?
 - a. Feminino
 - b. Masculino
 - c. Outros..

2. Qual sua faixa etária?
 - a. Entre 18 e 25
 - b. Entre 26 e 35
 - c. Entre 36 e 45
 - d. Entre 46 e 60
 - e. Acima de 61

3. Qual seu estado de origem?
 - a. Acre (AC)
 - b. Alagoas (AL)
 - c. Amapá (AP)
 - d. Amazonas (AM)
 - e. Bahia (BA)
 - f. Ceará (CE)
 - g. Distrito Federal (DF)
 - h. Espírito Santo (ES)
 - i. Goiás (GO)
 - j. Maranhão (MA)
 - k. Mato Grosso (MT)
 - l. Mato Grosso do Sul (MS)
 - m. Minas Gerais (MG)
 - n. Pará (PA)
 - o. Paraíba (PB)

- p. Pernambuco (PE)
- q. Piauí (PI)
- r. Rio de Janeiro (RJ)
- s. Rio Grande do Sul (RS)
- t. Rondonia (RO)
- u. Roraima (RO)
- v. Santa Catarina (SC)
- w. São Paulo (SP)
- x. Sergipe (SE)
- y. Tocantins (TO)

4. Escolaridade

- a. Ensino Fundamental Completo
- b. Ensino Médio Completo
- c. Ensino Superior Incompleto
- d. Ensino Superior Completo
- e. Pós-Graduação Incompleta
- f. Pós-Graduação Completa

5. Qual sua renda familiar mensal?

- a. Até R\$ 1.100,00
- b. Entre R\$ 1.100,00 e R\$ 3.300,00
- c. Entre R\$ 3.300,00 e R\$ 5.500,00
- d. Entre R\$ 5.500,00 e R\$ 7.700,00
- e. Entre R\$ 7.700, e R\$ 11.000,00
- f. Mais de R\$ 11.000,00

6. Há quanto tempo você é membro/a do grupo THT Brasil?

- a. Desde sua criação, em junho de 2018
- b. Desde 2018
- c. Desde 2019
- d. Desde 2020
- e. Entrei em 2021
- f. Não me lembro

7. Quais razões te levaram a solicitar a participação no grupo THT Brasil?
 - a. Gosto de debater a respeito do universo THT e seus acontecimentos
 - b. Gosto de debater sobre produções audiovisuais em geral nas redes sociais
 - c. Gosto de me informar sobre notícias, novidades e lançamentos do universo THT
 - d. Me interessa por acompanhar informações sobre os atores e atrizes da série
 - e. Me interessa por acompanhar informações sobre a autora Margaret Atwood
 - f. Me interessa pelas comparações entre o universo THT e a vida real que são feitas no grupo
 - g. Gosto dos memes sobre o universo THT
 - h. Gosto de interagir com pessoas que se interessem por THT
 - i. Me interessa pelos debates a respeito da série "O Conto da Aia"
 - j. Me interessa pelos debates a respeito dos livros "O Conto da Aia" e "Os Testamentos"
 - k. Me interessa pelos debates a respeito do filme "O Conto da Aia"
 - l. Outros..

8. Qual o papel que o grupo THT tem para você atualmente?
 - a. Entretenimento
 - b. Interação com pessoas com pensamentos DIVERGENTES aos meus
 - c. Interação com pessoas com pensamentos CONVERGENTES aos meus
 - d. Acesso a notícias, novidades e lançamentos sobre o universo THT
 - e. Debates acerca da trama e do universo THT
 - f. Debates acerca de assuntos diversos da vida comum
 - g. Debates sobre questões de gênero/feminismo
 - h. Debates sobre questões sociopolíticas do Brasil/mundo
 - i. Debates sobre produções audiovisuais em geral nas redes sociais
 - j. Encontro informações sobre a autora Margaret Atwood
 - k. Encontro informações sobre atores/atrizes da série
 - l. Compartilhar memes sobre o universo THT
 - m. Outros..

9. Como é a sua interação no grupo?

- a. Costumo fazer postagens
- b. Costumo comentar nos posts
- c. Costumo curtir/compartilhar posts
- d. Costumo marcar amigos que também fazem parte do grupo nos posts
- e. Não costumo interagir, apenas leio os posts
- f. Outros..

10. Você acredita que o grupo THT Brasil é um espaço onde ocorrem discussões que relacionem o universo THT com problemáticas FEMINISTAS/DE GÊNERO?

- a. Não percebo essas discussões na comunidade
- b. Não percebo e não concordo que esse seja o lugar para esses debates
- c. Não percebo, mas penso que esse poderia ser um bom lugar para esses debates
- d. Acredito que o grupo seja um espaço onde ocorrem essas discussões
- e. Sim, mas acredito que esse não seja o foco principal da comunidade
- f. Sim, mas não concordo que esse seja o lugar adequado para esses debates

11. Você acredita que o grupo THT Brasil é um espaço onde ocorrem discussões que relacionem o universo The Handmaid's Tale com a REALIDADE SOCIOPOLÍTICA brasileira?

- a. Não percebo essas discussões na comunidade
- b. Não percebo e não concordo que esse seja o lugar para esses debates
- c. Não percebo, mas penso que esse poderia ser um bom lugar para esses debates
- d. Acredito que o grupo seja um espaço onde ocorrem essas discussões
- e. Sim, mas acredito que esse não seja o foco principal da comunidade
- f. Sim, mas não concordo que esse seja o lugar adequado para esses debates

12. Você já fez uma postagem no grupo THT Brasil?

- a. Sim
- b. Não

13. A(s) sua(s) postagem(ns) abordava(m) alguma das obras do universo THT especificamente?

- a. Serie
- b. Filme

- c. Livro "O Conto da Aia"
- d. Livro "Os Testamentos"
- e. Minha postagem não abordava nenhuma obra do universo THT especificamente
- f. Nunca fiz uma postagem no grupo

14. Qual era o conteúdo/tema desta(s) postagem(ns)?

- a. Debates sobre a trama/história do universo THT em geral
- b. Compartilhamento de notícias, novidades e informações sobre as obras do universo THT
- c. Compartilhamento de notícias, novidades e informações sobre a Comunidade THT Brasil
- d. Relação entre a trama do universo THT e questões sociais e/ou políticas do Brasil e do mundo
- e. Relação entre a trama do universo THT e a religião católica ou outras religiões
- f. Relação entre a trama do universo THT e problemáticas feministas/de gênero
- g. Comentários sobre obras que abordem temáticas semelhantes à do universo THT
- h. Nunca fiz uma postagem no grupo
- i. Outros..

15. Você consome o conteúdo da comunidade THT Brasil em outros canais além do grupo? Quais?

- a. Consumo somente os conteúdos do grupo de Facebook
- b. YouTube
- c. Instagram
- d. Twitter
- e. Spotify
- f. Telegram
- g. Site
- h. Página de Facebook

16. Quais obras do universo THT você já leu/assistiu?

- a. Livro "O Conto da Aia"

- b. Livro "Os Testamentos"
- c. Filme "O Conto da Aia"
- d. Série "O Conto da Aia"
- e. Todos

17. Se você pudesse definir o universo THT em UMA palavra, qual seria?

18. Você acredita que o universo THT possui uma trama que pode ser relacionada com questões sociais e políticas que enfrentamos na realidade brasileira? Quais?

- a. Não acredito o universo THT aborde questões relacionadas com o que enfrentamos
- b. Violência de Gênero
- c. Violência Sexual
- d. Heterossexualidade Compulsória
- e. Maternidade Compulsória
- f. Dificil acesso a Direitos Sexuais e Reprodutivos
- g. Dependência Financeira
- h. Rivalidade Feminina
- i. Conservadorismo Político
- j. Interferência da Religião no Governo
- k. Falta de preocupação com o Meio Ambiente
- l. Outros..

19. Você acredita que o que é apresentado no universo THT pode se relacionar com as dificuldades da realidade cotidiana das mulheres no Brasil? Como?

- a. Não acredito o universo THT aborde questões relacionadas com o que enfrentamos
- b. Violência de Gênero
- c. Violência Sexual
- d. Heterossexualidade Compulsória
- e. Maternidade Compulsória
- f. Dificil acesso a Direitos Sexuais e Reprodutivos
- g. Dependência Financeira
- h. Rivalidade Feminina
- i. Conservadorismo Político

- j. Interferência da Religião no Governo
- k. Falta de preocupação com o Meio Ambiente
- l. Outros..

20. A abordagem de desigualdades de gênero é importante para o seu interesse no universo THT?

1 = Pouco Importante

5 = Muito Importante

21. A abordagem de problemáticas sociopolíticas é importante para o seu interesse no universo THT?

1 = Pouco Importante

5 = Muito Importante

22. 22. Você já viveu ou presenciou alguma situação semelhante às retratadas no universo THT?

a. Sim

b. Não

23. Você acredita que produções ficcionais distópicas, muitas vezes, retratam a realidade social, política e de gênero do mundo/país?

a. Sim

b. Não

24. A abordagem da realidade social, política e de gênero do mundo/país é importante para o seu interesse em produções ficcionais distópicas em geral?

1 = Pouco Importante

5 = Muito Importante

25. Quais temporadas da série você assistiu?

a. Primeira Temporada

b. Segunda Temporada

c. Terceira Temporada

d. Quarta Temporada

- e. Todas
- f. Nenhuma

26. Você se considera um/a espectador/a da série?

- a. Sim
- b. Não

27. Qual seu personagem preferido/a da série?

- a. June/Offred
- b. Emilly/Ofglen
- c. Moira/Ruby
- d. Janine/Ofwaren
- e. Serena Joy
- f. Comandante Fred Waterford
- g. Rita
- h. Nick Blaine
- i. Tia Lydia
- j. Comandante Joseph Lawrence
- k. Luke
- l. Nunca assisti à série
- m. Outros..

28. Qual personagem você menos gosta na série?

- a. June/Offred
- b. Emilly/Ofglen
- c. Moira/Ruby
- d. Janine/Ofwaren
- e. Serena Joy
- f. Comandante Fred Waterford
- g. Rita
- h. Nick Blaine
- i. Tia Lydia
- j. Comandante Joseph Lawrence
- k. Luke

- l. Nunca assisti à série
- m. Outros..

29. Há na trama algum personagem que você relacione com alguma personalidade do contexto sociopolítico brasileiro? Se sim, qual personagem você relaciona com qual personalidade do contexto sociopolítico brasileiro?

30. Você se considera simpatizante ou participante de algum movimento social atualmente?

- a. Sim
- b. Não

31. Se sim, a qual/is movimento/s você se considera simpatizante ou participante?

- a. Não me considero simpatizante ou participante a nenhum movimento social
- b. Movimento Feminista
- c. Movimentos Anti-racistas
- d. Movimentos Anti-gordofobia
- e. Movimento Ambientalista
- f. Movimento Estudantil
- g. Movimento Indígena
- h. Movimento LGBTQIA+
- i. Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)
- j. Outros..

32. Se sim, como você entra em contato com esse(s) movimento(s)?

- a. A partir dos ambientes virtuais e off-line
- b. A partir de ambientes off-line
- c. Somente a partir de ambientes virtuais
- d. Não me considero vinculado/a ou simpatizante com nenhum movimento social

33. Como você vê a inserção das pautas sociais na internet?

- a. Acho positivo
- b. Acho necessário
- c. Acho que é uma discussão superficial

- d. Acho desnecessário
- e. Acho negativo

34. Há algum tema/assunto que você gostaria de ter comentado sobre o universo THT que não tenha sido contemplado nas perguntas? Se sim, qual?

35. É possível que posteriormente seja realizada uma etapa qualitativa desta pesquisa. Caso você tenha interesse em participar de uma entrevista sobre esse assunto, deixe seu contato a seguir.